



Mario Benedetti

**Gracias por
el fuego**

ROMANCE

L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MARIO BENEDETTI (1920-2009)

MARIO BENEDETTI (Mario Orlando Hardy Hamlet Brenno Benedetti Farrugia) nasceu em 14 de setembro em 1920, em Paso de los Toros, no Uruguai. Morou em Buenos Aires de 1938 a 1945. Trabalhou durante anos como jornalista e, em 1945, fez sua estreia na literatura com o livro de poemas *La víspera indeleble*. Também nesse ano passou a integrar a redação de *Marcha*, semanário político e cultural mais importante do Uruguai. Em 1946 casou-se com Luz López Alegre, sua companheira por toda a vida. Exponente da Geração 45, assim como Juan Carlos Onetti, Benedetti escreveu mais de oitenta livros, entre contos, poesias, ensaios, romances, peças, além de um sem-número de letras de música. Seu primeiro livro de contos foi *Esta mañana y otros cuentos* (1949) e o primeiro romance, *Quién de nosotros* (1953). Mas foi com *Poemas de la oficina* (1956) e *Montevideanos* (contos, 1959) que se destacou no meio literário e com *A tréguia* (1960; L&PM POCKET, 2008) que obteve renome internacional. A ele seguiram-se os romances *Gracias por el fuego* (1965; L&PM POCKET, 2006), *El cumpleaños de Juan Ángel* (1971), *Primavera con una esquina rota* (1982), *La borra del café* (1992) e *Andamios* (1996).

A partir de 1973, até meados da década de 80, viveu exilado em diversos países – Argentina, Peru, Cuba e Espanha – em função da sua participação política no Movimiento de Independientes 26 de Marzo, o qual ajudou a fundar e que daria origem ao partido de esquerda Frente Amplio. Recebeu várias distinções, entre as quais o título *honoris causa* da Universidade da República, no Uruguai, e da Universidade de Alicante, na Espanha. Em 2005, Benedetti recebeu o prêmio Menéndez Pelayo. Entre seus últimos livros encontram-se *Historias de Paris* (contos, 2007), *Vivir adrede* (ensaio, 2007) e *Testigos de uno mismo* (poesia, 2008). Mario Benedetti morreu em 17 de maio de 2009, em Montevideú, e até o final se manteve coerente aos ideais que perseguiu durante toda a sua vida.

Assim obscuro, embebido ou morto.

Liber Falco

Eu sou deste mundo e destas coisas que são e me levam.

Humberto Megget

E se sonhamos, foi com realidades.

Juan Cunha

Na Broadway, altura da rua 113, não somente se fala num espanhol anasalado e contaminado: também se poderia dizer que se pensa, se caminha e se come em espanhol. Letreiros, que algumas quadras antes ainda indicavam Groceries & Delicatessen, aqui se transformaram em Groserías y Delicadezas. Os cinemas não anunciam, como os da rua 42, filmes de Marlon Brando, Kim Novak e Paul Newman, mas exibem grandes cartazes com as fotos de Pedro Armendáriz, María Felix, Cantinflas ou Carmen Sevilla.

Caiu a noite numa sexta-feira de abril de 1959, de modo que em cima já não se vê o céu, e embaixo o ar parece menos sujo. Nesta esquina da mais longa rua de Manhattan os anúncios luminosos são modestos, mas mesmo assim modificam a cor dos insetos que se aproximam da luz. A Broadway não é tão representativa do Harlem Espanhol como a Madison pode ser; pelo menos aqui não vêm turistas de Idaho e Wyoming para fotografar porto-riquenhos em Kodachrome.

É a hora em que se volta ao lar, se é que a gente pode chamar de lar estas miseráveis casas de aluguel. Através das janelas abertas veem-se quartos com rachaduras e grandes manchas de umidade nas paredes, gente amontoada em cinco ou seis camas desarrumadas, crianças descalças que berram entre melecas e uma televisão com a tela manchada de gordura ou de sorvete.

A esquina é pobre. A gente é pobre. As casas têm as fachadas descascadas. Junto a um rosto sorridente de Coca-Cola, alguém escreveu a giz Viva Albizu Campos. Um cego avança com rosto impassível, enquanto faz soar as moedas dentro de uma lata. A esquina é pobre. De modo que o grande letreiro luminoso que anuncia TEQ LA RESTAURANT (porque o U e o I de TEQUILA se apagaram) destoa do ambiente. Não é exatamente um restaurante de luxo, mas um exame superficial da lista de preços, afixada numa moldura negra junto da porta, permite assegurar que nenhum integrante do Harlem Espanhol pertence a sua clientela. Tampouco é exatamente um restaurante porto-riquenho; é vaga e medianamente latino-americano. Embora ainda seja cedo, as mesas estão prontas, com suas toalhas, pratos, talheres e guardanapos. Numa mesinha junto à parede da direita, há até um casal que, cabeças coladas, examina a lista de pratos.

Na seção que dá para a Broadway, cinco garçons estão prontos para atender as trinta mesas. No fundo do salão há uma porta dupla, que comunica com o Reservado, onde está preparada uma mesa para umas vinte pessoas. No fundo do Reservado há outra porta, esta de folha única, que leva à cozinha através de um corredor estreito. O telefone está precisamente no corredor, em cima de uma estante que tem ainda uma estatueta: um touro, no amargo momento de receber as banderilhas.

Quando toca o telefone, José vem da cozinha. José é um espanhol com vários lustros de residência nova-iorquina. Adaptou-se tanto que até quando fala espanhol mistura palavras inglesas.

– Alô. Tequila Restaurant. Speaking. Ah, speak espanhol. Sim, senhora. Não, senhora. Sim, senhora. Tudo típico, of course. Não, senhora. Sim, senhora. Não, senhora. Primeira qualidade. E quantos gringos pensa trazer? Sim, senhora. Não, senhora. Claro, quando vêm gringos trazemos os pandeiros. Typical, you know. Também as gaitas. Gaitas nicaraguenses? Sim, com certeza. Nossas gaitas são para todo serviço. Pode ficar tranquila, senhora, tudo sairá bem. E para quando? Next Friday. Ok, senhora,

estou anotando. Como, como? Ah, sua comissão. You mean a comissão da senhora. Como é natural, deve ligar mais tarde, assim fala com o Manager. Pergunte por mister Peter. Peter González. Ele é que resolve isso das comissões. Sim, claro. Bye-bye.

José vem para o salão da frente, observa os cinco garçons com um amplo olhar fiscalizador e retrospectivo e começa a arrumar uns guardanapos. Ajeita somente uma meia dúzia. O telefone volta a tocar.

– Alô. Tequila Restaurant. Speaking. Oh, senhor Embaixador. Como está o senhor? Há tempos que não temos o prazer de tê-lo por aqui. E a senhora Embaixatriz? Me alegre, senhor Embaixador. Sim, senhor Embaixador. Vou tomar nota, senhor Embaixador. Sim, senhor Embaixador. Next Friday? Pois, sabe como é, senhor Embaixador, para essa noite o salão reservado já está pedido. Pedido e concedido. Quem são? Não estou certo, senhor Embaixador, mas creio que são cubanos de Miami, alto nível. Claro, senhor Embaixador, muito importante, isso é o que eu digo. Com certeza. Particularmente se o dos senhores é diversão simples e sadia. Exatamente como diz, senhor Embaixador: sempre e em tudo, primeiro os profissionais. Eu sabia que ia entender, senhor Embaixador. Isso sim. Não o divulgue. Creio que é um jantar secreto. Se vêm os gringos? Não estou certo, senhor Embaixador, mas algum sempre vem. Não, senhor Embaixador, isso não posso dizer. Segredo profissional. O senhor não gostaria, senhor Embaixador, que eu andasse comunicando por aí que em junho de 1957 o senhor jantou aqui três vezes com uma formosura que depois apareceu como sócia dos barbudos. Não, senhor Embaixador. Não, senhor Embaixador! O senhor pode dormir tranquilo, só estava dando um exemplo. O senhor sabe que eu sou um túmulo. Não tenha medo, senhor Embaixador. Obrigado, senhor Embaixador. Muito obrigado, senhor Embaixador. Eu sabia que o senhor ia compreender. Então faço a reserva para next Saturday. Ok, senhor Embaixador. Boa sorte, senhor Embaixador. E meus respeitos à senhora Embaixatriz.

Antes que José regresse a seus guardanapos, o telefone volta a tocar. O gesto de José não é exatamente de resignação, mas de pesada responsabilidade.

– Alô. Tequila Restaurant. Speaking. Peter? Finalmente, Pedro. Não, não aconteceu nada. Você simplesmente podia ter chamado antes. Os uruguaios? Não, ainda não vieram, mas devem estar para chegar. Ouve, são gastadores como os argentinos ou pobretões como os paraguaios? Mesquinhos? Só queria me informar; sempre convém saber o que nos espera. Não se preocupe, homem. Mas claro que houve chamadas. Olha, ligou a velha tagarela anunciando a vinda de pelo menos quinze gringos, todos rotarianos de Duluth. Disse-lhe que sim. Vai telefonar de novo, porque quer a comissão. Minha modesta opinião é que você deve dar. Traz sempre muita gente. É uma andaluza, sabe? Horrível, mas habilidosa, e aos gringos lhes tocou ver o lado folclórico. Depois, chamou o Embaixador. Como qual deles? O gordinho da maconha. Imagine se ele começa a exigir-me que conte por telefone os top secrets. Queria o Reservado, também para next Friday. Como já o havia prometido à velha tagarela e como estou ciente de que você não quer mais complicações, disse-lhe que o havíamos reservado para os cubanos de Miami. Sabe, pareceu-me melhor dizer isso porque o gordo não se atreve com o State Department. Fiz bem? Ok. Transferi para next Saturday. Como que next Saturday vêm os guatemaltecos? Mas quais? Os de Arbenz ou os de Ydígoras? Caramba! Por que não me avisou? Ouve, deixe por minha conta, amanhã falo com o Embaixador e o ajeito para next Sunday. E não há mais novidades. Bye-bye.

Agora já há quatro mesas ocupadas. Com exceção de um dos garçons, o mais alto, que ameniza seu ócio forçado metendo discretamente o dedo mindinho no nariz, os outros começaram a mover-se. Vão até a cozinha e voltam com algum prato, mas sem forçar o ritmo, como se reservando para a hora em que certamente cairá uma grande avalanche de comensais. Quando aparecem três tipos,

exageradamente abrigados para a agradável temperatura de abril, e ocupam uma mesa central, o quinto garçom tira o dedo mindinho da fossa nasal esquerda e dirige-se sorridente para os recém-chegados.

Um quarto de hora depois, a porta principal se abre com mais ruído que de costume e entram, todas juntas, com risadas e exclamações, oito, dez, quinze pessoas.

– Os uruguaios – murmura José, e se adianta a recebê-los. – Os senhores são os uruguaios?

– Sim! – responde um coro de pelo menos sete vozes.

Um homem gordo, lustroso e sessentão, dá um passo adiante e diz:

– Meu nome é Joaquín Ballesteros. Pedimos uma mesa no salão Reservado desde a semana passada.

– Naturalmente – diz José. – Tenham a bondade de entrar.

José e o garçom do dedo mindinho seguram os dois lados da porta para que passem Ballesteros e os seus. São oito homens e sete mulheres. Ballesteros toma a iniciativa para a distribuição dos assentos.

– Um homem, uma mulher, um homem, uma mulher – diz. – Aqui, como em todo lugar, essa é a distribuição mais divertida.

Três das mulheres dão uma risadinha.

– Indique, Ballesteros – diz um dos homens. – Indique, com nome e sobrenome, onde nos sentamos. Também serve como apresentação.

– Tem razão, Ocampo – responde Ballesteros. – O fato de que tenha decidido juntar em torno de uma mesma mesa quinze uruguaios que, por distintos motivos, estão em Nova York, não impede que se cumpra a formalidade de que todos conheçam o nome de todos. Embora eu saiba que vocês mesmos já improvisaram algumas apresentações, vou seguir a ideia de Ocampo e distribuí-los com nome e sobrenome. Aqui, à minha direita, Mirta Ventura. Ao lado de Mirta: Pascual Berrutti. Ao lado de Berrutti: Célica Bustos. Ao lado de Célica: Agustín Fernández. Ao lado de Fernández: Ruth Amezua. Ao lado de Ruth: Ramón Budiño. Ao lado de Budiño: Marcela Torres de Solís. Ao lado de Marcela: Claudio Ocampo. Ao lado de Ocampo: Angélica Franco. Ao lado de Angélica: José Reinach. Ao lado de Reinach: Gabriela Dupetit. Ao lado de Gabriela: Sebastián Aguilar. Ao lado de Aguilar: Sofía Melogno. Ao lado de Sofía: Alejandro Larralde. E ao lado de Larralde: outra vez um seu criado, Joaquín Ballesteros. De acordo?

– É parente de Edmundo Budiño? – pergunta Ruth Amezua, à esquerda de Ramón.

– Sou o filho.

– O filho de Edmundo Budiño, o do jornal? – escuta Ramón que outra voz, a de Marcela Torres de Solís, pergunta à sua direita.

– Sim, senhora, o do jornal e o da fábrica.

– Caramba – diz Fernández, surgindo por trás de Ruth. – Então é uma pessoa importante.

– Bem, o importante é meu pai. Eu só tenho uma agência de viagens.

Não havia necessidade de escolher os pratos, pois Ballesteros já encomendara o menu: tomates recheados, raviólis à genovesa, arroz à cubana, taça melba.

– Preocupe-me de que fossem pratos simples – esclarece Ballesteros no momento em que chega o presunto. – Bem sei que nós uruguaios sofremos unanimemente do fígado.

– Ótimo que tenha dito fígado – disse José Reinach. – Fez me lembrar de meus comprimidos.

– Que tal? Fizeram muitas compras? – pergunta Sofía Melogno, com um sorriso que lhe tira dez anos.

– Só artigos elétricos – diz Berrutti, em frente a ela.

– Onde? Em Chifora?

– Naturalmente.

Célica Bustos inclina-se confidencialmente para Berrutti e lhe pergunta em tom envergonhado o que é Chifora.

– Como? Não sabe? É uma loja, num segundo andar da Quinta Avenida. Fazem uns descontos fenomenais para os latino-americanos.

– Ai, deixa-me anotar o endereço, por favor.

– Como não. 286 Fifth Avenue.

– Não creia – diz Ballesteros, ainda mais silenciosamente, ao ouvido de Larralde – que Chifora seja importante só em artigos elétricos. Também trabalha lá um cubaninho que consegue umas garotas estupendas.

– De verdade? Vou anotar o endereço.

– Sim, vale a pena: 286 Fifth Avenue.

– E o empregado?

– Olha, o nome eu não sei. Mas você entra e presta atenção. À direita está a vitrine com os aparelhos de som e de televisão. À esquerda, um armário com meias stretch. Bom, o sujeito que lhe falo é um moreninho, magro, com olhinhos de víbora, que está atrás do armário.

– Eu estou deslumbrada – diz Mirta Ventura, pondo sua mão sobre o Longines de Berrutti. – Cheguei só há uma semana e já estou deslumbrada. O Radio City é esplêndido, com aquela orquestra que aparece e desaparece, e aquele organista sensacional, e os tapetes, já notou que tapetes? A gente pisa e afunda.

– O Radio City é uma sala enorme onde dançam as Rockettes? – pergunta Aguilar, do outro lado.

– Esse mesmo – responde Berrutti –, viu que perfeição?

– Isso eu pensava quando fui vê-las, numa tarde. Porque está bem que nós não tenhamos nada, porque Montevideú não é nada. Mas Buenos Aires, que tem tantas vaidades, hein? Diga-me, Berrutti, que tem Buenos Aires que possa se comparar com as Rockettes?

– Refere-se somente às pernas, ou também à disciplina?

– A tudo. Pernas e disciplina. Lembre-se do Maipo e vai ter vontade de chorar.

– Bom, resta saber em que época foi ao Maipo. Porque eu me lembro de que em cinquenta e cinco havia duas morenas estonteantes.

– Estonteantes porque robustas?

– Por isso e algo mais.

– Perguntei porque tudo é questão de gosto. Não gosto delas tão cheias, prefiro o tipo mais estilizado, como as Rockettes.

– Claro, tudo é questão de gosto. Também me agradam as estilizadas, mas sempre que haja alguma coisa para agarrar.

Com certa satisfação escondida, como se no fundo se sentisse aludida, intervém Gabriela Dupetit.

– Não acham que esse diálogo é, como direi, demasiado para homens sós?

– Tem razão – diz Berrutti, e estabelece-se um silêncio um pouco embaraçoso.

Só então ouviu-se o barulho de garfos e facas. Também o ruído que faz Ocampo ao engolir um copo inteiro de Chianti. Todos o olham com alegre surpresa e o sobe e desce do pomo de adão de Ocampo adquire certa notoriedade durante dez segundos.

– Excelente vinho – diz Ocampo quando se dá conta de que é o centro dos olhares.

Há três risadinhas na ala esquerda, e Reinach se sente obrigado a intervir.

– Isso é o que esse país tem de extraordinário. É bom até no que não tem. Os vinhos da Califórnia

são medíocres, é certo. Mas aqui se pode comprar qualquer vinho, de qualquer parte do mundo. Ontem mesmo, comprei uma garrafa de Tokaj, que como os senhores sabem é um vinho comunista. Isso é amplitude. Os senhores percebem o que significa os Estados Unidos permitirem que aqui se vendam vinhos comunistas?

– Eu proporia que nos tratássemos sem cerimônia – diz Fernández a Ruth Amezua.

– É uma boa ideia – responde ela, e com um gesto descontrolado, como se houvesse mordido o lábio ou arranhado o nariz, olha seu relógio, que marca dez e vinte.

– Eu sempre digo que é melhor não fazer cerimônia logo de entrada, senão depois fica mais difícil – insiste Fernández. Larga o garfo com as ervilhas e apoia exploratoriamente sua mão no antebraço nu da moça.

– Porte-se bem – diz ela, num tom que é ao mesmo tempo de censura e abertura.

Relativamente conformada, a mão volta a seu garfo, mas as ervilhas deslizaram novamente para o tomate recheado.

– De modo que a senhora é casada – diz Budiño à senhora Solís.

– Não tenho cara de casada?

– Bem, não sei como é uma cara de casada. Só sei que é demasiado jovem.

– Não tanto, Budiño. Tenho vinte e três anos.

– Ui, que velhice.

– O senhor ri, mas às vezes me sinto velha.

– Olhe, eu a compreendo, porque às vezes me sinto jovem.

– Por favor, Budiño, o senhor tem cara de rapaz.

À esquerda de Budiño, soa a voz nervosa de Ruth.

– Por que não se tratam menos formalmente, como nós?

– Acontece que ainda não consideramos essa possibilidade – diz Budiño. – Aliás, acho melhor considerarmos.

– Verdade? – diz Marcela levantando as sobrancelhas.

– Sempre e quando estes pesados quase vinte anos de diferença não inibam a senhora.

– A senhora?

– Quero dizer, não inibam você.

– Não, garanto que não.

– Eu pergunto – diz no outro extremo da mesa Sofía Melogno – por que somos tão do contra, por que estamos sempre procurando defeitos nos Estados Unidos, sendo como é um país maravilhoso? Além disso, aqui as pessoas trabalham de verdade, da manhã à noite, não como em Montevideu, em que saímos de uma greve para entrar em outra. É doloroso, mas devemos reconhecer que entre nós o operário é uma ralé. Aqui não, o operário é um homem consciente, que sabe que seu salário depende do capital que lhe dá trabalho, e por isso o defende. Querem me dizer quem no Uruguai trabalha de manhã à noite?

– Imagino que a senhorita – diz imprevisivelmente Larralde –, pelo menos para difundir seus princípios.

– Não faça piadas, Larralde. Você sabe muito bem que eu não preciso trabalhar.

– Ah, eu pensava que sim.

– É a única coisa que nos falta. Que as moças de boa família virem empregadas de escritório. Um modo como qualquer outro de perder a feminilidade.

– Tudo depende, senhorita. Às vezes a mulher tem que escolher entre morrer de fome ou perder a feminilidade.

– Serei curiosa, Larralde. Você é comunista?

Berrutti escuta Mirta Ventura. Fernández flerta com Ruth. De modo que Cécica Bustos se sente isolada, ladeada pelas costas de seus respectivos vizinhos. Decide-se por Aguilar, que nesse momento está olhando para ela.

– O que faz em Nova York?

– Estou em Nova York só de passagem. Na realidade, estou morando em Washington.

– Então, o que faz em Washington?

– Números.

– Continuo em brancas nuvens. O que é? Contador? Engenheiro? Empregado de escritório?

– Arquiteto.

– Caramba.

– Trabalho na OEA.

– E se sente bem?

– Sim, muito bem.

– O que faz lá?

– Planos de urbanização. Em geral, para os países subdesenvolvidos.

– Não me diga que vão nos encher desses povoados antissépticos, simétricos, polidos, todos iguais e sem identidade.

– Em todo caso, é preferível isso que as favelas, as vilas miseráveis. Ou não?

– Sim, claro. Mas por que todos iguais?

– Sai mais barato. Agora estamos projetando vários para o Paraguai. Provavelmente no ano que vem tenha que ir a Assunção por oito ou dez meses.

– Eu não poderia ir a Assunção.

– Por quê? Por Stroessner?

– Sim.

– Eu também pensava isso, lá em Montevideú. Mas reconheço que somos infantis. Pensando assim, não fazemos nada de nada. Quando eu era estudante, trabalhei muito na Federação Universitária. Depois me aborreci de ser cheio de princípios e sem um tostão. Posso até parecer cínico. Mas aqui me pagam muito bem. Claro que em Montevideú fiquei sem amigos.

– E está contente? Quero dizer, contente consigo mesmo.

– Bah, tanto quanto possível. Chega um momento em que a gente tem que se decidir: ou continua fiel a seus princípios ou ganha dinheiro.

– E o senhor se decidiu.

– Sim. Mas não vou fazer como alguns colegas que, para calar seus escrúpulos e tapar a boca às recriminações, querem fazer crer que isto é uma maravilha. Posso assegurar que não é. E a OEA é mais suja ainda. Mas ganho muitos dólares.

– Nada, não produzimos nada – diz Reinach a Gabriela Dupetit. – Como querem que os capitalistas norte-americanos façam inversões em nosso país, se não produzimos nada? Para investir, tem que haver algo como o milagre alemão: lá, trabalham. Acho engraçado esses intelectuais de botequim, que estão sempre reclamando mais independência na política internacional. O que me importa é o negócio. E como comerciante, garanto, não ficaria absolutamente atingido se o Uruguai fosse menos independente do que é, chame como quiser a esta falta de independência: estado associado, área do dólar ou, mais francamente, colônia. Nos negócios, a pátria não é tão importante quanto o hino, e às vezes o comércio funciona melhor numa colônia que numa nação aparentemente independente.

– Tudo depende. Preste atenção, Reinach, que se fôssemos colônia dos Estados Unidos ou, em

último caso, da Inglaterra, bah, não seria tão mal... Mas imagine por um momento que fôssemos colônia da Rússia. Fico toda arrepiada.

– Nem pensei nessa possibilidade. Devo esclarecer-lhe que para mim há uma só pátria: o conceito de empresa privada. Onde o conceito não existir, apago esse país do mapa. Do meu mapa, pelo menos.

– Sabe como percebi que Ocampo era uruguaio? – pergunta, ravióli no ar, o bem-nutrido Ballesteros ao silencioso Larralde. – Entrei num barzinho que existe atrás do Carnegie Hall e numa mesa havia três sujeitos falando espanhol. De repente um deles disse: “Decidi jogar nesse cabajo”. Preste atenção: não disse caballo, nem cabaio, nem cabalio mas cabajo. Eu me aproximei e disse: “De Buenos Aires ou de Montevideú?” E ele me respondeu: “Do Paso Molino”. Que satisfação! Eu também sou do Paso Molino, percebe?

Budiño serve Chianti no copo de Marcela; depois serve também seu copo.

– Não esteve no Bowery?

– Não, o que é isso?

– O bairro dos bêbados. Você deve ir olhando onde põe os pés. Do contrário, pode pisar o corpo de algum infeliz, jogado na calçada ou na rua. É muito deprimente.

– Este bairro também é deprimente.

– Nunca conseguirei entender o problema dos porto-riquenhos. Primeiro, isso de Estado associado soa mal. O preço da dignidade nacional é tantos e quantos dólares. Dá a impressão de uma venda coletiva. Depois, com o anzol da livre entrada nos Estados Unidos, o que conseguem é isso: viver amontoados num só quarto e trabalhar como burros para que lhes paguem menos que a qualquer norte-americano. Não, não os entendo.

– Sabe o que me acontece com os Estados Unidos? Compreendo tudo isso, de que se comportaram horrivelmente com a América Latina. Aquilo de México, Nicarágua, Panamá, Guatemala. Meu irmão me ensinou bastante sobre todo esse pedigree. Eu entendo e me dá raiva. Mas depois chego aqui, e me fascina. Olhe, estive também na Europa, mas Nova York é uma das cidades em que mais aproveito.

– E como seu marido deixa que ande sozinha por esses mundos de Deus? Não sabe que pode ser perigoso? Para ele, pelo menos.

– Não é que ele deixe. É que nós estamos nos divorciando.

– Ah.

– Meu casamento só durou seis meses.

– Não gosta de dólares? – pergunta Angélica Franco a Claudio Ocampo.

– Quem não gosta?

– Eu adoro. Além disso acho fantástico que todos sejam do mesmo tamanho: a nota de um dólar igualzinha à de cem. Como não vão ser donos do mundo, se têm um dinheiro tão lindo? Quem pode resistir? Se quisessem comprá-lo, Ocampo, poderia resistir? Pois eu não. Se me mostram um dólar caem todas as minhas defesas. Por que será isso?

– Que quer que lhe diga? Em minha opinião pode tratar-se de duas coisas: ou é terrivelmente ambiciosa, ou...

– Pode dizer, pode dizer.

– Ou tem poucos preconceitos.

– Vou ser franca: não sou ambiciosa.

Agustín Fernández fez grandes progressos. Enquanto o arroz à cubana esfria um pouco, sua mão direita descansa na coxa esquerda de Ruth.

– Eu não deveria vir aos Estados Unidos, porque cada vez que venho tenho febre. Pensando no Uruguai, sabe? Pensando no limitado que somos. Aqui tudo é grande e tudo se faz grande.

A mão sobe lentamente.

– Porte-se bem – diz Ruth baixinho.

– Nós temos uma filosofia de tango – continua imperturbável o dono da mão. – A garota, a velha, o chimarrão, o futebol, a cachaça, o velho bairro Sul, muito sentimentalismo. E assim não se vai a parte alguma. Somos blandos, entende? Perceba que até nossos guardas de honra se chamam os Blandengues. Somos isso, brandos. E temos que ser o contrário, duros, como são estes sujeitos. Ao negócio, e se acabou. O que serve, serve, e o que não serve, não serve.

A mão progride até sentir debaixo da saia a beirada da calcinha.

– Agustín, vão ver-nos – murmura ela com certo desespero.

– Sociologicamente – continua o rosto severo de Fernández – não gosto de como somos.

Economicamente, tampouco. Humanamente, menos ainda. Pensar que aqui, no Norte, temos este exemplo e nos damos ao luxo de ignorá-lo. Não imagina a raiva que me dá toda vez que venho a Nova York.

Os cinco dedos movem-se independentemente, cada um por seu lado e, de repente, como se estivessem satisfeitos com a exploração, apertam em uníssonos.

– Aai – deixa escapar Ruth.

– Eu não penso em voltar para o Uruguai – diz na cabeceira Ballesteros, jogando o bafo quente em Larralde. – Algum dia, pode ser, para ver minha mãe ou meus sobrinhos, mas radicar-me, jamais.

– Eu não sei se poderia desenraizar-me a esse ponto.

– Claro que poderia. Todo mundo pode. Sabe o que é mais indicado para curar nostalgia? O conforto. Eu aqui consegui conforto e agora já nem me lembro do Paso Molino. Esta sensação de que você aperta um botão e o mundo lhe responde. Não acha que a vida aqui é maravilhosamente mecânica? Outro dia alguém, creio que um mexicano, me dizia só com a vontade de atrapalhar minha digestão: “Sim, tudo é maravilhosamente mecânico, mas já pensou quantos milhares passam fome no resto da América para que os norte-americanos possam apertar seu botão?”. Mas eu lhe garanto que não arruinou minha digestão, porque respondi... sabe o que respondi? Ha, ha! Olhei fixamente para ele e disse: – E que me importa isso?

– Por isso gosto de estar longe de Montevideú – explica a boca de Angélica Franco à orelha de Ocampo –, porque aqui perco minhas inibições. Estou certa de que se você, por exemplo, que me parece tão simpático, me fizer agora qualquer proposta, por mais escandalosa que possa parecer-me em Montevideú, tenho certeza de que aqui você me diz algo brutalmente comprometedor e eu não me escandalizo. E é isso: a distância. Se me houvesse visto no Uruguai, não teria me reconhecido aqui. É estranho, mas lá sou tão acanhada, tão tímida, tão retraída, tão vacilante. Aqui, ao contrário, eu me liberto. Diga-me, Ocampo, com toda a sinceridade, eu lhe pareço tímida?

– Nunca dos nuncas. Parece-me tremendamente decidida, quase diria arrojada.

– Ah, que bom que o diga. Não sabe como me faz bem sentir-me assim, livre, decidida. Lá é tão diferente; tudo me inibe. Vejo o Palácio Salvo e me retraio. Alguém se senta perto de mim no ônibus e me retraio. Se um rapaz me toca, mesmo sem intenção, logo me retraio.

– E aqui não se retrai?

– Faça o teste, Ocampo, faça o teste.

– E então – confia Marcela a Ramón Budiño – não pude mais. Para mim era horrível sentir que inspirava uma atração exclusivamente sexual. Uma mulher aspira a ser querida, além disso, por outras razões.

– Imagino que não deve ser difícil querê-la por essas outras razões. Além das primeiras, é claro.

– Você me escuta com benevolência e me olha com certo ar condescendente. Acha que sou uma

menina?

– Acontece que você não tem cara de adulta.

– Entretanto, garanto que é horrível ter sido casada e depois ficar sozinha. Quando solteira também estava sozinha, mas era outro tipo de solidão. Uma solidão com esperança.

– Caramba, que frase! Pretende convencer-me que perdeu a esperança aos vinte e três anos?

– Não. Mas agora já tive uma experiência conjugal e sei que pode não funcionar.

– Tudo na vida está pendente dessa alternativa. Tudo pode funcionar ou não.

– E você? É feliz em seu casamento? Funciona sua vida conjugal?

– Sabe o que acontece? Depois de tantos anos de casamento, minha vida conjugal não é um tema interessante. Não tem suspense, entende?

– Tem filhos?

– Um, de quinze anos. Chama-se Gustavo.

– Deve ser lindo ter um filho. Se eu tivesse tido um, tenho certeza de que meu casamento teria sido salvo.

– Vejamos, conte-me mais.

– Mas diga-me, o que você é, romancista, jornalista, detetive? Faz falar as pessoas mas não conta nada...

– Já disse por que: um veterano, casado e com um filho, é sempre aborrecido, mas uma moça como você, jovem, linda e sem marido, sempre é interessante.

Marcela mastiga lentamente um pedacinho de pão. Depois, quando pergunta, tem um sorriso ambíguo.

– Está me gozando?

A gargalhada de Budiño faz com que se voltem as cabeças de Ruth Amezua, Claudio Ocampo e José Reinach. Só quando os três olhares retornam a seus primeiros desígnios, Budiño olha alegremente para Marcela. Mas não toca nela.

– Sabe que isso não tinha me ocorrido? Mas é uma ótima ideia.

Agora é ela que dá uma risada.

– Pilantra.

Mas desta vez só Ocampo vira-se e comenta:

– Parece que os jovens se divertem.

Mirta Ventura tirou o casaco e mostra as pintas estratégicas de seus ombros. Berrutti lança, como por acaso, olhares laterais, mas está um pouco constrangido para apreciar em toda a sua riqueza o panorama destas costas exoticamente bronzeadas. Enquanto isso, e pelas dúvidas, fala.

– Nosso erro vem de muito longe. Vem do colégio. Essa falta de religiosidade, essa educação inexoravelmente laica. Além disso, toda essa conversa de que a criança se expresse livremente. Bons tapas me davam quando ia à Escola França. Agora, se uma professora lhe puxa a orelha, nada mais que a orelha, de um desses infanto-juvenis que povoam o curso primário, imediatamente lhe abrem um processo.

– Eu me eduquei nas Dominicanas.

– Aí está. Qual é o resultado? Você tem personalidade, não é uma na multidão.

– Obrigada, Berrutti.

– Não digo isso como galanteria, mas simplesmente como confirmação de minha tese. Isso me agrada nesse país: aqui sim, Deus está em tudo. No ensino, na Constituição, na discriminação racial, nas forças armadas. Os Estados Unidos são um país fundamentalmente religioso. Nós, ao contrário, somos um país fundamentalmente laico. Por isso somos incoerentes. Deus une; o laicismo separa.

O pezinho de Mirta se encosta, como por acaso, no sapato número quarenta e dois de Berrutti. Ele não o retira, e embora não tenha a certeza absoluta de que ela não o está confundindo com o pé da mesa, continua com brio renovado.

– Eu não pretendo que o ser humano deixe de pecar. Errare humanum est. O erro, o pecado estão na própria essência do homem.

– Está falando do pecado original?

– Isso mesmo, você me compreendeu. Mas reconheça que é muito diferente pecar sem sentimento de culpa, quase com prazer, como o faz o ateu, e pecar, como podemos fazê-lo você ou eu, sentindo-nos cristãmente culpados perante Deus.

– Digo-lhe mais; creio que o sentimento de culpa dá outro sabor ao pecado.

Berrutti move dois centímetros seu sapato quarenta e dois e, imediatamente, o pezinho de Mirta restabelece o contato. Já sem dúvidas, seguro de si mesmo, levanta a cabeça, com uma mão acomoda o cabelo um pouco revoltado e conclui seu pensamento:

– Exatamente, outro sabor. Que coisa aborrecida deve ser pecar quando se é ateu! Realizar o pecaminoso sem que ninguém lhe peça contas.

– Horrível. Penso e sinto um aperto no coração.

– Por isso as grandes obras de arte sempre foram construídas ao redor do pecado.

– O que, no fundo, significa construí-las ao redor de Deus.

– Naturalmente, porque sem Deus o pecado não existe. E foram construídas ao redor do pecado, porque o pecado é proibido e tem castigo, e isso é o estético: o conflito entre a proibição e a culpa. Melhor dizendo, a arte é a chispa que resulta de friccionar a proibição com o castigo.

– Resumo perfeito.

– Verdade? Ocorreu-me agora, enquanto falava com você.

– Você é notável, diz Mirta – enquanto sua panturrilha calçada com meia de náilon sente o calor da outra panturrilha com calça wash & wear.

Larralde encolhe os ombros. Na realidade não lhe interessa muito a dissertação ligeiramente oligárquica de Sofía Melogno. Nem mesmo o atrai fisicamente. Mas Sofía se propôs a catequizá-lo.

– Larralde, não me faça duvidar do equilíbrio de seu juízo. A não ser que esteja me gozando. Quer me dizer onde há mais liberdade do que aqui? Diga, diga, um só lugar, não peço mais.

– Nas selvas do Amazonas, por exemplo. E olhe que curioso: lá não há democracia representativa.

– É o que eu digo: você está me gozando. Como bom jornalista que é. É a única coisa que vocês sabem fazer: gozar os outros.

– Não creia, senhorita, sabemos fazer outras coisas.

– Não poderia deixar de chamar-me de senhorita?

– Perdoe-me, pensei que era solteira.

– Naturalmente que sou, bobo. Mas me chamo Sofía. E em casa me chamam de Nena.

– Ah.

– E o que vai contar, de tudo que está vendo?

– Não tudo, com certeza.

– E por que não?

– Porque não se pode, Nena. Jornalisticamente falando, temos que ajustar os Estados Unidos que vemos aos Estados Unidos que chegam a Montevideú pelos filmes de Hollywood. Para que escrever sobre Little Rock se podemos escrever sobre Beverly Hills? Se eu conto que em São Francisco um poeta beatnik se jogou de um terceiro andar, simplesmente porque não aguentava mais o American Way of Life, e não morreu, e assim ficou com o American Way of Life intacto e as duas pernas

quebradas, se conto isso, lá não vão gostar, e o secretário de Redação me telegrafará um severo puxão de orelhas com a recomendação de Não Dar Comida às Feras. Assim, prefiro escrever sobre as vantagens do cérebro eletrônico. É disso que gostam. O ideal de nossos ministros da Fazenda, nossos treinadores de futebol e nossos chefões do contrabando é o cérebro eletrônico. Cálculos exatíssimos, nada de improvisação, pouco material humano e, principalmente, algo em que se apoiar. Você gosta do cérebro eletrônico? Em muitos países subdesenvolvidos, entre eles o Uruguai, usam ainda um sucedâneo desvantajoso e primitivo. Refiro-me ao horóscopo. Mas posso lhe garantir que o cérebro eletrônico é mais digno de confiança. Precisamente, esta é a tese de meu próximo artigo. Agradeça-me a primeira mão.

– Você está um pouco bêbado, não é, Larralde? Pode-se saber para que jornal escreve?

– Para La Razón. Mas não procure as iniciais A.L. Geralmente meus artigos aparecem sem assinatura, ou com o pseudônimo de Aladino.

– Diga-me, senhor Aladino, qual o seu signo?

– Virgem, às suas ordens.

– Virgem? Impulsivo, sensível, reservado, ativo, inteligência racional, sentido prático, devoção, fidelidade. E também tendência ao stress.

– Conversa. Mas você é uma erudita. Pelo menos no stress, acertou. De todo modo, aviso-a de que terei que verificar pelo cérebro eletrônico essa bela e estimulante ficha pessoal.

Larralde empunha convincentemente a garrafa.

– E agora tome outro vinhozinho. Para acomodar a sobremesa, Nena.

O telefone toca relativamente baixo e longe, pois num extremo da mesa Ballesteros sacode ritmicamente seu abdômen como resposta a uma brincadeira de Aguilar; no centro Gabriela Dupetit diz em voz alta: “Juro para você aqui que tenho vergonha de ser uruguiaia”, e no outro extremo Ocampo e Angélica Franco encontraram mais uma afinidade e cantam em dueto No te engañes, corazón. De modo que até que entra José e pede silêncio, ninguém interrompe sua atividade.

– Senhor Ballesteros, chamam-no ao telefone e dizem que é very urgent.

Ballesteros interrompe tão bruscamente suas sacudidelas, que seu estupor termina num arrote, habilmente prolongado numa tosse de emergência.

– Meu Deus, very urgent – diz ao levantar-se. Ao sair, cambaleia um pouco. Apoia-se nas costas da cadeira de Larralde e logo arranca de novo, com passinhos curtos e não muito seguros.

Gabriela calou-se. O tango também fica suspenso em no creas que es la envidia o el despecho. Debaixo da mesa, todas as mãos e pernas voltam a suas bases. Marcela toca pela primeira vez, mas sobre a mesa, a mão de Ramón.

– Não sei por que – murmura com voz autenticamente preocupada –, mas tenho o pressentimento de que se trata de algo de mau que concerne a todos nós.

Reinach, os olhos fixos num quadro da parede, que mostra Ike, mastiga e de vez em quando deixa ouvir um estalido de sua língua. Sofía Melogno torce as mãos. Célica Bustos assoa o nariz. Aguilar acende um Republicana trazido da pátria e aproxima a chama do isqueiro ao Chesterfield que está nas mãos, um pouco trêmulas, de Fernández. Mirta Ventura, com a solícita colaboração de Berrutti, torna a pôr o casaco. Ruth Amezcua espirra, mas ninguém lhe diz salud. Ramón respira profundamente e, com a mão esquerda, já que com a direita está ocupada com Marcela, levanta o copo e acaba um restinho de vinho.

A entrada de Ballesteros é muito diferente de sua saída. Evidentemente algo ocorreu que o abalou repentinamente e por completo. Sua expressão é de tremendo desconcerto e parece a ponto de chorar.

– Uma coisa horrível. Aconteceu algo horrível.

É quase um murmúrio, mas chega a todos.

– Onde? – perguntam vários.

– Lá.

– No Uruguai? – concretiza Larralde.

– Sim.

– Fale de uma vez. O que aconteceu?

– Uma catástrofe. Uma inundação espantosa. Um maremoto. Ainda não se sabe direito. Logo vão me telefonar de novo. Tudo destruído. O país totalmente em ruínas. A água arrasta tudo pelas ruas. Não há mais pontes. Não se sabe quantas vítimas. Tudo destruído. Uma catástrofe como nunca. O país riscado do mapa. Campo e cidade. Arrasado, totalmente arrasado.

Ruth lança um grito agudo e cai para trás. Fernández e Budiño amparam-na. Sofía Melogno começa a chorar com um barulho espantoso. Célica Bustos olha para a parede e grandes lágrimas caem sobre seu segundo sorvete. Gabriela morde o lábio inferior, depois cobre o rosto com as mãos. Reinach é, por enquanto, o único homem que chora de forma ostensiva. Larralde pergunta, tenso:

– Mas como soube?

– Meu vizinho, um mexicano, ouviu no noticiário da televisão. Sabia que eu estava aqui e me telefonou.

Angélica Franco põe um frasquinho de perfume debaixo do nariz de Ruth e esta se recupera, abre os olhos e imediatamente os fecha para chorar. Mirta Ventura reza.

– E em Jesus Cristo, Seu único Filho, nosso Senhor.

Berrutti olha para ela sem solidariedade e também pergunta:

– E há vítimas?

Ballesteros sacode a cabeça.

– Não me pressionem, que já estou bastante sufocado. Disse-lhes que não sei. A única coisa que informaram foi que o país está riscado do mapa. Arrasado, totalmente arrasado. Acabou-se totalmente.

De um canto, José olha o espetáculo. Está um pouco aturdido. Sai para a cozinha, a tempo de deter o rapaz do dedo mindinho.

– Wait a minute. Não leve a conta ainda.

Marcela soluça baixinho, sem perder a cabeça.

– Não dá para acreditar numa coisa assim – diz Budiño.

– Eu sabia. Falei quando Ballesteros saiu. Sabia que era algo que tinha a ver com todos nós.

– Que horrível!

– E César está lá.

– Seu marido?

– Sim.

– É importante para você?

– Sim.

– É o castigo de Deus – guincha Gabriela –, porque eu disse que tinha vergonha de ser uruguaia. É o castigo de Deus e eu o mereci. Pobre da minha mãezinha. Pobre da minha velhinha. E meu irmão. Não quero pensar. Não quero!

– Percebe? – diz Aguilar a Célica Bustos. – Agora há pouco, eu estava bancando o cínico, e agora sinto um nó na garganta.

– Tudo arrasado – murmura Reinach –, tudo, também minha loja. Minha loja riscada do mapa. Não pode ser. Vocês conhecem meu negócio? Não era lindo? Mês passado eu tinha trocado o letreiro

luminoso. E tinha uma porta giratória. E dois caminhões de entrega. Que horror. E tudo que andei dizendo aqui... Vocês me ouviram? Você pelo menos me ouviu, Gabriela. Que não produzimos nada. E não é certo. É um lindo país, Gabriela. Pode-se trabalhar sem medo. Meu pai é judeu, eu sou judeu. Nasci em Montevideú, mas sou judeu. Tenho um tio que escapou da Alemanha, porque lá a catástrofe foi espantosa. Não foi um maremoto, mas foi igualmente espantosa e minha família ficou sem nada. No Uruguai ninguém nos incomodou. É um lindo país. Pode-se trabalhar. E riscado do mapa. Não é verdade que a empresa privada é minha pátria. Não é verdade. É um lindo país. E agora está riscado do mapa. É um lindo país.

– Assim na terra como no céu – reza Mirta Ventura. – O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

– Cale-se – diz Berrutti, com os olhos esbugalhados.

– Quê? – pergunta ela, de estupor em estupor.

– Cale-se! Não vê que não existe? Não vê que não há Deus?

– Mas não dizia há um momento?

– Bobagens. Não pode haver um Deus que destrua tudo, à toa. Não percebe? Como pode rezar assim, tão tranquila? Não tem ninguém lá? Ninguém além das freiras?

– Sim – explode Mirta soltando definitivamente a língua –, tenho meu papai, pobrezinho papai, pobrezinho paizinho.

– Vê se Deus devolve seu pobrezinho paizinho.

– Não seja mau.

– Eu tenho dois filhos, entende? Dois filhos, um rapaz e uma menina. Se Deus os mata, quer dizer, se o maremoto os mata, juro por essa cruz que renego tudo.

– É como ela diz – soluça Sofía com os dentes apertados. – É um castigo. É um castigo porque nunca trabalhei.

– Não seja infantil – diz seriamente Larralde.

– É um castigo porque sempre desprezei os pobres, sempre os chamo de A Ralé.

– Deixe de ser boba – diz Larralde, que está começando a perder a paciência e sacode-a pelos ombros. – Se fosse um castigo dedicado a você, somente a você, o destino não teria se preocupado de colocá-la previamente a salvo; ao contrário, a teria colocado no próprio centro da catástrofe.

– Mas não compreende que isso é muito pior? Não entende que esta sensação de não poder fazer nada, nem ajudar, nem ver o desastre com os próprios olhos... Não entende que isto é o mais espantoso? Além disso, vou dizer agora. Tenho a obrigação de confessar. Tudo o que disse antes era uma pose, uma mentira. Gosto daquilo. É um país pequenininho, insignificante, mas gosto dele. Não poderia viver aqui, entre tipos mecanizados, sórdidos, ingênuos até a bobeira.

Angélica Franco está tirando dólares de sua carteira. Junta de três em três e rasga-os em pedacinhos.

– Nada. Não me importam nada.

Ocampo lhe passa um braço sobre os ombros e a imobiliza.

– Não seja histérica. Vai se arrepender depois. Rasgar uma nota de cem dólares! Ficou louca? Pode-se saber o que vai conseguir com isso?

– É um castigo, claro. Pelo que estive dizendo. Porque estive me oferecendo. Não me importam os dólares, entende?

– Mas mulher, não se preocupe, em nenhum momento levei isso a sério!

– E não é verdade que lá seja tímida. Nunca sou tímida.

– Já sei.

– Aqui e lá sou sempre como me viu hoje. Uma puta. Nada além de uma puta.

Ballesteros deixou cair os braços atrás da cadeira. Com olhos chorosos e uma careta que parece uma caramunha frustrada, seu corpo enorme e desigual tem agora o aspecto de um aleijado.

– Veja – explica a Larralde, mas sem olhá-lo de frente. – Não se pode dizer desta água não beberei. Até há pouquinho eu jurava que não voltaria. E agora gostaria de estar lá. Daria dez anos de vida para estar lá. Parece mentira que uma pessoa necessite destes golpes terríveis para saber a que lugar pertence... Quer que lhe diga uma coisa? Penso em Paso Molino, penso que tudo lá está agora uma desolação, uma destruição total e veja, eu, um chato de sessenta anos, começo a chorar como um menino. Conhece Paso Molino? Lembra-se daquelas barreiras grandonas? Eu gostava, veja você, e já não era um garoto certamente, de ficar lá um momento ao entardecer, vendo como passavam os trens. Às vezes passavam três seguidos e então se juntavam como dois quarteirões de carros, ônibus e bondes. Era uma estupidez, mas eu me divertia vendo, quando enfim as barreiras se abriam, a maneira como arrancava de repente aquele curso improvisado.

– Certamente César estava em Salto – diz lentamente Marcela.

– Que faz lá? – pergunta Ramón.

– Meu sogro tem uma estância, mas é César o responsável, o que mais trabalha.

– Como é seu marido?

– Fisicamente?

– Sim.

– Alto, magro, cabelo escuro, olhos verdes, nariz fino, ombros largos.

Marcela passa um lenço pelas têmporas.

– Não se alarme ainda – diz Ramón.

Marcela sorri precariamente e faz um gesto indeciso de desculpas.

– Você me consolando, me dando forças e eu, tão idiota, sem lembrar que sua gente está lá também.

– Todos temos nossa gente lá.

– Seu filho, seu pai, sua mulher.

– Sim, meu filho, minha mulher, todos.

– Que horrível.

Então ela se solta, perde de repente toda a serenidade, toda aparência de serenidade, começa a chorar com os olhos abertos e diz sem arrependimento, sem orgulho nem vergonha, com a menor ênfase possível, como se o estivesse descobrindo nesse instante:

– Eu gosto dele. Preciso dele. É insuportável. Não pode ser.

Budiño olha para ela, acende um cigarro que dá à mulher. Depois acende outro para si.

– Gustavo, Dolly – pensa em voz alta.

Desta vez o telefone faz com que todos fiquem paralisados, como no jogo infantil das estátuas. José entra de novo e não precisa dizer nada a Ballesteros. Só olha para ele. Ballesteros se levanta e desta vez não cambaleia. Quase correndo, vai para a porta. Na realidade, todos deixam a mesa e vão até a porta.

– Que há? – diz Ballesteros ao pegar o fone.

Os olhos dos outros estão cravados nele. A abertura da porta é um montão de olhos. De repente, o gordo afrouxa, amolece. José é o primeiro a segurá-lo. Budiño segura o fone, que ficou pendurado.

– Sou um amigo de Ballesteros. Desmaiou. Que aconteceu?

Escuta um momento. Depois suspira. Um suspiro em que Budiño parece estar esvaziando inteiramente os pulmões.

– Obrigado – os outros o escutam dizer. – Não sabe como lhe agradecemos, senhor. Sim. Ballesteros já está bem. Depois o chamará, sem dúvida.

Ballesteros, que já abriu os olhos, ordena atabalhoadamente a Budiño que diga tudo aos outros.

– Era um exagero – diz Budiño. – O amigo de Ballesteros ouviu outros noticiários e parece que a verdade é muito diferente. Houve uma grande inundação sim, e alguns povoados do interior estão debaixo d'água. Mas nada de maremoto, nem de mortes. Simplesmente uma inundação mais importante que a de outros anos.

Produz-se um grande silêncio. Logo, da boca de Reinach sai uma espécie de ronco, algo como uma alegria gutural, algo assim como a palavra loja. Ocampo se inclina, recolhe vários pedaços de dólares e entrega a Angélica Franco.

– Cole-os e troque depois em algum banco.

– Obrigada – diz ela, e senta, desconcertada. Uma mecha se soltou do penteado impecável e ficou grudada na bochecha, pegajosa de lágrimas e suor.

Agustín e Ruth, num canto, beijam-se na boca. Berrutti tenta aproximar-se de Mirta Ventura, mas ela o detém com um olhar congelante e um murmúrio entre dentes:

– Não me toque, entende?

Célica Bustos enfrenta Aguilar, que está encostado na parede.

– Bom, aqui não aconteceu nada. Cada um volta a seu lugar, não? A água outra vez para o rio; você outra vez para a OEA. Até que a morte os separe.

Sofía Melogno olha-se num espelhinho.

– Estou horrível. Parece que fui eu que tive o maremoto.

– E? – pergunta Larralde, a seu lado.

– Olhe, todos dissemos muitas bobagens esta noite, não acha?

José aproveita para correr para dentro e dizer ao garçom do dedo mindinho nasal:

– Vamos, agora sim the check.

Quando o garçom entrega a conta a Ballesteros, no primeiro momento ele acredita que se trata de uma nova emoção. Mas logo compreende que não é para tanto.

– Ah, a conta.

Berrutti e Reinach se aproximam para ajudá-lo a fazer a divisão e definir a contribuição per capita.

– Por oito. As mulheres não pagam – diz Berrutti.

Os outros dois concordam em silêncio.

Budiño segura o sobretudo de Marcela, até que ela consegue ajeitá-lo nos ombros.

– Então? O susto serviu para alguma coisa?

– Sim – diz ela – e para você?

Ele vacila um pouco antes de responder.

– Também, mas não muito.

Alguma coisa no tom de sua voz faz com que Marcela o olhe com preocupação.

– Há pouco você disse: Gustavo, Dolly. Dolly é o nome de sua mulher?

Apanhado, ele não pôde deixar de sorrir.

– Não, não é o nome da minha mulher.

José recolhe a gorjeta e resmunga:

– Nem os dez por cento.

Lentamente vão saindo. Agora, no salão que dá para a Broadway, todas as mesas estão ocupadas. Alguns dos fregueses ficam um pouco desconcertados quando Gabriela Dupetit abre os braços e exclama com estentórea compunção:

– Convençam-se. Somos uma porcaria. As poucas vezes em que há um alarme, sempre termina em

alarme falso. Vocês viram. Nunca seremos capazes de ter uma catástrofe de primeira classe.

A janela se abre para a calmaria. Lá embaixo, as bananeiras. Pelo menos a metade das folhas está imóvel, e o movimento das outras é apenas um tremor. Como se alguém lhes fizesse cócegas. Transpiro como um condenado. O ar está tenso, mas já sei que nada vai estourar. Que posso dizer-me? Este é o momento, tenho certeza. Nos dias em que estive alegre, sempre trapaceei, sempre acreditei no que não sou, a vida cor-de-rosa etcétera. Nas noites em que me senti tão mal como para chorar aos gritos, não chorei aos gritos, mas silenciosamente, tapado pelo travesseiro. Mas aí também exagero. Não se pode ser lúcido com o peito cheio de aflição, ou de desespero. Melhor chamá-lo de desespero. Só para mim, claro. Que os outros ponham suas etiquetas: hipocondria, neurastenia, lua. Eu cheguei a um pacto comigo mesmo e por isso chamo de desespero. Este é o momento, estou certo, porque não estou alegre nem desesperado. Estou, como dizê-lo, simplesmente tranquilo. Não, já trapaceio. Estou horrivelmente tranquilo. Assim está melhor.

Caem as primeiras gotas. Muito bem, vou pôr a cara para fora. Na janela do nono andar recebo-as antes dos inocentes pedestres da *principal Avenida*. Uma vez ganho de alguém. Será este o instante adequado para fechar os olhos e dizer: *Como todo o mundo, nós, os Budiño, temos uma história?* Desde aquele jantar com uruguaio no *Tequila Restaurant* estou pensando tudo de novo. Não se perde nada experimentando. Fechar os olhos. Como todo mundo, nós os Budiño temos uma história. Adiante. Às vezes meu filho pensa que é, ou está destinado a ser, um personagem importante. Com certeza é um erro, não demasiado grave quando se tem dezessete anos. Na família não houve, nem há, nem haverá lugar para outra pessoa importante que não seja o Velho. Arroubos de princípios, oratória flamejante, figura prócer. Absorveu-nos a todos. Eu nunca fui Ramón Budiño, mas o filho de Edmundo Budiño. Meu filho nunca será Gustavo Budiño, mas o neto de Edmundo Budiño. Até o avô, nos últimos anos, foi somente o pai de Edmundo Budiño. Por alguma razão todos o tratamos de senhor. Todos: filhos, netos, noras. Um hábito anacrônico que ele soube manter, para deixar bem definida a distância. Sempre a distância. Para baixo, o desprezo. Para cima, admiração. Por exemplo: Rubem e Mariano vêm buscar Gustavo para estudar, mas não o encontram. Nesse momento sai o Velho; se detém para cumprimentá-los e Rubem lhe pergunta algo, não me lembro o quê. O Velho usa uns dez minutos para desenvolver sua opinião e receber a homenagem. Que olhares de admiração, de interesse, de respeito, quase de devoção! E é lógico. O Velho nunca se importou de que seu interlocutor esteja situado abaixo dele. Para todos tem o mesmo estilo brilhante, convincente, esclarecedor. Gustavo também o admira. Choca-o um pouco, é certo, que o avô ponha tanto fervor, e às vezes tanta grandiloquência, na defesa de causas que ele acredita historicamente perdidas. Mas é indubitável que o admira. Eu gostaria de ser admirado por meu filho? Não. Isto é: não sei.

O que faz essa pomba debaixo da chuva? Para ela, é difícil caminhar. Quanto tempo, quanto tempo? Isso deve ter pelo menos trinta e cinco, trinta e seis anos. Não: exatamente trinta e sete. Antes disso, só instantâneos soltos, algo assim como fotografias de álbum, mas não um episódio completo, perfeito. Ainda não era o Velho. Só Papai. Papai dito e pensado minuciosamente nos meus seis anos. Agora não há lojas de brinquedos tão bem sortidas. Os brinquedos pareciam estender-se até o horizonte. Triciclos, bolas, patinetes, diabolôs, ludo real, soldados de chumbo. Escolha o brinquedo que você quiser, disse

Papai. Eu estava olhando o meu sapato de verniz. Levantei lentamente os olhos. Lentamente, para que a festa visual fosse chegando pouco a pouco. Havia, há um homem atrás do balcão. Não pude segurar o riso. Vai se empanturrar, diz. Decidiu?, insiste Papai. Eu gostaria de levar o triciclo, mais o patinete, mais a bola, mais os soldadinhos. Mas tenho que escolher. Papai me prometeu: se deixar que o doutor dê a injeção sem chorar, levo você ao Oddone e deixo que escolha o que mais gostar. Como pude lembrar-me de que o nome era Oddone? Eu não chorei e Papai cumpre a promessa. O que mais gosto é da caixa de soldadinhos, mas fico com muita pena de gostar exatamente desse, o mais barato. Que problema, hein, garoto?, diz Oddone. Não gosto da cara de Oddone. Me esforço para gostar mais do triciclo que de qualquer outra coisa. Tenho noção exata de que o triciclo é o brinquedo mais lindo, o que será mais cobiçado pelos outros meninos de minha rua. Lagunillas. Rua Lagunillas. Então?, pergunta de novo Papai, desta vez olhando o relógio. Quero os soldadinhos. Digo com minha língua presa. Muito tempo depois pude compreender que tanto Oddone quanto Papai, por diferentes e compreensíveis razões, sentiram-se defraudados. Pense bem, menino, alerta Oddone. Não gostaria mais do patinete? Tem rodas de borracha, freio e campainha. Claro que o patinete é maravilhoso, mas gosto mais dos soldados de chumbo. Deixe-o, intervém Papai, ele sabe que pode levar o que quiser. Respiro aliviado, principalmente porque Oddone, ao fazer propaganda do patinete, tinha me deixado na dúvida. E a esta altura eu não quero dúvidas; quero continuar gostando dos soldados mais que de qualquer outra novidade, por mais fabulosa que possa ser. Quero os soldados, repito com uma firmeza que não dá nenhuma esperança para Oddone. Papai sorri. Me olha. Esses olhos azuis e entretanto quentes. Tira o charuto antes de dizer: O que vamos fazer é levar dez caixas de soldados. Abraço sua perna. Depois percebo que estou esmagando o vinco das calças. Diminuo a pressão. Todos diferentes?, pergunto, ainda nervoso, ainda sem acreditar. Todos diferentes, garante Papai. Oddone tem reumatismo mas trepa como um macaco pela escada e volta com um gesto hipocritamente compungido e só nove caixas. Não há mais que nove séries diferentes, esclarece. Antes que alguém pense em qualquer outra solução substitutiva, digo rapidamente: Então quero duas caixas desses azuis, a cavalo. Oddone dá uma gargalhada. Papai dá uma gargalhada. Fico ruborizado, mas não mudo de opinião. Simplesmente, volto a contemplar a ponta de meu sapato de verniz. Na rua, sinto que todos me olham. Não quis que Oddone enviasse as caixas por um entregador. Quem sabe quando chegariam. Assim eu as levo, em dois enormes pacotes, um em cada braço. Você parece uma formiga, diz Papai, dê-me pelo menos um dos pacotes. Mas eu não quero. Meus braços doem muito, principalmente o esquerdo, mas quero carregar minha propriedade. Por que pareço uma formiga? Pergunto apenas para ganhar tempo. É provável que tenha dito: *Poqué paleço uma fomiga?* Mas a essa altura minha língua presa não é totalmente sincera. A insinceridade se deve, mais que tudo, ao fato de que tenho consciência de que minha pronúncia sem *erres* provoca uma corrente de simpatia. Além disso, é cômoda. Para dizer os *erres* tenho que endurecer o maxilar inferior e fazer uma proeza com a língua. Papai sorri. Não pode evitar de achar graça na minha pronúncia. Pela carga que você leva, responde. Continuamos ainda mais um quarteirão. Vamos, não seja bobo, disse finalmente. Não vou comê-lo. E me tira um pacote. Olho para o lado e vejo as polainas, as calças, o cinto de fivela dourada, a gravata azul com o prendedor, o colarinho duro, o chapéu de palha com a sedosa fita negra. É lindo ir caminhando com Papai. Não teria conseguido dizer isso com palavras, mas me sentia protegido, contente. Era maravilhoso saber-se filho desse tipo impecável, elegante, sempre barbeado, seguro de si próprio, que olhava tudo com calma, que entendia tudo sem vacilações.

Já não chove mais. Mas não refrescou. O Velho encurrala Gustavo todas as vezes que quer. Para isso usa e abusa de sua elegante prepotência. Ontem à noite quis obrigá-lo a fundamentar sua atitude política. Logo, pouco a pouco, com sorrisos, com ironias, com piadas, com trocadilhos, até mesmo com alguns argumentos, foi desanimando-o até deixá-lo mudo e ressentido. Senti de repente um grande carinho por

Gustavo, não o de sempre, não o manso afeto de sabê-lo meu filho, mas um carinho ativo, renovado, militante. O Velho está inseguro, mas demonstra uma grande segurança. Gustavo está seguro, mas não sabe explicar sua própria segurança. O Velho é um veterano, um campeão da polêmica, um *expert* em seus estratagemas. Nesse sentido, o pobre Gustavo é um bebê de berço. Entretanto, como gostaria de apostar nele. No núcleo de sua inexperiência há uma convicção. Tem a sorte de ter desembocado num mundo que está reconhecendo suas vergonhas, que está decidindo jogar sua sorte, que está transformando em algo seguro a antiga e remota probabilidade de sua salvação. O mundo em que eu cresci era tão diferente. Víamos tudo com a suficiente clareza para reconhecer que a injustiça do sistema em que estávamos inseridos era insultante para o gênero humano. Mas nós ficávamos na maldição doméstica, quase no monólogo. Bom, e isto o que é? Talvez tivéssemos uma fé teórica e também retórica na viabilidade da transformação que queríamos, mas não uma fé profunda, fresca, inevitável. Acreditávamos saber onde estava o bem, mas éramos pessimistas por vocação, quase fatalistas, quanto à possibilidade de triunfo da afirmação definitiva disso que para nós era bom. Quarta-feira, Mariano mencionou as declarações agourentas de um senador de Arkansas. Não há com que se preocupar, disse, são as últimas braçadas de um afogado. Aí está a grande diferença. Nós acreditávamos que éramos invencíveis.

Este escritório do Velho sempre me deprime. Além disso, são 11h20. O Velho já não vem. É melhor eu ir embora.

Quem bate? Sabem que estou sozinho em meu escritório e mesmo assim batem. Hipócritas. Como gostam de bancar as moscas mortas.

E o que me importa o que me está dizendo, secretária esplêndida, secretária carnuda, secretária com uma libra esterlina entre os seios, secretária tentação, secretária com lábios demasiado grossos para meu gosto, secretária com olhos de carneiro, secretária um pouquinho imbecil, secretária se acabou a tentação, o que me importa, hein? Já sei que devo dar uma olhada no plano Viajar Com Alegria e na lista de quarenta e quatro turistas que preferem veranejar em Mar del Plata porque em Punta del Este custa o olho da cara. Onde chegamos. Que o traga aqui, exatamente até aqui. Assim tem que se inclinar e vejo o que oculta a libra esterlina. Que loucura. Uma vez ela disse a Anzuela que seu peso era setenta quilos. Sem dúvida que cinquenta estão ali na frente. A mãe universal, a mãe leiteira etcétera. Se ao menos fosse menos boba. Melhor que deixe tudo para eu fazer. Já trato disso. Não posso trabalhar tranquilo com essa amamentadora vocacional na minha frente. Até logo. Por trás não está tão bem. Os quadris muito baixos, consideravelmente mais baixos que os de Marcela e também que os de Susana. É a segunda vez hoje que me lembro de Marcela. Nunca soube se se ajeitou com o seu César.

Além disso, Susana é inteligente. Demais. Agora acabou. Dentro de duas semanas o décimo oitavo aniversário. Bodas de quê? De batata, de sabão, de qualquer coisa. Me impacienta, não me atrai, mas ignoro a causa. Conheço-a tanto. Minha mão pode percorrê-la no escuro. Conheço a pinta pequena que vem depois da pinta grande, a parte áspera em redor do mamilo, o cumprimento exato dos pelos, a abertura de todos os ângulos, os falsos lábios fechados da cicatriz na altura do apêndice, as zonas em que a carne mantém sua última consistência jovem e as zonas que começam a tornar-se flácidas, sem resistência sob a pressão de meus dedos, a única vértebra que tem um promontório maior que as outras, as gloriosas nádegas onde se resume sua vitalidade, o sexo morno, os joelhos lustrosos, a cintura que conhece meu ritmo. A última vez foi na quinta-feira. Mas haverá muitas quintas-feiras. E terças. E sábados. A rotina se torna inevitável. Começa geralmente assim: um contato casual, ainda durante o sono, um contato insistente, persuasivo, progressivamente desperto, até que a resposta chega, primeiro com um estremecimento, depois como um eco cansado, talvez o estremecimento provenha de outra imagem, mais incitante, de algum sonho ou recordação abandonada. O eco cansado vem do reconhecer a realidade. Quinta-feira, por exemplo. Veio, vem lentamente a meus braços, extraindo-se do sono com um espesso

ronroneio terminado em “ón”, algo que pode ser Ramón, mas também pode ser León ou Gastón. Qualquer coisa, menos sentir ciúmes. Claro que não conheço ninguém com esses nomes. Também pode acontecer que Susana conheça e eu não. Mas disse Ramón, estou quase certo. Esse não é o problema. O problema é o aviltamento da rotina. Subir sempre pelo mesmo lado, sem nenhuma surpresa para o tato, dar-nos um ao outro externamente, mais preocupados pela câimbra repentina que por esse turvo, irrepetível êxtase ou permuta ou combate ou incineração ou vislumbre ou gemido ou desencontro ou catástrofe ou glória, esse algo que por uma explicável comodidade convenciamos chamar de amor. Deus é Amor, estabeleceu João, o Evangelista, assim, sem exceções, porque se tratava de um tema infinito, mas aquele Deus tem algo a ver com esse amor misturado, impuro, sangrento, amnésico, agitado, sublime, sujo? Em todo caso, Deus é Amor, mas amor não é deus. Beijo-a, beijo a ela, e não sou hipócrita. Beijo-a como poderia mordê-la, e às vezes a mordo, ou comê-la e mastigá-la e digeri-la. Porque há uma desesperada necessidade, quase diria uma obrigação, de marcar o outro, a outra, ainda que seja com os dentes, e ainda que algum destes seja postiço. Deixar uma marca própria é coisa de vida ou morte, ou de morte somente, porque a intenção subterrânea é ultrapassar a morte, é continuar existindo depois do fim. E para esses efeitos tanto serve a existência de um filho como de uma cicatriz. Afinal, também o filho é uma cicatriz. Boa definição para propor à Academia. Filho: cicatriz do amor.

Quer dizer então que este é o plano Viajar com Alegria. A viagem inteira com música, garantimos pelo menos trinta por cento de Gardel, o resto à escolha, mas sempre popular, não se assustem rapazes, nada de Bach nem Prokofiev nem Bartok. Viajar com Alegria proporciona um cicerone que sabe de cor duzentas e noventa e três piadas, incluídas vinte e cinco bem chulas para a população masculina. Viajar Com Alegria permite a você Pagá-lo Com Dor, em incômodas parcelas mensais que garantem sua fome por vários semestres. Viajar Com Alegria apaga você como indivíduo, permite que se integre insensível e custosamente nesse Grande Todo chamado Excursão Coletiva. Viajar Com Alegria, sigla vê-cê-á, pensa por você, sofre por você, sua por você, goza por você, ganha por você. *Se você pode viajar, pampum, por que vai ficar? Se você pode viajar, pumpum, por que não viaja por vê-cê-á?* Este poeta, sim, gastou massa cinzenta. Para colocar no rádio antes e depois do noticiário. Está bem. Que venha de uma vez a secretária esplêndida, carnuda, imbecil etcétera.

– Já pus o de acordo, senhorita. Recomendo que entre antes e depois do noticiário.

É lindo ir pela Rambla, à beira-mar. O melhor momento do dia. O único em que dirigir é um descanso. Ou seja, convenci-me a mim mesmo e eu também Viajo Com Alegria. Aqui mesmo, frente à *degolada da Rambla Wilson*, era aqui que estava o morto a semana passada. Me lembro e ainda estremeço. Que coisa horrível aquela cara. Entretanto, cada vez que passo, a recordação é uma espécie de diversão. Aquela língua, espantosa. Ah. Por que será que me repele e me atrai? O primeiro morto que vi não era repugnante. Prefiro aquele primeiro morto. Três vezes tinha entrado correndo e três vezes me haviam ordenado silêncio. Sabia que eles tinham razão, mas me esquecia. Ali no fundo do quarto, no canto mais afastado da janela, estava, está o primo, com sua cara cor de lençol e suas mãos magrinhas e imóveis. Não há nada que se possa fazer, disse tio Esteban com o lenço nos olhos, e todas as mulheres saíram ao jardim para chorar tranquilas. Víctor caiu, um mês atrás, perto do canteiro das malvas e todos se lembram de que a hemorragia parecia um vermelho débil e lavado junto à cor agressiva daquela outra natureza, ofensivamente saudável. Levantaram-no, entre exageradas exclamações das tias, deitaram-no na cama de casal, e desde então vêm médicos e médicos, sujeitos de bata que dão injeções, parentes que desfilam perguntando como está. Eu vivo à espera. Não posso brincar de pular carniça, porque falta o companheiro. Menos ainda de esconde-esconde, porque não há de quem se esconder. É curioso, mas desde que Víctor está doente não acho graça em brincar sozinho. Nem com os soldados. Me arrumo com

as cinco-pedrinhas, as bolinhas de gude, o pião. Mas este nem sempre consigo fazê-lo bailar, por isso me aborreço. Nas cinco-marias, em troca, introduzi certas variantes de solitário. Às vezes simplesmente corro, acompanhado de vozes que vão desde o apito do trem de ferro até o simples relincho, passando pela buzina do caminhão do leite e o grito do jornaleiro do bairro. Brincar sozinho tem graça quando é o resultado de uma livre escolha, e não quando é a opção única, quase obrigatória. Gosto menos ainda de aproximar-me dos mais velhos. Todos estão terrivelmente ocupados com a doença de Víctor. Eu sou um personagem sem importância. Nada além de um menino sadio, que toma regularmente sua sopa e come seu churrasco, previamente cortado pela Mamãe. Um menino razoavelmente são a quem não é preciso alimentar com injeções e soros. Às vezes desejo ter também uma hemorragia, mas logo penso que, apesar de tudo, é melhor correr pelo jardim. Três vezes entrei correndo, mas agora não me esqueço. Tomo precauções, como quem toma impulso, e entro silenciosamente. Todos se foram. Todos, menos tia Olga, que de tanto vigiar a agonia de seu filho, dormiu, sentada na poltrona de vime, com a nuca rígida, as mãos crispadas de desespero e de cansaço. Está despenteada, uma mecha meio grisalha lhe cai sobre o nariz e é movida às vezes pela entrecortada, quase soluçante respiração. Pela primeira vez me dou conta de que a tia tem uma cara velha, crivada de rugas. Na cama, Víctor está imóvel, com os olhos bem abertos, revistando com o olhar as muitas coisas que há em cima das estantes, da cômoda, da mesa de cabeceira. Aí estão, por exemplo, os binóculos de corridas, que uma vez tio Esteban me emprestou para que visse, bem pertinho e bem grande, a cara de Papai, que estava entretanto pequena e longínqua na calçada do outro lado da rua. Aí estão os livros com trajes regionais e o volume do Dicionário Hispano-americano que tem as bandeiras. Aí está o Lego vermelho, com uma grua meio armada. Também meu quadro-negro com o giz. São as coisas que Víctor pediu na primeira semana, quando ainda podia sentar-se, conversar e até ter alguma zanga. Eu continuo imóvel, olhando, esperando não sei bem o quê. Entre os lençóis, a carinha deprimida de Víctor se move fracamente. Muito pouco, mas se move. Abre os olhos e parece olhar para cima. Move lentamente os lábios, com alguma palavra, sem som. Eu não podia aproximar-me. Estou cravado no chão. Mas além disso não quero. Alguma coisa está acontecendo e eu o sei, ainda antes que a cabeça de Víctor se incline um pouco para a parede, com os olhos inutilmente abertos. Tia Olga ronca e geme. Move-se na poltrona, mas continua dormindo. Eu não quero estar ali quando ela acordar, não quero presenciar o desespero que se vai suceder. Dou um passo, agora sim, devagarzinho e estendo minha mão até os binóculos de corridas. Não percebo que os coloco ao contrário. Olho através deles para a cama e vejo a cabeça de Víctor, diminuta, longínqua, quase perdida, como se já estivesse no outro mundo. Mas não me assombro. Deixo os binóculos sobre um suporte na parede e saio nas pontas dos pés, quase sem respirar. Assim, confundido, como sonâmbulo, chego ao jardim, e Papai vem, veio ao meu encontro. Em seguida se deu conta de tudo, do que havia ocorrido, do que eu havia visto. Passou uma mão pela meu cabelo e depois colocou-a no meu ombro. Esteve um momento calado e depois segurou meu queixo e me levantou a cabeça, talvez para certificar-se de que eu tinha chorado. Meus olhos deviam estar estupefatos, mas secos.

Que curioso, agora eu choro. Pouco, mas choro. Vou baixar o vidro para que o ar me seque os olhos. Não quero que Susana perceba nada. Será que depois dos quarenta se chora mais facilmente do que aos oito? Não sei. Que animal! Como vai ultrapassar-me pela direita? Claro, tinha que ser uma mulher.

Sempre gostei de ficar como estou agora. Deitado sobre uma rocha, olhando o mar. Por que terei as pernas tão peludas? Essa moça. Bonita, só que branca demais. Que queimadura, meu Deus. Alguém poderia dizer que o sujeito a acaricia com ternura? Olharei para o céu, é melhor. Nem uma gaiivota. Os lençóis estavam frios. Lá em cima o teto, altíssimo, manchado, inalcançável. A lamparina pendia, imóvel, de um longo fio, cinco moscas. Sete anos, tchê, dissera tia Olga. Vão mandá-lo para algum colégio?

Particular, suponho. Papai respondeu que não há pressa. Se vão mandá-lo para um colégio particular, diz ela, está bem que não haja pressa, porque aí ensinam bem e depois recuperará o tempo perdido, enquanto que da escola pública saem todos como uns potros, e além disso não sabem nada. Papai perguntou, insinuando: Você foi à escola pública? Mamãe riu, mas ele não. Olga também não, com certeza. Talvez o mandemos para um colégio particular, mas não pelas suas razões, e sim para que aprenda um idioma. Ah, trouxe tia Olga, para o British? Não, para o Colégio Alemão. Mas já? Já, disse Papai, gosto da língua e quero que aprenda desde pequeno. Então aquilo se acabou, pensei na cama. Os lençóis estavam, estão frios, mas Mamãe me agasalha bem. Faço sete anos. Isto se acaba e não estou muito certo de gostar da mudança. O colégio, um colégio, não importa qual. Que quer dizer exatamente *escola pública*? Em que se diferencia de *colégio particular*? Um colégio significa trabalho, outros meninos, ordens a cumprir, professores, deveres. Ou seja, estou às portas da obrigação. Às vezes vem Víctor e brincamos de pular carniça, de esconde-esconde, porém gosto mais de ficar sozinho, só com meus brinquedos, inventando um mundo, criando histórias, heroísmos, lutas. Imaginação aventureira, diz Mamãe. Mais crítica que aventureira, diz Papai. Eu me introduzo em meus próprios episódios. Uma colina, um avião, um farol. Jamais esqueço de situar-me numa elevação, a fim de dominar bem todo o panorama. Gosto dos soldados de chumbo, porque posso dirigi-los, concentrá-los, distribuí-los, derrubá-los, protegê-los, dá-los como perdidos. Tudo o que a gente se sente autorizado a fazer quando se considera o senhor onipotente de centenas de vidas rígidas, com um gesto eterno e uma postura única.

Uma gaivota, finalmente. Quando me deitava tinha sempre a sensação de estar indefeso, de estar abaixo. Abaixo era, por exemplo, olhar para aquele teto temível e manchado que podia cair. Uma vez caíra sobre a cozinheira e quanto sangue! Abaixo era olhar aquela lâmpada elétrica, com sua faixa de luz e as cinco moscas estáticas no fio, à espera de algo. Eu inventava, invento uma estória. Quando Papai vier, na última visita antes de deitar-se, e apagar a luz, as moscas se encherão de escuridão, se transformarão rapidamente em monstros negros e começarão a voar sobre meu sono, roçando-o de vez em quando com suas patas que então serão gigantescas e peludas. Sei que é mentira, mas experimento um prazer trêmulo ao construir esse terror particular, para meu uso exclusivo, e as poucas noites em que gritei, sacudindo a espessa, impenetrável escuridão, com um longo alarido, este foi sincero, espontâneo, tão irracional e tão primitivo como se eu fosse o inventor consciente de meu próprio pânico. Nesses casos acode Papai, em seu pijama de listras, acende a luz e, naturalmente, não há nenhum perigo. Eu sei de cor todo esse processo. Mas só me tranquilizo temporariamente. Na minha história eu mesmo já tinha me explicado que, quando a luz se acende, os monstros assustadores tornam a ser moscas imóveis no fio que pende do teto. Na escuridão há outras transformações que, essas sim, mudam de noite para noite. No canto há um cabide e ali sempre alguém pendura um sobretudo, um paletó ou um guarda-pó. Que simples e inofensivos parecem à luz do dia ou da lâmpada elétrica. Depois, na sombra, cada peça adquire seu verdadeiro perfil. Nunca é o mesmo. Uma noite, por exemplo, o guarda-pó é um rinoceronte. Outra, o sobretudo é uma girafa com cabeça de hipopótamo. Esta noite de meu aniversário, o paletó com o cachecol chega a formar um enorme touro com a cabeça de tia Olga. Nunca falo disso. É um segredo entre os monstros e eu. Haverá no colégio uma escuridão tão insuportavelmente espessa? Ou haverá sempre sol, como no pátio? Então Papai entra e faço de conta que estou dormindo. Me beija e murmuro algo, como em sonhos. Escuto o barulhinho da chave da luz. Outra vez a escuridão. Sei através das pálpebras. Papai se afasta. Na mão direita agarro com força vários soldadinhos de chumbo, esses que não me deixam levar para a cama, porque posso machucar-me e além disso rasgar os lençóis. Seguro-os firmemente, mas sei que nesse instante não sou mais o dominador, o onipotente general no comando de todo um exército, mas um menininho desarmado que não se atreve a abrir os olhos, apenas para conservar ainda a ilusão de que as moscas do cordão não obedecem à conspiração. Quando abrir os olhos, uma pata

peluda roçará minha testa, minha mão soltará os soldadinhos e o grito se incrustará lentamente na parede que me separa da luz, de Papai, da segurança.

Essa moça. Agora ela também se aqueceu. Poderíamos dizer que seu olhar é um exemplo de ternura? Além disso, ainda está para se demonstrar que a ternura seja o principal. Quais terão sido os monstros secretos de Gustavo? Qual teria sido o estilo, a forma de seu medo? Duas ou três vezes eu o vi horrorizado, mas eram terrores externos. Por exemplo: uma tempestade na casa de Punta Gorda, ou o buldogue de Magariños quando ele tinha apenas oito anos e andava de patinete pela vereda e o cachorro se lançava contra a grade. Mas, que medos íntimos? Coisas como fechar os olhos e imaginar-se morto, morto, morto, ou sonhar que se ficou pequenininho, lá embaixo, no fundo de um grande poço infinito. A esta altura, já renunciei a penetrar no verdadeiro mundo de meu filho, fechado para mim. Aberto para quem? A sensação arrepiante de que ele vê alguém por cima de meu ombro, procurando ao mesmo tempo oposição e proteção, inimizade e ajuda. E esse alguém é sempre o Velho. Quando não é? Tampouco creio que estabeleça essa comunicação com a mãe. Mas importa menos a Susana.

A água chega a meus pés. E está fria. Dezenas de gaivotas. Centenas de gaivotas. Basta de gaivotas.

Deve fazer pelo menos dez anos que não vejo um carnaval. Quando criança ia aos palanques e gostava deles. Agora não suporto nada disso. Mas temos que mostrá-los aos ianques.

- Don't you think it's very beautiful?
- Marvelous, it beats New Orleans.
- Oh no, I've been there.
- Really? When?
- Fifty-nine.

Ela tem tantas sardas! Como alguém pode ter tantas sardas? Ele não tem sardas, mas tem Kodak. Como alguém pode tirar tantas fotos? Mascarados à vista. Grande detalhe folclórico.

- Look at those heads.
- How wonderful.
- How funny.

Pena que não haja mais Marquês das Cabriolas. Achariam ainda mais folclórico.

- You think we are funny people?
- Of course you are.
- Sorry, we are not.
- Pardon.
- We are very sad people.
- Like the tango?
- Sure, like the tango.
- Oh, I love tango.
- El Choclo, for instance?
- Pardon.
- That means Kiss of Fire.
- Oh, yes, I love Kiss of Fire, d'you remember Tom?
- What?
- But, Tom, we used to dance Kiss of Fire at the Havana Hilton.
- I see, Mrs. Ransom, you have been at Havana.
- Every season B. C.
- B. C.?
- Yes, Before Castro.

O que acharão deste carro, com o simpático Lúcifer espetando a bunda de uma gorda? Riem, ainda bem.

- Look at the Red One.
- E se fizesse uma piada com *The Red Badge of Courage*?
- You know, Mr. Ransom, that is our Red Badge of Courage.
- I beg your pardon.

- Our Red Badge of Courage.
- Sorry, I don't get it.
- You surely know the book, don't you?
- Oh, it's a book. A gaucho's story?
- Of course, Mr. Ransom, it's a gaucho's story.
- Oh, fine.

O palanque, na esquina de Capurro e Húsares. E eu embaixo, onze anos, sem amigos, olhando. Mamãe tinha me dado dez pesos. Dez pesos em 1928. Uma fortuna. Para comprar confetes, serpentinas, balas, qualquer coisa. Veio a *troupe* Oxford e era um mundo de gente. Eu apertado num canto, trepado num caixotinho. Veio um mascarado sozinho e as pessoas relaxaram. Veio outra *troupe* com um bailarino menino, menor que eu. Dançava *jotas* de Aragón, tarantelas, milongas, malambos, o Bolero de Ravel. Quando terminou, se aproximou de meu canto. Tinha uns olhos grandes e uns bracinhos magros. Gostou?, me perguntou. Sim, respondi, quer descer? Não posso, respondeu. Tenho dez pesos. Mostrei-os. Arregalou os olhos. Vou pedir para me deixarem descer, disse ele. Falou com um homem de preto. Depois voltou. Vamos. Desceu e fomos embora. Quer ir até o parque? É muito longe. Não, é pertinho. Caminhávamos ligeiro, quase sem falar. Tinha, tenho uma nebulosa consciência de que estou comprando sua companhia por dez pesos. Não importa. Nesse momento tenho um amigo. O parque está escuro, sem ninguém. Há muito tempo que dança? Desde o carnaval passado, e também canto. Canta o quê? *Menina, quando tu me queiras menina*. Minha mamãe também a canta. *À margem de um palmeiral*. Não a conheço. *Não sei o que me fizeram os teus olhos*. Essa sim. *Meu cavalo jerezano*. Também. Mentira, não conheço nada. Sabe muitas letras então. Umas vinte. Que bem. Também sei lutar, e você? Não muito. Quer que ensine? Está bem. É menor, mas tem mais força, principalmente mais manha que eu. Então percebo. Tenta enfiar sua mão no meu bolso. Finalmente o faz. Quando a tira, a nota novinha arranha minha calça. Não digo nada. Me solta. O que achou? Sabe lutar muito bem, quem lhe ensinou? Meu velho. O que é o seu velho? Carregador. Com razão você tem força. Trabalha no porto. Que lindo. Bom, já vou. Já? Sim, temos que ir para outro palanque. E então, tchau. Vai embora correndo. Fico sentado num degrau baixinho, acabrunhado. Estou rodeado de plantas. Algo me faz cócegas na cara. Uma aranha ou uma mariposa noturna. O bailarino de dez anos volta. Tome. Por quê? Tirei de você enquanto lutávamos, mas não posso, sempre faço, mas desta vez não consigo. Toma a nota novinha, só está um pouco mais enrugada. Como se chama? Angel, e você? Ramón. Eu tenho um tio que se chama Ramón. Olha, Angel, fica com os dez pesos. Não, é muito dinheiro. Dou de presente. Não quero. Se você não pegar, vou deixar aqui na escada. Você tem grana sobrando? Eu não, mas meu Papai tem. Que faz o seu velho? Tem uma fábrica e agora vai lançar um jornal. Um jornal com piadas? Sim, com piadas. Que lindo. Leve os dez pesos. Bom, se seu velho tem tanta grana, pode me dar. Tome. Tchau. Tchau. Fico sem os dez pesos, mas não tem importância, tive um amigo de meia hora que quis devolvê-los.

- Oh, Tom. I'm tired.
- Would you like to go to the hotel, Mrs. Ransom?
- Oh, yes.
- Not yet, Mary, please. I'm taking some pictures.
- I'm so tired, Tom, be kind.
- Would you like to stay here, Mr. Ransom, enjoying our corso?
- Yes, I prefer to stay. I'm enjoying this Carnival very much.
- Don't worry, Mr. Ransom. Let me take care of Mrs. Ransom.
- Oh, would you take her to the hotel?
- With pleasure.

– That would be very kind of you, Mr. Boudinow. And Mary, why don't you practice your Spanish with our friend?

– I will, Tom.

– Fine.

– Bye-bye, Tom.

– Bye-bye, honey.

– Good night, Mr. Ransom.

– Good night, and thank you very much.

Já imagino o que esta senhora está procurando.

– O hotel fica longe?

– Não, fica a poucos quarteirões.

– Então, vamos andando.

– Onde aprendeu a falar tão bem o espanhol, sra. Ransom?

– Minha mãe é argentina e desde que éramos crianças nos falava em espanhol.

– Ah, com razão.

– Meu pai é irlandês, mas também fala espanhol. Eu sou da Carolina do Norte, mas tenho um irmão nascido em Tegucigalpa.

– Caramba, que coquetel.

– Não é mesmo? Na verdade não estou cansada.

– Quer voltar ao curso?

– Não, por favor.

– Quer ir para seu hotel?

– Não, não.

– Estou às suas ordens, senhora.

– E se fôssemos a seu escritório?

– À agência? A essa hora? É meia-noite.

– Imagino que deva ter a chave.

– E se seu marido voltar, não ficará surpreendido por não encontrá-la no hotel?

– Meu marido ficará mais umas duas horas tirando fotos e, além disso, se não me encontrar não dirá nada.

– Nesse caso...

– O problema é que estou aborrecida com meu marido, senhor Budiño.

– Talvez esteja deprimida esta noite, senhora Ransom.

– Chame-me de Mary, Ramón.

– Como sabe o meu nome?

– Está no folheto da agência.

– Está deprimida esta noite, Mary. Acontece com muita gente em nosso triste carnaval. Deprime.

– Não estou deprimida. Estou com nojo de meu marido. Nada mais, é muito simples.

– Só esta noite, ou sempre?

– Sempre, mas especialmente esta noite.

– E por que não se separa?

– Digamos que por preguiça.

– É um bom motivo.

– Não é mesmo? Me fez rir, Ramón, e eu não rio facilmente.

– Entretanto, fica muito bem quando ri.

- Seu escritório fica muito longe?
- Chegamos, senhora.
- Não seja tímido. Chame-me de Mary.
- Não sou tímido, Mary, posso garantir.
- Parabéns por me tratar sem formalidade.
- Onde terei guardado a chave?
- Não me diga que perdeu justamente agora.
- Não, aqui está.
- Como aqui é lindo, amplo, limpinho!
- Um escritório como outro qualquer.
- Posso tirar os sapatos?
- Pode tirar o que quiser.
- Inclusive as inibições?
- Isso antes de qualquer coisa.
- Ramón, por que os gringos não são assim?
- Assim como?
- Como você, empreendedores.
- Eu não sou empreendedor, juro por todos os profetas.
- Sacrílego. Minhas sardas o incomodam?
- Não, me agradam. Mas me incomoda seu tremendo colar, e também essa lhama de prata peruana e todas essas pulseiras que fazem barulho.

- Eu tiro.
- Tira isto também.
- Sim, Ramón.
- E isto, e isto, e isto.
- Não, isto não.
- Sim, isto sim.
- Ramón.
- Mary.

– Chama-me Maria, é melhor. Há tanto tempo que não faço amor em espanhol. Faz tempo que ninguém me diz coisas lindas em espanhol.

- Coisa linda.
- Assim, Ramón.
- Magrinha metida.
- Assim, Ramón, assim.
- Putinha.
- Assim, Ramón, assim, diga mais alguma coisa.
- Esgotei o repertório, Maria, mas posso começar de novo: coisa linda, magrinha metida, putinha.

Maldita a graça que eu acho nesta ossuda, mas se eu não fizer já o que tenho de fazer, sei o que acontece. Queixas ao marido, reclamações, cenas. E, no fim, um desconto importante. Não, obrigado.

- Vista-se, Maria.
- Agora mesmo?
- Sim, agora mesmo.
- Virá este ano aos Estados Unidos?
- Não creio.

– E no próximo ano?

– Pouco provável.

Finalmente. Finalmente. Que sorte que vão embora amanhã cedo. Vou caminhar um pouco sozinho, preciso respirar. E ainda bem que falava espanhol. Ela vai achar que tenho que transar com *todas* as minhas clientes? Ou será que pensa que tem que transar com *todos* os seus agentes de viagem? Pai irlandês e mãe argentina. Talvez. Quando os norte-americanos pensam na América Latina, a imagem deve ser de um grande tacho de maconha. Quando as norte-americanas pensam na América Latina a imagem deve ser um grande pênis. Fazem com que a gente se sinta como um reprodutor. Agora no carro, devagarzinho, pela Rambla, sozinho, que sorte. Como um reprodutor. Entretanto, esta deve ser minha mulher número... quanto? Vejamos um pouco. De solteiro: Rosario, María, Aurelia, Julia, Alicia, Clara, a húngara, nada mais. Sete. Susana, claro. Depois de casado: Maruja, Rita Claudia, a mulher de Sánchez, Gladys e agora Mrs. Ransom. Cinco. Ou seja sete, mais Susana, mais cinco: treze no total. Isso se chama temperança. Terei esquecido alguma? Creio que não. Também há minhas duas experiências frustradas nos USA. Não me faltou vontade. Mas... Exatamente nove semanas de estadia e, portanto, de continência. Deveriam assessorar a gente. Assim como existe a notável agência de Viagens Ramón Budiño & Cia., deveria existir uma assessoria de turismo sexual. Como eu ia saber que a frase-chave era *would you like to see my etchings*? Isso se chama um eufemismo. A mulher do professor. Richmond, Virginia. Que desastre. O pobre sujeito olhando com simpatia e eu ensinando tango à sua mulher com o único disco disponível, *Clavel del Aire*, embora na etiqueta o título fosse *I'm Down in the Garden*. Terminava e tocava de novo. Apertada contra mim, cada vez mais, e o professor olhando-nos com um sorriso satisfeito, agradecido. Eu a sentia toda, centímetro por centímetro, milímetro por milímetro, com carocinhos, pelos, broches, grãos, botões, pintas, alfinetes, umbigo. Ela queria aprender com cortes e oitos o remelexo das cadeiras porque uma vez tinha visto um casal de portenhos dançar. Certamente ela também sentia minha carteira, minha lapiseira, meu osso esterno, meu passaporte, meu pente, minhas costelas, minha fivela, meu cinto etcétera, principalmente o etcétera. E o professor olhando. Nunca pude esquecer aquele olhar e aquele sorriso. Pensei: vai ver, o homem era dos que matam sorrindo. Mais ou menos trinta cravos do ar, todo um buquê. Fiquei arrebatado, por várias razões. Entre outras, não sirvo para representar junções sensuais na frente de testemunhas com autocontrole ou sangue de barata. Convidaram-me para outro *weekend*, mas *nevermore*. Enviei à senhora uma orquídea, como retribuição a tantos cravos do ar. Fiz bem. A segunda frustração foi a lourinha de Nova York, uma menina, estudante de Belas-Artes. Me seduziu no restaurante e depois não quis ir para o meu hotel. Claro, não falei de meus *etchings*. Mas me convidou para sexta de noite, em seu apartamento, também para que lhe ensinasse tango e eu disse agora sim. Compramos fruta, coca-cola, Danish Blue, sopa sintética, pizza, pão preto, torta de coco, Liebfraumilch e marrom glacê, para a grande farra. Total: nove dólares e noventa centavos. Mas falta um detalhe. O apartamento era pequenino, mais para o sujo, pouca luz. Então subiu uma cortina e apareceu uma iugoslava de camisola, uma iugoslava com febre, a companheira de apartamento e de Belas-Artes, que estava doente, pobre, com feridas e bronquite, sinto muito. No meio de minha santa indignação, no segundo copo de Liebfraumilch eu já tinha me resignado e dancei de forma pudorosa e suarenta, intercaladamente com uma e outra, também um único tango, que desta vez era *I got ideas*, isto é, *Adios muchachos*, em 45 rpm, com parênteses de tambor, violinos em cascata e olés habilmente inseridos. E a iugoslava de camisola, feia como bater em Deus, com cheiro de febre e de linimento, lançando à minha orelha seu cálido hálito balcânico com tanto fervor que depois passei três dias de cama com minhas próprias feridas e minha bronquite pessoal.

Difícil vai ser explicar a Susana, se é que está acordada, como é que uma missão turística pode prolongar-se até três da manhã. Quem engole essa? E o injusto será que desta vez foi no cumprimento do

dever profissional. Posso dizer, por exemplo, que fomos até Punta del Este e voltamos tardíssimo, mas isso sempre é perigoso porque depois, no mais tardar amanhã, fala com a secretária esplêndida, carnuda etcétera e das mentiras lhe extrai verdades, pois para isso Susana é uma fera e a carnuda é uma imbecil. Basta ver como se dão bem por telefone.

– Ah, você acordou? Que tal, querida? Continue dormindo. Não, não é tão tarde. São três e cinco. Continue dormindo. Um casal de norte-americanos. Dois chatos. Amanhã eu conto. Vou tomar uma ducha. Continue dormindo.

Joguei o lenço na Rambla. Mas como tiro agora a mancha de *rouge* da camisa? Não há nem álcool nesta casa.

O chá está fraco e a manteiga não ficou na geladeira. Está asquerosamente derretida. Ninguém imagina como é importante para mim o café da manhã. Pobre Susana. Gustavo ainda dorme a sono solto e ela só tem a mim. Melhor dizendo, eu só tenho a ela, porque é ela quem considera um dever levantar-se cedo, para tomar café da manhã comigo antes que eu saia para a agência. Pobre Susana. Sem seus cremes e com cara de sono. Diz *quer mais açúcar?*, como poderia dizer *Feliz Ano-Novo*. Não sabe o que diz. Neste instante tenho pena dela, mas não deveria ter. É simplesmente teimosa. Levanta-se comigo para fazer cara de mártir. Quando a chamo de *Santa Sebastiana* fica com muita raiva. E se eu dissesse agora?

– Santa Sebastiana.

Sim, efetivamente fica com muita raiva. Por que nunca põe a manteiga na geladeira? Prefiro comer a torrada sem nada a passar essa porcaria. Hoje a torrada tem gosto de hóstia. Não comungo desde 1929, na Igreja de Punta Carretas. Era lindo o quintalzinho da casa da vovó. Dali se via o fundo da igreja e também o fundo da carvoaria O Bom Trato. Os padres jogando futebol, com as batinas tão arregaçadas que pareciam bombachudos. Os padres jogando futebol e os assaltantes fugindo da Penitenciária. O poder e a glória. Carne e espírito. Deus e o Diabo. Colorados e Blancos. Disse ao padre que quando fosse grande ia ser *colorado* e mandou-me rezar vinte e cinco ave-marias com urgência. Dita és entre todas as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre Jesus. Disseram-me: enquanto tiver a hóstia na língua, pode pedir três coisas. Pedi pela saúde de Papai, pela Saúde de Mamãe e uma bola número cinco. Me sacrifiquei deixando a bola para o último lugar e pondo na frente duas solicitações nobres, mas Jesus nunca me conseguiu a bola. Com a saúde cumpriu, pelo menos por um tempo. Em matéria de religião, foi minha única época feliz, porque Deus não era ainda a nebulosa em que depois se iria transformar. Uma nebulosa cada vez mais difusa. Era um Deus como pessoa, com barba e tudo, e a gente podia dialogar com ele. Além disso, a igreja era uma espécie de calmante, sobretudo no verão. Não tenho nenhum pecado, disse no confessionário. Filho, não deve ser tão soberbo, por acaso não deu nenhum olhar pecaminoso para as meninas do colégio? A partir desse momento me propus a perder minha soberba. Não havia prestado atenção nas meninas. Mas no dia seguinte fiz o possível para olhá-las pecaminosamente. Hoje tenho um pecado, disse no domingo no confessionário. Este padre era mais velho e me olhou desconfiado. Qual? Olhei pecaminosamente as meninas de meu colégio. Eu transbordava de satisfação porque tinha vencido minha soberba. Não deve ser soberbo, disse então o padre mais velho, nunca se orgulhe de ser pecaminoso. Rezei rapidinho os trinta pai-nossos e fui embora correndo. Abri o dicionário na palavra *pecaminoso*: pertencente ou relativo ao pecado ou ao pecador. Um pouco mais acima estava a palavra *pecado*: obra, dito, desejo, pensamento ou omissão contra a lei de Deus e seus preceitos. Sim, claro, eu havia olhado as meninas com omissão. Retiro o Santa Sebastiana mas ela não retira a manteiga mole. Oh, que formoso é sorrir. Terminou o café da manhã e tenho o estômago gloriosamente embrulhado.

– Entre e sente-se.

Nunca pude acostumar-me com a desordem deste escritório. Por que será que o Velho escreve sempre com lápis?

– Termino o editorial e atendo você.

Quando começou o desencanto? Quando deixou de ser Papai para se transformar no Velho? *Termino o editorial e atendo você*. Nunca estará comigo. Nunca estarei com ele. Será que o odeio? Pode ser, não o descarto. Dessas mesas e arquivos sai um cheiro de umidade, de papéis velhos, de cigarros esmagados. Isto é um jornal. Bah. Mas que parte de um jornal? O cérebro, o estômago, o fígado, o coração, o reto, a bexiga? Aí está ele. Até em mangas de camisa é um homem elegante. Os cabelos grisalhos lhe ficam bem. Sempre cai bem que alguém possa dizer: não vão comparar, o Doutor é um empresário, enquanto os filhos... Já sei, já sei. Enquanto que os filhos, se são *algo*, é só porque usam o sobrenome Budiño. Apesar dos seus defeitos – quem não os tem? –, o Doutor é um homem de empresa. E quais são os defeitos do Doutor? Nenhum importante: fumar demasiado, deixar-se admirar pelas mulheres, ser autoritário, demagogo, duro com os grevistas, menosprezador, atrevido. Que mais quer? São defeitos-virtudes. E suas virtudes-virtudes? É infatigável, simpático quando quer, consciente de que sua palavra é lei; oportunamente filantropo, apreciador do bom vinho, viajante com histórias; animado e animador, riso sonoro, olhos brilhantes; sempre dá a impressão de que sabe mais do que diz, embora não saiba; verdadeiro talento para usar a cordialidade, embora esta só sirva para tapar o desprezo, ternos impecáveis de casimira inglesa; poderosa conta bancária, esplêndidas gorjetas; grande ênfase nos valores morais; saúde de carvalho, boa disposição intermitente, *und so weiter*. E agora esse adulator lamentável.

– Bom-dia, Javier. Tudo bem com a família?

Eu vejo ele vindo, vai me contar os achaques de sua mulher.

– Não tão bem, senhor Ramoncito, minha senhora tem dores horríveis nos pés. O médico diz que pode ser albumina, mas nos exames não dá albumina. Então como pode ser albumina? Não só tem dores, é que seus pés incham. Ficam assim. O médico diz que ela deveria emagrecer, mas ela gosta tanto de doces. Sempre foi gulosa. Eu também, mas não engordo.

– Esse Javier, cada dia mais curvado.

O que o Velho diz é verdade. Deve ser de puxa-saquismo. Tem dez anos menos que o Velho e parece que tem quinze a mais.

– Que que há?

– São aqueles jovens, Doutor.

– Que jovens?

Claro, não se atreve a falar porque eu estou presente.

– Fale de uma vez, Javier. Afinal de contas, Ramón é meu filho. Ou vai desconfiar dele?

– Por favor, Doutor, não diga isso.

Apesar de tudo. Não pode deixar de magoar-me. Apesar de tudo.

– E que querem?

– Creio que vêm combinar a ação em San José, Doutor.

– Bom, que entrem.

Afinal de contas. Que aspecto, meu Deus. Bandos fascistas, diz Gustavo. Mas será que os viu de perto? Coordenar a ação em San José. Que vergonha. Devem acreditar que estão brincando de gângster, de filmes de espionagem, dessa antisséptica guerra de Hollywood em que sempre triunfam os bons, isto é, os norte-americanos e neonazistas, e sempre sucumbem os maus, isto é, os comunistas, cujos papéis pesados são sempre representados pelos mesmos rostos patibulares, de linhagem irlandesa, que quinze anos atrás correspondiam à velha estirpe de sabujos germânicos. Os O'Brien que fizeram os vociferantes lugar-tenentes de Hitler são na realidade primos-irmãos, ou melhor sobrinhos-netos, dos O'Connor que representam hoje a ferocidade implacável dos Verdugos Vermelhos. Bandos fascistas, que luxo para eles.

Que galardão. Justamente, assim é como gostam de ser chamados. Mas não são nem mesmo isso. Com que olhar de pânico o de nariz mais chato, o gordinho, assiste à distribuição de revólveres que faz o Velho, o Velho impassível.

– Estão descarregados.

Mas a advertência não provoca efeito tranquilizador no gordinho. Os outros dois devem ser irmãos e parecem deliciar-se vendo a arma. Magros, caras longas, cabelo espichado para trás, as mãos finas e suaves dos que nunca fizeram nada e sempre se lavaram com sabonete importado. Dá para notar sua classe social pelo polimento das unhas, o nó da gravata, equilibrado, perfeito, simétrico, pelo menos dez minutos de espelho; na lisa impecabilidade do colarinho, na casimira lisa e compacta, nas calças sem amassados, no sapato de ponta fina. A diferença talvez esteja em que o gordinho ainda diz A Gente, enquanto os dois magros dizem A Ralé. Por razões distintas o Velho deve desprezar indiscriminadamente os três. Não obstante os utiliza, claro.

– Conhecem meu filho Ramón?

– Não temos o prazer.

– Encantado.

– Encantado.

– Encantado.

Por que esse crapulazinho não seca o suor da mão? O gordo está nervoso. Seu nariz faz barulho. Busca o lenço, mas é inútil, esqueceu, não trouxe. Isso está ficando interessante. Vão cair as melecas? No orifício esquerdo já se vê uma gotinha. Vai limpá-la com a manga do paletó de casimira importada? Grande suspense. Também no orifício direito surge uma gota. Sim, limpou-se com a manga. Se a mamãe dele, que no mínimo deve ser vice-presidente do Comitê de Caridade do Clube do Bosque, visse...

– Bem, rapazes, quais são seus planos?

Prefiro não ouvir. Manifestação socialista, tiros para o ar, provocação evidente, repressão justificada, há que agir com energia, dois professores que importunam demasiado, cadeia neles. Prefiro não ouvir. Quando perdi o carinho por ele? Quando começou o desencanto? Papai e mamãe atrás do biombo. Tinha ido à casa de Costa, estudar Física III. Mas esqueci a lapiseira e tive que voltar. Estava com os tênis de basquete e além disso não fiz barulho porque pensei que dormiam. Mas não dormiam. Deixa – diz Papai. Eu deveria ter ido embora, isso teria sido o correto. Mas fiquei paralisado. Deixa. Mamãe chorava. Mamãe chora. Você faz isso com todas, com todas, sou apenas mais uma, não pode ser, não posso, Edmundo. E a voz inexorável: Deixa. E os filhos, e os filhos, nem mesmo pensa nos filhos quando anda com essas loucas? A voz de mamãe é como um soluço. Não posso, Edmundo, não posso. Então soa o golpe dele e o grito dela. Um golpe seco, humilhante. Mamãe querida. Mamãe. Em seguida o silêncio. Paralisado. Fiquei paralisado. Eu devia ter entrado, tinha que ter batido com uma cadeira na sua cabeça. Agora sei. Mas então, naquele momento, estava estupefato. E além disso não podia vê-la nua, eu não teria aguentado. Papai se tinha transformado no Velho. Depois a agitação, o ruído do elástico, a respiração rouca e com tosse e um gemido entrecortado, choroso, vencido. Fugi antes do final, sem lapiseira, sem nada. Fui correndo até a Rambla, desci para as rochas, chorei até a noite.

– E agora deixem-me, rapazes. Tenho o que fazer.

– Desculpe, Doutor. Muito prazer, senhor.

Preferi não escutar. Levam as armas na pasta. Adeus.

– Bom, a que devo a honra desta visita filial?

Zomba, como sempre.

– Está pálido, Ramón.

– O que estou é preocupado. Me parece que está levando o jornal por um mau caminho.

– Veio só para me dizer isso?

– Já sei que não quer admitir isso. Mas as pessoas vão acabar por entender que o senhor não se importa de arreentar o país, contanto que se dê bem.

– Vamos, Ramón, sempre pensei que você era um pouco desajeitado, mas nunca imaginei que me fosse sair com essa.

– Não me insulte, Velho, peço como um favor.

– Ainda não percebeu que eu não tenho nada em comum com este país? Ainda não percebeu que este país é pequeno demais para mim?

– Não grite comigo, Velho.

– Grito se me der vontade. Não vê que aqui todos estão na coisa pequenininha, na acomodação liliputiana? Por que pensa que fiz meu dinheiro, tanto dinheiro que sobra para montar uma agência de turismo para você e para financiar o vadio do seu irmão na sua carreirinha em Ciências Econômicas?

– Se vai cobrar a vida inteira o dinheiro que me emprestou para a agência, então...

– Então o quê?

– Nada.

– Se ganhei dinheiro é porque penso grande, faço grande, porque além do mais mostro a este país podre minha cara respeitável e pudica, que é a única cara que lhe agrada olhar. Etcétera. Etcétera. E vocês são meus filhos? Hugo é um frívolo, um descarado. Você, um escrupuloso. Que belas joias... Diga, onde vocês querem chegar?

Onde. Boa pergunta. Talvez o Velho tenha razão. Mas o odeio mesmo que tenha. Em todo caso, tem razão no que tem à vista, no que o rodeia, nesse Javier encurvado e subserviente que ordena os mexericos, introduz os lerdos, festeja as brincadeiras, diz oh, se indigna quando deve indignar-se, se diminui quando deve diminuir-se, desaparece como pessoa, torna-se eco, anão, pegada, molde, migalha, farrapo, pelanca. Tem razão no que tem à vista porque não quer ver o resto. Mas o país é algo mais que o aproveitamento milimétrico das bobinas de papel de jornal, mais que os almoços no El Aguila com os deputados do setor, mais que o inabalável dólar a onze pesos, mais que os flashes dos fotógrafos, mais que o suborno dos fura-greves, mais que a grande mamata do contrabando, mais que as sociedades de pais democratas, mais que o culto do showman, mais que o sagrado exercício do voto, mais que o Dia de Inocentes. O país é também hospitais sem camas, escolas caindo aos pedaços, punquistas de sete anos, caras de fome, favelas, homossexuais da Reconquista, tetos que desapareceram, morfina a preço de ouro. O país é também gente comovida, mãos abertas, homens com o sentido da terra, sujeitos com coragem suficiente para recolher nossa imundície, padres que por sorte creem em Cristo e não na Malandragem Secreta, povo que por desgraça acredita ainda nas palavras, corpos arrebatados que de noite caem como pedras e qualquer dia morrem sem aviso. Este é o país verdadeiro. O outro, esse que é espantosamente pequeno para o Velho, é só um simulacro.

– Mas Budiño, há quanto tempo!

Já esmagou a mão no ombro. Não consigo me lembrar como se chama. Sei que no colégio era amigo de Ossi.

– Que incrível, tchê! Antes de ontem estivemos falando de você.

– Não me diga.

Como se chama? Como se chama?

– Que incrível, tchê. Lembramos aquela bruta pancada que Herr Haptmann deu em você. Lembra?

A novidade não consistia, não consiste precisamente no maravilhoso dessa dor alta e inevitável que

começa acima da orelha e chega em puxões ávidos até a pálpebra. A gente pode arrastar isso para o reduto da ficção, fazê-lo resvalar para outra realidade como uma carga fútil. Tampouco consiste, desde logo, nessa forma de incrédulo consolo que a esperança assume às vezes, quando se reconhece incapaz de salvar-nos. A novidade começa na dor, mas sai desta, emaranhada e desfeita e se junta com outras sensações, de um momento, um dia, um ano antes. Nem desta vez, nem das outras, consigo contemplar-me com pena. A resistência chega em longínquos intervalos entre uma e outra infância. Algumas de minhas infâncias duram somente dias. Desde a época em que Mamãe me bateu, ou Papai, em geral tão circunspecto, enrubesceu de cólera, ou talvez de vergonha da sua cólera; desde então não posso superar a sensação de distância que experimento nos castigos, de uma lástima inexplicável e tranquila por quem me castiga. Por isso mesmo, o golpe não me convence de nada e na realidade sinto alguma pena do pobre Herr Haptmann que, além disso, ficou suado e odiado. Compreendo como o desalentado e rotundo alemão deve se sentir solitário perante os olhares furiosos dos rapazes que, como de costume, cumprem seu mais elementar dever solidário, maldizendo-o apenas entre dentes e só em espanhol. Compreendo que o outro luta por parecer um professor e parece mais um tonto desconcertado perante o silêncio unânime. Compreendo, por fim, que o professor espera meu pranto. Mas, talvez porque o desejo com demasiada intensidade, não consigo chorar, só pestanejar com falsa ênfase. À minha direita ouço assobiar a respiração asmática de Carlos, a quem estas violências desanimam por completo e pioram ainda mais o seu mal-estar. Com ele me sinto aliado sem premeditação, porque somos pequenos e latinos e os outros fortões e alemães. Ambos sentimos um indecifrável desejo de lassidão frente àquela rigidez sem trégua, frente àqueles olhos claros sem perguntas. Quando chegamos de manhã cedo e atravessamos em silenciosa camaradagem a porta cinzenta e amedrontadora da rua Soriano, lendo pela milésima vez e sem querer o *Deutsche Schule* da placa de bronze, sabemos como é o mundo que nos espera lá dentro, a disciplina às vezes desumana, os pequenos ultrajes e os gritos. E agora que me chega o conhecido sussurro, *Ramón Ramón*, perfeitamente dissimulado no ruído invariável da asma, sei que Carlos está inquieto, sem dúvida atormentado por quem sabe que medos. Porque Carlos não compreende cabalmente isso de afastar-se do sofrimento, isso de ter pena de Herr Haptmann, isso de lamentar sua solidão. Para Carlos existe sobretudo seu próprio medo. Medo perante o seu castigo ou perante o meu castigo, perante o olhar vazio e inquietante dos professores, perante o famoso chicote do diretor, visto e experimentado por muito poucos, embora os testemunhos sejam suficientes. Medo perante o impulso esportivo dos outros rapazes. Medo, também, na aula, frente à pronúncia cortante, jamais dominada por sua língua em rebeldia. E medo do mundo de ordens e bofetadas, de desprezos e proibições. Uma fraqueza da qual ainda assim tira forças para apoiar-me interrogativamente: dói muito? Ignoro a causa exata. Sei que Herr Haptmann estava ditando em alemão e que nós íamos dando forma a suas palavras na espinhosa caligrafia gótica, onde os *u*, os *i*, os *e*, os *m*, os *n* formam longos serrotes trêmulos. *Droben stehet die Kapelle, schauet still ins Tal hinab. Drunten singt bei Wies' und Quelle, froh und hell der Hirtenknab.* Eu havia escutado o canto do pastor de Uhland, muito além da voz trovejante de Herr Hauptmann, e não tinha vacilado em considerar que esse não era o tom adequado para descrever a capela que contempla seu vale em silêncio. *Traurig tönt das Glöcklein nieder, schauerlich der Leichenchor; stille sind die frohen Lieder, und der Knabe lauscht empor.* Eu, que até este momento não tinha tido tempo nem vontade de pensar na morte, vi-me alcançado por essa campainha e esse coro fúnebre que apagaram o canto do pastor. Não tinha prestado atenção na voz de Herr Haptmann, embora agora sim recorde as duas vezes em que o alemão grandão passou perto de meu guarda-pó, roçando-me apenas com seu enorme paletó cinzento, de cujo bolso aparecia um exemplar encadernado do *Till Eulenspiegel*. Por trás do canto do pastor, e dos sinos, e do coro fúnebre, havia sorrido pensando no burro ao qual *Till Eulenspiegel* ensinava a ler. Nessa altura, o alemão chegara ao *Hirtenknabe! Hirtenknabe!* e eu me havia

sobressaltado tanto com o grito que todos puderam perceber que eu não escrevia desde a estrofe anterior. O *Hirtenknabe!* era parte do poema, mas a voz de Herr Hauptmann trovejara também: *Ach du Faulpelz!*, e isso não estava no poema e fora mais um insulto dirigido a mim quando ia pelo F de Faulpelz, senti que a cara, começando pela orelha esquerda, se rasgava, como se a parede cor de azeitona tivesse estado oscilando enquanto eu divagava e agora houvesse terminado por cair em cima de minha orelha. Minha cabeça começou a zumbir com o assobio parecido ao da asma de Carlos, porque justamente desse lado tenho uma cicatriz, que mesmo sem bofetada às vezes dói. Como me recusei a chorar, e a dor, assim tão intensa, é ainda um milagre físico desconhecido para mim, penso então que atrás de minha carteira deve estar Gudrun, com suas tranças douradas como para uma lâmina do *Deutsches Erbe*. Carlos sussurra: *dói, dói muito?* Mas eu estou longe. Uma vez encontrei Gudrun no corredor, e fiquei um longo minuto olhando-a caminhar na minha direção. Herr Hauptmann se refez, tira o *Till Eulenspiegel* do bolso e se abana com ele. Sei que agora Carlos sentirá medo, porque ele sente invariavelmente medo quando os alemães têm algo na mão. Estará realmente Gudrun na outra carteira? Pensando na bofetada que, como uma medalha, pende da minha orelha, quase não posso evitar uma indefinida comichão de orgulho. É certo que Carlos se compadece de mim, mas nesse momento me importa mais a possível admiração de Gudrun que a indubitável compaixão de Carlos. Aqui o desejo de ser admirado é algo mais que estrita vaidade, é a possibilidade de despertar um interesse, um interesse que ainda não tem graus nem nomes como os que se usam no amor. Herr Hauptmann resolve concluir o ditado e retoma seu grito como quem tira o chapéu do cabide: *Hirtenknabe!* Instintivamente me agacho, como se após o grito devesse vir inexoravelmente outra bofetada, como se necessariamente a parede azeitona devesse cair de novo sobre minha orelha esquerda. Mas a voz prossegue: *Dir auch singt man dort einmal*. Da fantasia da capela e do pastor já não resta nada, e esse último, terrível anúncio, nem sequer roça meus projetos. Meus projetos tendem a Gudrun, cercam Gudrun, embora a uma distância respeitosa e formal. Quando Herr Hauptmann ordena a saída, atrevo-me a olhar para trás, atrevo-me a mostrar a Gudrun minha primeira bofetada de honra. E Gudrun? Ela é, na verdade, um pouco tola. Em seus atuais olhos celestes está inscrita, entretanto, uma inexorável e futura mesquinharria. Implacáveis e sós, as tranças de ouro limitam-se a cair como cordas. Claro que viu tudo. Neste momento levanta um dedo, com uma mancha de tinta violeta sobre o nó rosa, e se sacode um pouco quando chama: Werner! Hans!, olhem para Ramón, olhem como inchou, como ficou verde, agora sim tem cara de sapo! Eu poderia responder, claro que poderia. Mas não. Limito-me, dentro de minha tristeza, a sentir que a orelha, agora sim, me incomoda; que a dor é, ou era, menos maravilhosa e mais aguda; que Carlos renovava a meu lado sua pergunta de sempre; que ladeavam meu nariz as lágrimas quentes.

Ah, e esse sujeito, como se chama? Algo com duplo *l*. Collazo, não. Callorda, tampouco. Calleriza, claro.

– Então se lembraram do bofetão? Que prato! Sabia que às vezes ainda me dói? Aquele sim foi um golpe, desses apropriados para um décimo *round*.

– Vou indo, Budiño, precisamos ver-nos.

– Claro, precisamos ver-nos.

– Excelente, velho.

– Tchau, Calleriza!

– Como Calleriza? Eu sou o Callorda!

– Caramba, desculpe. Com os anos, a gente esquece. De qualquer modo era com duplo *l*, não é?

Sou um egoísta. Isso está claro. Não venho ver tia Olga para perguntar por sua saúde. Pensar que quando Víctor morreu ela me parecia velha, e só tinha trinta e poucos anos... Me parecia velha porque

tinha uma mecha grisalha e um lequezinho de rugas junto aos olhos.

– Anime-se, tia. Venha dar uma voltinha comigo. Hoje não faz tanto calor e está lindo para andar pela Rambla.

Sou um egoísta. Só vim perguntar a tia Olga sobre Mamãe. Primeiro, é lógico, tenho que me interessar por seu reumatismo.

– Ai meu filho, se não fosse a cortisona não sei o que faria. Mas de vez em quando tenho que interrompê-la. Lembra-se de quando não podia abrir esta mão? Bom, agora posso, olha. Me parece mentira. Imagine que outra tarde veio Chelita e levou-me ao Solís, à sessão vespéral, claro, porque de noite eu durmo, e quando essa atriz, não sei como se chama, faz aquela cena estupenda em que parece verdadeiramente louca, não pude aguentar mais e aplaudi uns três minutos. Percebe, meu filho, eu aplaudindo? Eu, que durante pelo menos dez anos não podia abrir as mãos! Que invenção, a cortisona. Quando descobrirão algo para o câncer? Porque eu tenho o pressentimento, ai que horrível, que vou morrer de câncer, como sua mamãe pobrezinha, que Deus a tenha em sua glória.

– A propósito, tia, pensa que Mamãe foi feliz?

Não vai me responder, já sei que não vai me responder. Sempre me tratou como se eu tivesse doze anos.

– Mas meu filho, que ideia perguntar isso! Sua mãe sofreu muito nesse último mês espantoso, mas durante sua vida claro que foi feliz. Pode alguém não ser feliz com um homem tão maravilhoso como seu pai?

Que não revire os olhos, porque senão vai me dar nojo.

– Pensa de verdade, tia, que Papai é um homem maravilhoso?

– Ai, Ramoncito, o que você tem hoje? Faz umas perguntas tão estranhas! Claro que seu pai é maravilhoso. Agora que estou velha e reumática e o pobre Esteban se foi e já quase não me lembro de como era a carinha de Víctor, meu bebê querido...

– Não chore, tia, isso já passou.

– Tem razão, dê-me seu lenço. Agora que estou velha posso confessar que quando seu pai começou a aparecer em casa todas estávamos loucas por ele. No princípio vinha pela Cecilia. Se você visse como a coitada está velha agora, juro que muito mais velha que eu, e só tem um ano a mais... Anda com bengala e perdeu o controle de uma pálpebra, que se movimenta quando ela não quer. No princípio seu pai vinha pela Cecilia que era a mais velha e muito bem-feita. Nesse tempo os homens gostavam de mulheres opulentas. Cecilita, dizia seu pai, você deveria ter sido pintada por Rubens. Ah, me lembro que aquela noite estava o menino de Martín Salas. Nesse tempo tinha nove anos e cara de imbecil e agora, imagine, é secretário de nossa Legação na Guatemala e no final do ano me mandou um postal de Chichicastenango, que nome mais cômico, sempre me faz lembrar da Chichí Castelar, lembra?, aquela que teve gêmeos de sete meses, bom, você era muito pequeno e até o *Imparcial* disse que um caso assim só aconteceu uma vez na Calábria. Bom, naquela noite estava o filho de Martín Salas e disse de repente: Mas Rubens pintava mulheres nuas. E a mãe lhe deu um murro com a mão fechada, praticamente um soco, e deixou-o com a bochecha como uma bola. Sim, seu pai vinha a princípio pela Cecilia. Depois, mesmo que você duvide, começou a arrastar as asas para mim.

– Mas claro que acredito, tia.

– Ah, você é um amor, Ramón. E eu, boba, levei-o a sério, quando ele só queria fazer ciúmes para a sua mãe, que aparentemente não lhe dava nenhuma importância. Aparentemente, digo bem, porque ela era bem matreira. Boa como o pão, isso sim, mas bem matreira. Bancava a distraída, não lhe prestava atenção, sabe. Tudo calculado, porque quando minha irmã punha coisa na cabeça, cuidado com ela. O pobre Esteban sempre fazia a piada: Quando Inês faz sinais, abram-se os tribunais. Achavam o Esteban

tão sério, e entretanto era um grande humorista. Tinha essas saídas. Claro que nos últimos tempos, e antes ainda, estava deprimido, principalmente desde que perdemos Victorzinho, meu bebê querido.

– Não chore, tia, isso já passou.

– Tem razão. Me deixa seu lenço? Depois eu o lavo e passo. E, como digo, Inês e seu pai fingiam ignorar-se, mas um dia não aguentaram mais e tiveram uma briga monumental, e por causa disso ficaram noivos. Ainda bem que Cecilia e eu não éramos invejosas, bom, éramos um pouco, e embora nos primeiros dias tenhamos chorado como Madalenas, depois nos conformamos dizendo que pelo menos seu pai entrava na família. E como foi bom cunhado!

– Por que, tia?

– Olha, quando perdemos Victorzinho, meu bebê... Não, se não, choro.

– Assoe o nariz, tia.

– Obrigada, meu filho. Quando perdemos Victorzinho, seu pai veio e disse a Esteban: Qualquer coisa, já sabe. Ah, e quando Esteban, que Deus o tenha em sua santa glória, se foi, seu pai veio, me abraçou (ai que abraços sempre deu esse homem, a gente se sente protegida, abrigada, sei lá) e disse: Olga, qualquer coisa, já sabe. Sempre se comportou assim. Que pai Deus deu a você! Acho que nem você nem Hugo perceberam ainda. Olha, Ramón, você bem sabe como gostei sempre da sua mãe. Inês e eu éramos inseparáveis e até tínhamos o mesmo manequim e quando solteiras usávamos as mesmas combinações e não havia segredos entre nós, porque se alguma vez houve duas irmãs de verdade, essas éramos Inês e eu. Já com Cecilia era diferente, porque ela, como estudava piano, achava que era uma intelectual e nos olhava de cima para baixo. Você bem sabe como gostei sempre de sua mãe, que foi uma santa. Entretanto, com a mesma sinceridade digo que seu pai estava vários degraus acima dela. Em inteligência, e Inês era bem esperta; em vontade, e Inês não era nenhuma marmota; em tolerância, em tudo. E é assim que deve ser; que o marido esteja acima da mulher, para que ela se sinta segura e portanto mais mulher. Esse foi meu problema, Ramón. Não fica bem eu dizer, mas tenho certeza de que meu pobre Esteban não me refutaria. Era um pedaço de pão, eu reconheço, mas tão acanhado, tão reservado, tão modesto, que eu nunca tive certeza se era inteligente ou bobo. Pobre Esteban, sempre teve olhos de inteligente e modos de bobo. Eu falava e falava e falava e ele ficava só me olhando. Como você, agora. Será que eu falo muito. Falo muito?

– Mais ou menos, tia. Fala bastante, mas é agradável.

– Obrigada, filho, você é um amor. Então eu nunca pude sentir-me segura. Porque, para ser franca, nunca soube o que Esteban pensava de mim exatamente.

– Então a senhora pensa, tia, que mamãe foi feliz?

– Mas rapaz, que bicho te mordeu? Não somente feliz, mas muito feliz. E além disso se em algum momento, e sempre há, não foi feliz, poderia jurar que a culpa foi dela, porque seu pai era e é um homem estupendo, desses que já não existem.

– Obrigado, tia.

– Mas Ramoncito, não se ofenda, você bem sabe que é meu sobrinho preferido, não só porque foi o companheiro de brinquedos do meu bebê querido e o único que viu quando fechava seus olhinhos celestes, porque eu, desgraçada de mim, tinha dormido como uma idiota...

– O lenço está na manga, tia.

– Obrigada, meu filho. Não só por isso, mas porque Hugo está cada dia mais mal-educado e aos trinta e tantos anos, sete de casamento e o título de contador público, já não se pode esperar que mude. Não só por isso, mas porque as filhas de Cecilia se divertem zombando de mim, então quanto mais longe estejam suas primas, melhor para mim. Você é meu preferido.

– Obrigado, tia.

– Mas com a mesma franqueza digo que seu pai é outra coisa. Um homem com letra maiúscula, entende? E isto não quer dizer que você seja pior ou melhor; quer dizer simplesmente que é um bom homenzinho com minúscula. É que já não nascem mais homens como ele. Tão seguros, tão elegantes, tão simpáticos, tão fortes, tão vitais!

– Caramba, tia.

– Me faz muito bem falar com você e principalmente que se lembre de mim. Olha, agradeço o convite como se tivesse de verdade ido passear com você. Mas prefiro ficar. Teria que vestir-me e pentear-me e tudo isso. Com o reumatismo, me dá um trabalho horrível. E isso que agora estou muito melhor, graças à cortisona. E sua mulher?

– Está bem, tia. Não mandou lembranças porque quando tomei café da manhã com ela esta manhã, eu mesmo não sabia que viria vê-la.

– É um amor, sua mulher. E Gustavo?

– Não o vejo desde ontem. Está se preparando para História. Passou em Literatura brilhantemente.

– Já soube. Susana me telefonou.

– Então vou indo, tia. Fico alegre de vê-la tão bonita.

– Você é um amor, Ramón.

Foi um erro ter deixado o carro na oficina. Afinal, a embreagem teria aguentado uma semaninha mais. Muito calor para viajar de ônibus, principalmente para ir pendurado desde a esquina de 8 de Outubro e Garibaldi. E se for para casa? Com toda certeza o plano Viajar com Alegria poderá caminhar para frente sem minha supervisão.

– Está livre? Para Punta Gorda. Pode ir por Anador, Propios, Rambla.

Ai, como estou cansado. De não fazer nada, claro. Que sabe a tia Olga? Sofro, disse Mamãe quatro horas antes de sua morte. Estava tão fraca, tão acabada. A única vez que me aproximei verdadeiramente dela. Anos e anos tive metida na cabeça, mais que calcada, cravada realmente, aquela voz: Não posso, Edmundo, não posso. Sentia que confiar nela era aproximadamente o mesmo que passar o biombo e vê-los ali, lutando nus, o Velho castigando-a. Durante uma semana ela usou óculos escuros. Me deu, me dá a mão. Uma mão sem carne, puro osso. Escapa-me, assim que a tenho. Mamãe que me vestia. Mamãe que me punha três pares de meias porque minhas pernas eram dois palitos e ela tinha vergonha da minha vergonha. Mamãe que me fazia pudim de leite todos os sábados e falava com orgulho de minha fome feroz. Mamãe de calada solidariedade quando o Velho me chamava de desajeitado, mais que desajeitado. Seus olhos me olham do fundo. Não interrogando, porque já sabem. Dizendo, simplesmente. Sei que gosta de mim, talvez mais que de Hugo, mas com essa dor horrível no ventre, que esperanças posso ter em seu amor? Com essa tenaz aí dentro, como posso pretender que lembre de gostar de mim? Com esse inferno. Além disso, também ela, sobre meu ombro, olha o Velho. Mas não é o mesmo olhar de Gustavo. Pelo menos, quando o Velho se vai, aparece um brilho, muito tênue, é claro, uma pobre chaminha no fundo de seus olhos. Não posso protegê-la e ela diz: Sofro. Ou seja, meu carinho não serve para nada. E concretizando mais, para que serve Deus? Aí estão os dias e semanas em que não a vi, as tardes em que vaguei sem motivo, as noites em que me esperou para jantar e eu não vim, as vezes em que tive vontade de abraçá-la e me contive. Agora é tarde e não adianta inventar as lembranças. Não vale fazer trapaças. Por que me sinto tão vazio, tão despossuído, tão incapaz de dar ânimo? Mamãe pouca coisa, pobre coisa, terá metido na cabeça morrer assim, de uma só vez? E eu? O que acontece comigo? Mamãe: não tenho comentários, nem desculpas, não tenho nada que dizer. Ela em troca diz: Sofro. E seu sofrimento, porque me fere, me dá uma horrível insegurança. É sem dúvida uma derrota idêntica a tantas outras, mas no caso é Minha Derrota, porque quando Mamãe fecha desesperadamente os olhos e move os lábios nessa careta,

nessa nunca resignada cristação de dor, sinto que também há algo em mim que faz uma careta sem resignação, que algo em mim se crista contra o Nada, porque Deus e Destino e Materialismo Dialético são meros slogans que lançaram Abraão e Spengler e Marx, não precisamente para formar-nos, ou transformar-nos ou conformar-nos, mas para fazer-nos esquecer as únicas metas razoáveis e obrigatórias, por exemplo, o suicídio ou a loucura. Eu mesmo estou lembrando agora esses objetivos e vejo clarissimamente minha própria escuridão, mas sei muito bem, porque a história se repete, que dentro de um momento também me terei esquecido e acreditarei que vale a pena viver e ser cordato. Uma ilusão como outra qualquer. Mamãe disse: Sofro. Mas, por que sente necessidade de dizer? Acaso diria isso se eu não estivesse aqui, de joelhos no tapete, com minha bochecha apoiada na palma de sua mão vencida? Acaso diria isso se estivesse a sós com o Velho, com tia Olga ou com Hugo? Sua última noção de amor, a última que chega a ela através dos interstícios semiconscientes, entre um e outro dos mortais sedativos, será a de saber que é ouvida por mim? Não pode recuperar-se, nem eu, porque a morte é outra placenta que nos une, tal e como a vida foi a placenta primeira. E só é meia verdade isso de que é ela que sente a dor, porque o reflexo está em mim, como quando num mesmo organismo, o estômago, por exemplo, sofre e como consequência disso o coração bombeia deficientemente sua rotina de sangue. E só tenho esta sensação em relação a ela, e aconteceria mesmo que ela me olhasse com ódio ou com indiferença. Por alguma razão não há entre Filho e Pai placenta nem cordão umbilical, mas um longínquo, microscópico espermatozoide vagabundo, distraído, sem norte, que se transformou em mim como poderia distrair-se ainda mais e desaparecer. E ainda que o Velho hoje não me olhasse para dizer-me: desajeitado, mais que desajeitado, ainda que não sorrisse imperceptivelmente para recordar ao ínfimo Javier que *apesar de tudo* sou seu filho, ainda assim não haveria placenta nem na vida nem na morte. No melhor dos casos, e não é o caso, podia haver-se estabelecido uma forte corrente cordial, uma amizade igual à do melhor dos meus amigos – qual será o melhor? –, uma garantia vitalícia de que dou e recebo, uma solidariedade compreensiva frente ao pânico vergonhoso de estar vivos, uma espécie de equilíbrio sem precauções. E mesmo assim não estaria mal. Olho esse impossível sem fatuidade, porque tampouco eu, como pai, fui capaz de criá-lo. Entre Gustavo e eu não há animosidade nem ressentimento nem frustrações recíprocas, mas uma formidável ignorância um do outro, como se vivêssemos em andares diferentes, ou como se alguém tomasse o trabalho de transcrever meus pensamentos em clave de sol e os seus em clave de fá. E de repente a mão de Mamãe me cravou, me crava as unhas na bochecha e em seguida relaxa, como para emendar a ferida ou acariciar meu sangue. Mas só *como*. Porque não era emenda mas morte. E eu dou dois gritos. Um, de assombro e dor própria, superficial, epidérmico, e outro de certeza horrível, de adeus inútil, de inocente pavor. Cinco de novembro. Eu me lembraria hoje desse dia, instante por instante, poro a poro, como quem olha a pele com uma enorme lente, se ela não tivesse usado esse último gesto para ferir-me? Quem me convence de que esse não foi um urgente, encurralado, último sinal de amor?

Chachachá, que lindo el chachachá...

– Poderia desligar o rádio, por favor? Ao chegar a Rivera, dobre à esquerda. A esta hora a Rambla é um curso, é melhor evitar.

– Papai, tio Hugo está esperando.

– E você, aonde vai?

– À casa de Mariano. Diga a mamãe que voltarei tarde. Tchau.

O que será que Hugo quer? Nunca tive com ele uma conversa franca, sem tensões. Como serão as famosas conversas de irmão para irmão? É uma pena que não exista um código que as defina.

– Olá, Hugo.

– Olá.

- O que há?
- Quer ouvir algo interessante? Tem o gravador aqui?
- Sim.
- Bom, coloque esta fita.
- Cool jazz? Astor Piazzola?
- Não. O Velho.
- Hein?

– Ontem Riera me deu esta fita, achando que era um relatório do Velho sobre índices de produção.

Mas a caixa estava mal-etiquetada. Se enganou feio. São duas vozes. A do Velho e a de um tal Villalba. Parece que é o final de uma entrevista.

- No jornal?
- Não, na fábrica.
- Dá aqui.
- Feche a porta. Não quero que Susana saiba.
- Bom, agora cale-se.
- *Entretanto, para você teria sido fácil solucionar tudo.*

– *Não quero discutir isso. Consta que a greve começou nas reuniões convocadas por três funcionários administrativos.*

– *Eu fui um deles, se é isso que quer saber.*

– *Já imaginava, mas não me preocupa. Você é agora quase patrão, de modo que se acabaram as greves.*

– *Sim?*

– *Quanto aos outros dois, tenho minhas suspeitas. Recebi alguns informes, algumas cartas anônimas denunciando esse ou aquele. No total, os denunciantes mencionam dez ou doze nomes. Todos suspeitos, claro. Mas não queria cometer novas injustiças.*

– *Concretizando, senhor?*

– *Concretizando, penso que não é pedir muito, preferiria que você me indicasse esses dois nomes. Tenho confiança em você. Sei que não vai mentir para mim.*

– *Para castigá-los?*

– *Em princípio, sim. Não quero prejudicar dez ou doze, pois cairiam alguns inocentes.*

– *Ouça, quem pensa que eu sou?*

– *Cuidado.*

– *O senhor pensa que por uns sujos pesos mais ...?*

– *Digamos mais quinhentos por mês.*

– *O senhor pensa que por uns sujos quinhentos pesos ou quantos sejam vou afundar dois amigos, dois bons sujeitos cujo único mal que fizeram foi privá-lo, senhor, de dois meses de seu lucro podre?*

Claro, o senhor tem o dinheiro e basta. Mas meta-o onde lhe caiba, senhor.

– *Então ...*

– *Então o quê?*

– *Então você acredita nas palavras com maiúscula, você acredita na solidariedade?*

– *E o senhor não?*

– *Olhe, Villalba, você está decidido a romper comigo e eu tenho como tapar sua boca.*

– *Sim, já sei. Tudo tem seu preço. É isso?*

– *Você não? Parabéns, homem. Mas agora me cumprimente, por meu serviço de inteligência. Há muito tempo que sei quem são os três bons rapazes: você, Sánchez e Labrocca.*

– E daí?

– Daí que gosto de experimentar as pessoas, gosto de ver como o dinheiro anula as palavras. A palavra solidariedade, por exemplo. Vê esta carta? Sabe o que é? Não sabe? É uma declaração assinada por Sánchez e Labrocca, em que o acusam de ser o principal instigador da greve.

– Quem vai acreditar nisso?

– Você. Conhece as assinaturas de Sánchez e Labrocca? Então veja. Que lhe parecem esses bons rapazes? E se visse que barato! E? Que me diz?

– Nada.

– Vamos, não queira que eu acredite que os desculpa.

– Não, não os desculpo. Mas, sabe de uma coisa? Nesta circunstância me sinto forte. Mas suponho que haverá um limite para continuar sentindo-me forte. Eles foram fracos antes que eu. Pior para eles. Nada mais, compreende? Três sujeitos podem ser leais, mas leais na tranquilidade, durante o entusiasmo. Entretanto, alguém pode transformar-se em traidor com um simples murro no estômago; outro, mais curtido, só quando lhe arrancam as unhas; outro, o mais heroico, só quando lhe queimam os testículos. No termômetro da fidelidade, sempre há um ponto de ebulição em que um homem é capaz de vender a mãe.

– Não vá muito longe na sua teoria. Eu só ofereci quatrocentos pesos a cada um.

– Aí está, nem mesmo usou o murro no estômago e já conseguiu duas traições.

– De qualquer modo, minha oferta continua de pé.

– Não me estranha.

– Creio que não há motivo para você continuar tendo escrúpulos. Eles não tiveram.

– Certo. O senhor encontrou facilmente o ponto de ebulição.

– Então, de acordo?

– Não. Não pode ser. O maior prejuízo que o senhor poderia me infligir seria fazer-me sentir nojo de mim mesmo. E temo que se o senhor continuar aumentando suas ofertas, se continuar a prometer-me o luxo, a comodidade e o poder que elas envolvem, acabarei cedendo, porque quem sabe se no fundo não sou um acomodado, um ambicioso, e isso seria repugnante. Me conheço o suficiente para saber que não poderia tolerar a mim mesmo.

– Mas por quê? Não é mau ser ambicioso.

– Claro que não.

– Não é mau ser acomodado.

– Certo que não. Sabe qual é o único mal?

– Não.

– Ser um filho da puta como o senhor.

Não está mal, não está mal.

– Não fique calado, Ramón.

– Estou pensando.

Não está mal, não está mal.

– Ponha de novo esse final.

– ...ficiente para saber que não poderia tolerar a mim mesmo.

– Mas por quê? Não é mau ser ambicioso.

– Claro que não.

– Não é mau ser acomodado.

– Certo que não. Sabe qual é o único mal?

– Não.

– *Ser um filho da puta como o senhor.*

Não está mal, não está mal.

– E depois, o que aconteceu com o sujeito?

– Averigüei com Morales. Parece que bateu a porta, juntou suas coisas e foi embora. Faz quatro dias.

Imagino que você terá algum comentário.

– Primeiro uma pergunta. Por que quis que eu ouvisse esta gravação?

– Porque temos que tomar uma decisão.

– Na verdade, Villalba já tomou a decisão, não acha?

– Refiro-me a isso, não podemos deixar que se vá.

– Estou te desconhecendo, Hugo. Não me diga que vai querer nomeá-lo gerente.

– O que quero é que não vá embora assim. Quero que convenças o Velho a despedi-lo.

– Que eu o convença? O Velho? Mas Hugo, você está louco. Ninguém convence o Velho de nada, e ainda menos se esse convencimento levar a uma indenização por demissão.

– Sempre é melhor pagar seis meses de indenização e não ficar com a vergonha de um merda ter puteado o Velho.

– Quer que te dê minha opinião? Não acho que seja um podre. Penso mesmo é que é um sujeito com culhões.

– Só faltava isso. Não nos entendemos, Ramón.

– É verdade. Não nos entendemos.

Não está mal, decididamente não está mal. Agora, por que esse sujeito pode enfrentá-lo e eu não? Às vezes vou disposto a enfrentá-lo, até preparo o discurso, uma espécie de declaração da minha independência e, no entanto, quando chego na frente dele as palavras desaparecem, fico sem argumento, ou, quando me lembro, tudo me sai sem convicção, como sabendo de antemão que ele vai me olhar, vai sorrir, vai dar uma chupada no havana, vai me jogar escancaradamente esse cheiro pestilento na minha cara e logo vai abrir a boca para começar a falar, com velhacaria, com odiosa confiança em suas próprias forças, avassalando-me com suas imposições, sua prepotência, com a vantagem que lhe dá saber-se, ou pelo menos acreditar-se, infinitamente superior ao seu meio, a seus subordinados, a seus inimigos, a seus amigos, a seus filhos, a seu passado, isto é, superior a tudo, a tudo menos ao seu próprio futuro.

– Bem, Ramón, então não há mais o que falar. Eu mesmo falarei com o Velho.

– Isso é coisa sua. Toma, leva a fita.

– Lembranças a Susana e a Gustavo. Tchau.

– Tchau. Lembranças a Dolly.

Não a merece, essa é a única certeza. Mas, quem merece Dolly? Há uns dois meses que não a vejo. Melhor. Me faz mal vê-la. Alguma vez lhe direi? Não creio. Hugo é meu irmão. Dolly querida. Hugo é meu irmão. Dolly querida. Se eu pudesse morar um minuto, um só minuto, em sua cabeça, não, melhor em seu coração, se eu pudesse saber o que ela pensa de mim. Meu cunhado Ramón, só isso. Entretanto, duas ou três vezes surpreendi-a olhando com carinho para mim. Também os cunhados podem sentir carinho entre si com permissão da Santa Madre Igreja. Mas às vezes tive a impressão de que ela me olhava com um carinho não autorizado pela Santa Madre Igreja. Hugo é meu irmão. Mas que mal-educado. Dolly querida. Me parece que foi em casa de Méndez. Claro que foi na casa de Méndez. Um Fim de Ano coletivo. E ela e eu de repente sozinhos na varanda longa, com os copos de champanhe sobre a mesinha. Faltavam quinze minutos para o 1º de janeiro de 1957. Hugo bailando *cheek-to-cheek* com Marinés. Se perderam, se perdem atrás do biombo com cartazes. Nunca conversamos, diz Dolly. Sinto um nó na garganta. Não, nunca, e é uma pena porque gosto muito de falar com você. Como tem passado

ultimamente? Em que sentido, Dolly? Refere-se à agência? Não, lá sei que está tudo bem. Com Susana, então? Não, imagino que por esse lado você não tem problemas. Não imagine tanto. Eu me referia a seu pai. A meu pai? Sim, Ramón, quando os vejo juntos sempre me parece que alguma coisa vai rebentar. Dolly, seu radar funciona com perfeição. Mas isso o está matando, Ramón, perdoe-me que o diga. Não só perdoar, como agradeço. Ramón, perceba que você é o único prejudicado; para seu pai nada disso faz diferença. Sei-o bem demais. E então? É mais forte do que eu. Mas não mais forte que ele. Dolly. O que, Ramón? Parece que você não gosta muito do Velho. Mas. Não fique vermelha, que fica linda demais. Mas. Eu compreendo você, Dolly, compreendo tanto que vou confiar-lhe um segredo: eu também não gosto dele. Mas. Cale-se, não diga mais nada, não estrague este último minuto de 1956, depois de ter me dado a melhor alegria do ano. Eu? Não sabe o que significa estar sempre rodeado de gente que diz Ah, o Doutor, Que Homem Extraordinário, Feliz Você Ramón Que Tem Esse Pai; juro que não tenho inveja, nem rancor, nem ciúmes; só o odeio um pouco. Por favor, Ramón, não diga isso. Aviso que se tapar de novo minha boca com sua mão, beijo-a. Mas isso é cavalheirismo, não? Mas não quando o beijo é na palma da mão. Me dá vontade que você diga outro disparate para tapar de novo sua boca. E eu... Feliz Ano-Novo, Felicidades, venham Ramón e Dolly, onde está minha mulherzinha? Feliz ano, Hugo. Susana? Vou procurá-la. Susana, onde está Susana? Pobre Susana. Susana vomita, vomitava no banheiro, devolvia ao flamejante 1957 sua última bebida de 1956. Para tapar de novo sua boca, dissera Dolly. Então? Não sei. Hugo é meu irmão. Dolly querida.

– Ah, que sorte que veio, senhor Budiño. Há umas dez pessoas esperando-o. O doutor Mesa. Dois candidatos a guias, recomendados pelo Conselheiro. A senhorita Souto. O senhor do USIS que esteve no outro dia. O homem da imprensa. O intérprete, aquele venezuelano. Pedrosa, o dos ônibus. Também um rapaz do Club, quer que lhe consigamos cartazes de Tóquio, para uma *boutique* que vai instalar com a tia.

Secretária esplêndida, carnuda etcétera. Hoje veio sem a libra esterlina, de modo que a visibilidade melhorou consideravelmente.

– Senhorita, por favor. Já lhe disse que tem que servir de filtro para mim. Não posso passar horas atendendo lerdos. Para esse boboca do cartaz, dê-lhe um de Piriápolis, e se não gostar que se enterre. Que entre o doutor Mesa, e transfira todos os outros para o senhor Abella. Meu irmão não telefonou?

– O senhor Hugo?

Tenho só um irmão, tola.

– Claro, senhorita, meu irmão Hugo.

– Não, senhor Budiño, ele não telefonou. Mas sua esposa ligou.

– A esposa de meu irmão?

– Não, dona Susana.

– Ah.

– Disse para avisá-lo de que ia ao cabeleireiro.

– Está bem.

– Muito prazer, doutor Mesa. Meu pai já me falou do senhor. Aqui estou às suas ordens. Explique-me seu problema.

Pensar que este é o testa de ferro do escrivão que faz os trambiques com o sócio do Velho. Parentesco longínquo. Assim como primos de terceiro grau.

– Como não, doutor, como não.

Vou dar-lhe a excursão com museus.

– Naturalmente, doutor, todos os principais: o Prado, a Pinacoteca, o Reijismuseum, a Galleria degli Uffizi, os Capitolinos, a Albertina, a casa de Rembrandt, o British Museum e evidentemente o Louvre.

Acertei-te na testa, velhinho. Pensava que eu estava esquecendo Paris e você quer muito Lido e pouco Louvre.

– Doutor Mesa, hoje não vamos falar de preços, que sempre é a parte desagradável... Mas naturalmente, doutor, sendo o senhor recomendado pelo escrivão Faggi, que é tão amigo de Papai, terá o melhor e nas melhores condições... Poderia ser, por exemplo, vejamos, para o dia 22 de maio, se preferir o avião... Ah, de navio as coisas mudam. Naturalmente, para descansar é o ideal... O avião é a solução quando aperta o fator tempo, quando a urgência faz com que se deva transformar os dias em horas.

Essa frase já me sai sozinha, como o *saúde* para quem espirra.

– Olhe que hoje em dia, doutor Mesa, com os *jets*, pode-se levar menos horas de voo até a Europa

que dias de navegação. Uma coisa desconcertante. Mas para relaxamento das tensões, cura de repouso, eliminação de preocupações, como tônico, sei lá, como renovação geral, aconselho o navio para todo mundo. Vai viajar sozinho? Entendo, entendo, sozinho, mas vai viajar também uma amiga, sim. Naturalmente, doutor, a viagem sempre é mais agradável em boa companhia. Já anotei. De preferência, cabina dupla. Trouxe o passaporte? E o da senhorita? Muito bem, minha secretária vai anotar seus dados e eu providenciarei para que o senhor fique satisfeito. Encantado, doutor Mesa, sempre às ordens.

Três horas. O relógio da copa é sempre insuportável de madrugada. Não quero tomar comprimidos. Prefiro a insônia. Além do mais, gosto de lembrar. Por que será que quase sempre, quando acordo de madrugada, quase a única lembrança que me vem é a da primeira vez? Me marcou, sem dúvida, a Rosario. E sem nostalgia. O mar tranquilo, ao entardecer, como um espelho. Atrás, as árvores. Jogávamos tênis todas as tardes. Portezuelo é ideal para isso. Meus dezessete anos. A idade que Gustavo tem agora. Gustavo já terá estado com uma mulher? Oxalá. Certamente que sim. Mesmo com alguma de suas companheiras. Por alguma razão não olha para elas com muita cobiça. Deve se acalmar por aí, provavelmente. Rosario estava na casinha de Céspedes. Eu na de Portela. O mar como um espelho e atrás de nós as árvores enormes. Nem uma folha se mexia. Caminhamos um pouco? Bom, disse ela, gosto de ir pisando ramos secos. Era tão agradável o cheiro dos pinheiros. Não havia muitos chalés naquela época. E em certas zonas as árvores estavam muito juntas. A gente podia esconder-se de todo mundo. E além disso o mundo ficava longe. Lá onde se viam, onde se vêem as luzes. Um pouquinho de medo sempre cai bem. Me dá a mão. Nossas roupas de banho justas secaram e não faz nenhum frio, apesar da hora. Tenho perfeita consciência de nossa respectiva nudez, principalmente da dela. Que pernas. Cada vez menos luz. E lá longe o mundo, as buzinas, um tango. Vem, senta, digo. Um burquinho sob medida, entre dois arbustos. Tem até teto. Está nervosa? Não. Tenho a ideia de que sua pele estará salgada. A minha também. Os pelos de meu braço estão amassados, como colados pelo sal já seco. De repente vejo algo em Rosario que me transtorna por completo. No vértice inferior do tronco, junto ao começo de suas pernas, saem do maiô uns poucos pelos, também grudados na parte interna das coxas. Não há nada a dizer. Ela percebe o que eu vi e também está alterada, também está à espera. Abraço-a. Minhas mãos ainda sem perícia não dão conta. Primeiro os seios, naturalmente. Saem do maiô como que escapando de uma prisão. Ela sorri. Por Deus, como sorri. Redondos, tão cheinhos. Uma lembrança tátil que não me abandonará jamais. Ainda posso senti-los. E efetivamente estão salgados. Toda ela está salgada. O bom desse ato é que os dois somos inexperientes. Fazemos uma quantidade de coisas que, depois descobriremos, não são as mais pudicas. Mas é tão natural. Como não sabemos que a tradição manda que a primeira vez tudo seja urgência, atropelo, violência, nosso prolegômeno é longo e delicioso. É magnífico aprender com quem não sabe. Como Rosario ignora que na primeira vez deve resistir, mostrar-se com medo e envergonhada, faz tudo com uma alegria que a ilumina, toma carinhosamente o meu sexo e nunca voltarei a gozar tanto com uma carícia tão antiga e tão nova. Tudo está à nossa disposição. Não temos ideia do que é vício e do que está autorizado pela moral fajuta, estamos Acima do Bem e do Mal. Tudo é simplesmente lindo, lindíssimo. O bom é que eu não sei nada do que ela pensa, de como é Rosario intelectual, Rosario sociológica, Rosario política, Rosario econômica, Rosario filosófica, ou talvez aos dezessete anos ninguém seja nada disso. Ela também não me perguntou nada. Essas coisas tão importantes para isso que se chama verdadeira comunhão de corpos e almas. Simplesmente, éramos seu corpo e meu corpo e a alegria de ambos. Nenhum de meus posteriores atos de amor será tão perfeito como este em que não cumparamos com as normas da comunhão perfeita. Talvez se o houvéssemos repetido durante anos teríamos chegado inevitavelmente a alguma forma de tédio, mas Rosario e eu só o fizemos três vezes num mesmo crepúsculo de janeiro e a melhor das três foi incrivelmente a primeira.

Ideal. Ela tampouco ficou grávida. Que mais se pode pedir? Talvez o segredo daquela plenitude tenha sido haver alguma coisa de jogo, de bom humor. Em nenhum momento fomos patéticos, nem nos juramos amor eterno, e ninguém disse te amo. Estávamos contentes, nada mais. O mais sentimental que lhe disse foi: você é bárbara. E o mais comovedor que ela me disse: nunca pensei que fosse tão lindo, meu Deus. Me pareceu um ato de verdadeira e excepcional unção que ela usasse *meu Deus* como uma mera interjeição de prazer. Dizia sem fechar os olhos, isso era o estupendo, olhando-me contente, agradecida, e nosso abraço intermitente era também de boa amizade, de camaradagem recém-descoberta. E ainda hoje, quando Rosario é a respeitável esposa do doutor Azócar, com três filhos crescidos, duas empregadas e um chalé em Carrasco, nos encontramos às vezes em alguma festa, e nosso diálogo corre sem dissimulações, desprovido de rancores, fresco, sem nenhuma menção àquela tarde de fevereiro de 1934. Claro que guardamos um mútuo agradecimento e nos olhamos com uma simpatia cúmplice. Todo nosso correto tratamento por senhor e senhora é acompanhado pela doce lembrança de nossa intimidade, com beijos inaugurais e carícias exploratórias e pernas enlaçadas e costas com raminhos. Não tenho inveja de Ulises Azócar, que, por outro lado, tem cara de homem satisfeito e seus motivos terá. Francamente não gostaria de deitar-me agora com Rosario madura, já que a tive novinha e no bosque, porque a versão atual jamais poderia ser tão estimulante como a de vinte e sete anos atrás e talvez só servisse para apagar ou pelo menos modificar em mim e nela uma imagem sem defeitos. Mais meia hora, diz o carrilhão. Se pudesse dormir. Estou mais tranquilo. Essa reconstrução sempre acalma meus nervos, me dá vontade de continuar vivendo. Vou experimentar os métodos de *relax*. Começando por baixo. Primeiro relaxar os dedos dos pés, depois os tornozeeelos, as bataaatas das pernas, as cooxas, o veeentre, o estôomago, o peeeito, os oombros, o pescoooço.

6

– Convença-se, vovô – disse Gustavo. – Os partidos tradicionais estão em vias de decomposição. Onde estão Batlle, Saravia, Brum, Herrera? Todos debaixo da terra. Lá estão também seus respectivos ideários: debaixo da terra. Em cima da terra em troca estão César, Nardone, Rodríguez Larreta. Isto é, respectivamente: antissemitismo, caça às bruxas, menosprezo às massas. As coisas que dizem Nardone e Berro pela rádio e imprensa, as que antes disseram César e Luis: isto é decomposição. Os grandes partidos nem mesmo têm coerência interna, e as pessoas estão percebendo. Não vão votar eternamente nesses homens. Qualquer dia podem é jogar uma bomba neles.

– Não me faça rir – disse o Velho. – Quem vai jogar bombas, vocês, lactentes, filhinhos da mamãe, marxistas de meia-tigela?

– E seus famosos Filhos de Pais Democratas? Hem, avô? São menos lactentes, filhinhos da mamãe, menos capitalistas de meia-tigela?

– Mas Gustavo, não venha dizer isso a mim. São tão tolos como vocês. Ou mais. Eu os uso porque me servem. E além disso não me custam nem um peso. Há quem se encarregue dos gastos. O problema não é que vocês sejam de esquerda e eles de direita. O problema é que uns e outros pertencem a uma geração fraca, noveleira, frívola, habituada somente a repetir frases feitas, incapaz de pensar por sua própria conta.

– E em seu jornal, avô, não repete frases feitas? Pensa por sua conta?

– Penso por minha conta quando decido repetir frases feitas. A diferença é que meu jornal é negócio e o de vocês quer ser princípios, moral política etcétera, etcétera. Vocês colecionam sinais exteriores de rebelião, como outros colecionam garrafinhas ou caixas de fósforos. Pensam que a revolução é andar sem gravata.

– E para o senhor, avô, o que é a revolução?

– Gustavo, não queira me pegar pela boca. Sabe muito bem que eu faço xixi na revolução.

– E na democracia?

– Na democracia faço cocô, mas me serve para ganhar dinheiro e então sou Democrata com todas as maiúsculas que você quiser. Essa é a grande afinidade, que você nunca poderá compreender, entre os Estados Unidos e este servidor. Para eles tampouco lhes importa a democracia, a eles também lhes interessa o negócio. Democracia para eles significa boa propaganda e fazem tanto barulho com ela, até mesmo frente a Cuba, que ninguém se lembra de como alimentam Stroessner e Somoza, dois dos meus.

– Ah.

– Para os norte-americanos a democracia é isso: deixar que em seu país todo mundo vote e passe o *weekend* lendo tiras humorísticas, deixar que todo mundo (menos os negros, que estão em penitência) se sinta cidadão, e por outro lado aproveitar o trabalho pechincha da chusma latino-americana. Para mim, ao contrário, democracia é isto: escrever todos os dias um editorial de exemplar maturidade e correção política, e telefonar em seguida ao chefe de Polícia para que dê um arrocho em meus operariozinhos em greve. Eu não tenho dúvidas. Já que me coube nascer num país de merda, eu lhe correspondo. Eu o uso para mim, isso é tudo. Seu bisavô falava de Pátria, seu paizinho fala de Nacionalismo, você fala de

Revolução. Eu falo de mim, garoto. Mas garanto que conheço mais do meu tema que vocês do seu. Que somos colônia? Claro que sim. Afortunadamente. Mas, diga-me. Quem aqui quer ser independente? Vejamos essas bombinhas, por favor. Juro que não me assustam. Uma coisa te digo. É mais provável que algum dia um operário que eu despeça ou insulte, porque gosto de insultá-los, vá ruminando até sua casa, rumine um pouco mais enquanto toma seu mate, então compre um revólver, volte até a fábrica e me dê um tiro; é mais provável que isso aconteça um dia e não que suceda algo tão descartável e tão insólito como seus esquerdistas de botequim se porem de acordo, armarem finalmente o quebra-cabeça de seus escrúpulos e tendências e decidam pôr uma bomba no meu Impala. Para matar um sujeito tem-se que acordar corno ou ter colhões ou estar bêbado. E vocês tomam coca-cola.

Susana deixa o pote em cima da penteadeira e me olha com a cara lambuzada.

– Hoje Gustavo me contou a discussão que teve com o avô.

– Eu estive presente.

– Queria falar-lhe justamente disso. Não pode ser que esteja presente quando tratam de um assunto como este e não fale absolutamente nada. Por muitas razões você deveria ter apoiado seu pai. Em primeiro lugar, para ver se melhoram um pouco as relações entre ele e você. E em segundo, porque Gustavo não pode continuar assim. Outra tarde Laura me disse, simplesmente me avisou como boa amiga, que Gustavo anda com uma turma francamente perigosa: anarquistas, comunistas ou algo parecido. Ela os viu, com seus próprios olhos, colando cartazes de madrugada.

– Não me diga. E pode-se saber o que fazia sua boa amiga Laura pela rua de madrugada em vez de estar recolhida em seu respeitável lar?

– Não faça gracinhas. Estou falando a sério.

– Eu também, quando tinha dezessete anos, lambuzava paredes.

– É diferente. Você o fazia por esnobismo.

– E Gustavo, por que o faz?

– Quem dera fosse por esnobismo. Mas acredita estar convencido. Graças às más influências.

– Vai ver que não somente acredita, mas está efetivamente convencido.

– Só faltava isso; que você o defenda.

– Eu não o defendo, mas te confesso que prefiro vê-lo nessa rebeldia mais ou menos esportiva e não jogando bombinhas de mau cheiro na universidade.

– Ramón, quer que eu diga o que penso sobre essa sua nova atitude? Faz isso apenas para aborrecer seu pai e, de passagem, me aborrecer.

– Talvez. Quem sabe.

– Ramón, há um tempo que você passou dos quarenta. Não pode se comportar a vida toda como um adolescente. Fica ridículo, sabia?

– Nunca me senti tão adulto quanto agora. Mais que adulto: velho.

– Me dê esse pote. Esse não, o verde.

– Susana.

– Quê?

– Por que não para de passar creme e vem para a cama?

– Você está louco.

– Susana.

– Esta noite não, Ramón, não posso. Talvez amanhã. Além disso estou muito aborrecida com isso do Gustavo.

– E o que isso tem a ver?

– Tem muito que ver. Você está pronto a qualquer momento, mas eu não. Eu preciso que você seja carinhoso comigo.

– Bom, vem.

– Já disse que não.

– Está bem.

Que fique aí, lambuzando-se com seus cremes. Por um momento tive vontade, mas agora não. Não tenho ânimo para ficar insistindo duas horas. Além disso, diz que não pode. Mas muitas vezes alega que não pode, e na verdade pode. Deve ser interessante viver num harém. Definição para propor à Academia. Harém: único lugar do mundo onde não existe masturbação masculina. Ampliação da definição: Harém, único lugar do mundo onde a masturbação masculina é considerada uma extravagância.

– Ramón.

– Que há?

– Estes últimos tempos te vejo estranho. Sempre parece que está pensando em outra coisa. Não presta atenção a ninguém. Não só a mim, que já estou acostumada. Também aos outros. Está sempre distraído.

– Sim, eu também o notei. Mas não me preocupo, já me aconteceu outras vezes. Garanto que não é *surmenage*, porque o trabalho na agência não é sufocante. Já vai passar.

– Por que não procura Roig?

– É inútil. Sempre acha que estou perfeito. Até agora o mais grave que descobriu em mim foi um quistozinho sebáceo. Isso é muito pouco para pagar trinta pesos por cada consulta. A gente paga com gosto quando o médico diz: Querido amigo, lamento muito, você tem câncer.

– Ai Ramón, não digo que você está esquisito?

– O câncer é cada dia mais vulgar e menos raro.

– Eu sei, mas tenho uma superstição. Parece-me que se não falo nele, estou a salvo.

– É bom ter essas superstições, principalmente enquanto dão resultado. Além disso, se um dia você percebe que não dão resultado, que tudo é inútil, que importância isto tem?

– Ramón, quer que me deite?

– Você disse que hoje não podia.

– Olha, a verdade é que não tenho certeza. E você também não insistiu.

– Ah, devia ter insistido.

– E além disso teria que tirar os cremes.

– Tira.

– Então, vou?

– Bom, vem.

Gloria Caselli se olha no espelho e acha que hoje sua cara parece aceitável. Mas para ela, não é suficiente se ver de frente. Às vezes o perfil reserva a pior surpresa. Para isso servem os espelhos laterais. Gloria os ajeita até encontrar o ângulo ideal. Evidentemente, esta mecha sobre a orelha a envelhece. Pior que isso: a desnaturaliza, transforma-a em outra. Pelo menos ela é consciente de que suas orelhas são o melhor, o mais agradável, o mais estético de sua cabeça, um pouco rude para seu gosto. Portanto, é necessário mostrá-las. Claro que seu perfil esquerdo é melhor que seu perfil direito. Lamentavelmente, isso não tem conserto. A mancha da pele, no meio do pescoço delgado, é inalterável; não há creme que a cubra. Não é grande, não ofende a vista, mas se nota. É o fígado, lhe vêm dizendo os médicos há vários lustros com monótona perseverança, mas ela sabe que essa manchinha apareceu há vinte e sete anos, exatamente no mês em que se tornou mulher, ou seja, numa época em que ainda não tinha fígado, nem coração, nem tornozelos, nem gengivas, porque a gente vai tomando consciência de seus órgãos na medida em que começam a doer, e naquele tempo o único que lhe doía, de vez em quando, era o baço, quando corria exageradamente na praia ou jogava horas e horas de voleibol no ginásio da universidade.

A cara no espelho lhe sorri. De vez em quando convém verificar o poder que continua tendo seu sorriso. Diminuiu, claro. Essas rugas, não importantes, mas inocultáveis, que apareceram junto às comissuras dos lábios, endurecem o sorriso, tiram pelo menos cinquenta por cento de sua velha inocência, de sua acolhedora simpatia. E há que reconhecer que a depreciação corresponde à realidade. Porque é certo que perdeu pelo menos a metade de sua inocência e de sua simpatia. Quanto ao resto, esse resto que ainda hoje faz com que os homens voltem lentamente suas cabeças quando ela passa e até lhe digam alguma porcaria estimulante, quanto a esse resto ela não está muito segura.

Move suavemente os ombros e pensa que essa foi a parte de seu corpo que recebeu o primeiro elogio de Edmundo. “Que ombros lindos! Bons para apoiar as mãos quando uma pessoa está cansada.” Edmundo Budiño disse isso no dia 10 de setembro de 1939 e ela havia sentido que era a primeira vez que alguém lhe fazia um galanteio verdadeiramente importante, não as frivolidades que várias vezes por dia ouvia dos companheiros da Faculdade de Arquitetura. Soltavam o galanteio como quem arrisca um traço; ou seja, tocavam-na com um projeto de ameaça de croquis de esboço de amor, e depois saíam correndo, com medo de que ela pudesse levá-los a sério. Pelo contrário, o elogio de Edmundo havia tido o apoio de algo tão verdadeiro como o próprio cansaço. Naturalmente, só muito tempo depois chegou à conclusão de que nele isso não tinha sido uma atenção especial, mas algo inevitável. Só podia admirar ou repudiar, louvar ou denegrir, desde que ele próprio se incorporasse ao julgamento, como parte ativa, como lei, como deus. Dizia, por exemplo: “Gosto desta montanha, porque frente a ela me sinto forte”, ou também: “detesto os bondes, porque quando vou com o carro atrás deles, sinto-me escravo de sua lentidão.”

Sim, é preciso tirar essa mecha. E se a enganchasse na orelha? Não está mal. Naquela época ele era professor de Civil II, tinha quarenta e seis anos, mas já com alguns cabelos brancos nas suíças. Neve nas têmporas, dizia a brega Ana Maria entre suspiro e suspiro. Mas não só Ana Maria; todas as mulheres que desfilavam pela faculdade o contemplavam com uma devoção quase doentia. Então, como não estremecer

quando ele veio silenciosamente por trás (não na faculdade, mas no Salão Nacional de Belas-Artes) e lhe disse: “Que lindos ombros! Bons para apoiar as mãos quando uma pessoa está cansada”. Ela pensou imediatamente que sua estatura era a ideal, a mais apropriada para que ele tivesse a ideia de inventar, criar para o futuro, essa posição que incluía familiaridade, confiança, comunicação, simpatia. Ela ainda não se atrevia a dizer-se Amor. Mas virou-se e nunca ele lhe pareceu tão estupendo, tão irresistível, tão masculinamente formoso. Porque a beleza masculina tem inevitavelmente que incluir algo de feiura, de assimetria, de falso esquadro, e a Edmundo Budiño nem mesmo faltavam esses toques quase imperceptíveis, que aos olhos de uma mulher são precisamente decisivos. Que devem existir, mas não em tal profusão que o rosto ou a figura se tornem feios; devem cumprir apenas sua função de mínimos contrastes, para que o olhar descanse um pouco e tome novo impulso na subsequente absorção da beleza. É a diferença que vai do rosto impecável, mas monotonamente formoso de um Tyrone Power, aos traços levemente assimétricos, mas emocionalmente atraentes de um Burt Lancaster. Perante a evocação encadeada desses dois nomes de atores, Gloria pensou que ela ficava fora da regra: não gostava nem de um nem de outro. “Oh, professor, não o havia visto; me pegou de surpresa”, dissera ela e a partir desse instante não pôde continuar olhando o desenho de Pastor que a havia impressionado. “Posso convidá-la a tomar um café?”, dissera ele e não cabia outra resposta que o sim, porque já nessa época o tom interrogativo das perguntas de Budiño significava uma mera deferência para com o interlocutor. Jamais lhe ocorria que alguém pudesse ter o péssimo gosto de uma recusa. E o café foi então o velho Tupi, o que estava em frente ao Solís. Ela se lembra perfeitamente de que, quando entraram, os passos contundentes dele provocaram nas sofridas tábuas do piso um ruído consideravelmente maior que os seus, naturalmente brandos, leves e flexíveis, mas essa tarde particularmente amortecidos pelas solas de borracha. “O que está lendo?”, perguntou ele, e sem pedir autorização pegou os dois livros, aprovou com a cabeça o Valle Inclán e fez um “puah” frente ao Panait Istrati. E foi aí que sucedeu o inesperado, o golpe de timão que transformou completamente sua vida, ou talvez a machadada que a partiu em dois. Primeiro segmento: de 4 de dezembro de 1920 até 10 de setembro de 1939. Segundo segmento: de 10 de setembro de 1939 até hoje. Ele sorria sem nervos, sem dúvidas, sem inquietude; voltara a deixar os livros perto de sua bolsa e dissera, com voz impassível, num arranque, surpreendendo-a desde o princípio com o repentino tratamento íntimo: “Sabe que você me agrada muito? Foi bom encontrá-la no Salão, porque há dias que pensava perguntar-lhe uma coisa: quer ser minha amante?”

Ainda hoje, vinte e dois anos mais tarde, a cara no espelho fica corada. Mas naquela tarde o rubor foi muitas coisas ao mesmo tempo: vergonha, susto, alegria. Principalmente alegria. Que ele a tivesse olhado; que ele lhe estivesse propondo uma vida em comum (esta pelo menos foi a tradução infiel e tendenciosa que ela repetiu para si mesma); que a tratasse com intimidade; que ele estivesse ali, esperando sua resposta. “Professor”, gaguejara, e ele tinha encostado sua mão, enternecedoramente macia e cordial, e a havia colocado sobre a mão dela, pálida, indefesa e envaidecida. E com esse calor que a mão dele lhe foi infundindo, diretamente dirigido a um coração que não aguentava suas próprias batidas, ela não teve outra solução senão baixar a cabeça e dizer baixinho, com os olhos fixos no desprezado Panait Istrati: “Sou tão feliz, professor”. E quando levantou os olhos, ele já estava dizendo, com a imune segurança de um trâmite concluído: “Me chame de Edmundo. Menos na faculdade, claro”. Mas ela nunca deixou de chamá-lo de professor e essa foi provavelmente sua única desobediência. Quando ele a levou pela primeira vez à *garçonnière* e a acariciou e beijou sem pressa durante quase uma hora, e logo despiu-a sorrindo e festejando silenciosamente seus tiques de pudor, e já sem roupas tornou a acariciá-la e beijá-la numa segunda etapa que foi bastante mais breve, e depois entrou nela precavidamente, sem forçá-la, porque percebia que sofria (não anímica, mas fisicamente) o aceitado rompimento de sua virgindade, e quando tudo acabou e ele se deu conta de que nessa primeira vez ela havia estado

absorvida pela dor e não tinha tido tempo de gozar seu próprio sacrifício e então ele perguntou: “Doeu muito?” e ela dissera: “Sim, professor”, ele não conseguiu conter o riso perante essa cômica sobrevivência do respeito herdado da aula. Depois, muito depois, quando ela perdeu seu assombro, sua tensão e seu desassossego, continuou ainda chamando-o de *professor*, especialmente quando faziam amor, porque a palavra ficou entre eles como uma senha, como um cúmplice, como uma testemunha em quem se podia confiar.

Quatro e dez. Disse que viria às quatro e meia. E é pontual. Que venha logo. Tudo está pronto, limpo, ordenado. Só falta a Gloria escolher um colar. Não muito complicado; ele nunca gostou de exagero. “Tire essa coisa barroca”, disse quando as primas lhe trouxeram um da Espanha, de coral e prata lavrada. Melhor o de café, que ele lhe trouxe do Brasil há pelo menos uns cinco anos. Mas então tem que trocar a blusa, porque azul com café não combinam. Estará passada a blusa creme? Sim, que sorte. Realmente sua vida ficou dividida em duas. Quantos homens se aproximaram dela em todos estes anos? Para que pensar nisso? Sem esforçar-se muito, foi fiel a ele. E fiel sem esperança nem reciprocidade, primeiro porque ele tinha sua mulher e seus filhos, e outras amantes ocasionais, claro, e depois que ficou viúvo, porque nunca mencionou a possibilidade de casar-se. Sua relação foi assim como hoje, sempre clandestina, sempre escondida, sempre ignorada por todos. Talvez fosse. Dos dois filhos de Edmundo, um, Hugo, era pouco mais novo que ela, e o outro, Ramón, uns poucos anos mais velho. Com Hugo nunca tinha falado; com Ramón, duas vezes. Alguém os apresentou em casa de Rivas. Em outra oportunidade, foi seu companheiro de poltrona num avião da Pluna, até Buenos Aires. Ramón não se lembrou dela, ou fingiu que não se lembrava. Não, certamente não fingiu. Não falaram quase nada durante a viagem. Ela pegou um cigarro e ele aproximou o isqueiro. “Obrigada pelo fogo”, dissera ela. E nada mais. Se ele soubesse! Mas ninguém sabe. É um milagre, principalmente se levarmos em conta a velocidade com que circulam as fofocas nesta cidade sem grandes espetáculos, provincianíssima, sem grandes cabarés, sem famosas e proclamadas perversões. A fonte luminosa do Parque dos Aliados; essa é toda nossa vida noturna. A fofoca é a grande atração nativa, o show das famílias. Mas ninguém sabe, ninguém soube nunca. Ele se arranja muito bem para ser discreto. Além disso, quem suspeita tem medo de indagar; ninguém quer ter a tremenda responsabilidade de haver descoberto o ponto fraco de Edmundo Budiño, instituição nacional. Claro que todos percebem que em sua vida há espaços em branco, linhas pontilhadas (como nos formulários) que ninguém é capaz de preencher com dados fidedignos. Mas ninguém se atreve.

Com um estalido áspero e uma vibração apagada, a geladeira reinicia sua atividade. Ah, falta arrumar os cubinhos de gelo. Quando ele degusta seu uísque, ela sempre tem a sensação de que se trata do momento mais calmo da jornada de seu homem. Acabou-se a fábrica, acabou-se o jornal, acabou-se a Casa do Partido, acabaram-se os rapazinhos imbecis que vêm à procura de armas e impacto jornalístico, acabou-se Javier o incondicional, acabou-se Ramón o escrupuloso, acabou-se Hugo o imitador, acabou-se o mundo lá de fora. Ele conta tudo a ela, pormenoriza os capítulos em que esteve dividido o dia. Sobre isso não há dúvida: é sincero com ela. Porque conta coisas feias, coisas sujas, coisas terríveis. Como se soubesse que o amor dela é capaz de aceitar esse lado negro de seu ser, essa zona do diabo que nunca mostra a ninguém totalmente. Nem mesmo a Ramón; disso também ela está certa. Porque a Ramón ele mostra um Edmundo Budiño mais cínico, mais obscuro, mais agressivo, mais cruel do que é na realidade. E além disso a Ramón não diz nada desta ligação, porque dizer (pelo menos ela o entende assim) seria claudicar; seria como confessar que ele pode não ser tão duro, tão implacável, tão desumano, tão desdenhador. E isso nunca. Sempre intrigou a Gloria esse rancor pacientemente elaborado, em que cada dia aparecem novos retoques, novos matizes.

Além disso, além disso... Gloria sorri enquanto arruma uma antiestética dobra da colcha. Além disso, além disso, ela tem agora outro segredo, o mais terrível. Aos sessenta e oito anos, o doutor Edmundo

Budiño, um dos homens mais influentes da política nacional, o nome mais poderoso em vários campos, perdeu seu poder numa área modesta, mas que também tem sua importância. Em resumidas contas: acabou-se o sexo. Gloria sorri outra vez. Recorda a ocasião em que houve o primeiro fracasso e ele usou o mesmo e seguro tom de sempre para dizer: “Foi um dia terrível de trabalho. É melhor deixarmos para amanhã”. E ela dissera: “Sim, professor”, mas logo se arrependeu, porque a frase, que para ambos tinha uma automática conotação sexual, saíra com um tom de ironia que ela não quis dar, uma tintura zombeteira que saiu sozinha, como se a frase tivesse vida própria e houvesse dado a si mesma o matiz verdadeiro. O prometido amanhã não chegou jamais e, a partir do quarto fracasso, a derrota foi oficialmente admitida, mas ele arranjou um jeito de caracterizá-la não como uma vergonha, mas como uma espécie de monumento. A morte sexual transformou-se em algo como um selo de honra. “Ninguém como eu mereceu tanto o descanso nesse aspecto, e afinal de contas é quase melhor. Agora tenho a cabeça livre para arrumar a sinistra desordem que é o mundo.” Passava por cima do detalhe insignificante de que seu “merecido descanso” não tinha por que coincidir com o de Gloria, passava por cima do fato de que para ela o sexo não tinha acabado, passava por cima do pormenor de que o simpático monstro que ele soubera despertar nela continuava exigindo sua nutrição e seu jogo. Mas já fazia três anos e Gloria continuou sendo fiel.

É cômoda essa poltrona californiana. Ajusta-se sempre ao corpo. Só uma vez estivera ao ponto de. Poucas vezes dançava. Mas como é lindo o tango. O homem a conduzia corretamente, sem apertá-la demais. Foi uma comunicação que aconteceu a partir do ritmo. Como se tivessem dançado juntos desde crianças. Como se conhecessem todos os passos um do outro, todos os cortes, todos os rodopios. Muito antes de saber seu nome, Gloria percebeu essa correspondência, ou coincidência ou afinidade ou ajuste, que lhe permitia adivinhar os mais imprevistos e inverossímeis arranques do homem e seguiu-o como uma sombra, ou um parasita rítmico, ou como o obediente lápis de um pantógrafo. De repente sentiu que estava à mercê daquele desconhecido, porque toda a sua pele lhe respondia e cada adivinhação de um novo passo tinha nela uma repercussão de prazer que ia muito além do simples gosto da dança para transformar-se em novas aproximações a um espasmo final que desde já a esperava em algum instante de seu futuro. Sabia que aí não havia afinidade espiritual nem lembranças em comum nem descoberta da simpatia nem nenhum desses indícios precursores do amor. Mas sabia que onde o homem dissesse “vamos” ela iria como um autômato, como um robô. Sabia-o porque num instante, quando dançavam *Charamusca*, um repentino agudo da flauta provocou-lhe um lampejo, durante o qual se imaginou nua nos braços daquele sujeito, e a instantânea, vertiginosa visão foi para ela tão arrebatadora que teve que firmar seu braço no pescoço do homem e murmurar “perdão”, porque pensou que teria uma vertigem. Esteve a ponto, mas não aconteceu nada. O mérito (“ou a culpa, quem vai saber”, pensa Gloria) não foi seu. Depois do oitavo ou nono tango, quando o acordeonista fechou o último fole de *El Gavilán* e ela parou com um leve arquejo que não era de fadiga mas de feliz claudicação, ainda não reposta da revelação que tinha significado para ela a força de seus reflexos frente àquele corpo que tinha aproximadamente a sua idade e não vinte e sete a mais, e o homem olhou-a longa e serenamente e ela viu no fundo daqueles olhos escuros chispas de não e substituições, teve a dilacerante impressão de estar assistindo a uma tragédia crônica, a uma retumbante falsificação do acaso. Mas também teve a impressão de ter ficado ela própria na intempérie. Então o homem tinha dito: “Peço-lhe que me desculpe”, e ela tinha ficado tão inválida com seu desejo reprimido que só horas depois entendeu cabalmente o comentário que uma amiga tinha soprado em seu ouvido: “Desde quando, você dançando com bichas?”

Gloria estende as pernas. Os homens gostam de suas panturrilhas. Tantas vezes (no ônibus, no café, no teatro, nas escadas) encontrou os olhos dos sujeitos, absortos na contemplação admirativa desse músculo bem torneado e bronzeado que é como a sinopse ou a antecipação de uma garantida eficácia sexual. Uma

destreza que ela deve exclusivamente a Edmundo e que agora está de férias. A pergunta é a mesma de ontem e antes de ontem e de dez meses atrás: “Isso é justo?” Apesar de tudo, em Gloria funcionam os tabus de seu meio. Mas cada tabu tem seu contratabu. E desses confrontos sai também a noção, a cambaleante certeza de que ele não é um marido, isto é, não quis ser *seu* marido, nem mesmo quando podia e devia tê-lo sido. Resumindo: vale a pena continuar a ser fiel a um homem que não quis ser marido e já não é amante e que, além disso, quando era amante, enganou-a quantas vezes pôde, e com quantas mulheres quis, desde a ninfa com inspiração e celulite até a beata com livro de devoções e morfina? Sem dúvida, não vale a pena. A resposta é tão fácil que Gloria faz uma careta, mas na própria careta desliza um pouco de piedade carinhosa, de compreensão disponível. Ele é um egoísta, alguém duvida? É o mais estupendo egoísta da vasta zona compreendida entre o rio Cuareim e o rio da Prata, entre o rio Uruguai e a lagoa Merim. Mas até isso tem sua importância. O fato de acompanhar a algum Número Um traz consigo, apesar dos pesares, uma espécie de orgulho. Durante vinte anos fui a amante de Edmundo Budiño, diz Gloria a si mesma com precisão, embora saiba que na realidade faltaram alguns meses para os vinte anos. Ainda continuo sendo a confidente de Edmundo Budiño, acrescenta. O inconveniente é que ninguém sabe, mas indubitavelmente é uma marca. Em toda a cidade, em todo o país, não há ninguém (não haverá?) que receba, como ela, o poderoso homem em sua casa e escute suas longas confi-dências. Quanto pagariam os jornalistas, os fotógrafos, os cinegrafistas, os deputados de oposição, para escutar e ver o que ela escuta e vê diariamente? Agora mesmo, faltam poucos minutos, chegará Budiño, dará um suspiro de cansaço, um beijo na sua face, tirará o paletó, trocará os sapatos por chinelos, lavará as mãos e o rosto, voltará para sentar-se na poltrona de cânhamo, aceitará o uísque com dois cubinhos de gelo e três dedos de soda, perguntará distraidamente: “Como tem passado?” e se dedicará a descarregar os problemas do dia. Talvez retome o fio do monólogo da véspera e diga: “Como quer que eu não despreze as pessoas, se as pessoas me aceitam como sou? Desde o começo foi para mim uma tentação espantosa: estafá-los, fodê-los. Mas isso sim, prometendo-me formalmente que ao primeiro sinal de alerta, ao primeiro sintoma de que sua sensibilidade funcionava, não teria inconveniente em retroceder. Vou dizer mais ainda: quando rapaz pensei que queria saber onde estava o fundo deste país, porque só sabendo onde está o fundo verdadeiro uma pessoa pode apoiar-se. Comecei minhas sondagens. Uma mentira e não toquei fundo; um engano e não toquei fundo; um embuste, e tampouco; uma estafa monetária, e nada; uma fraude moral e menos ainda; coação, pressões, chantagem, e zero; agora distribuo armas para os filhinhos de mamãe, levo a cabo campanhas caluniosas. Mas confesso que estou me aborrecendo. Será que este país não tem fundo? Trazem-me a notícia de um ataque iminente, tão demolidor que decapitará todos os meus títeres. Penso: talvez seja agora o momento. E nada. Sempre há alguém que pode ser comprado, ou não tem colhões suficientes, ou que tira um cigarro e encolhe os ombros. Eles não sabem o mal que me fizeram. Porque sou obstinado; tenho a obsessão de encontrar esse fundo; e na busca me aviltei. Agora, mesmo que o encontrasse, creio que não me deteria. Eu mesmo me sinto podre por dentro.”

A esta altura Gloria se aproximará e passará a mão na sua cabeça. Seu cabelo continua tendo vitalidade, quase a mesma de há vinte anos. A pinta junto à costeleta não aumentou de tamanho. As maçãs do rosto continuam bem barbeadas e firmes. “Veja meus filhos”, continuará provavelmente ele, porque este é um de seus temas favoritos. “Que quer que faça com Hugo? Me dá febre. O estúpido quer me imitar. Com quê? Por favor. Tem uma mulherzinha estupenda e a ignora. Formou-se como contador porque o levei quase que de padiola até as mesas examinadoras. E agora, desde que é profissional, proporciono-lhe as melhores muletas para seu trabalho paralítico: minhas influências. Ele acha que as consultorias contábeis chegam-lhe por sua linda cara. Por favor. O outro, Ramón, é muito diferente. Vê claramente as coisas, é inteligente, desde que era um garoto tinha um olhar vivaz que captava tudo. Por

isso me dói mais, muito mais. Abandonou a carreira, mas o que me importa isso. Brinca de ser esquerdista, ele próprio está convencido de que o é. Ha. Dei-lhe dinheiro para que montasse uma agência de viagens, com a esperança secreta de que me dissesse que não. Mas aceitou, percebe? Em vez de me dizer: Velho, meta o dinheiro no cu, eu vou começar de baixo, com o que posso e sou, nada mais. Agora, se descobre que estou em negócios sujos com Molina, por acaso tem colhões para enfrentar-me decididamente e dizer-me: Velho, você é um porco e é a última vez que lhe dirijo a palavra? Não, não vai me dizer isso. Ele não sabe que abraço eu lhe daria. Não, em vez disso com certeza se assustará e virá pedir-me que abandone a porcaria, não pela porcaria em si, mas para que não se suje o nome da família. Que sujeira mais pode conseguir o nome Budiño além da que eu lhe dei com o beneplácito geral da nação, essa mesma nação que como castigo me transformou pouco menos que em prócer? Sim, é certo que me diria que devia pensar em Hugo, em Gustavo, em Susana, em todos. Naturalmente. Mas o único em que ele não pensa é em mim, eu que sou seu pai e estou podre. Isso não o preocupa. Recebo na frente dele os mequetrefes que a Embaixada me recomenda, distribuo armas para eles e lhes dou os conselhos mais crápulas que posso extrair de meu repertório e ele domina heroicamente suas ânsias de vômito e dá a mão a esses babões em vez de expulsá-los a pontapés. Nas reuniões familiares, olha cobiçosamente para Dolly, mas tenho certeza de que nunca se atreverá a falar com ela, a tocá-la, a deitar-se com ela. Um indeciso, é o que ele é. Um indeciso e um covarde. O resultado é que me odeia. Me odeia tanto que gostaria de me ver morto, estou certo de que sua fantasia favorita deve ser a maquinação de meu assassinato. Mas nunca conseguirá o valor suficiente para cometê-lo. Não é capaz de matar nem uma mosca, mas neste mundo tem-se que ser capaz de matar algo mais que moscas. Agora já não há solução entre ele e eu. A partir do momento em que aceitou meu dinheiro para a agência, acabou-se tudo. Cada vez vai me odiar mais. Cada vez eu o desprezarei mais. Agora, só poderia salvar-se se decidisse de uma vez por todas acabar comigo. No momento em que me apontasse um revólver, no próprio instante do tiro, eu estaria gostando dele e perdendo-o. Olha que essa seria a salvação para os dois. Porque estou aborrecido de ser assim e há dias em que me sinto desfalecer. Mas a essa altura não posso me permitir desfalecimentos. A essa altura não vale a pena arrepende-me e começar de novo. Quando decidi ser como sou, fi-lo com toda lucidez. Não adianta dizer: que pena, enganei-me, peço perdão à sociedade, à família e ao fisco. Você dirá: e a consciência? Não creia, eu também faço a mesma pergunta. A diferença é que você pergunta a mim e eu pergunto a esse fantasma chamado Deus. E a consciência?, eu lhe pergunto. Mas minha pergunta é uma reclamação, como quando você vai a uma loja protestar porque lhe deram um artigo com uma peça de menos. E a consciência? Isso é o tremendo. Eu não a tenho. Ou se tenho, nunca a encontrei.

Já está com dez minutos de atraso. Gloria se inclina até a cesta de revistas, pega *La Gaceta* e abre na quinta página. O editorial de Budiño começa mais agressivamente do que de costume. Será verdade que o país não tem fundo? E ela, Gloria Caselli, tem fundo? Por acaso Budiño não fez também com ela o que quis, e ela sempre concordou, sem rebelar-se, sem protestar? Não a desprezará por essa aquiescência que Gloria antes qualificara de amor e agora de compreensão? Compreenderá realmente? Gloria quarentona, ainda atraente, ainda desejável, imagina por um instante qual poderia ter sido a sua vida se naquele dez de setembro, quando ele lhe disse: “Quer ser minha amante?”, tivesse respondido simplesmente: “Não”. Um monossílabo, só isso. Talvez tivesse se casado, como Berta sua irmã, e teria dois meninos, e um marido, como Fermín, que só sabe falar de futebol e loteria, Fermín que conhece a escalação exata do time do Peñarol nos últimos quinze anos e que no programa de Perguntas e Respostas não ganhou os dez mil pesos simplesmente porque o roubaram, já que ele tinha escolhido o tema: “Futebol profissional de primeira divisão A, jogado no Estádio Centenário de 1940 até a data”, e aquele mal-intencionado lhe perguntou qual era o livro de cabeceira de Juan Alberto Schiaffino. Talvez tivesse

engordado como Berta, que já não usa cinta nem faz ginástica e resignou-se às varizes, e teria arquivado definitivamente suas pretensões de grande idílio e derramaria uma lagrimazinha em cada Dia das Mães, quando o garotinho lhe entregasse a composição anual que o colégio manda fazer em data tão emotiva, e se abraçaria duas vezes por semana com o corpanzil suado de Fermín ou um sucedâneo não menos repulsivo, com a mesma sensação de rotina com que um estivador se resigna à estiva ou um padre confessor se resigna ao pecado. Nesse caso, mais lhe valeu ter dito sim, a seu modo, claro, isto é: “Sou tão feliz, professor”. Não importa a que estado chegaram agora as coisas; o certo é que aquilo foi realmente uma aventura, quase como as de cinema ou das novelas, uma aventura em que ela foi protagonista. Mas também é certo que nem mesmo nos primeiros anos, nem sequer nos primeiros meses, ela sentiu que aquele fosse *seu* homem. Deslumbrada como estava, tinha conseguido captar, entretanto, que ela era uma espécie de instrumento, insignificante instrumento daquele homem difícil, impenetrável, duro. Tinha conseguido captar que era desfrutada, mas não querida; desejada, mas não necessitada. Ela era o instrumento do gozo do homem, e tinha validade enquanto ele precisava dela como provocação de seus sentidos. Depois, quando ele lançava seu último ronco de prazer, e se amolecia sobre ela como uma massa transbordante que quase a asfixiava, Gloria sabia o que vinha; o abandono puro e simples, o olhar dele fixo no teto rebaixado, a sensação de que nesse momento ela era para o homem algo menos importante que a cômoda, ou o guarda-roupa ou as cadeiras. A etapa confidencial não vem daí, mas começou nos últimos anos, desde que o vigor não comparece ao encontro. Gloria acende um cigarro e faz os anéis de fumaça que ele lhe ensinou naquela tarde em que a incentivou a fumar. Na altura do terceiro anel lança a primeira pergunta: Isso de agora é uma maneira de comunicação, ou é a nova forma descoberta por ele para continuar a usá-la como instrumento, para continuar desfrutando-a sem amor, para continuar utilizando-a como provocação, já não de seus sentidos mas de sua agilidade mental e para logo abandoná-la e devolvê-la à sua condição de móvel? Muito antes de terminar a pergunta, o anel foge de sua responsabilidade e se torna invisível. E no momento em que lança sua segunda baforada, toca a campainha.

Quando ela abre a porta, ele está apoiado numa só perna e tem o chapéu na nuca. O suspiro de cansaço precede em dois centímetros o beijo na bochecha. Gloria o ajuda a tirar o paletó e lhe dá os chinelos. Cada sapato cai no chão com o barulho de sempre. Do quarto, Gloria vê como ele lava as mãos e o rosto. Depois Edmundo Budiño vai até a poltrona de cânhamo, aceita o uísque com dois cubinhos de gelo e três dedos de soda, e pergunta, com um sorriso que não pode deixar de ser duro:

– Como tem passado?

- Vai ao Centro?
- Sim. Quer carona?
- Bom, me deixa na universidade.
- Discutiu de novo com seu avô?
- Não, depois daquele bate-boca, decretamos armistício.
- Sua mãe ficou preocupada.
- Sim, já me fez vários sermões.
- O fato é que está preocupada.
- E você não?
- Não muito. Creio que compreendo você melhor que sua mãe.
- Tem certeza?
- Toda certeza... De todo modo, trate de ser amável com ela, de não assustá-la. Você sabe como ela é nervosa.
- O que acontece é que mamãe se assusta com tudo. Há uma quantidade de palavras que lhe dão pânico.
- Bem, não diga essas palavras. A única coisa que vai conseguir é que aqui em casa não haja tranquilidade. Pense o que quiser, mas não fique discutindo todo santo dia sobre o mesmo.
- Você também acha que é inútil discutir sobre tudo isso que está acontecendo?
- Claro que não. O que me parece inútil é que você discuta com sua mãe. Não vai convencê-la. E a seu avô, menos ainda.
- O avô é outra coisa. Mamãe se assusta sinceramente, e além disso, não entende nada. Vovô, ao contrário, compreende perfeitamente, mas prefere assustar os outros em vez de assustar-se.
- São homens feitos sob outra medida. Não querem perder seu mundo.
- Já sei disso. E farão o impossível para não perdê-lo. Mas o que mais me arreventa é essa pose de passado sem mácula, de honradez inatacável, de superpureza. Refiro-me a seus artigos, à atitude do jornal; não ao que me disse. Quando fala comigo parece algo pior do que é.
- Todos somos um pouco escravos das aparências; eles, nós, vocês também. O que acontece é que são aparências distintas.
- Em que nós somos escravos das aparências?
- O Velho disse outro dia. Foi uma das poucas vezes em que mentalmente dei razão a ele. Vocês creem que a revolução é andar sem gravata.
- Por algo se começa: vocês, nem isso.
- Já sei, já sei. Mas vocês começam a falar, a gritar, a organizar comícios, inflamam-se sozinhos, e chegam a convencer-se de que o país é isso que proclamam, e só isso. Mas o país é outra coisa bastante pior, talvez, que essa terra ideal que vocês inventaram.
- Quem veio com essa conversa?
- Olha, Gustavo, no fundo você e eu estamos de acordo. É preciso acabar com esta concentração dos

capitais, com a terra em tão poucas mãos, com a falta de personalidade e de originalidade em nossa política internacional, com a corrupção administrativa, com a negociata das aposentadorias, com o pequeno e o grande contrabando, com os trambiques, com os caudilhos de clube, com as torturas policiais, com os carros baratos para deputados. Claro que haveria que acabar com tudo isso, mas o que vocês não compreendem é como se gastaram as molas da sensibilidade.

– Em que sentido?

– Olha, outro dia vi na televisão um deputado colorado que debochava na cara do povo. Sua tese era esta: “Durante quatro anos vocês se queixam daqueles deputados que, como eu e tantos outros, importamos carros baratos. Consideram isso uma grande imoralidade. Mas quando chega o momento de votar, vocês votam em nós e não nos que se abstiveram de aproveitar a vantagenzinha. Isso quer dizer que o povo não dá maior importância a esses detalhes”.

– Que cara de pau.

– Claro que é um cara de pau. Entretanto, no fundo, infelizmente tinha razão. As pessoas dão cada vez menos importância a detalhes que têm a ver com a moral política. As pessoas sabem que nas altas esferas há grandes e lucrativas negociatas. Consideram que não está em suas mãos evitar semelhantes roubos. Então o homem da rua, cuja única participação política é o voto, se resigna e tenta fazer ele também seu pequeno negócio, seu módico furto. Convença-se de que a crise mais grave do país é a crise do exemplo.

– Melhor dizendo, começou por aí. Mas agora a coisa não se conserta dando bons exemplos. Há uma ordem econômica que é preciso mudar.

– Sim, Gustavo, estamos de acordo. Mas, deslumbrados por essa transformação da ordem econômica, vocês põem a moral no bolso, e nisso estão completamente equivocados.

– Acontece que a crise é econômica e não moral. Em todo caso, a crise moral se inscreve numa determinada estrutura econômica.

– Olha, vocês que têm Marx fixado com alfinetes e enchem a boca com o conceito da mais-valia relativa, poderiam se lembrar de vez em quando que Marx fala da economia política, das ciências da riqueza, como de uma verdadeira ciência moral, a mais moral de todas as ciências. Não lhes ocorre que, embora o marxismo denuncie a alienação do indivíduo no regime capitalista, na realidade também está propondo uma mudança de signo dessa ciência moral? Que fariam, você e todos os seus revolucionários sem gravata, com a possibilidade de uma mudança de estrutura, como tanto gostam de falar, e com a imediata entrega dessa estrutura recém-mudada a uma horda de sujeitos imorais, ambiciosos, manobristas, pilantras? Me parece extraordinário que mudem a estrutura, mas tratem de que simultaneamente se transforme o signo moral deste povo, porque do contrário a mudança se desmoronará e a evolução, ou revolução ou o que seja, terá sido inútil. Não ocorreu a você pensar que neste país existe uma grande apatia política, um dar de ombros coletivo, devido talvez a que as agora velhas conquistas sociais foram dadas a um povo que ainda não as havia reivindicado? Por isso, depois de ter estado na vanguarda do continente, agora todos nos ultrapassam, todos têm na América mais consciência social do que nós, todos vivem mais exatamente atualizados com as mudanças do mundo, e quando chegar o momento dessa Grande Transformação com que vocês sonham, verá como este Uruguai tão pulcro, tão democrático, tão equilibrado, tão exemplo de América, tão famosamente livre e entretanto tão irremediavelmente estagnado será o último a compreender a lição da história, o último a abandonar seu esplendoroso ritual de hipocrisia.

– Todos vocês são assim: aparentemente veem claro, mas no fundo são destrutivos. Só servem para inventariar os defeitos, as carências.

– Não, Gustavo, a diferença é só de ritmo. Eu creio que a única transformação eficaz virá pela educação política, e esta requer seu tempo. Você, ao contrário, acredita que a mudança será repentina,

que amadurecerá num instante, sei lá. Lembro-me claramente que antes dos vinte anos tudo parece urgente, e é certo, é urgente. Mas o reconhecimento de que uma necessidade seja peremptória nem sempre significa que a solução seja iminente. Tomara que tenham razão, você e seus amigos, mas para mim só existem dois caminhos para adquirir consciência política: um é a fome e o saqueio, o outro é a educação. Nós não sofremos fome nem saque, pelo menos não sofremos como outros povos da África ou da América, e por outro lado não fomos convenientemente educados. Daí que nos importe tão pouco a verdadeira transformação política e em troca nos importe tanto o fenômeno político bastardo, adulterado. Quando digo isso penso na chata ambição burocrática, na cadeia de clubes, no grande Nirvana dos aposentados, na corrupção no varejo. Vocês fazem seus planos sobre a base de um povo que previamente idealizam, mas esse mesmo povo não aprovou ainda a idealização que vocês decretaram. E conste que o que estou dizendo não vai contra o povo nem contra vocês. Vocês são excelentes e têm as melhores intenções, reconheço, mas se enganam quando só levam em conta esquemas econômicos, ainda por cima alheios, e se esquecem da realidade básica; o povo também é magnífico, há nele uma excelente matéria-prima, mas antes que esta matéria-prima seja utilizável é imprescindível educá-la. Aqui todos sabem ler e escrever, mas não sabem pensar politicamente a não ser em termos de empregos públicos ou de aposentadorias. Há coisas que se ajeitam com *slogans*, mas outras não. Se fizer uma pesquisa sobre reforma agrária, por exemplo, vai descobrir que seus mais entusiastas defensores são os profissionais liberais, os intelectuais, os estudantes. Sempre da classe média para cima, a maioria deles com algum apartamento em seu ativo imobilizado. Mas convido-o a percorrer o campo, e se encontrar um camponês, jovem ou velho, que não se assuste quando você mencionar a reforma agrária, ou que não rejeite sincera e firmemente essa possibilidade, teremos de dar a você uma medalha ou, muito mais simplesmente, não se poderá acreditar em você. Convença-se de que, pelo menos agora, nosso peão de estância não tem o sentido da terra, gosta de sentir-se nômade. Esse é seu precário e aventureiro conceito de liberdade, saber que hoje pode fazer uma domaça aqui, uma tosquia lá, saber que não está preso a nada, ou pelo menos crer que não o está; um sentido herdado do gaúcho, segundo dizem os entendidos. Assim que, antes de dar a eles a bandeira da reforma agrária, haveria que inculcar-lhes o sentido da terra, e pense também nisto: se não o têm, será tão importante inculcá-lo? Não haverá outros meios de fazer justiça social, claro que acabando com a praga do latifúndio? Não haverá outras variantes que se adaptem melhor a nosso temperamento e, por que não, a nossas inibições? Enquanto vocês copiam com carbono as lições da Bolívia, de Cuba ou de Gana, enquanto vocês olham nosso peão de estância decretando previamente suas equivalências com um *guajiro* cubano ou um mineiro de Oruro, a coisa não vai andar. Você me dirá que amanhã ou depois de amanhã pode acontecer algo no Brasil ou na Argentina. Algo que seja tremendo e avassalador, e que esse algo nos inclua de repente numa onda mais ou menos revolucionária. Pode ser, mas a maturidade não se adquire por decreto. Se explodimos, não por própria convicção, mas pura e exclusivamente porque explodem nossos vizinhos e o fogo se propaga, o mais provável é que as chamadas recebidas não nos sirvam de nada, a não ser destruir-nos. Enquanto não fabricarmos nossa própria mecha e nossa própria pólvora, enquanto não adquirirmos uma consciência visceral da necessidade de nossa própria explosão, de nosso próprio fogo, nada será profundo, verdadeiro, legítimo, tudo será uma simples casca, como agora é casquinha, só casquinha, nossa tão apregoada democracia. E se nossos próceres, incluído seu avô, podem dizer impunemente que têm as mãos limpas, isso só se deve a que nosso conceito de higiene política deixa muito a desejar. E agora desça, porque aqui não posso estacionar o carro.

É cedo: duas e vinte. Ainda não quero ir para o escritório. Certamente haverá uma multidão me esperando. Bom, que esperem. Quero sentar-me um pouco no bar e ler os jornais. Esta manhã só tive tempo de dar uma olhada nas manchetes. Ainda não me amargurei com o jornal do Velho. Sobre que escreverá hoje? Contra os negros? A favor de Isaac Rojas? Contra os feriadados? Defenderá a regulamentação sindical? Afinal de contas, qualquer tema é legítimo. Mas por que será que o Velho transforma seus artigos em obras-primas de abjeção?

– Walter, como vai?

– Vi você entrar. Eu estava na mesinha perto da janela. Uma tarde dessas eu ia telefonar para você. Depois não me atrevi.

– Desde quando essa timidez?

– Era um assunto delicado. Primeiro resolvi que não era possível tratar dele por telefone. Depois deixei passar e acabei não falando nada.

– Era tão incômodo?

– Bastante. Trata-se de seu pai.

– Ah.

– Você sabe que na repartição estou como secretário do diretor Molina. Outro dia fiquei sabendo, sem querer, de um assunto bastante sujo.

– Não me diga que o Velho está metido.

– Precisamente.

– Bom, não me surpreende.

– É um negócio importante, relacionado com a fábrica. Pode dar um meio milhão para o seu pai.

– Caramba! E para o Molina?

– Outro tanto.

– E o que você pensa fazer?

– Nada. Mas se não faço nada, quero deixar claro que não é pelo seu velho, nem por Molina, nem por ninguém, nem mesmo por dinheiro. Além disso, ninguém sabe que eu sei. Não faço nada, porque já conheço o desenrolar destas coisas. Se os denuncio, fazem-me um inquérito, Molina me transfere para alguma repartição tipo arquivo, onde ficarei enterrado até o fim dos meus dias, e seu pai publica algum boato em seu jornal, com a versão de que na repartição xis o empregado fulano é criptocomunista e no entanto ocupa um posto de notória responsabilidade e tem acesso a informações que podem ser vitais para a segurança nacional e isso não pode ser tolerado pelos autênticos democratas deste país de liberdade. Já estou vendo.

– E para que queria falar comigo?

– Para deixá-lo de sobreaviso. Sei que você não anda nessas porcarias e esta, no entanto, pode prejudicá-lo. A você, à sua agência, até mesmo a seu filho. Há um jornalista que tomou conhecimento, sabe, e está esperando que o assunto se concretize para jogar a bomba. Pensei que você podia falar com

seu pai, convencê-lo de que o assunto vai ser aberto, enfim, convencê-lo de que vai sair perdendo.

– Quem é o jornalista?

– Larralde.

– Alejandro Larralde? O de La Razón?

– Sim.

– Com certeza vai armar o maior escândalo.

– Imagine. Não é para menos.

– Agradeço, Walter.

– Que vai fazer?

– Ainda não sei. Para mim é tão difícil falar com o Velho. Não nos damos bem, sabe? Mas isto não pode ser, não pode ser.

– Boa tarde, senhor Budiño. Tem sete chamadas e quatro pessoas esperando.

– Que aconteceu? Abella não atende hoje?

– O senhor Abella recebeu umas vinte pessoas, mas essas quatro pedem para falar pessoalmente com o senhor.

– Está bem, dê-me a lista de telefonemas.

– Senhor, além disso queria pedir-lhe um favor.

– Diga, senhorita.

– Hoje é meu aniversário e queria sair um pouquinho mais cedo.

– Caramba, justamente hoje que tinha pensado liquidar toda essa correspondência com os Estados Unidos.

– Nesse caso, senhor...

– Também podemos deixar para amanhã. Em homenagem a seu aniversário.

– Obrigada, senhor.

– Você deve ser muito jovem.

– Faço vinte e um, senhor.

– Provavelmente será uma agradável sensação fazer vinte e um anos, ter um bom emprego e essa linda aparência.

– É isso mesmo que diz o meu noivo, senhor.

– Parabéns. Vejo que é um homem sensato e de bom gosto.

– Obrigada pela permissão, senhor. Vou dizer ao senhor Ríos que entre.

– Espere um pouco, senhorita. Quero ler esse relatório antes.

Esteve bem a secretária carnuda. Só lhe disse linda e imediatamente me atirou com o noivo. Uma espécie de exorcismo. Já conheço o sujeito. Outro dia os vi como um nó na última fila do Califórnia. Com certeza, hoje vai beijá-la em grande forma. Happy birthday to you. Que faça bom proveito. E agora, como conto ao Velho? Negócios sujos, sempre temi. Afinal de contas, que me importa? Mas e Gustavo? Não quero que chegue a ter vergonha de seu nome. Que frase, parece de Alexandre Dumas. A piada é que não há outra forma de dizer que não quero que chegue a ter vergonha de seu nome. Que é também o meu. Mas a mim não me machuca tanto. Oito seis quatro cinco três.

– Javier? Fala Ramón. Como vai o reumatismo de sua esposa? Fico contente, fico contente. Diga-me, meu pai está? Às cinco? Bem, Javier, a essa hora estarei aí.

E agora: que a secretária carnuda traga o senhor Ríos.

– Senhor Budiño?

– Sim, muito prazer.

– Peço-lhe que me desculpe por ter insistido em falar com o senhor pessoalmente. Sei que é um homem ocupado.

– Não se preocupe, senhor Ríos. Estamos aqui para isso.

– Acontece que meu problema se relaciona com uma viagem. Claro, por isso recorro a uma agência.

– Naturalmente.

– Tudo isso é comum e eu poderia tê-lo conversado com o senhor Abella, que por outro lado conheço e sei que é uma pessoa muito competente. Mas meu caso tem algo de particular e eu quero sobretudo reserva.

– Reserva de passagens, ou reserva como sinônimo de discricção?

– As duas coisas. Senhor Budiño, tenho setenta e três anos, sou viúvo, tenho dois filhos, duas filhas e só uma neta. Estou com o propósito de viajar para a Europa.

– Por quanto tempo, senhor Ríos?

– Três meses no máximo.

– E quando partiria?

– O mais cedo possível.

– Só?

– Não, com a minha neta. Isso é fundamental.

– Navio ou avião?

– Navio.

– Classe?

– Primeira.

– E o senhor quer que eu lhe organize o itinerário, reserve os hotéis e outros detalhes?

– Naturalmente, mas também quero outra coisa. Algo que não se costuma solicitar às agências de viagem. Confesso que o faço com o senhor porque me deram excelentes informações sobre sua pessoa. Seu amigo Rômulo Soria.

– O senhor é amigo de Rômulo?

– É meu médico. Única pessoa, além disso, que está informado do que lhe vou confiar. Foi difícil para o doutor Soria dizer-me, e agora confesso que também me é difícil dizer para o senhor. Na realidade, Soria só me contou quando eu adivinhei. Praticamente o obriguei. Mas o senhor não tem como adivinhar.

– Francamente, não.

– Afinal de contas, é bastante simples. Tenho câncer.

– Senhor Ríos, não sei o que lhe dizer.

– Ficou pálido.

– Pode ser, mas continuo sem saber o que lhe dizer.

– Não me diga nada. Eu entendo.

– Nessas condições, convém viajar?

– Na verdade, não há nada que me convenha. Mas justamente devido a essas condições, como o senhor disse com toda a discricção, tenho direito a dar-me uma última satisfação. O doutor Soria me garante cinco meses de vida, mas acrescenta que só no quarto mês começarão os incômodos, que logo se transformarão em algo mais sério e me impedirão todo movimento. De maneira que meus projetos de vida normal não podem passar dos três meses. Claro, o senhor quer saber por que estou dizendo tudo isso.

– Sim.

– Olhe, eu quero fazer a viagem com minha neta. Este é o último presente que me dou. Mas minha neta

tem apenas quinze anos, e se meu filho e minha nora souberem que sobre mim pende uma ameaça tão certa e com prazo fixo, não só não a deixariam vir comigo como de algum modo me impediriam de fazer a viagem. No melhor dos casos, viria comigo toda a família para cuidar-me durante o percurso.

– E não acha, senhor Ríos, que isso seria bastante sensato?

– O mesmo me disse seu amigo o doutor Soria, mas depois entendeu. Também confio em que o senhor entenda. A possibilidade de viajar durante três meses com todo um destacamento familiar de filhos, filhas, noras e genros, que passariam todo o dia fazendo anedotas para me animar, olhando-me com compaixão e olhos umedecidos, logo que eu virasse as costas, confesso que não me atrai em absoluto. Quero uma viagem normal, com minha neta, que é o que mais amo no mundo. E com minha neta contente, ignorando tudo, aproveitando tudo, e apoiando-se em mim, apesar de que na realidade serei eu quem estarei me apoiando nela. Seu amigo me jurou que não dirá nem uma palavra a meus familiares sobre minha doença. O senhor me jurará o mesmo.

– Claro, mas ainda ...

– Já sei, ainda não compreende tudo. O que eu quero é que o senhor, além de reservar-nos as passagens e os hotéis, além de organizar-nos excursões e dar-nos alguns conselhos com relação a lugares a visitar, melhores museus etc, o que eu quero é que, além de toda essa função mais ou menos de rotina, o senhor vá dando instruções a todos os hotéis de nosso itinerário para que, no caso de acontecer alguma coisa, porque também pode ser que seu amigo Soria tenha calculado mal, para que no caso de que me aconteça alguma coisa, minha neta não deva se preocupar com nada e seja enviada a Montevideu imediatamente e de avião. Claro que eu pagaria a sua agência uma importância extra por toda essa atenção especial.

– Isso que o senhor me pede pode ser feito, sem nenhuma dúvida. Mas, se o senhor me permite, eu me atreveria a dizer que assim que os hoteleiros souberem que o senhor viaja nessas condições, vão dedicar-lhe a mesma compaixão de soslaio que quer evitar por parte de seus familiares.

– Sim, naturalmente. Também pensei nisso. Mas olhe que não é a mesma coisa a compaixão acidental e provisória, quase diria profissional, de um hoteleiro, de um *maître* ou de um camareiro, que a compaixão provavelmente sincera, aflita, de um filho ou uma filha. O senhor tem todo o direito de atribuir-me um coração de pedra, mas confesso que nesse caso me incomodaria precisamente a sinceridade. Se fossem hipócritas não me afetaria, porque então poderia desprezá-los, mas gosto muito de meus filhos e filhas e eles também gostam de mim, pelos menos creio isso. Além disso, o senhor, que certamente já viajou, sabe sem dúvida que os olhares compassivos dos europeus não incomodam tanto como os de nossos compatriotas. É, como direi, uma piedade menos compulsiva, menos violenta. É a piedade de quem passou por bombardeios, campos de concentração, torturas, fome, amputações.

– Eu pensava que o senhor nunca tinha ido à Europa.

– Nunca fui. Mas olhei os olhos dos europeus que chegaram aqui depois da última guerra.

– O senhor está fazendo com que eu me sinta horrivelmente frívolo.

– Não há outro remédio que ser um pouco frívolo. Confesso-lhe que eu fui mais frívolo que qualquer outro. Deve ter ouvido falar que os cegos desenvolvem exageradamente os outros sentidos. Bom, desde que me surgiu concretamente a ideia, quase diria a data da morte, desenvolveu-se em mim exageradamente certa capacidade para captar a vida, como se alguém, uma espécie de Deus humorista, houvesse julgado que minha velha antena já não servia e me houvesse proporcionado uma nova, com um alcance excepcional.

– Por sorte o senhor não perde o humor.

– Olhe, a perspectiva da viagem com minha neta no meio de tudo isso é um estímulo, se não para viver, pelo menos para terminar de viver.

- Está bem. Creio que entendi perfeitamente o que o senhor quer de nossa agência.
- Não precisamente da agência, mas do senhor, como um favor pessoal.
- Então venha amanhã aqui, às três, com passaportes, certificados de vacina, quero dizer, os seus e os de sua neta, e um pequeno memorandum com o itinerário que o senhor imaginou. Com muito prazer disparei de uma hora para o senhor e concretizaremos todos os detalhes. Se encontrar o Rômulo, dê-lhe minhas lembranças.

É pior que ver um morto, muito pior.

– Senhorita, por favor, hoje não recebo mais ninguém.

– Mas, senhor, há três pessoas que sabem que o senhor está aqui. Além disso, viram que recebeu o senhor Ríos.

– Não me sinto muito bem. Diga-lhes por favor que voltem amanhã. É isso: diga-lhes que não me senti bem e tive que ir embora e recomende que venham de manhã, porque de tarde não poderei atendê-los.

– De verdade se sente mal?

– Um pouco de enxaqueca, nada mais.

– Precisa de alguma coisa?

– Não, obrigado. Livre-me dessa gente e vá festejar seu aniversário.

– Obrigada, senhor, e que melhore.

Como continuar atendendo gente? Este homem. E aparentemente tão tranquilo. Me impressionou mais do que quando vi aquele morto na Rambla. É pior que ver um morto. Muito pior. Porque Ríos está decretadamente morto, mas ao mesmo tempo suficientemente vivo para perceber que está condenado. Não entendo como pode olhar o futuro, seu escassíssimo futuro, com tanta tranquilidade. E além disso tenho a impressão de que não tem religião. Zombou levemente de Deus. Não consigo entendê-lo. Deve haver alguma coisa não totalmente limpa nesse sossego um pouco absurdo, nessa ternura com a neta, nessa conformidade tão lúcida, nessa aceitação do diagnóstico de Rômulo, nesse desapego frente à provável compaixão de seus filhos. Entretanto, tem uma boa cara, olhos sem rancor. Todos temos que morrer, mas o horrível é saber quando a coisa vai acabar. Mesmo que a data de meu fim estivesse já definida para dentro de quarenta anos, não gostaria de conhecê-la. Deve ser espantosa essa sensação de se estar gastando minutos, de estar se aproximando irremediavelmente de uma data fixa, determinada. O que se sentirá quando se tem a absoluta certeza da condenação? Talvez se tenha a sensação de que o tempo começa a passar com uma velocidade vertiginosa, de que a pessoa fechando os olhos por um instante, ao abri-los já se passou meio dia. Deve ser algo assim como descer uma ladeira num carro sem freios. Tive uma vez a sensação imediata, urgente, de minha morte. Certamente muito mais urgente que esta prorrogação de cinco meses que Rômulo garante a Ríos. Ao cruzar a estrada de ferro, entre Colón e Sayago, numa noite de 1938, talvez 39. Vinha da casa da húngara. Como sempre, me dava preguiça ir até a passagem. Saltava a cerca e cruzava aqui, ali, em qualquer lugar. Não havia, não há lua. Venho pensando ainda na húngara. Não sei como se chama embora já me tenham dito o nome. Erzsi ou coisa parecida. Mas no cursinho vestibular todos a chamamos de a húngara, ou melhor, Húngara apenas. Que mulher. Mistura sexo com folclore e com pátria. Deitar-se com ela é também se deitar com as hordas de Arpad, com São Ladislau, com a Dieta de Debrecen e a batalha de Temesvar. Sabe beijar como uma rainha, mas entre beijo e beijo, nessa mesma noite, entre abraço e abraço, que são além disso uns abraços de polvo, frenéticos, múltiplos e rápidos; entre carícia e carícia, que de tão contundentes me deixam a pele vermelha, como que com urticária; entre lençol e lençol, porque nunca usa cobertores nem mesmo em pleno julho e eu perigava congelar, se não fosse porque ela transmite um formidável calor animal, muito mais eficiente que qualquer moringa ou bolsa de água quente; entre gesto de amor e gesto de amor, ela me põe ao corrente das pretensões de Juan Zopalya, das relações desse senhor com os turcos e

também, logicamente, da paz de Nagyvárád. Só como exceção me falava de seus irmãos György e Zsigmond, ambos violinistas, um da Wiener Symphoniker e outro da orquestra da Rádio Leipzig, que só lhe escrevem no Natal colocando-a ao corrente das intrigas políticas da Europa Central e também de suas próprias pândegas. Como meu vigor sexual termina muito antes que a história da Hungria, ela diz Adeus e eu digo Tchau Húngara. Depois de haver estado com semelhante pessoa, é fácil caminhar distraído numa noite sem lua; eu pessoalmente me distraio porque vou recordando seus impulsos e explosões, seus intermináveis inventários de nomes e datas, e então passo a primeira cerca, e depois a segunda e atravesso, melhor dizendo, tento atravessar a ferrovia em qualquer lugar, mas não me dou conta de que estou na altura do desvio, e ponho meu pé direito nos trilhos no preciso instante em que da Estação Colón fazem a mudança, porque agora vai passar o trem da uma e sete, e fico preso, estupidamente preso, e a dor não me importa, o que me importa é a absoluta certeza de que dentro de quatro minutos, no mais tardar cinco, passará o trem da uma e sete, e eu não poderei escapar porque esta barra de ferro me apanhou quase na altura do tornozelo e o pé fica lá embaixo e sem escapatória e do pé me sobe um horror que não é só medo da morte mas consciência de minha estupidez, maldição mais maldição por ter caído tão absurdamente numa armadilha que ninguém preparou para mim, consciência de que tivesse dado meu passo dez centímetros mais para lá ou mais para cá, nem sequer me teria dado conta do perigo corrido, ou no máximo, ao sentir o crac dos trilhos, teria pensado que estava por passar o trem da uma e sete, faz frio e venta e entretanto eu suo e me agito e digo repetidas vezes Peste de Húngara, como se a pobre Erzsi, que faz tão bem o amor e sabe tanto de história, tivesse a culpa dessa estupidez minha, e prometo que se me salvo passarei sempre pela cancela, mas sei que se trata de uma promessa completamente inútil porque ninguém pode safar-se desses ferros, e faço força, e sinto o primeiro barulho do trem, e uma torrente de imagens, isoladas ou sobrepostas, passam pela minha cabeça e chego a pensar, como os afogados, as coisas mais deslocadas e fragmentadas, minha mãe entregando-me uma empada de carne, e por que não de espinafre ou de frango, nada disso, minha mãe entregando-me uma empada de carne, as tranças de Julia, uma delas meio solta, o sapato do Velho apertando o pedal da embreagem, só o sapato, por quê?, um terraço com uma única camiseta estendida que agita as mangas como braços, outra vez mamãe mas agora lavando-me os pés numa bacia celeste com uma bordazinha azul escura, nunca conheci essa bacia, quando pôde Mamãe ter me lavado os pés?, meus pequenos e rosados pés numa bacia celeste com uma bordazinha azul escura, e também a Via Láctea, mas isto não é imagem na minha cabeça mas está acima neste céu que vejo, e o barulho do trem de ferro é cada vez mais audível, mais imponente, mais próximo, e meu forcejar é já totalmente enlouquecido, uma espécie de pressão circular que me machuca horripantemente o tornozelo, e o trem, quero rezar mas misturo as orações aprendidas há tantos anos, pai nosso que está nos céus é cheia de graça, não sei, não sei nada, além disso para Deus que importância tenho eu, o trem, meu pé, o pé de meu pai, agora sem sapato, apertando o pedal da embreagem, e o trem, e a luz que começa a iluminar-me, e a pele de Rosario, e a pele de Rosario, a pele de Rosario, Rosario, Mamãe, e o trem monstruoso, enorme, com seu espantoso olho de luz, pai nosso, já está, já está, grandíssimo, não, a mim não, aaaai, escapei e passou, em vez de passou e escapei, meu pé está aqui, entre minhas mãos, sem sapato, e o trem passou, meu pé está comigo, eu sou meu pé, como pude?, como?, o barulho se afasta, se perde, meu pé querido, machucado, sangrando, feliz, meu pé feliz e meu, que linda esta dor quando me levanto, meu pé, eu o tenho, graças a quem, eu não soube o pai nosso, Húngara boa, não quero ver como ficou o sapato embora agora se abriram os trilhos, como suo e que frio, que dor, mas tenho meu pé. Naturalmente o de Ríos é outra coisa, primeiro porque tem setenta e poucos e eu tinha vinte ou vinte e um, e além disso pode ir se preparando aos poucos, enquanto que eu tinha apenas cinco minutos para acostumar-me com a ideia de que o trem vinha para cima de mim e não podia deixar de transformar-me em mingau. Tive qualquer coisa menos serenidade, porque ainda hoje penso nisso, e

tenho um calafrio, e aquele horrível olho luminoso, aquela espécie de cíclope que se aproximava de mim, apareceu durante anos em meus pesadelos. Todas as minhas comidas pesadas, homenagens, despedidas de solteiro, perus de Natal terminam para mim num trem de ferro que se aproxima olhando-me, como se gozasse de antemão meu esmagamento, e curiosamente em meus sonhos nunca me salvo, nunca consigo tirar o pé nesse último puxão desesperado. Pobre Ríos. Seu trem de ferro vem mais devagar, mas aqui não há último puxão que valha. Seus preparativos, sua pacífica previsão, seus cuidados com a neta me parecem o equivalente a que eu, com o pé preso, me pusesse a cuidar do vinco de minha calça, ou a pentear-me, ou a assobiar um tango, ou tirar cutículas das unhas, ou a surpreender-me cientificamente porque minhas glândulas sublinguais produzem mais saliva do que de costume. Não entendo como é possível analisar o próprio pânico, não a prudente distância, como eu posso fazer agora, mas no próprio centro do terror, como o faz Ríos.

– Que tal, Javier? Chegou meu pai? Ainda bem, me atrasei um pouco e temi que... Boa tarde, papai.

– Me encontrou por acaso. Ia sair.

– Não tem dez minutos?

– Dez minutos, sim. Não mais.

– Insisto porque é grave.

– Você é sempre grave. Não pode afrouxar um pouco essa tensão inútil em que vive sempre?

– Garanto, Papai, que o senhor não contribui para que minha tensão diminua.

– Claro, a culpa é minha.

– Vou ser concreto: conhece Molina?

– Sabe que o conheço.

– Tem estado em contato ultimamente com ele?

– Parece um interrogatório policial.

– Talvez seja uma antecipação de interrogatório policial.

– Não me diga.

– Papai, sei concretamente que o senhor está em negócios não muito limpos com Molina.

– Não me diga.

– Negócios relacionados com a fábrica.

– Não me diga.

– Não banque o cínico.

– Que mais?

– Há um jornalista que está esperando que o assunto se defina. Está esperando, só para iniciar sua ofensiva.

– Até agora, esta é a primeira coisa importante que diz. Mas certamente não será para tanto. Quem é o jornalista?

– Isso não importa.

– Claro que importa.

– Tem que se contentar em saber que é de um jornal de oposição.

– Imagino.

– E o mais provável é que o jornal esteja disposto a apresentar o assunto com bumbos e fanfarras.

Destapar uma lata sempre é jornalístico. E se a lata é de Edmundo Budiño, mais ainda.

– Lógico. Eu faria o mesmo.

– É pedir muito que por uma vez não pense exclusivamente em seu interesse?

– Você se preocupa com a mancha que essa revelação possa lançar sobre você, sobre Hugo?

– Sobre Gustavo, fundamentalmente. Hugo não me preocupa. Tenho a impressão de que tem tão

poucos escrúpulos quanto o senhor. Quanto a mim, naturalmente, preferiria que nosso nome não ficasse sujo para sempre. Mas confesso que não é a revelação o que me preocupa, mas que o senhor ande nessas coisas. Saberei engolir a revelação, creio que sou bastante forte para isso. Mas Gustavo é um menino.

– Fique tranquilo.

– Acha que posso ficar tranquilo?

– Olhe, só há três jornalistas que podem ter farejado este assunto: Suárez, Friedmann e Larralde. Só me preocuparia se fosse Suárez. É ele?

– Não.

– Suárez me preocuparia porque é, como dizer, um fanático. Quando mete uma coisa na cabeça não há nada que o faça mudar de rumo.

– E os outros dois?

– Aos outros dois sim, há coisas que podem fazê-los mudar de rumo. A Friedmann, por exemplo. Mas não é Friedmann, tenho a certeza.

– Não, é Larralde.

– Desde o começo tive essa suspeita. Então, pode dormir tranquilo.

– Deixará tudo sem efeito?

– Quem? Larralde ou eu?

– Refiro-me ao senhor.

– Ramón, você não pretende ditar normas para mim, não é?

– Se pudesse.

– Eu estou muito velho para que me fale nesse tom. Certamente você se crê muito ético.

– Nisso não existe muito. Você é ou não é.

– Não banque o pilantra, Ramón. Você sabe muito bem que esta negociata, como diz, não é a primeira. Não é verdade que sabe?

– Infelizmente, tenho indícios para imaginá-lo.

– Ah. Ou seja, de acordo com esses indícios, e já que tem a imaginação tão acesa, talvez possa também imaginar que meu capital não foi formado com procedimentos demasiado angelicais. Convença-se de uma vez por todas que, ao menos neste país, e com a única exceção dos que ganham na loteria, todo indivíduo que em poucos anos fica rico, verdadeiramente rico, não é um santo. Eu fiquei rico dessa maneira. E além disso não ganhei na loteria. Ergo: não sou um santo. Viu como é simples?

– Demasiado.

– Mas acontece que minha, digamos, falta de escrúpulos, para dar-lhe um nome, arrasta a todos nós. Inclusive você.

– A mim?

– Naturalmente. Ou pensa por acaso que toda a minha fortuna foi obtida sujamente, com a única exceção dos oitenta mil pesos que proporcionei a você para instalar a agência?

– Ah, é onde eu queria chegar.

– Essa grana é tão limpa, ou tão suja, segundo os pontos de vista, todos muito respeitáveis, é tão limpa ou tão suja como o resto do meu dinheiro. Meus procedimentos sempre foram os mesmos, claro que com variações de acordo com os tempos. Mas não houve mudanças fundamentais. Para seu governo direi que a única grana verdadeiramente limpa que ganhei é a pouca que ganhei no cassino. Mas não creio que tenha destinado desse lucro nem um só peso para sua honestíssima agência.

– Que está querendo me dizer com tudo isso?

– Vamos, quem sou eu para meter-me na sua vida? Esclareço isso porque, como acontece que você tem tantos escrúpulos, talvez convenha pensar nisso.

– Bem sabe que em mais dois anos pago tudo que me emprestou.

– É provável. Mas isso não altera a colocação do problema. Que você me pague até o último centavo, me parece correto, e não serei eu quem vai pedir mais. Mas, se eu estivesse na sua posição, talvez pensasse que todo esse processo da agência tem um vício de origem. Porque fui eu, com minha grana suja ganha, quem deu a você a oportunidade que outros não têm. Não importa que você me devolva o dinheiro. O fato continua sendo o mesmo. Você, sua mulher, e Gustavo desfrutaram de uma posição econômica e social que, a bem da verdade, não se pode considerar estrita. Mas essa linda posição se deve pura e exclusivamente a que eu, o Velho cretino e desonesto, dei-lhe oitenta mil pesos suja ganhos. Dentro de dois anos, talvez antes, você me terá devolvido todo o dinheiro, mas com isso não terá apagado nem eliminado esse começo excepcional que lhe proporcionou meu empréstimo. Porque você deve concordar que, se somos escrupulosos, não podemos ser pela metade. Se somos honestos, não vamos nos permitir pequenas trapagens. Se somos decididamente a favor da higiene, não vamos lavar só o que está à vista. Se somos rígidos, não nos deixemos dobrar.

– Tem razão.

– Não me diga. Já sei que tenho razão.

– Nunca devia ter aceitado essa grana. Essa foi sua jogada, seu investimento de longo prazo. Hoje está lhe rendendo o primeiro dividendo, não é?

– Não havia pensado nisso, mas no fundo é certo.

– Então, que saída me deixa?

– Que saída deixo?

– Claro. Se, embora devolva a grana em sua totalidade, sempre fica vigente o fato de que o senhor me deu a oportunidade graças a esse dinheiro; se além disso, embora eu feche o negócio, o senhor sempre terá o argumento de que minha posição atual tem sua origem em seu empréstimo, qual pode ser minha escapatória?

– Você não tem escapatória. Porque tudo, desde sua posição social até sua conta bancária, desde sua cultura mediana até seus lindos escrúpulos, tudo isso você deve ao caminho que eu tornei possível. Eu posso ser independente, porque seu avô não me deu nada, nem educação, nem grana, nem relações públicas. E construí tudo sozinho. Mas você, e Hugo, e Susana, e Dolly, e Gustavo, todos vocês vêm de mim. Direta ou indiretamente, eu os trouxe à prosperidade, ao temor dos outros, a essa útil senha que é levar o nome Budiño no cartão que vocês dão nas antessalas. Porque não sei se você percebeu qual é a grande contradição nesta clarinada de dignidade ferida que veio declamar em meu escritório. Está tão preocupado pela provável mácula de seu nome Budiño que se esqueceu que, se esse nome significa algo neste país, isto se deve ao que eu, somente eu, consegui, que quando as pessoas, todas as pessoas, ricas e pobres, as que se creem importantes e as que se sabem insignificantes, o escutam, elas saibam a que atersse, saibam que Budiño simboliza dinheiro e poder e comando e realizações, e com toda certeza essas pessoas não colocam tantos problemas de consciência quando têm que vir pedir-me um favor, ou um emprego na fábrica, ou o início de uma campanha no jornal; portanto, no pior dos casos, já que eu, somente eu, sou o construtor da ressonância do nome Budiño, também tenho direito a ser eu, somente eu, que decida transformá-lo em merda. Mas não se preocupe, ainda não decidi. E não vai acontecer nada. E você e Hugo e Gustavo poderão continuar entregando seu cartãozinho de visita com o nome Budiño sem que as faces hipersensíveis fiquem coradas e os olhos tenham que olhar envergonhadamente para o chão. Já sei como arrumar as coisas com o Larralde.

– Larralde? Não me parece.

– Mas quem você pensa que é esse atrevido? Tem o seu rabo de fora como qualquer filho de vizinho.

– Que fez?

– Ele? Nada que eu saiba.

– E então?

– Então, vá anotando. Tem um irmão mais velho, Horacio Larralde, se lembra? Que nas últimas eleições figurou como décimo sétimo candidato a deputado na lista do PC. Tem um tio materno, Jacinto Franco – o nome diz-lhe algo? – que em 1948 era caixa de uma prestigiosa instituição bancária e num fim de semana tomou um avião, com destino a Paris, com cinquenta mil dólares costurados no forro do casaco, mas depois a Interpol se encarregou de descosturá-los. E, por último o mais importante, deixei para sobremesa, sua irmãzinha, Norma Larralde, se lembra? Norminha para os íntimos, é nada menos que a querida número um do distinto senador Estévez, casado, com quatro filhos, partidário de Battle *eppur* católico, embora possa parecer uma contradição. Que lhe parece?

– Já sei que o senhor é capaz de empregar todo esse arsenal, mas nenhum desses dados representa uma acusação contra o próprio Larralde.

– E para que preciso de acusações contra o próprio Larralde, se tenho esses três dados esplêndidos, fidedignos, publicáveis? Para que necessito investigar seu itinerário pessoal, se posso começar uma campanha para que seu irmão seja destituído de seu cargo no Conselho da Criança sob o pretexto de que, graças a sua disfarçada prédica marxista-leninista, transforma os pobres e desvalidos menores em ameaças à sociedade e às práticas democráticas? Para que, se somente recordando a façanha do tio caixa em 1948, automaticamente retiro peso e validade à sua provável denúncia sobre o que sua ingênuo intrepidez talvez denomine minhas sujas negociatas? Para que, se posso enviar uma carta anônima à influente senhora Estévez, informando-lhe a rua e o número do apartamento que o senador montou para Norminha, e além disso passar os dados para La Escoba, porque não pretenderás que nosso jornal, sério, veraz e objetivo, vá fazer eco de semelhantes notícias, provavelmente caluniosas?

– Seria capaz?

– Of course, meu filho. Não se esqueça de que tenho Javier, e Javier põe constantemente em dia meu eruditíssimo fichário de personalidades pátrias, algo que ele e eu chamamos de Registro de Culpas Não Famosas de Pessoas Famosas. Não sabe como é útil, principalmente para casos como o que trouxe você aqui. Tenho a vantagem, também, de ser neste país o único indivíduo suficientemente previdente para ocupar-se de tais vulnerabilidades, de modo que até agora ninguém pôde fazer o mesmo em relação à minha pessoa. Por outro lado, embora houvesse alguém capaz de fazê-lo, não se esqueça de que minha norma foi sempre não deixar nenhum rastro, nem assinar o mais insignificante papel, nem acertar nada na presença de testemunhas, quando se trata de negócios não totalmente imaculados. Os rastros, as assinaturas e os testemunhos, deixo-os para o legal, para o escrito, para o estatutário. Em tudo aquilo que tenha a mais leve cor clandestina, prefiro o verbal. *Verba non res*, para que veja que não esqueci meu latim. Por exemplo, tudo isto que estou lhe falando, jamais o assinaria, nem o diria perante testemunhas, mesmo que fosse esse monstro de lealdade que se chama Javier. Se num minuto de alienação você quisesse usar contra mim isto que lhe disse, atente que não teria nenhuma testemunha. E quem vai acreditar em você, que sem mim não é nada, nada menos que contra a palavra do doutor Edmundo Budiño, que, segundo o artigo inteligente e envenenadinho que o Time consagrou no mês passado à nossa pequena democracia representativa, êmula da Suíça, figura entre as cinco personalidades mais relevantes do panorama político uruguaio? Francamente, o fato de que tenham incluído os outros quatro só se deve a que as revistas norte-americanas são geralmente mal-informadas. Já sei que você não vai fazer nada, não é tão maluco para isso. Dou como exemplo, simplesmente. Amanhã mesmo Larralde receberá um telefonema anônimo, de Javier, claro, que lhe dará os antecedentes de seus antecedentes, isto é, o informará sinteticamente dos informes que possuo sobre seu clã.

– E se apesar de tudo ele se negar a ficar quieto?

– Você não conhece as pessoas, Ramón. Por isso anda sempre tão nervoso. Larralde é um jornalista inteligente, experiente, empreendedor, com faro, mas no fundo é um sujeito que quer viver tranquilo e sabe, melhor que ninguém, que se eu conheço essas manchinhas de sua família, e apesar de tudo se lançar contra mim, então já não vai poder viver tranquilo, não só porque eu adotaria todas as represálias que já anunciei, mas por algo mais: embora meu jornal esteja bastante próximo do governo e ele escreva num jornal de oposição, em última instância cada um dos dois grandes partidos sabe que precisa do outro, de modo que não seria difícil que em poucas semanas Larralde ficasse sem emprego. Quer me dizer o que poderá fazer Larralde depois que dois grandes jornais tenham decretado sua morte jornalística? Não é um idiota, repito. Rapidamente compreenderá. Exatamente como você compreendeu, há pouco, quando pintei, em duas pinceladas, as origens morais de sua famosa agência. Você entendeu de imediato que não podia se lançar contra mim. Primeiro, porque afinal de contas é meu filho, e o sangue é o sangue. E segundo, porque se você apanha o sarampo da dignidade e rompe comigo, e deixa a agência, e joga tudo pela janela e decide ficar sem nada do que, de um modo ou de outro, teve origem na minha grana podre, sabe muito bem que isso seria para você algo mais que a ruína econômica. Seria também a ruína familiar, porque, francamente, não vejo Susana começando de baixo, cozinhando, lavando, arrumando um emprego, e tampouco vejo Gustavo, apesar de seus espirros progressistas, abandonando a carreira para ir trabalhar. Você entendeu rápido, e isso fala a seu favor, que um grande gesto de renúncia seria para você ficar *ipso facto* sem agência, sem Mulher, sem Filho. E também sem Querida, se é que você tem alguma, já que, apesar de tudo, estas são as menos sentimentais. Não sei se você tem, mas não pense que se trate de uma deficiência de Javier. Não, acontece simplesmente que você não é tão importante para figurar em meu arquivo. E agora vou deixá-lo, porque seus dez minutos se transformaram em meia hora, e há uns quinze estão me esperando na Casa do Partido. Carinhos para Gustavo e Susana. Se puder, amanhã dou uma passadinha em sua casa.

É estranho. Entretanto, essas coisas terríveis que me diz, não diz a mais ninguém. E isso talvez demonstre simultaneamente duas coisas. Primeiro, que não odeia a ninguém tanto quanto a mim. Mas também que com ninguém tem tanta confiança para dizê-las. Porque isto é ele. Este brutal autorretrato que me dá sempre que pode e ao qual acrescenta sempre alguma nova pincelada. Ele é isto e não seus editoriais inflamados, venenosos, implacáveis, tão desonestos como insensíveis. Ele é isto e não as palmadinhas no ombro, não os finais de discursos com os braços abertos e olhares ao céu, de ímpia devoção, não o tom de segurança com que grita suas poucas incertezas, não o correto desprezo com que fala de mim a seus amigos, não suas falsas angústias frente às catástrofes nem seus olhos cruéis e umedecidos frente às arvorezinhas de Natal. Ele é isto, não suas fotografias com sorriso oficial, sua biblioteca de cinco mil volumes, boa parte não desfolhada pela espátula, nem o gesto compungido quando fala de Mamãe, ou a generosidade com que envia, mas não leva, toneladas de flores a sua sepultura em cada aniversário de sua morte. Sobre a agência falou sem riscos. Tinha certeza de que eu não ia fazer nada. Mas, verdadeiramente, não poderei fazer nada? É fantástica essa intuição que tem para traçar coordenadas psicológicas, para saber que se ele impulsiona os acontecimentos num determinado sentido e esses acontecimentos chegam a cruzar-se com um temperamento também determinado, a reação será a que ele anuncia. O horrível, o paralisante, é que geralmente tem razão. Sabe que se ele impulsiona os fatos, que se ele empurra minha história pessoal até que eu jogue tudo pela janela, quando essa decisão minha se cruzar com o temperamento de Susana, ela me deixará, irá quem sabe para onde, provavelmente para a casa dos pais, ou se divorciará, qualquer coisa menos ficar comigo. Talvez só se equivoque com Gustavo, ou talvez não. Mas Gustavo está demasiado longe em anos, e por isso escapa um pouco ao seu controle. O Velho leva em conta o que ele pensava e acreditava, quando tinha a idade de Gustavo, mas isso não é suficiente. Porque o mundo mudou, e os dezessete anos de Gustavo não são os

meus longínquos dezessete anos e muito menos os mais longínquos ainda dezessete anos do Velho. Esse talvez seja o único cálculo errôneo em todas as previsões do Velho. Sim, Gustavo talvez não me deixasse, mas não estou certo. Não estou seguro de nada. Susana sim, me deixaria. E, bem, me importa tanto que Susana me deixe ou não? A paixão terminou, terminou de tal forma que agora não sei se alguma vez existiu, mas minha memória, não o meu corpo, minha memória diz que existiu. Pode ser. Quanto ao amor, o amor sem paixão, digamos, é um conceito tão abstrato e geral que talvez siga existindo, mas sem importar muito. Estou acostumado a ela, à ordem que impõe na casa, a seu modo frio de dialogar, a seu estilo um pouco histérico de enfrentar as preocupações, à cara dormida de seus sonhos, ao seu riso metálico, aos seus cremes, à sua pele, aos seus murmúrios, suas depressões, suas impertinências, sua bunda. Mas costume não é necessidade. Antes necessitei dela, agora não. O que acontece então entre ela e eu? Paixão já não, talvez amor relaxado; necessidade já não, talvez costume. Que palavra pode resumir tudo isso? Carinho? Estima? Apreço? Simpatia? Indiferença? Tédio? Aborrecimento? Raiva? Na realidade, eu me deixo viver. Não investiguemos demais. Nem mesmo em mim. Até um míope poderia perceber que isto não é a felicidade. Palavras maiores. A felicidade pôde ser aquela tarde em Portezuelo, com Rosario novinha e alegre, mas não me iludo pensando que teria podido durar muito. Essa tarde está lá bem longe. Eu também investi meu primeiro capitalzinho vital e ainda continua me rendendo dividendos. A felicidade poderia ser, talvez, viver com Dolly. Mas se não estivesse casada com meu irmão. E se eu não me apagasse animicamente com tanta facilidade. E se ela me quisesse verdadeiramente, coisa de que nunca poderei estar certo. Sei que me tem carinho, certo, está bem que os cunhados se tenham carinho, a Lei de Lemas autoriza. Mas eu tenho raiva de ser seu cunhado. Vejamos, se Dolly fosse minha mulher e eu jogasse tudo pela janela, ela me deixaria? Dolly não me deixaria. Dolly é uma mulherzinha boa, compreensiva, que não teria inconveniente em começar de baixo, trabalhando como uma mula, abandonando para sempre cabeleireiros e manicures, vendendo seu abrigo de lontra selvagem e comprando um casaco xadrez, não se dando por vencida mesmo que o destino e eu a crivássemos de infortúnios. Dolly não me deixaria, se fosse minha mulher. Mas não é. Oh, revelação. Além disso, não é tão certo que Susana me deixe. Não é tão certo, em primeiro lugar, porque não é tão certo que eu jogue tudo pela janela. Concretizando: continuo com a agência, depois da sutil martelada, depois da sangrenta alusão que o Velho acaba de me fazer? Continuo com a agência e com as quatro patas de seu ativo apoiadas nos oitenta mil pesos facilitados, há anos, pelo doutor Edmundo Budiño? Continuo com a agência embora esses oitenta mil pesos constituam uma espécie de almôndega, cujo ingrediente principal foi desonesto? Mas o Velho já o disse com todas as letras: mesmo que eu feche a agência, mesmo que lhe devolva integralmente o dinheiro, tudo que sou hoje, econômica, social e familiarmente, deverei pura e exclusivamente às possibilidades que ele criou para mim. Então, se não adianta fechar a agência, não fecho. Não há solução. A única solução seria, talvez, matar o Velho, mas isso não acontece em nosso pequeno país, este Swiss-like Uruguai, segundo diagnóstico do Time. Para isso, teria que ser um inovador, um pioneiro, isto é, Outro. Como bem o disse o Velho, apesar de tudo sou seu filho. E em geral, os filhos não assassinam seus pais. Aqui só se pratica o parricídio humorístico. Ao inquieto crítico cinematográfico Juan Diego Benítez fizeram na televisão uma linda pergunta: Se fosse filho do doutor Edmundo Budiño, o que gostaria de ser? – Órfão – disse Benítez. Bravo rapaz, linda tacada, algo para contar no botequim. Até o Velho riu. Podiam ter perguntado a Benítez, claro: Se tem tanta vocação destrutiva, por que não o mata de qualquer maneira? Epa, epa. Assim não vale, verdade?

– Já vou, Javier, já vou.

Que horas são? Hoje não poderei caminhar pela praia.

– Você nunca vai caminhar pela praia, Javier? Se visse como é bom para o reumatismo. Ah, perdão, quem tem reumatismo é sua esposa. Adeus.

Onde deixei o carro? Esta semana, é a segunda vez que me esqueço do lugar onde o estacionei. Vejamos, eu vinha por Colonia, dobrei pela Julio Herrera, não encontrei lugar, continuei, continuei, a coisa é saber até onde continuei. A única solução é refazer a pé o mesmo caminho. Que curioso: por um lado o Velho me sacode brutalmente falando-me da agência e, por outro, sinto uma espécie de tranquilidade, porque sempre soube, obscuramente. Tentei ocultá-lo de mim mesmo, mas sempre imaginei que o Velho tinha andado em porcarias, assim que agora, quando me disse, foi só uma confirmação, mas essa confirmação tem a vantagem de que agora não posso me enganar, não posso apoiar-me na palavra ‘suspeita’. Agora sei, agora tenho certeza, ele mesmo disse; portanto, devo resolver. E se, como é quase certo, tudo vai continuar igual, estarei consciente de minha própria corrosão, desta espécie de abulia doentia que me ataca antes de toda decisão importante. Além disso, e a esta altura, quem não tem culpa? Quem pode viver neste país, neste mundo, neste tempo, de acordo com seus princípios, suas normas, sua moral, quando na realidade são outros que ditam os princípios, a moral e as normas? Além disso, esses outros não consultam ninguém. Todos estamos misturados com todos. Ninguém é quimicamente puro. O marxista trabalha, por exemplo, num banco. O católico fornicava sem pensar na sagrada reprodução da espécie, ou fazendo o possível para evitá-la. O vegetariano convicto come resignadamente seu churrasco. O anarquista recebe um salário do Estado. Quem pode viver as vinte e quatro horas do dia num acordo total com seu Deus, sua consciência, seu fanatismo ou credo? Nobody. Descartada, portanto, a pureza. Ou seja, posso continuar com a agência. Não estou em negócios sujos, nunca estarei. Quando ele me emprestou o dinheiro, eu não tinha sequer suspeitas. Ele diz que, do ponto de vista de meus escrúpulos, a agência teria que ser um negócio viciado de origem. Talvez. Algo assim como o Pecado Original, que a todos ensombrece. Segundo dizia o padre de Punta Carretas, a partir de Adão todos estamos viciados de origem, todos somos pecadores embora não pequemos, porque o velhinho Adão teve uma queda tão estrepitosa e pecou com tanta vontade que desde então todos os seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos etcéteras, não fazemos outra coisa senão pagar aquela enorme dívida em facilitadas prestações mensais. Talvez não tenha dito exatamente assim. E lhe perguntei: – Padre, que culpa temos nós do pecado de Adão? E ele me olhou sem nenhuma paciência cristã e respondeu frenético: – O que você tem, meu filho, é soberba e mais soberba, uma horrível soberba que acrescenta ao pecado original. Vejamos, estarei também juntando soberba ao pecado original da agência? Só agora percebo que esqueci completamente o assunto Larralde. Que fará o homem? Certamente vai afrouxar. O Velho conhece as Pessoas.

Finalmente o carro. Então, foi aqui, entre San José e Soriano. E deram-lhe uma batida. Soberba que acrescenta ao pecado original, sim. Esse padre me salvou. Obrigado, Padre. Era tão bruto, tão violento, tão antipático que nunca mais entrei numa igreja. Quer dizer, entrei como turista, por exemplo na St. Patrick’s Cathedral, de Nova York, e na Missão Dolores, de São Francisco, que tem o cemitério mais lindo do mundo. De tarde, com o sol filtrando-se entre as árvores (nunca vi um sol tão amarelo) e aquelas alegres rosas trepadeiras de Santa Rita sobre o muro, e as cruzes antigas, carinhosas, deliciosamente assimétricas, entre canteiros, trilhas e portõezinhos. Que vontade de estar num outro entardecer na Missão Dolores. Aquela vez, fiquei umas duas horas. No fim, já parecia um parquezinho de minha propriedade. A morte não me aterrorizaria tanto se soubesse que me iam enterrar ali.

– Por que não olha? Não sabe que Canelones é preferencial?

Tem cada louco solto na rua! Ainda bem que regulei os freios. Vejamos, vejamos. E que faria eu se não tivesse a agência? Até agora minha especialidade foi conversar, e isso combina muito bem com a programação de excursões, com a venda de passagens. Viajar Com Alegria. Como me ocorreu um slogan tão brilhante? Ontem, vi pelo Canal 4 e eu mesmo fiquei impressionado. Temos que reconhecer que isso aprendemos com os ianques. Convencer as pessoas de que, se comprarem o que estamos oferecendo, se

sentirão incomensuravelmente felizes. Só na política internacional abandonaram essa regra de ouro, e talvez seja por isso que ninguém os pode engolir. Em vez de oferecer a democracia com o mesmo sistema que empregam, por exemplo, para vender um Impala, ou seja, bombardear-nos com um estribilho que poderia ser: Se quer viver em estado de graça, filie-se hoje mesmo à democracia; em vez de convencer-nos de como seríamos felizes se fôssemos todos democratas, escolhem outro sistema muito menos eficaz: o sistema do terror. Terror às greves, terror ao comunismo, terror à reforma agrária. O comunismo como Bicho-Papão. Não me estranharia se, no próximo número, Seleções começasse uma campanha de terror contra João XXIII, ou consagrasse a Hitler sua seção Meu Tipo Inesquecível. Em matéria de suspeitas, não há limites. Não me estranharia que Mao considerasse Nikita como o mais astuto de todos os católicos. Uma pergunta que me faz cócegas: que forças se enfrentarão na próxima guerra fria, morna ou quente? Estados Unidos–Rússia versus China–Japão? Talvez. Mas pode haver outras combinações. A única aliança que me parece segura é a de Estados Unidos e Rússia, mas no outro extremo podem estar China e França, ou China e Inglaterra. Também poderia ser Estados Unidos–Rússia, versus Alemanha–Japão. Afinal de contas, não é tão descabelado. Já aconteceu uma vez, claro. Com razão me soava como coisa conhecida. Eu digo então: se uma nação inteira, uma grande e tremenda nação, acha dificuldades insuperáveis para ser coerente consigo mesma, para obedecer à sua própria história, para seguir a linha que ela própria se traçou, como posso pretender eu, insignificante rato de uma ratoeira de undécima categoria, como posso pretender ser coerente comigo mesmo, obedecer à minha própria história, seguir a linha que eu próprio me tracei? E isso, no caso de que me tenha traçado alguma linha, coisa de que ainda não estou muito certo. Porque dizer, por exemplo, não vou meter-me em negócios sujos, ou não vou roubar, ou não vou matar, ou não vou comer carne, isso não significa traçar-se uma linha, mas, simplesmente, evitar uma conduta. Uma freira, por exemplo, ou um gângster, essas são pessoas que se traçam uma linha, gente que escolhe um destino. Deus é a metralhadora da freira. A metralhadora é o deus do gângster. Mas não deve haver muitos casos mais. O jornalista, por exemplo, é fustigado pelas notícias, fustigado pelo diretor, fustigado pelos interesses alheios. Como vai ter tempo de traçar-se uma linha? O funcionário público, por exemplo, é entorpecido pela rotina, entorpecido pelas piadas pornográficas, entorpecido pela loteria; para traçar-se uma linha, teria que estar acordado, grave inconveniente. Ao operário, por exemplo, a insegurança econômica o mantém tenso, as greves o fazem vociferar, os patrões lhe dão asco; para traçar-se uma linha teria que se manter lúcido e sereno, algo impossível. Ao capitalista, por exemplo, o hipnotizam as cifras, a flutuação da moeda lhe provoca úlceras, a maré social o aterroriza; para traçar-se uma linha não poderia agarrar-se a seu dinheiro com unhas e dentes, outro impossível. A mim, por exemplo, me apaga e me entorpece a falta de plenitude no amor, me tortura essa inevitável dependência do Velho, me fisga a febre uterina de mrs. Ransom e me faz funcionar como um robô; para traçar-me uma linha teria que possuir certo impulso heroico, do qual careço. Será verdade que os heróis têm medo? Nesse caso, talvez eu pudesse ser herói; porque medo eu tenho. Qual terá sido o mais antigo de meus medos? A escuridão, naturalmente, com suas moscas como monstros. Depois, aquela tarde em que ia com tia Olga pela rua Lanús, ou talvez Lezica, com um pulôver vermelho e alguém gritou: A vaca, cuidado com a vaca. Tia Olga e eu, eu com meus oito anos, olhamos para trás, e era uma vaca enorme, que parecia vir a galope, mugindo e abanando a cabeça para um lado e para o outro, e me lembro de que as patas dianteiras me pareceram anormalmente magras, sobretudo comparando-as com a cabeça enorme e aquela boca aberta e um pouco babejante, que mugia uns “mus” quase gagos. A vaca, cuidado com a vaca, gritava lá atrás um sujeito de boina, agitando os braços. Tire o garoto, dona, olhe que é muito brava. Então tia Olga pareceu acordar e demonstrou uma inesperada agilidade. Olhou firmemente uma cerca. Primeiro passou sua bolsa, depois passou uma perna, depois o tronco, depois a outra perna, e em seguida me pegou nos braços e me levantou enquanto dizia por Deus e eu via passar a vaca debaixo de

meus pés, que tinham uns sapatinhos brancos, com presilha e botão, aos quais eu tinha particular aversão, porque me pareciam totalmente inadequados aos meus respeitáveis oito anos. Depois que passou o susto, tia Olga quase desmaiou e teve que entrar numa casa e ali lhe deram alguma coisa forte, enquanto eu abria uns olhos deste tamanho, e contava a todos o ataque daquele pobre monstro, evidentemente mais tangível e concreto e verdadeiro que as moscas que eu havia imaginado gigantescas na escuridão de meu quarto. A partir desse sobressalto, perdi o medo das moscas. E houve outros medos, também. Na esquina das ruas Cuareim e Paysandú, convalescente de tifo, exatamente no meu segundo dia de ar livre, atravessei vacilante a rua e virei a cabeça e ali mesmo, a dez centímetros de meus olhos, estava o ônibus que acelerava para iniciar a ladeira, e pude jogar-me um pouco para trás, mas não sei que parte do ônibus me pegou na parte exterior da coxa e saí pelo ar, vooi sobre o meio-fio e fui estatelar-me contra a parede. Durou menos o medo, três segundos apenas, enquanto via como o ônibus avançava sobre mim. Uma desgraça com sorte, diziam todos, entre eles o pobre motorista que tirava o gorro para transpirar melhor e repetir sempre a mesma coisa: como pôde, como pôde? Não sei como pude, disse também ao polícia, mas ninguém perguntou sobre meu medo, um tema sobre o qual eu teria podido ser loquaz. E houve aquele outro no voo 202 de Pan American, quando se começou a ouvir aquele barulhinho e...

– Então, veio pela Rambla ou por Canelones?

– Por Canelones, mas havia um trânsito infernal. Um imbecil cruzou na altura de Magallanes tão distraído como se estivesse em Paso de los Toros.

– É que você tem a mania de vir por Canelones. Pela Rambla é mais descansado e mais seguro.

– É o que faço sempre. Mas hoje havia bastante vento e um cliente me avisou que na Rambla as ondas salpicavam muito. E acabei de lavar o carro.

– Você viu Hugo?

– Não.

– Liguei hoje cedo e disse que se tivesse tempo passaria pela agência.

– Talvez tenha estado, mas eu saí às cinco porque tinha que falar com o Velho.

– Como está seu pai?

– Bem. Talvez apareça amanhã. Mandou lembranças para você.

– Não discutiram, verdade?

– Não, quase nada.

– Será possível que você não possa falar com seu pai sem brigar com ele?

– Mas hoje quase não discutimos. Sempre há algum atrito. Você sabe que somos muito diferentes.

– O que acontece é que você fica muito rígido, não relaxa.

– E ele?

– Mas ele é uma pessoa de idade. Não vai pedir, na sua idade, que mude sua maneira de ser.

– Susana.

– Sim?

– Diga-me: o que pensaria se fosse eu que mudasse?

– Em quê?

– Em tudo.

– Com relação a seu pai?

– Não, em tudo.

– Não entendo, Ramón.

– É fácil de entender. Por exemplo: se eu fechasse a agência, devolvesse ao Velho tudo que me emprestou e algo mais, se começasse absolutamente de novo e desde baixo, sem ajuda, claro.

– Olha, Ramón, desculpe-me. Hoje estou sem ânimo para piadas. Há dois dias estou sem empregada e

todo o serviço em cima de mim. Confesso que ando bastante cansada. Desculpe-me que não entre na brincadeira.

– Não é brincadeira.

– Estou cansada, Ramón. Até me dói um pouco a cabeça.

– Não se preocupe. Era uma piada, sabe?

– Não ia pensar que eu levaria a sério uma coisa assim.

– Sim, me deu vontade de fazer essa brincadeira. Não vou fechar a agência. Continuarei devolvendo ao Velho o dinheiro no mesmo ritmo de até agora. Tudo vai continuar como sempre.

– Mas Ramón, não sei o que você tem. Fala tudo isso, que é o mais lógico, com o tom de quem está falando um disparate.

– E talvez seja um disparate.

– O que vai fazer agora?

– Vou tomar uma ducha. Lerei um pouco. Tomarei um uísque.

– Quando o jantar estiver pronto, dou um grito.

– Ótimo.

Sim, é quase certo que a cordura fácil, este continuar como até agora, é quase certo que isso seja o disparate. Não sou herói nem nada que se pareça. Bastou que Susana não acreditasse que eu falava a sério para que eu próprio achasse que era brincadeira. Não estou para piadas, disse, e foi suficiente para que minhas palavras me soassem ocas. A verdade é que sei que não vou mudar, que não vou tomar nenhuma decisão taxativa, dramática. Enquanto se tratar apenas de pensamentos, de um simples jogo mental, então me sinto com ânimo, tenho a impressão de que vou decidir-me, que vou dar o salto, mas quando chega o momento de criar os fatos e enfrentar sua responsabilidade, então fico com um medo irracional, um pânico similar ao que me assaltava de pequeno, as moscas que eu transformava em monstros, ou a vaca brava, ou aos vinte, quando o trem com seu olho de ciclope, ou aos vinte e cinco, quando o ônibus me fez voar. Não sei exatamente se é medo da miséria, da insegurança ou do desprezo dos outros. Talvez seja menos digno que tudo isso. Talvez seja simplesmente medo da incomodidade, da falta de conforto. Porque quando penso que minha vida é cinzenta, tediosa e rotineira, não me escapa que a rotina inclui uma série de coisas insignificantes, mas agradáveis. Se eu fosse um homem genial, ou poderoso, ou simplesmente apaixonado, tais coisas não teriam importância, porque o importante seria minha obra de arte, ou o exercício de meu poder, ou a plenitude de meu amor, mas como esse não é meu caso as coisas insignificantes mas agradáveis passam a ser estímulos de primeiro grau. A saber: o carro, meu estúdio aqui em Punta Gorda, com boa biblioteca e vista para o mar; esse banheiro, verde e preto, com canalização poderosa e uma grande torneira misturadora e a banheira opulenta de curvas cheias e femininas, uma banheira que poderia ter sido pintada por Matisse; minhas camisas impecáveis, meus ternos bem passados, minhas gravatas de seda natural; os quadros do estúdio e do living, Spósito, Lima, Gamarra, Frasconi, Barcala, Espínola; os dois uisquezinhas antes do jantar; a varanda do fundo, com essa paz incrível de uma ou outra noite de verão; meu aparelho estereofônico, com bons tangos, bons blues e bom Mozart; a Rolleiflex e sua linda maleta com filtros e acessórios que nunca uso; os livros artísticos de Skira; o jogo de talheres sueco. Gosto de estar rodeado de coisas bonitas. É tão grave o crime? Nunca iria querer o dinheiro para mantê-lo guardado no banco, ou para transformar-me em latifundiário, ou para especular com valores. Não me importa o dinheiro como tal, mas me importam alguns dos objetos que podem ser adquiridos com ele. Não me importa o dinheiro em si, mas me importa como intermediário obrigatório para a aquisição da beleza material, desses sintomas de meu gosto que adornam os melhores momentos do descanso. Quando se fala de justiça social, se pensa, primeiro, como é lógico, na erradicação da fome, em casas dignas e limpas, em eliminar o analfabetismo. Mas, depois desses três

objetivos urgentes, haveria que acrescentar o direito do ser humano a criar um ambiente de acordo com seu próprio gosto. Não se trata de algo tão urgente como o pão e o teto, claro, mas tampouco de algo infinitamente adiável.

Que descanso, esta ducha morna. Fiz bem em aumentar os buracos do chuveiro, assim sai uma chuva cheia, calmante. É um aceitável prazer isto de ficar firme, com a cabeça para cima e receber durante cinco minutos, já sem a preocupação de ensaboar-me, essas férias líquidas que parecem lavar uma pessoa de problemas vários, falsos escrúpulos, reais inibições. Por que me lembrei agora de Rômulo? Ah, já sei. A união de duas imagens: Ríos e umbigo. Por um lado, o relato do pobre Ríos, com o prognóstico formulado por Rômulo, e, por outro, a água que faz uma cataratazinha no meu umbigo. Uma vez Rômulo me transmitiu uma surpreendente comprovação de seu ofício de cirurgião. Você sabe que, antes de operar, lavamos conscienciosamente o paciente; além disso presume-se que, por pudor ou pelo que seja, as pessoas se preocupem em vir particularmente limpas a uma experiência semelhante. Entretanto, os enfermeiros devem sempre exagerar a higiene num ponto determinado. Refiro-me ao umbigo. Creio que as pessoas se esquecem amiúde de seu umbigo. Se um psicanalista pesca isto, deduzirá provavelmente que o homem quer esquecer-se de sua origem. Nesse sentido, eu não me esqueci de minha origem. Admito isso e o ensaboo. Admito e o enxaguo. E agora, a água fria. O estímulo depois do calmante. Puxa, como está fria. Demasiado estímulo. Acabou-se. Esse short está ficando pequeno para mim. Nunca tinha tido uma barriguinha tão proeminente. Me sentia mais cômodo quando estava decididamente magro.

Agradável este uísque. Seco, é assim que eu gosto. On the rocks. À sua saúde, querida e sardenta Mrs. Ransom. Nesse momento, me sinto à vontade. Fisicamente bem. Convém tomar nota, porque às vezes me dou conta de que estive à vontade somente no momento em que começo a sentir-me incômodo. Como naquele jantar do Tequila: só perceberam que gostavam do paisinho quando alguém mentiu dizendo que havia sido arrasado. Com exceção de Marcela e de Larralde, que turma de imbecis. Por que será que nós uruguaio, quando pisamos terra estranha, nos tornamos tão mesquinhos, tão excepcionalmente mal-educados? Aqui também somos mesquinhos e mal-educados, mas não tanto. Fisicamente bem. Bem e com certa modorra. Dormir um pouco seria uma boa. Mas, se a sesta do burro é antes do almoço, como se chamará a sesta antes do jantar? A sesta do fauno. Eu não sabia que era um fauno. Mas não, agora percebo, sou um centauro. Patas dianteiras magras e instáveis, como as da vaca brava. Olho as vitrinas. Aqui um centauro-manequim, com camisa wash & wear. Ali o semáforo verde e outros cinco centauros que cruzam a Dezoito. Dois deles com mulheres na garupa, como nas motocicletas. Desde que sou centauro, procuro uma mulher para levar na garupa. Mrs. Ransom? Não, tem muitas sardas e além disso é ela que toma a iniciativa. Não gosto. Rosario? Está longe, e além disso vai com o centauro Ulises Azócar. Susana? Susana está na outra vitrina, Susana-manequim tirando a secretária carnuda de uma geladeira General Electric, aproveite nosso plano de inverno. Mas faz calor e eu sudo. Desodorante para centauros. Onde estará a farmácia? A farmácia fica numa confeitaria e na porta está sorrindo a esposa de Javier, prazerosamente nua, com uma barriga espetacular e sem umbigo, dissertando sobre reumatismo. Como está Javier, senhora? Javier tem uma lanterna, senhor Ramonzinho, para poder completar o fichário do crápula do seu papai. Não sou senhor Ramonzinho, senhora, sou um centauro. Mas com a cara de senhor Ramonzinho e além disso tão igual ao Doutor. Nunca, nunca, nunca. O senhor não será o Doutor? Não, o Doutor anda metido em negócios sujos. O senhor também tem as ferraduras sujas, senhor Ramonzinho. Não pode ser. Sim, tem as ferraduras sujas e os olhos limpos. É de chorar. Senhor Ramonzinho, vai me levar com o senhor? Gosto da sua garupa. Perdoe-me, senhora, mas é espantosa, e eu gosto de estar cercado de coisas lindas, vou fazer uma revolução com esse objetivo. Então, por que não leva Dolly? É a mulher de meu irmão, por isso não a levo. Eu também sou a mulher de seu irmão. Perdão,

Dolly, não havia percebido, tinha pensado que era a mulher de Javier. Que loucura, ela tem barriga e reumatismo, e além disso nunca está nua, nunca tira a camisola. Você está nua, Dolly, e como é linda. Você é o melhor centauro da Latino-américa. A gente diz América Latina, Dolly, o outro é um anglicismo. Você é o melhor centauro do mundo e seus arredores. Além disso vai ter um filho com patinhas magras, tão magras como as da vaca brava. Quando? Quan?

– Mooooón. Ramoooón. Você dormiu, Ramón. O jantar está pronto.

Quero sair sem tomar o café da manhã, sem falar, sem que ninguém note minha saída. Tenho a boca amarga, os músculos rígidos, a cabeça pesada. Nem mesmo tenho vontade de falar com Gustavo. Mas ele vai aparecer. Nossos breves diálogos matinais se transformaram em nossa única conversa. Estou cansado. De quê? É uma pena que o céu esteja limpo, que sopra um vento tão agradável, que o mar esteja tranquilo. Pensar que estamos em pleno abril e já faz três dias que se mantém esta temperatura de verão. É uma pena. Hoje eu necessitava de um céu cinzento. Se eu pudesse desanimar a paisagem... Mas não posso.

– Chegou muito tarde ontem à noite?

– À uma.

– Como vão esses preparativos?

– Bem, é um assunto longo. Hugo telefonou. Você estava dormindo. O carro dele quebrou, logo hoje que tem greve. Tinha que ir cedo para Durazno, então pede que pegue Dolly quando você for para o centro.

Nunca pude entender essa união. Entretanto, ela tem sempre uma cara tranquila, e parece feliz quando olha para ele, enquanto Hugo diz grosseria atrás de grosseria. Curvo-me reverente perante o mistério. Hugo é um frívolo, de acordo. Pode-se ser feliz junto a uma pessoa frívola, mas sempre que se pertença ao mesmo grupo sanguíneo. E Dolly, não. Dolly tem vida interior. É profunda, quando quer. Sua simpatia se baseia particularmente no que não diz: silêncios, gestos, olhares etcétera. Hugo nem mesmo é um frívolo alegre. Tampouco é autenticamente triste; é um mal-humorado. Tem tudo de mau do Velho, sem sua energia, sem sua vontade de domínio, sem sua ascendência para calar as pessoas. É um pobre coitado. Bem, e eu também não sou um pobre coitado? Talvez pior. Hugo pelo menos não tem consciência de suas limitações. Dolly querida. Vi Dolly pela primeira vez quando eu já tinha dez anos de casado. Era isso, claro, o que eu tinha andado procurando, e agora quem tinha era Hugo. Casei-me com Susana porque pensei que Isso não existia, isto é, resignado a que Isso não existisse. E, naturalmente, se a gente pensa que Dolly não existe, então está bem a Susana. Mas existe. Por exemplo, agora, aí, no jardimzinho. Que me cumprimente com o braço. Assim.

– Olá, Dolly.

– Bom dia.

– Hugo me deixou a tarefa.

– Sim, veja só, quebrou o eixo, logo hoje.

– Justo o eixo?

– Sorte que ia devagarzinho e estava perto daqui.

– Ainda bem.

– Entro?

– Você está lindíssima.

– Obrigada, cunhadinho.

– Que luxo levá-la ao centro. Se Hugo fosse mais amável, quebraria um eixo por semana. Sabe que

não tomei o café da manhã?

– Coitadinho.

– Paramos um momento em La Goleta?

– Eu não tenho pressa. Até aceito um cafezinho.

– Perfeito. Que seja uma farra completa.

Não sei se é linda ou não. Mas é encantadora. E além disso gosta que lhe faça galanteios. Pelo menos, seus olhos brilham.

– Dolly, ontem sonhei com você.

– Pesadelos, suponho.

– Não, foi um sonho realmente agradável.

– Ramón, não gosto de como você está me olhando.

– Eu ao contrário gosto do que estou olhando.

– Essa não é uma frase para ser pronunciada sobre uma torrada com geleia. Cai mal.

– Dolly, sabe o que sonhei?

– Não quero saber. Quando os homens sonham com uma mulher, é sempre a mesma coisa.

– Está equivocada. Sonhei que eu era um centauro.

– Não me diga. E eu, o que era? Uma girafa?

– Não, você era Dolly.

– Menos mal.

– Você ia ter um filho meu.

– Mas Ramón.

– Você ficou corada, e mais linda, claro.

– Isso se chama fazer trapaças.

– Nada de trapaças. Você ia ter um filho meu.

– Assim não vale. Faz tempo que estava preparada para que você me dissesse algo grave.

– Grave?

– Sim, que estava apaixonado por mim, ou algo do gênero. Agora mesmo, pensei que tinha sonhado outra coisa. Quero dizer, que tinha sonhado que se deitava comigo. Também estava preparada para algo assim, e sabia o que ia responder. Mas nunca pensei que você saísse com essa...

– Mas Dolly, se é a mesma coisa. Meu sonho quer dizer exatamente isso para o que você estava preparada. Não entendo.

– É diferente. É diferente desde o momento em que você disse a palavra filho. Você não sabe, Ramón. Eu quero um filho, sempre quis.

– Não chore, por favor.

– Sempre quis, mas Hugo é inflexível. Não só não quer filhos agora, mas já me garantiu que nunca vai querer.

– Como ele pode saber?

– Já me disse mil vezes; cada vez que eu peço. Teremos sempre que evitá-los. O pretexto é que não quer trazer filhos a este mundo aterrorizado, com bombas atômicas etcétera.

– Eu não fiz trapaça com você. Sonhei isso, realmente.

– Já sei.

– Dolly, eu gosto de você. É uma barbaridade, claro. Mas gosto de você. Que posso fazer?

– Já sei.

– E você?

– Não.

– Ah.

– Ramón. Ramón. Olhe para mim. Não fique assim. Eu sei que você é um grande sujeito.

– Quem disse?

– Não preciso que ninguém me diga. Sei por mim mesma. Sei, além disso, que você é muito melhor que Hugo.

– Dá para ver.

– Entenda, Ramón. Sei que seria magnífico gostar de você, porque você é estupendo. Hugo, ao contrário, é néscio, grosseiro, limitado, às vezes é até mau. Mas essas coisas não são arranjadas pela razão. Você é formidável e Hugo é pouca coisa. Mas gosto dele, Ramón, você não sabe como.

– Não chore, está bem. Acabou-se. Vou deixá-la tranquila, nunca mais direi nada. Além disso, era uma loucura. Tomei coragem de falar porque uma vez em casa de Méndez, com certeza você nem se lembra...

– Sim, me lembro.

– Eu disse que se você tornasse a tapar minha boca com a mão, iria beijá-la.

– Sim, e eu disse: isso é de cavalheiros, não?

– E eu respondi: Mas não quando o beijo é na palma. E você, então, me disse: tenho vontade de que você diga outro disparate para assim tapar-lhe outra vez a boca.

– Já sei.

– Eu acreditei, me pareceu que você sentia alguma coisa.

– E sinto, Ramón, claro que sinto. Mas não do modo que você quer que eu sinta. Dessa maneira, gosto de Hugo.

– Então, por que falou aquilo?

– Porque naquela noite estava desesperada, tinha acabado de ter com Hugo uma discussão medonha, sempre sobre a mesma coisa, e notei você tão desvalido, tão necessitado de compreensão e ajuda, e eu também me sentia assim. Por um momento confundi essa espécie de irmandade com outro tipo de amor. Entenda-me, Ramón. Além disso estou certa de que deve ser fácil, fácilimo se apaixonar por você. Mas eu não posso. Não é preconceito, nem hipocrisia nem medo do que dirão. Nem sequer sou católica. É só esta obsessão. Talvez tampouco seja amor. Estou desorientada. E depois disto, vou ficar mais ainda.

– Só uma pergunta.

– As que quiser.

– Me dê uma imagem boa de Hugo, a do Hugo que merece você, que ganha você de mim. Quero saber como é.

– Ah, é tão difícil. Hugo não é inteligente. É frívolo, ou leva uma vida frívola, mas tudo se deve a que tem medo de enfrentar-se, teme ver-se com os olhos abertos. É covarde, claro. Mas no dia em que possa ver a si mesmo como eu creio que ele é, recuperará sua coragem. Há nele, ainda muito escondido, um ser inocente, bom, generoso. Às vezes encontro algum indício, mas se retrai de imediato. Tem vergonha de que eu descubra a existência de outro Hugo. É pouco, você dirá, mas é também um desafio constante. Tenho que conseguir que não tenha vergonha de si mesmo. Uma vez, por exemplo, me falou de você.

– De mim?

– Tinha bebido um pouco demais. Ramón me despreza, disse.

– Eu não o desprezo, Dolly. Só me parece que tem poucos escrúpulos; que quer imitar desajeitadamente o Velho.

– E isso parece pouco desprezo? É horrível porque me fere, disse, e às vezes me faz muita falta. E eu creio que é verdade, Ramón, creio que você faz muita falta.

– Nunca teria imaginado.

– O quê?

– Nunca tinha imaginado que Hugo pudesse pensar isso.

– Vê?

– Agora me sinto um cretino.

– Mas você não é. Que culpa tem de que Hugo sempre pareça como outro sujeito? Eu os vi juntos tantas vezes e sei como tenta incomodar você. Às vezes fica até mesmo agressivo com você.

– Perdoe-me, Dolly, por tudo que lhe disse, o do sonho e tudo isso? Tenho a culpa de que você tenha chorado.

– Me fez bem chorar. E quanto ao sonho, eu agradeço, Ramón, agradeço de verdade. Não sabe como me sinto orgulhosa de que uma pessoa como você tenha lindos sonhos comigo.

– Bem, agora está claro. Acabaram-se os sonhos. Mas deixe que fale de vez em quando com você. Sinto que com ninguém, nem mesmo quando estou sozinho, estou tão perto da verdade. Da minha verdade, entende?

– Sim, Ramón.

– Onde deixo você?

– Em qualquer esquina da Dezoito.

– Rio Branco?

– Perfeito.

– Olha esse cachorro.

– Tem cara de mendigo.

– Gostaria de ser mendigo.

– Não creio. E você?

– Agora, já não. De menino era uma de minhas maiores aspirações.

– Eu, ao contrário, queria ser capitão de navio.

– Melhor capitã.

– Não senhor, eu queria ser capitão. Me parecia que isso de ser homem ou mulher era simplesmente um detalhe de vestuário, algo que a gente podia decidir à vontade.

– Cristina Jorgensen, pelo menos, demonstrou sua teoria.

– Não é?

Como posso falar com ela, assim, de qualquer coisa, cachorros, mendigos e Cristina Jorgensen? Creio que gosto dela mais ainda, agora que estou certo de que não vai acontecer nada. Por que não a vi antes? Por que não a tomei de Hugo? Com ela sim, me sentiria valente. Ou isto será uma nova desculpa para me sentir covarde?

– Por que tão calado?

– Pensava.

– Se eu penso muito, fico triste, desanimo, me sinto repentinamente velha.

– Sabe de uma coisa? Tive uma conversa muito séria com o Velho.

– Mais uma?

– Sim, mais uma. Conto só para você. Vai se meter em negócios sujos. Eu o critiquei. Quis evitá-lo.

– Já faz tempo que eu sei. Hugo me contou. Tem medo.

– Medo de quê?

– De que um dia a sorte volte as costas a seu pai e ele seja aniquilado.

– Não, isso não. O Velho é invencível.

– Ninguém é invencível.

– Você não gosta do Velho, não é?

– Não. Fez um mal terrível a Hugo.

– E a mim.

– Também fez mal a você. Mas você é mais forte.

– Se fosse realmente forte, teria que aniquilá-lo. E ao Velho só se aniquila matando-o.

– Ramón.

– Não se preocupe. O Velho não é somente invencível. Também é imortal.

– Mas é horrível que diga isso. É horrível que você tenha podido pensar isso.

– Sim, eu também me dou conta. Veja como serei sincero com você: até agora só o havia dito a mim mesmo, e não tão claramente. Gostaria de vê-lo morto, essa é a verdade. Percebe?

– Pobre Ramón.

– Creio que se ele morresse também se acabaria o pior de mim mesmo, talvez o pior deste país. Há momentos em que não posso aguentar aquele cinismo para usufruir de nossos lugares comuns, nossos ritos, nossos preconceitos, nossas superstições, nossas inibições. Se um estrangeiro chega e nos olha com desprezo, esse mesmo desprezo sorridente com que os ianques devem olhar nossas mãos estendidas, então algo irrompe dentro de mim, e sinto raiva, isso é o que sinto. Mas se é um de nós, o Velho por exemplo, que olha para nós com desprezo e todos os seus atos se transformam em sórdidos pormenores de uma mesma burla, então já não sinto raiva, mas um grande desalento, e nada irrompe em mim, mas alguma coisa desmorona. Além disso, meu maior desânimo vem de ser, precisamente, seu filho, porque qualquer coisa que eu diga contra ele, qualquer atitude que eu tome para libertar o país de sua presença nefasta, será tomado como ressentimento, como deslealdade, como traição. Ele sabe disso melhor que ninguém, e por isso, sempre que pode, realça que, *apesar de tudo*, sou seu filho. Sabe que é uma garantia. Vou ser franco: se eu não fosse seu filho, talvez já o tivesse matado. Mas se o mato, ninguém se dará conta do significado de meu sacrifício. Porque o sacrifício seria meu, já que não sou um assassino. Ninguém se daria conta, porque o fato tão insuportavelmente circense Filho Mata O Próprio Pai cobriria toda outra ressonância. Também me faço outra pergunta bastante inquietante: se, aparentemente, sou o único que conhece e sofre com a verdade do que o Velho é; se, além disso, sou o único que crê na necessidade, na urgência de sua eliminação, tenho direito a frear esse ato de justiça, só porque ele é meu pai?

– Você o transformaria num mártir.

– Sim, pensei nisso.

– E além disso, o que seria de você?

– Bem, o que é de mim hoje?

– Não posso suportar essa conversa, Ramón. Acho incrível que estejamos tratando este tema com tanta tranquilidade, sentados em seu carro, subindo pela Rio Branco.

– Será que nós ficamos insensíveis, ou cruéis? Isto é, eu me tornei?

– Que manhã, a de hoje.

– Pois é.

– Confesso que neste instante sinto falta da rotina. Com uma dieta assim, com tantos choques emocionais, em poucas semanas me internam.

– Dolly.

– Por que não me chama pelo meu nome verdadeiro: Dolores? Ninguém me chama assim, e eu gosto.

– Sim, Dolores.

– Gosto de como você fala.

– Obrigado, Dolores.

– Desço aqui.

– Pego você amanhã?

- Não creio que necessite vir ao centro. Além disso, Hugo já estará de volta.
- Adeus, Dolores. Você é encantadora, é boa. Além disso, gosto da naturalidade com que sabe escutar.

Que a chame Dolores. Claro que a chamarei assim, mesmo nas benditas insônias, mesmo nos malditos sonhos. Tudo isso foi uma revelação para mim. À medida que ia falando a Dolly, digo, a Dolores, dessa ideia da morte do Velho, fui sentindo que era algo legítimo, uma convicção antiga que estava se incubando em mim, quem sabe desde quando, e o pior, ou o melhor, pelo menos o estranho, é que não me horrorizei nem me horrorizo. Serei, afinal de contas, um assassino? Palavras maiores. Um assassino. *Filho desnaturado mata o pai.* Geralmente se fala de mães e pais desnaturados. Eu inauguraria uma nova casta: os filhos desnaturados. *A inveja como motivo de um horrível parricídio.* Vejamos: com que manchetes seria anunciado pelo jornal do Velho? Por acaso, simplesmente: EDMUNDO BUDIÑO MORREU, com uma grande tarja negra no pé da página. Certamente Javier, ou os hierarcas do Partido, veriam a conveniência de ocultar a verdade à grande massa de leitores: o grande Prócer ultimado nada menos que por seu filho. *Quando nada fazia prever um desenlace fatal, faleceu ontem o doutor Edmundo Budiño, nosso diretor, vítima de uma síncope cardíaca. Logo que transpirou a surpreendente notícia, uma onda de consternação ganhou nossa cidade. Ninguém podia acreditar que Edmundo Budiño, alma parens de todo o bem, de todo o nobre que a nação construiu em cinco décadas de avassalador processo democrático; ninguém poderia acreditar que este infatigável guia das causas justas, que esse pontífice da caridade, que este grande coração uruguaio tivesse deixado de bater. E havia razão para essa incredulidade popular, porque o coração enorme, generoso, esplêndido de Edmundo Budiño, continuará batendo, não só em nossas páginas que sempre invocarão a magistral tutela de sua inspiração política e moral, mas também no povo, que através dos anos constituiu a preocupação mais profunda e mais sincera do grande homem.* Está bem, mas o que fariam comigo? Talvez a polícia pudesse encarregar-se de que eu também morresse de uma síncope. Enfermidade hereditária. *A dor leva também o filho de Edmundo Budiño.* A radionovela feita realidade. Decididamente não.

- O que há de novo, Gabaldón?
- Senhor Budiño, faz alguns dias que quero falar com o senhor, mas não tive a sorte de encontrá-lo.
- Andei bastante atarefado.
- Não é nada de importância; só detalhes a melhorar.
- Por exemplo?
- Já são três vezes que me acontece, e a gente acaba por sentir-se um pouco provinciano.
- Sempre o problema das *call-girls*?
- Sempre. O senhor sabe que estas pessoas não são turistas. São gerentes, vice-presidentes, supervisores regionais, e estão acostumados às três categorias. O senhor esteve em Nova York, senhor Budiño; portanto conhece como os hotéis de lá são bem organizados. As francesas, cinquenta dólares. As norte-americanas, quarenta. As porto-riquenhas, vinte e cinco. Esta gente está acostumada às francesas. Estão dispostos a pagar os cinquenta dólares, mas sempre e quando sejam francesas. Para eles as uruguaias, por bonitas que sejam, equivalem a porto-riquenhas, e não interessam. Nós as conseguimos a vinte e cinco dólares, ou até menos, mas não as querem. Eles não buscam a pechincha, como dizem vocês, mas as francesas.
- E não pode conseguir nenhuma? Falou com Dallegri?
- Sim, senhor, falei com Dallegri. Mas as únicas francesas são as da rua Reconquista. Cidade Velha

em geral. Impossível. Esta gente vem com ideais definidos. Não se esqueça de que são gerentes, vice-presidentes, supervisores gerais. São pessoas da hierarquia, não uns vira-latas, como dizem vocês. Se fossem jogadores de beisebol, vá lá, mas são gerentes, vice-presidentes de diretoria, supervisores regionais. Não vá pensar, senhor Budiño, que estou menosprezando o produto nacional. Longe de meu pensamento. Sei perfeitamente que o senhor e eu preferiríamos as moças uruguaias, que são verdadeiramente bonitas, mas estas pessoas são gerentes, vice-presidentes, supervisores regionais, pessoas bastante veteranas, da equipe antiga, assim que desprezam um pouco o nativo. Quando lhes proponho uma moça de Montevideu, dizem que não querem saber de nada com as índias. Estão acostumados às francesas e acabou-se. O iaque é um animal de costumes. Eu confio em que a coisa mudará, mas com o tempo. Esta gente ainda não compreendeu qual é o espírito da Aliança para o Progresso.

– E o senhor, o que propõe?

– Eu tinha pensado se não poderíamos falar primeiro com as outras agências, depois com os hotelheiros, para fazer uma gestão (extraoficial, naturalmente) junto à Comissão Nacional de Turismo. Francamente, creio que a única solução decorosa seria a importação.

– Importação de quê?

– De francesinhas, senhor. Mas não esse refugio que chega às pensões da Cidade Velha depois de percorrer todos os mares. Francesas de marinheiros, não. Isso já temos em abundância. Francesas de vice-presidentes, de gerentes, de supervisores regionais, é disso que precisamos. Leve em conta, senhor Budiño, que eles as querem opulentas em cima, estreitas de cintura, com cabelo longo à Marina Vlady, um traseirinho discreto embora não demasiado volumoso, olhos de novilha amável, que falem inglês *of course*, e saibam escutar atentas e sensíveis quando eles contam como sua sexta mulher não os compreende. Já sei que é difícil consegui-las, porque há grande demanda em Miami, Nassau, Palm Beach, Nice, Saint-Tropez, Brasília, Mallorca, Copenhague, e outras zonas de turismo verdadeiramente adulto. Mas, talvez, se a Comissão Nacional de Turismo fizesse uma gestão... Veja que assim não se pode continuar. Ontem à noite mesmo, aquele supervisor regional da New Californian Oil Co. que o senhor me apresentou, chegou a perguntar-me, bastante contrito e resignado, se nem mesmo tínhamos havaianas, e tive que responder-lhe que não. O senhor ri, mas não sabe que humilhação. De que vale toda a experiência que a gente acumula, se depois não há mercadoria? Acredite que, para eles, pensar em havaianas já é uma concessão importante. E nem isso. Garanto-lhe que estão verdadeiramente deprimidos. O de Havana foi um golpe tremendo. Não, não me refiro à reforma agrária. Ao final, se acostumarão a isso. Refiro-me à rumba. Sinto espantosamente falta da rumba, me dizia esse homem de ontem à noite. Não pode perdoar Castro por ter tirado a sua rumba. Eu acho engraçados os jornais, senhor Budiño, inclusive, e com todo o respeito, o de seu pai, o Doutor, quando reclamam dos poderes públicos uma política mais inteligente de turismo. Há! Muito Punta del Este, descontos ao turista, e cassino. Como podem ser tão míopes? Para o turista portenho, claro, está bem, porque em que pese as suas vaidades e os seis milhões de habitantes que dizem ter, são tão provincianos quanto vocês, e vêm com a senhora e os bebês, ou se ajeitam com algum módico *programinha* de Piriápolis. Mas me parece que pensar somente no turista argentino, que sempre está dependendo do câmbio e dos gorilas, é ter muito poucas ambições. O negócio é atrair o turista do norte, o senhor não acha? E não atrairão jamais o turista do norte se não solucionam previamente o problema das *call-girls*. Olhe que nem mesmo estamos atualizados com a linguagem cifrada. Em Los Angeles, qualquer hotel, já não digamos de primeira, mas de segunda ou terceira categoria, tem sempre na mesinha de cabeceira a senha das taquígrafas. Um telefonema e já está, vem a taquígrafa, sem lápis, sem papel e até sem calcinhas, como dizem vocês. Uma delicadeza. Isso é organização. Aqui, ao contrário, há tantos problemas que os sujeitos desanimam. Até

os hoteleiros têm medo de que os acusem de ser traficantes de brancas, que provincianismo! Só falta que os obriguem a formular o pedido em papel timbrado. Turismo sem sexo, onde já se viu? O senhor ri, mas estamos medonhamente atrasados. Se isto não se ajeita, volto para Caracas. Lá pelo menos há petróleo e, a história o demonstra, onde há petróleo o turismo sempre se torna civilizado. Eu não sei se o senhor está informado, mas eu tive que vir quando esse maluco do Larrazábal estava no governo. A gente corria perigo, claro, como tanta gente decente. Mas agora a coisa está tomando outra cor, e creio que poderei retomar minha esplêndida carreira por lá. Não se podem desperdiçar quinze anos de experiência, senhor Budiño. A experiência e meus quatro idiomas são o meu único capital.

– Eu o chamarei sem falta esta semana.

– Muito bem, senhor Budiño. Faça-me o favor de continuar sendo bom.

– Senhorita, diga-me com franqueza, acha que levamos aqui uma vida provinciana?

– Bom, senhor, eu creio que ...

– Claro, a senhora não conhece outros países para comparar.

– Bom, senhor Budiño, eu estive em Buenos Aires e em Porto Alegre.

– Muito bem, muito bem. E comparando com essas duas cidades, acha que nossa vida é provinciana?

– Em que sentido, senhor?

– Diversões, por exemplo.

– Eu aqui me divirto, senhor. Mas não sei se é exatamente o que o senhor queria saber. Certamente, o senhor preci...

– Não, não, não. Isso é justamente o que eu queria saber.

Carnuda, somente carnuda. Mas como é boba! Depois querem que se acredite na existência de Deus. Como uma mulher pode ser tão cheinha, tão perfeita, com esse busto, com essa boca, e sem cérebro? Haveria que pôr-lhe um, com transístores. Ou devolvê-la a Deus, como defeito de fábrica. De todo modo, o baboso do noivo não vai apalpar-lhe justamente o cérebro.

– Vou comer no centro, senhorita, assim que estarei de volta lá pelas duas.

– Lembra-se de que marcou para as três o senhor Ríos?

Como fará para ter memória, se não tem cérebro? Terá a memória instalada no busto? Lugar há, de sobra. Ali poderia ter a memória, o estômago, os meniscos, o pâncreas, tudo.

– Olá, Tito.

– Olá, Doutor.

– Olá, Pepe.

Incrível a quantidade de gente que conheço na Cidade Velha.

– Oi, Lamas.

Seria realmente Lamas?

– Olá, Valverde. Como vai esse glorioso Liverpool?

São os dois únicos temas que se pode tocar quando se fala com ele: a pesca e Liverpool. Haverá alguém que realmente desfrute com a pesca, além dos bagres que fogem com metade da isca?

– Oi, Suarez, que diz deste calor em pleno abril?

– Olá, garoto, como está o Velho?

A única vez que exercitei a pesca eu tinha oito anos, e o único peixe que extraí me foi enganchado pelo tio Esteban, nadando por baixo até o anzol. Que façanha.

– Olá, Teresinha. Sempre linda, como a mamãe. Olá, dona Teresa.

É incrível como se mantém essa coroa. Continua sendo preferível à filha. Mas que calor. Não aguento

o paletó. E hoje não poderei tomar uma ducha até que seja noite.

– Então falou com seu pai.

– Falei. E nada.

– Mas você lhe falou sobre Larralde?

– Isso foi o que lhe deu mais tranquilidade.

– Não entendo.

– Larralde está perdido. O Velho tem três armas contra ele: um irmão que nas eleições de 58 figurou na lista do PC, um tio materno que há alguns anos roubou cinquenta mil dólares num banco e foi caçado pela Interpol e uma irmãzinha, Norma Larralde, conhece?

– De vista. É a secretária de Estévez.

– Secretária e companhia.

– Não sabia.

– Olhe que três dados para estar nas mãos do Velho.

– E você acredita que Larralde vai recuar?

– Nisso o Velho nunca se engana. O que você acha?

– Francamente, não sei. Eu não sabia nada desses três antecedentes. Realmente são sérios e podem arrasar Larralde. Mas, por outro lado, a negociata é gorda. De repente consegue que o pessoal de *La Razón* o apoie.

– Difícil. Entre eles, nunca atiram para matar. Vai ver que em última instância se complementam. No caso hipotético de que Larralde faça a denúncia, o prejudicado seria ele. O Velho e Molina têm como esmagá-lo. O raciocínio que o Velho faz é que Larralde é um jornalista inteligente, profissional, mas que no fundo é só um sujeito que quer viver tranquilo e sabe melhor que ninguém que, se se atira contra o Velho, e o Velho tem esses três dados para esgrimir contra ele, já não poderá viver tranquilo. O Velho disse que Larralde vai compreender assim que receber uma chamada anônima na qual alguém diga a ele qual é a situação. E você, não se anima?

– Eu? Está louco. Se Larralde, que é um sujeito com experiência, de acordo com seu prognóstico não se atreve, quer que me atreva eu?

– Mas Larralde tem esses três pontos vulneráveis. Qual é o seu ponto vulnerável?

– Não tenho. Mas tampouco é necessário. Olhe que se eu faço a denúncia, tenho que fazê-la por via oficial. Que jornal vai publicar um artigo meu – de Walter, isto é Ninguém – com todos os pormenores? Quem me conhece? Para terminar o assunto, não precisam nem mesmo me ameaçar, ou descobrir algo sujo em minha família, que vai ver tem. Nada disso. Simplesmente, o expediente se extravia e me enterram no arquivo, ou, em último caso, me acusam de comunista e tchau, você sabe que hoje em dia não há necessidade de demonstrar isso. E você? Se animaria?

– Você se esquece de que eu sou o filho. Entre um filho que trai seu pai, e um político que trai seu país, as pessoas, o que é um modo de dizer a opinião pública, sempre vão ser mais severas no primeiro caso. A gente tem que se convencer. Qualquer luta com eles é desigual. Têm a imprensa, o rádio, a televisão, a polícia. Têm além disso toda a estrutura dos dois grandes partidos. Entre um fazendeiro blanco e um fazendeiro colorado, muito mais do que as diferenças políticas conta o fato de que ambos são fazendeiros. Protegem-se, é inevitável. Hoje, por você; amanhã, por mim. Está rindo do quê?

– Acho engraçado vê-lo tão frenético. Você, nada menos que você, o filho de Edmundo Budiño.

– Só falta que acrescente: cria corvos, e te arrancarão os olhos.

– Não se aborreça, Ramón. Você me perguntou de que eu estava rindo. Acredite, seu caso me fez pensar: se você e eu, por diferentes caminhos, não estaremos traindo nossas respectivas classes. Olhe,

meu velho foi um operário toda a sua vida, morreu sendo um operário, e em consequência de um acidente na fábrica. Era um tipo que mal sabia ler e escrever, mas tinha consciência de sua classe, sempre teve. Uma vez, numa época em que chegamos a passar fome (eu era pequeno, tinha dez anos), houve uma greve que durou meses. A fábrica esteve um tempo parada, mas depois começaram a contratar gente nova, cada vez mais gente nova. Mas o velho era especializado, e vieram buscá-lo, ofereceram quase o dobro do salário que ele ganhava. No entanto, ele disse que não. Nem por um instante lhe ocorreu trair sua gente. A fome é sempre melhor de suportar que a vergonha, dizia. Quando eu digo isso, soa como uma frase de efeito. Mas posso garantir que quando ele dizia, soava simplesmente como uma verdade. Sabe que fábrica era? A de seu pai, que então não era de plásticos, mas de artigos de alumínio. Eu estudei um pouco, não terminei o secundário. Me encostei num clube de Luisito. Depois me empreguei. E olha para mim agora: se há um sujeito que não tem consciência de classe, sou eu. Quando estou com algum amigo do velho, não sei por que, me sinto culpado, me sinto incômodo. Quando falo com os rapazes do escritório, percebo que não pertencço ao seu meio, de que eu devia ser outra coisa, pensar outras coisas, fazer outras coisas. Entretanto, você me vê: secretário de Molina, nada menos que de Molina, que tipo! Juro que às vezes sinto vergonha pelo velho, pelo que ele teria sentido se me visse trabalhar ao lado desse apodrecido, e fazendo as vezes até de moleque de recados.

– Mas você disse que os dois traímos a nossas respectivas classes.

– Sim, disse. Porque você vem da outra ponta: gente de grana. Seu pai é um dos sujeitos mais temidos do país. Você podia ter se formado, mas deixou os estudos. Não ficou completamente independente de seu pai. No entanto, falamos muitas vezes longamente, e sei o que pensa de muitas coisas. Em política internacional, em política nacional, em sensibilidade moral, você é o contrário de seu pai. Reconheça que é uma exceção. Em geral, os filhos dos ricos pensam com dinheiro, que é uma maneira muito peculiar de pensar. Você não. Também não é decididamente um homem de esquerda. O que quero dizer, entenda-me Ramón, é que não percebo exatamente qual é a sua posição. Penso que talvez esteja traindo sua classe, mas provavelmente você faz bem.

– Você está escondendo alguma coisa.

– Você pesca tudo, hein?

– De que se trata?

– Você vai ficar chateado.

– Vamos, você me conhece bem. Diga.

– Já que insiste tanto, vou dizer. Do contrário, vai pensar que se trata de algo pior. Você pensou se essa atitude sua, tão insólita dentro de seu meio, vem de um verdadeiro convencimento, de uma profunda e responsável certeza, ou vem simplesmente de uma vontade de contrariar seu pai?

– Sim, já pensei nisso.

– E?

– E tampouco tenho certeza.

Como poderia ter? Além do mais, nunca pensei nisso. Walter pôs o dedo no meu ventilador. É para pensar, para pensar bem. Por alguma razão não me decido a ter uma participação mais ativa. Em quê? Em algo, em qualquer coisa. Para o Velho sou um tipo de esquerda, e essa é sua grande dor de cabeça, embora não o confesse. Mas eu nunca assinei um manifesto, nem me filiei a nenhum partido, nem assisti jamais a nenhum ato político, nem contribuí monetariamente em nenhuma coleta. Evitei até esses mínimos sucedâneos da ação. Toda minha militância esquerdista consistiu em falar mal, em algum botequim, dos Estados Unidos, claro, e também mal da Rússia. É para pensar, para pensar bastante...

– Bem, aqui eu fico. Tenho que ir ao República. Você continua?

– Sim, tenho que voltar à agência. Com sua famosa dissertação sobre classes e traições, me atrasei

mais do que pensava. Tenho um cliente que me espera.

– Telefone, quando ficar para almoçar no centro. Do contrário, nunca nos vemos.

– Apresento-lhe minha neta.

– Muito prazer, senhorita. Ah, vejo que fez o que eu pedi. Muito bem. Seu passaporte, senhor Ríos, e o da senhorita. Seu certificado, e o da senhorita. E o memorando com o itinerário?

– Está aqui.

– Perfeito. Vejamos: Lisboa, Santiago, Sevilha, Córdoba, Granada, Madri, Toledo, Barcelona, Nápoles, Roma, Florença, Veneza, Genebra, Paris. Suponho que a ordem não é obrigatória.

– O senhor acomoda o roteiro como achar melhor, ou como for mais conveniente.

– Pensava, por exemplo, que poderíamos combinar de tal modo que pudesse ver a Semana Santa em Sevilha e a Festa do Grillo em Florença.

– O senhor é que manda. Faça e desfaça a seu gosto. Olhe, na realidade, me agradaria que se pusesse de acordo com minha neta.

– Mas, vovô.

– Nada de mas. Senhor Budiño, ela é a diretora da nossa viagem. Eu havia prometido de acordo com as notas do final do ano e, ei-la, esta senhorita passou muito bem, com destaque. Portanto, vou cumprir a promessa.

– Mas, vovô.

– Agora, senhor Budiño, o senhor vai me desculpar por quinze minutos. Quando combinamos ontem esta entrevista, eu não me lembrei de que hoje, a esta mesma hora, tinha que assinar uma escritura. Mas lhe deixo minha neta, e o senhor acerta tudo com ela, exatamente como se fosse comigo.

– Vá tranquilo, senhor Ríos.

– Até logo, vovô.

– Bem, senhorita, já que é a diretora da viagem, diga-me quais são suas preferências.

– Senhor, desculpe. Tenho que falar com o senhor antes que meu avô volte.

– Pode dizer.

– Eu sei que meu avô ontem conversou francamente com o senhor.

– Francamente sobre o que, senhorita?

– Sobre sua doença.

– Como, seu avô está doente?

– Quero dizer: sobre seu câncer.

– Senhorita.

– Já sei que meu avô pediu sigilo.

– Mas.

– Vou explicar-lhe: eu sou muito amiga da filha do doutor Soria. Rômulo Soria.

– Sim, eu conheço.

– De modo que o doutor Soria me conhece há muito tempo. Na semana passada, estava esperando a Chichí, minha amiga, a filha do doutor. E então ele chegou, e me fez entrar em seu escritório e me disse que havia muitos anos que me conhecia, que ficava feliz que sua filha fosse minha amiga, que eu parecia uma mocinha muito séria etcétera. Depois dessa introdução, me disse o que meu avô tinha.

– Rômulo disse que seu avô tinha câncer?

– Sim. Disse que havia pensado muito, que não sabia se estava fazendo certo, mas que lhe parecia demasiado cruel deixar que o avô viajasse à Europa sem que ninguém soubesse de sua doença.

– E seus pais também sabem?

– Não. Eu sou a única que o sei. E o avô tampouco sabe que eu sei.

– Ah.

– O doutor Soria me explicou que havia decidido falar só comigo, porque sabia de antemão que se dissesse a meus pais, não haveria viagem. E meu avô deseja tanto essa viagem...

– Já sei.

– A visita que meu avô fez ontem ao senhor foi aconselhada pelo doutor. Assim ele me informou de tudo o que meu avô ia pedir ao senhor.

– Vejo que não me deixa a exclusividade de nenhum segredo.

– Estou contando tudo isso, senhor Budiño, por duas razões: para que fique mais tranquilo, sabendo que meu avô viajará com uma pessoa que sabe quanto ele está doente, e também para que, agora com toda a liberdade, o senhor me diga todas as providências relacionadas com a viagem, todas as que considere úteis, dado o estado de meu avô.

– Vai ter que me dar mais um dia, pelo menos, porque agora tenho que rever todo o problema.

– Claro.

– Gosta muito de seu avô, senhorita?

– Muito. Mas peço que não me faça chorar. Meu avô pode perceber. Está atento a tudo.

– Perdão.

– É só. É melhor eu esperá-lo lá fora. Direi ao meu avô que chegaram pessoas para vê-lo, e marcou comigo para amanhã de tarde. Mas eu virei de manhã. Se o senhor estiver de acordo, claro.

E com que cara olho agora para o pobre Ríos? Esta sim, é uma novela. Mais própria para um confessor que para uma agência de viagens. Alguém não terá me enganado em tudo isto? E se telefonasse para Soria? Vejamos. Onde meteram o catálogo? Soria, Armando. Soria, Beatriz. Soria, Josefina Méndez de. Soria, Rômulo. Nove dois quatro seis cinco.

– Poderia falar com o doutor? Da parte de Budiño. Rômulo? Há anos que não nos vemos... Deve estar imaginando por que telefone... Isso mesmo. Olhe, o assunto é tão insólito, tão incomum na minha atividade, que quis tomar a precaução de confirmá-lo com você... Há...Há. Olha, eu creio que você fez bem. Vou ver o que eu faço, a coisa não é simples, creia... E sua mulher? E Chichí? O Velho? Sempre ativo... Susana, bem... Gustavo agora tem dezessete... O que você me conta? É que passa o tempo, tchê, embora a gente não perceba... E eu um ano mais: quarenta e quatro... Claro que temos que ver-nos. Tão amigos como fomos. Você continua indo à Associação Cristã todos os dias? Sempre cedinho?... Você é um craque. Eu não. Há anos que não faço esportes. Olha, agora, se me ponho a jogar frescobol, me desconjuncto... Diga-me, por que não vem em casa uma tarde destas, assim conversamos à vontade e colocamos tudo em dia? Anote o endereço, tem um lápis? Caramuru, cinco cinco sete dois... Sim, Punta Gorda. Nos fins de semana me encontrará sempre. Dedico-me à preguiça... Não, nada de frescobol... Como não, Rômulo, como não... Direi à Susana. O mesmo para Nelly e Chichí... Mas venha, hein?

Rômulo Soria. Agora tem outra voz, completamente diferente. Um bom sujeito. Naquela vez, em Buenos Aires, seria em 1938. Eu estava fazendo aprendizado de agências em Turisplán, San Martín e Cangallo. Mandado pelo Velho, claro. Turisplán, de Eduardo Rosales & Cia. O chileno com barba, o filósofo caseiro, com sua vida dupla: agência de turismo, por um lado, e escola espiritual, pelo outro. Rosacruz mais teosofia mais Eliphas Levi mais Krisnamurti, linda salada. Uma espécie de doutor Budiño, trabalhando em outra zona. Sua vigarice era de almas. Mas de passagem ele se forrava, não precisamente na sua alma, mas na sua conta bancária. Na Agência se chamava Rosales; na Escola se chamava Spatium. A seita tinha filiados em Buenos Aires, Montevideu, Rio, Santiago, e além disso em cidades imprevisíveis como Popayán, Belo Horizonte, Paysandú, Rancagua, Tarija, Barquisimeto, Catamarca. De todas lhe chegava dinheiro. Era a época em que o presidente Ortiz estava ficando cego, e a revista

Nosotros publicava poemas de Luis Fabio Xammar, e se alguém fazia inocentes comentários antinazistas na calçada do *Deutsche La Plata Zeitung*, sempre havia perto algum *tira* para levá-lo preso, e a novidade eram as novas linhas de Chadopyf, e eu chegava primeiro na frenética subida ao poleiro do Colón na noite em que Toscanini regeu, e de lá era emocionante ver como a calva do Maestro se punha alternadamente branca e vermelha de acordo com o ritmo que impusesse Wagner, e nos prostíbulos de província se formavam longas filas de indigentes sexuais, e na Boca os peixes eram muito mais saborosos do que agora, e os tijolos nas veredas de Viamonte estavam todos soltos, e a gente enlameava as calças com os salpicos de barro filho da puta, e em Gath & Chaves seção Perfumes havia uma loura descomunal que não me dava bola, e um sábado chegou tio Esteban e marcou comigo no Cabildo e eu como um panaca fiquei duas horas esperando no Cabildo de Plaza de Mayo enquanto ele me esperava no bar Cabildo, e uma vez na rua Charcas alguém me disse olhe, essa é Victoria Ocampo, e eu disse quem é Victoria Ocampo?, e fui mortalmente desprezado pelo comentário: estes uruguaios, se você os tirar do futebol e da roleta, são uns ôpas, e não perguntei o que quer dizer ôpa para não ser mortalmente desprezado pela segunda vez, e no Parque Japonês havia um grande bólido mortal em que se podia dar voltas medonhas e baixaram duas moças e uma delas estendeu ostensivamente uma perna como uma sonâmbula e começaram a cair de seu sapato de verniz umas gotas provavelmente de pipi com pânico, e que fenomenais as panquecas com doce de leite de La Martona. A mãe de um dos subsecretários da seita Spatium tinha uma pensão na rua Tucumán, e fui parar lá, porque Rosales e o Velho tinham combinado me pagar uma miséria e só dava para viver ali, dividindo um quarto com o mesmíssimo subsecretário Ceriani, que trabalhava na estrada de ferro e se levantava cedo, jogava na bacia água do jarro, e antes de escovar os dentes já se penteava com gomalina, bem esticada, e em seguida punha o chapéu cinzento, e eu, só com um olho aberto porque o outro ainda estava dormindo, o via assim, de cueca e com chapéu, e agora devo reconhecer que esse foi um dos espetáculos mais divertidos que presenciei nessa Buenos Aires anterior a Perón. Rômulo apareceu na pensão uma tarde e eu falei com dona Josefa, a mãe de Ceriani, e lhe pusemos um colchão no meu quarto, e depois saímos para caminhar, e a única diversão foi tomar cerveja e conhaque num bar de japoneses que havia em Corrientes, e Rômulo sabia uma só frase em japonês e falou-a num arranque ao garçom que nos trouxera o copo com os dados, e então o nipônico sorriu com uma esplêndida felicidade oriental e pronunciou um discurso frenético, com grandes gestos e mexer de olhos, até que Rômulo decidiu falar em espanhol que aquela era a única frase que sabia e o japonês nos jogou violentamente o copo sobre a mesinha de mármore. O que você disse?, perguntei. E Rômulo respondeu: Desde que aprendi japonês, acho que sua pátria é uma maravilha. Claro que fomos embora antes que o japonês-garçom aparecesse com o japonês-patrão. Mas a cerveja e o conhaque haviam subido à cabeça de Rômulo e quando voltamos por Tucumán só falava de canhões, uma verdadeira obsessão, nada mais que canhões, algo assim como uma bebedeira premonitória dos Toranzo Montero e os Isaac Rojas, que agora brincam de soldadinhos e ameaçam presidentes, tudo dentro da legalidade, com certeza. E nos deitamos, eu na minha cama, ele em seu colchão, Ceriani já roncava e sonhava certamente com reencarnações, karmas e outros temas favoritos do Spatium. Às três despertei e Rômulo não estava, mas minha própria bebedeira venceu e voltei a dormir. Logo cedo, Rômulo tomou o café da manhã comigo e perguntei o que havia acontecido. Esperou que dona Josefa se retirasse da copa e disse discretamente: Percevejos. Deveria ter sabido. Os percevejos eram algo tão frequente naquela pensão que eu já tinha me acostumado. O máximo que fazia era levantar-me à meia-noite, ir ao banheiro, olhar-me no espelho, ver como estavam esmagados em todo o meu corpo e tomar uma ducha de purificação. Saíam dos rodapés, organizados como regimentos. Uma noite eu estava deitado lendo meu primeiro Dostoievski, e de repente vi que pela parte superior de *Crime e Castigo* assomavam duas patas peludas. Uma tarântula, simplesmente. Joguei o pobre Dostoievski contra a parede e a aranha caiu sobre

o chapéu de Ceriani. Deixei-a ali; depois pensei que talvez a pobrezinha tivesse recorrido a mim, perseguida pelos percevejos. Quando o perseguido foi Rômulo, ele não teve outro recurso senão levantar-se, vestir-se, sair à rua e tomar um bonde qualquer, em Reconquista e Viamonte. O bonde ia até Chacarita, e durante o trajeto dormiu sem percevejos, como um anjo. Foi ao chegar a Chacarita que o guarda se aproximou e disse: Destino? Rômulo abriu os olhos e falou: Não importa, volto para o centro. Ah, disse o guarda, então esta noite está fazendo a farrinha. Quando me contou no café da manhã, creio que chorei de tanto rir. Para melhorar, depois veio dona Josefa e falou longamente de seus projetos de férias. Sempre confundia as palavras, e essa manhã se referia aos lagos de Nahuel Huapí, mas ela dizia Caguelpichí. Também o subsecretário Ceriani incorria em parecidas transgressões verbais. Uma vez, na minha frente, perguntou a um casal de Mendoza (a mulher estava de oito meses): E, quando chega o *bastardo*? O marido se defendeu sublinhando na resposta: Esperamos o novo *rebenito* para dentro de um mês. Outra vez contou que tinham ido fazer um piquenique e que junto a um riacho tinham visto um guaxinim ferido, e concluiu a história: estava no último *esterno*. As vezes que pude ver Ceriani e Rosales juntos, notei o indissimulado desprezo que este tinha para com a gomalina, o colarinho duro e as atrapalhadas intervenções do subsecretário. No meio de seus discípulos, Rosales às vezes se abstraía, como se de repente alguma corrente astral estabelecesse comunicação com sua mente privilegiada. Nestas ocasiões, todos ficavam silenciosos, alguns juntavam as pontas dos dedos, outros fechavam os olhos. Na minha frente Rosales não se levava tão a sério e às vezes me falava de seus fiéis como Esses Idiotas. Nos domingos, em geral, me telefonava cedo para que fosse jogar xadrez com Fermín, seu filho asmático. Fermín era agradável, mas jogava xadrez muito mal e eu me aborrecia soberanamente. Brilhavam os olhos do rapaz quando falava do pai e, às vezes, quando eu fazia um roque, se vingava dizendo: O Mestre faz chover quando quer. Era seu filho, mas chamava-o de O Mestre, como todos os fiéis. Eu estava longe de sentir os desconfiados ímpetos do apóstolo Tomás, mas certamente minha impressão não era o suficientemente devota frente aos olhos de Fermín, por isso que no primeiro xeque ele voltava a insistir: O Mestre fala todos os idiomas do mundo. Sobre este tema dos idiomas presenciei um episódio realmente espetacular. Entre os discípulos da seita era bastante generalizada a crença de que Spatium falava todos os idiomas do mundo. Um dia veio a Turisplán um dos discípulos mais antigos e pediu para falar com Rosales. Ele não gostava que os fiéis viessem vê-lo na agência, mas esse dia estava de bom humor, e o recebeu. O sujeito se chamava Galdós. Na semana anterior tinha vindo para comunicar que tinha um amigo árabe que queria entrar para a Escola. Um árabe que só falava árabe. Ou seja, era uma boa ocasião para provar o domínio que o Mestre Spatium tinha do árabe, entre outros idiomas. Mas Rosales não perdeu a calma. Simplesmente, disse a Galdós que comunicasse a seu amigo árabe que devia apresentar uma solicitação de ingresso, escrita em árabe naturalmente, e revelando qual tinha sido a trajetória de sua vida até esse momento. Agora Galdós vinha precisamente com essa carta. Eu estava no escritório quando ele entregou o envelope a Rosales. Ele o abriu, desdobrou o papel, passou atentamente seu olhar por aqueles caracteres que seguramente lhe diziam tão pouco quanto a mim, depois tornou a dobrar a folha, colocou-a no envelope e disse serenamente ao interrogante Galdós: Diga a seu amigo que quem foi na vida o que ele foi não pode nem deve entrar na minha Escola. Mas, balbuciou Galdós. Nada de mas, diga-lhe isso. Nunca me esquecerei da cara de Galdós. Foi-se com a carta e creio que nunca mais voltou. Faltou-lhe a confiança, ouvi dizerem os outros fiéis, não sei se como expressão de inveja ou de reprovação. Creio que alguns deles tinham uma tremenda vontade que lhes faltasse a própria confiança. Rosales era asmático. Não tanto quanto Fermín, mas era asmático. No escritório da Turisplán, na gavetinha à esquerda de sua mesa, tinha um inalador. Eu trabalhava na sala ao lado, mas a divisória era fina e eu podia ouvir a sequência de bombadas e sua ruidosa forma de aspirar. Ele ocultava sempre essa discreta deficiência física. E tinha razão; era um pouco ridículo que um Mestre, com suficiente poder

para fazer chover quando queria, um Mestre que falava todos os idiomas do mundo, um Mestre que se comunicava com qualquer corrente astral que se pusesse no seu caminho, tivesse que andar apertando a prestativa perilha do inalador para que o fole de seus pobres brônquios recuperasse seu ritmo normal. Algumas vezes eu entrava de repente no escritório, e o surpreendia na metade de uma inalação, e era interessante ver como se arrumava para derivar a aspiração não concluída até uma tosse completa, e para esconder o inalador debaixo de uma pasta ou deixá-lo cair numa das gavetas. Nesses casos, seu olhar era de ódio; o meu, de inocência. A barba de Rosales era pontiaguda e tinha uma mechinha grisalha. Ele costumava apoiar a cabeça na mão esquerda. Como o polegar e o indicador formavam parte do apoio, empregava o desocupado mindinho para a subsidiária atenção à barbinha mefistofélica e até mesmo para levar suas pontas até à boca; mas só mordida os pelos quando estava muito raivoso ou muito excitado. Por exemplo, sempre que eu entrava de surpresa, começava a morder a barba. Mas eu havia inventado um contraveneno. Piscava três vezes seguidas e pensava: farsante. Sim, era a época do Presidente Ortiz e a revista *Nosotros* e Toscanini e a loura de Gath & Chaves e o Parque Japonês e os dois Cabildos e o *Deutsche La Plata Zeitung* e as filas nos prostíbulos e a Escola Spatium. Foi nessa época que Rômulo Soria esteve na pensão de dona Josefa, e ela vinha depois do jantar e perguntava: que querem, chá ou café? E a gente respondia: Chá. E ela dizia: que pena, só há café. Lindos dias, apesar de tudo. E embora o Velho nesse tempo me vigiasse através de Rosales, eu me sentia bastante livre, e depois de estar ali seis meses, quando me dei conta de que Rosales me ia chamar indefectivamente todos os domingos para que eu fosse até Palermo, num desagradável ônibus que passava por Leandro Alem, a fim de aplicar em Fermín dez ou doze variações de xeque-mate, quando me dei conta disso, todos os domingos me levantava cedo e, antes que Rosales me chamasse, fugia com um livro para a praça San Martín, e lia, atropeladamente mas lia, de Tolstoi até Miguel Cané, desde *A letra escarlata* até *A ceia dos cardeais*, desde *As flores do mal* até *Versos a Negrita*. Lia, lia como alienado, e só de vez em quando levantava os olhos para ver lá embaixo as árvores do Retiro, e os bondes, e dois ou três tálburis que davam voltas na praça com algum casal de Tucumán, ou de Catamarca ou de Mendoza. De Montevideú, jamais. Nosso heroico sentido do ridículo nos mantém inexoravelmente afastados de todos os prazeres que sejam públicos, espontâneos e baratos. Nossa máxima distensão é cantar a *Despedida dos Assaltantes*. Como quando aquela delegação estudantil visitou um país europeu do outro lado da Cortina, creio que Bulgária, e foi convidada a gravar canções folclóricas para alguns desses Museus das Canções do Mundo a que são tão ligados os subdiretores de bibliotecas, as bolsistas em bailes regionais e os professores de fonética; e os distintos compatriotas se puseram de acordo e cantaram justamente isso, a *Despedida dos Assaltantes*. No dia em que os búlgaros souberem que se trata do hino de uma bandinha de rua provavelmente nos insultarão em búlgaro. No entanto, o nosso folclore é um problema, porque, onde encontrá-lo? O “Pericón”, dizem os técnicos. Mas desde que Nardone toca esse tema diariamente pela Rádio Rural, como introdução à sua *Saudação habitual de todos os dias aos produtores rurais de meu país, aos produtores rurais dos países vizinhos, aos amigos ruralistas de Montevideú e aos amigos de todas as localidades do interior*, desde então o pobre “Pericón” deixou de ser folclore para transformar-se em dança macabra. Muito Chalchalers, muito Atahualpa Yupanqui, muito Edmundo Zaldivar, mas tudo isso é argentino.

Nosso é o candombe, quer dizer, é dos negros. Até nisso nos parecemos com os Estados Unidos. Também aqui os negros são os únicos que se divertem com vontade. O resto do folclore é loteria, futebol, contrabando formiga, bater carteiras, apostas no jóquei, suborno, as Três Tarefas da Boa Vontade. A alternativa é clara: caridade com bumbo, ou egoísmo a sete chaves. Sim, era lindo ver, da praça San Martín, junto à sombra afiada do Cavanagh, aqueles tálburis com casais provincianos, e no banco ao lado, o carrinho com vagidos junto à babá da Coruña, e o policial de cara de índio junto à babá, sorrindo-se

ambos com a preciosa, irrecuperável timidez dos seres primitivos, que para chegar ao sexo não precisam dar, como nós, classe média frustrada e pretensiosa, tantos rodeios prévios por zonas em que moram a religião e Jean-Paul Sartre e a carestia da vida e o teatro independente e viu o último assalto? e sua cara me parece conhecida e onde passará o carnaval? e turismo e os partidos tradicionais estão caducos e há anos que não havia um verão tão quente e isto do dólar sempre a onze é uma situação artificial e insustentável e você viaja sempre neste trólei? e me daria seu telefone? e me sinto tão à vontade falando com você. Todo esse rodeio, ou, pelo contrário, o galanteio à queima-roupa, melhor dizendo à queima-blusa, o galanteio pedrada, herdado talvez dos andaluzes mas despojado de sua graça, o galanteio contundente, sem lugar para lirismos nem ambiguidades, o galanteio apalpadela, de obscenidade quase táctil e obrigação de palavrões. E isto não é a exceção. Não vale dizer que só faz isso e pensa nisso a gente ordinária, também chamada sem refinamento, os que não são sócios do Jóquei Clube nem dos Amigos da Arte nem do Rotary nem do Lions. Não, isso é dito e pensado por todo mundo, com exceção dos maricas, que pensam em outra direção, e dos santos varões, que mesmo assim já não são como antes. Eu mesmo, que não sou maricas nem santo varão, olho agora a secretária esplêndida, carnuda, e não me importa que seja boba. Trato-a com toda a correção exigida pelas convenções sociais e a coexistência pacífica.

– Deixe esses papéis aí, senhorita, e peça ao senhor Abella o relatório semanal.

Mas a verdade é que, por mais que dissimule, não posso afastar a vista de sua pendular libra esterlina, e sigo atentamente as oscilações a fim de poder vigiar, embora seja só assim, com intermitência e às pressas, esse glorioso nascimento de seus seios sobejantes e ao mesmo tempo contidos, esse nascimento frente ao qual somem os olhos e as mãos e a boca e o abatimento. O fato de não lhe lançar o galanteio pedrada, o fato de não apertar os dentes e lhe proporcionar a palmada feroz que seu estupendo traseiro merece, só significa que minha mediana cultura me deixou um bom sortido de inibições e que, como resultado, sou excessivamente parco em minhas homenagens.

– Bem, senhorita, creio que por hoje já chega. Me fez assinar uns dez cheques e trinta cartas.

Melhor ir embora. Sei que esta noite tenho que pensar longamente no assunto Dolly, quero dizer Dolores, mas tenho que estar tranquilo, tenho que reservar toda minha tranquilidade para esta noite.

Abella diz que faz bem caminhar todos os dias, que foi assim que ele conseguiu diminuir sua barriga. Eu além disso teria que comer menos pão e não tomar cerveja nas refeições, e menos sal, e nada de doce, e ginástica todas as manhãs. Na realidade nunca, nem em meus melhores tempos, pude chegar a tocar as pontas dos pés com minhas mãos, mas dentro de pouco creio que não poderei, nem em minhas flexões mais bem-sucedidas, chegar aos tornozelos. Me sinto às vezes rígido, endurecido, ou seja, com quarenta e quatro anos.

– Olá, escritor.

Este eu conheço do assunto Zabala. Bom cafetão dos promitentes compradores.

– Que sorte encontrará-lo, Fleitas. Hoje mesmo ia chamá-lo porque preciso de um novo intérprete. O venezuelano vai embora. Disse que somos muito provincianos. Sempre o mesmo assuntos das *call-girls*. Parece que os ianques querem francesinhas da nova onda. Dizem que as uruguias são puah, mais ou menos como as porto-riquenhas. Que acha? Claro que você e eu conhecemos cada uruguiazinha, hein? Acontece que são gerentes, vice-presidentes, supervisores regionais, sujeitos com pouco tempo disponível, acostumados a apertar um botão e ter entrepernas à vista. Isso eu disse: O que você quer, Gabaldón? Somos subdesenvolvidos. O fato é que ele vai embora. O problema é que tem que ser uma pessoa que pelo menos fale bem três línguas: inglês, francês e alemão. Não, russo ainda não. Os baleeiros prescindem de nossos inestimáveis serviços, Fleitas, e além disso não precisam de intérpretes,

não acha? Quando quiser, tchê. Às ordens, como sempre.

Que sede. Algo fresco, urgente, embora me proporcione dez centímetros mais de barriga. Coca-cola, suco de grapefruit, qualquer coisa, contanto que esteja gelado. Aaaah, sete quarteirões e já me cansei, percebo agora que me sento. Que casualidade, só uma vez estive antes nesta mesa, quando Laredo me contou a decepção. Coitado. Isso se chama ser vítima de uma circunstância. E fraco, claro. Porque quando ele se deu conta de que o outro, não sei o que Aguirre, estava manipulando com os cheques, sua primeira intenção foi denunciá-lo, mas o outro choramingou, casado, dois filhos, outro para chegar, irei repondo, garanto, não me afunde, se você falar eu me mato, etcétera. E Laredo, metido em dívidas até o pescoço, e os credores que todos os dias apareciam no escritório com ultimato atrás de ultimato, e a angústia de não poder pagar, nem renegociar, nem ir amortizando pouco a pouco, e Aguirre que todos os dias lhe dizia tira você também, é tão fácil, depois vamos ao cassino, muita terceira dezena e vai ver como repomos tudo, e na tarde seguinte a mesma coisa, olha que ninguém nota, depois repomos, e vai ver como tudo vai dar certo, e agora pelo menos sai desse transe, não é?, senão te enforcam. Quando entrou na primeira jogada, se condenou sem remédio, e então veio outra, e foram à roleta e perderam uns cinco mil numa só noite, e a reposição cada vez mais longínqua. Até que o caixa começou a suspeitar e uma noite pediu permissão na gerência e ficou para verificar e tudo veio à tona, isto é, tudo o que Laredo sabia e muito mais que não sabia, porque dentro da trapaça houve outra trapaça, a que Aguirre fez com Laredo. Me contou tudo, e daqui mesmo se foi entregar.

– Mas esta coca-cola não está gelada. Eu disse gelada. Vá, traga-me outra coisa, qualquer coisa, mas que esteja gelada. Não importa que estamos em abril. Faz calor do mesmo jeito.

E depois, no ano seguinte, encontrei-o na esquina de Misiones com Rincón, e era outra pessoa. Dez meses em Miguelete, só isso. Olhe, Budiño, agora me convenci de que no fundo não sou um crápula, porque se depois desses dez meses não me formei como delinquente profissional, então acho que posso levantar a cabeça. Você não sabe o que é isso: a oferta e a demanda de maricas, os sujeitos que se encarregam de conchavar gente para que, quando saiam, dediquem-se a bater carteiras, ao contrabando, à falsificação, ao trambique. Aqui, na Argentina ou no Chile. A organização é perfeita. Documentos falsos, certificados, recomendações, a gente tem a impressão de que não há diferença entre presos e guardas, a gente tem a impressão de que todos são malandros. Desta vez, me curei para sempre. Nunca mais, garanto, nunca mais. A mineral sim, está fria. Que sede. Deve ter sido aquele alhinho que vem no churrasco. E agora dois quarteirões mais, até o carro. Ora, esqueci que havia greve. Podia ter perguntado à secretária carnuda se queria que eu a levasse, creio que vive em Buceo. Talvez tenha sido melhor assim. Podia interpretar mal. Toda essa gente que caminha comigo, ou está sentada nos bancos da praça dando migalhas às pombas, ou esses sujeitos que de repente param e olham o vazio e depois continuam caminhando e falam sozinhos e fazem gestos. Que será cada uma dessas vidas? Cada sujeito caminha com seu mundo de problemas, com suas dívidas, suas masturbações, seus rancores, suas nostalgias, as coisas que quis ser, e essa pouca coisa que é. Assim como eu penso e repenso, e sempre ando ao redor de seis ou sete imagens: o Velho, Dolores, este país quase indecifrável, Gustavo, evidentemente Susana, a ideia da morte, Deus ou o que seja; assim como eu giro ao redor de meu centro, e creio que o mundo começa e termina em mim, que tudo existe em função de minhas dúvidas, assim também cada um desses pobres diabos crê que seu drama é o Grande Drama, quando na realidade não interessa nem um pouco a ninguém, assim na terra como no céu. Finalmente o carro. Feliz dele. Todos os seus problemas, o mecânico soluciona. Mas quando me falta um sentimento, um pistão, digamos, ou minhas válvulas de escape estão gastas, ou a nostalgia, o sistema de ignição, digamos, tem atrasada a fagulha, não há mecânico que possa me consertar.

Hoje sim, a Rambla. Nada de rua Canelones. Está lindo aqui, sopra um ventinho. Pelo menos este verão artificial se parece com nosso verão verdadeiro: ao entardecer, refresca. E se, por exemplo, pensasse agora em Dolores? Desde cedo me está dando voltas na cabeça o poema que Vargas fez quando se apaixonou por aquela moreninha da Arquitetura. Uma miniatura, lindíssima e simpática, mas casada. Depois, quando tudo tinha passado, deu-me uma cópia à máquina e disse: Creio que é o mais verdadeiro que escrevi e além disso não creio que algum dia escreva nada melhor. Tinha razão, afinal de contas. Nessa época escrevia bastante, mas depois se meteu no *República*, e mais adiante conseguiu umas representações e se casou e tem um montão de filhos. Mas o poema é bom, claro que sim. Eu o aprendi de cor e me dava pena não ter em quem pensar quando o dizia. Agora tenho. Mas não estou certo de lembrar-me. Vejamos.

*Porque te tenho e não
porque te penso
porque a noite está de olhos abertos
porque a noite passa e digo amor
porque vieste recolher tua imagem
e és melhor que todas tuas imagens
porque és linda do pé até a alma
porque és boa da alma a mim
porque te escondes doce no orgulho
pequena e doce
coração couraça
porque és minha
porque não és minha
porque te olho e morro
e pior que morro
se não te olho amor
se não te olho
porque tu sempre existes em qualquer parte
mas existes melhor onde te quero
porque tua boca é sangue
e tens frio
tenho que amar-te amor
tenho que amar-te
embora esta ferida doa como duas
embora te busque e não te encontre
e embora
a noite passe e eu te tenha
e não.*

Me lembrei e é para você, Dolores. Foi feito por outro, para outra, mas eu também o fiz e é para você. Foi feito por outro, porque eu não sei dizer as coisas que sinto, mas reconheço quando alguém é capaz de dizê-las por mim. E é também um modo de dizê-las. Vai ver que Vargas já não se lembra que escreveu esse poema. Eu me lembro, e é um modo de fazê-lo meu. *Porque és minha, porque não és minha.* Ninguém poderia dizê-lo melhor, não é verdade? *Coração couraça.* É para você, Dolores. Já não sei

quem o fez. Talvez Vargas tenha sido um robô que pensou por mim. Talvez eu seja Vargas, ou Vargas fosse eu. A única coisa certa é que você está existindo, Dolores, em algum canto deste dia, em algum lugar do mundo, só ou com alguém, mas sem mim. A única coisa certa é que você é melhor que todas as suas imagens, que todas as imagens que tenho de você. Quis esperar este instante sozinho, sem pressa exterior e sem testemunhas, para dizer-me, com todas as letras, que estou apaixonado? Aos quarenta e quatro anos? Talvez, só semiapaixonado. Porque ela diz que não, que não me quer. E para estar total, completa, absolutamente apaixonado, há que se ter plena consciência de que também se é querido, que também se inspira amor. De modo que semiapaixonado. Mas, de que forma? Não como na adolescência, evidentemente que não. Então era uma espécie de loucura contente, um frenesi, que levava em sua própria ênfase o germe da autodestruição, uma soma de jogo mais sexo. Agora, é outra coisa. O sexo está, claro, como não ia estar. Dolores me atrai fisicamente. Me toca apenas, apoia uma mão sobre meu braço, não como um gesto de amor, mas como um simples acompanhamento da conversa, e sinto em mim um estremecimento, passo imediatamente recibo dessa pele mansa, morna, prometedora, que esmaga momentânea e suavemente os pelos do meu antebraço ou de meu pulso. Mas há muito mais. Minha comoção interior é ainda mais viva quando me olha que quando me toca. Além disso, me tocou tão poucas vezes, e sempre por motivos tão triviais. Em troca, sempre me olha, nunca evita meus olhos. Tem uma capacidade formidável para estar íntegra em seu olhar, para olhar vivendo, para olhar sentindo, para olhar simpatizando. Ela simpatiza comigo, disso estou certo. E sua simpatia é tão cálida, tão vital, tão lúcida, que é quase o equivalente de um amor. É provável que uma mulher de intimidade mais pobre ou mais rígida, num instante de amor, em seu melhor instante de amor, possa alcançar esse mesmo nível de comunicação e de intimidade afetiva. Dolores, só simpatizando, equivale a outra mulher no zênite de seu amor. Mas nada disso é suficiente. Porque embora eu capte, ou creia captar, a intensidade afetiva de Dolores quando simpatiza comigo, demasiado sei que esse não é o seu máximo, que seu máximo não é a mera simpatia, por intensa que esta seja, mas o amor. E não posso evitar esta conjectura: se a simples simpatia de Dolores me comove assim, como não haveria de comover-me o amor de Dolores, o amor em seu máximo, em plena ebulição? E perante essa possibilidade tampouco posso evitar de sentir uma vertigem, não posso evitar de perder a cabeça. Talvez amanhã ou depois me resigne. Mas hoje sofro como um condenado. Ontem mesmo eu não sabia que podia amar assim. Então, o que aconteceu? É simplesmente porque falei, porque disse? Pode ser. Hoje, à medida que ia dizendo a ela, sentia que isso era mais e mais verdadeiro, como se ao dizê-lo eu fosse fazendo proselitismo comigo mesmo, convencendo para sempre meu coração, este mesmo coração que agora me dói, sim, fisicamente, este órgão oco e muscular que de algum modo se arranja para ocupar-se simultaneamente do sangue e das emoções. Se pelo menos agora, quando chegar em casa, eu pudesse estar sozinho, se pelo menos ninguém me falasse. Mas não, certamente virá Susana contar-me as fofocas de Laura, ou a queixar-se de como está cansada porque ficou sem empregada, ou a pedir que fale seriamente com Gustavo, porque cada vez tem mais amigas anarquistas ou socialistas ou comunistas, ou a informar-me de que tia Olga telefonou para dizer que bom sujeito eu sou, ou, o pior de tudo, a sugerir-me que hoje podíamos jantar em Carrasco, porque está sem vontade de cozinhar. Hoje não quero comer fora. Quero jantar muito frugalmente, talvez uma salada bem fresca e nada mais, e depois sair para andar um pouco, mas sozinho. Tomara que quando perguntar a Susana se quer vir comigo me diga, como tantas vezes, que está muito cansada, que vai deitar cedo. Quero sair para caminhar sozinho pela Rambla, ou talvez olhar as fosforescências nas ondas, ou deitar-me de costas na areia. Mas já vejo, Susana está me esperando junto da grade, e isto não é precisamente um bom indício. Susana ainda está bem, apesar dos trinta e nove anos que faz na semana que vem. Mas não se trata disso.

– Muito calor no centro?

– Horrível. Neste momento, creio que o mais importante é a ducha que vou tomar.

– Isso, tome uma ducha e refresque-se. Vim aqui esperar para que você não guarde o carro na garagem. Estou tão cansada, agora que não tenho empregada, que, francamente, não tenho vontade de cozinhar. Que acha de irmos jantar em Carrasco?

– Tenho que matá-lo.

Não há outra saída para mim. Mas penso nisso e de imediato sinto uma comoção, um choque que não é só meu, individual, mas é também uma reprovação em coro. Serei o mais desprezado, o mais insultado, o mais destruído. O país não tolera gestos trágicos. O país só tolera gestos insossos e servis; participar da Grande Caridade televisiva ou abrir inabilmente as novas mãos de mendigo novo. Dólares, pelo amor de Deus. E sobretudo, não complicar nossa vida. Matá-lo é, para mim, uma complicação da vida. E que complicação. Por isso resisto, por isso me debato frente à decisão obrigatória e tento encontrar outro caminho. Mas não há outro. Além disso, como será isso de matar? Só uma vez achei que tinha matado alguém. O primo Víctor brincava comigo no terreno baldio entre Ganaderos e Garsón. Não o vi mais, mas não me preocupei muito e continuei brincando sozinho. Com pedrinhas e caracóis, com uma prancha de pregos enferrujados. Pensei que ele tinha voltado para sua casa. De repente, vi a ferradura. Tia Olga aconselhava a jogar as ferraduras para trás, sem olhar; isso trazia sorte. Então eu peguei a ferradura, para maior garantia tapei os olhos e joguei-a por cima de meu ombro. Em dois segundos ouvi um grito agudo, e depois nada. Sim, eu tinha acertado Víctor na cabeça. E ele tinha desmaiado. Você o matou, dizia tia Olga quando chegou correndo, matou o meu bebê, o seu priminho, menino assassino. O corpo de Víctor estava mole e seu rosto tinha uma impressionante palidez quando tio Esteban o carregava nos braços e eu corria atrás, chorando e pedindo a gritos: Que abra os olhos, diga-lhe que abra os olhos. Mas o bracinho continua pendurado nas costas de tio Esteban, como se a mão quisesse entrar no bolso do paletó *sport*. Colocaram-no num sofá da sala e eu chorava, tentando explicar que não sabia que ele tinha se escondido. Diga-lhe que abra os olhos; diga-lhe, tio. Acreditei sinceramente que o tinha matado e a ideia era insuportável. Tia Olga punha compressas frias na sua testa e tio Esteban fazia-o cheirar amoníaco. Quando, em poucos minutos, Víctor abriu primeiro um olho, depois o outro, e disse queixoso: Ai, como dói, quem foi?; quando vi que estava vivo, estourei numa gargalhada elétrica e comecei a dizer para a tia Olga: Viu, tia, eu não o matei, ele tinha se escondido, eu joguei a ferradura para trás, sem olhar, como a senhora me ensinou, mas não trouxe sorte para Víctor. E ela riu, ainda chorando mas já sem rancor, e me abraçou: Ai meu filhinho, graças a Deus que não aconteceu nada, sabe como seria horrível se você tivesse matado seu priminho? No entanto, meses depois, quando Víctor realmente morreu de não sei que doença vertiginosa, e eu fui o primeiro a vê-lo morto, não me lembrei nada daquela vez que o havia visto mole, vencido, com o braço pendurado e as pontas dos dedos a dois centímetros do bolso de tio Esteban.

– Tenho que matá-lo, Dolores.

Ela também está inerte, a meu lado. Mas vive, gloriosamente vive. Só que está adormecida. Agora sim, me parece indefesa. Encolheu as pernas como uma menininha e, quem o imaginaria?, respira com a boca aberta. Por que será que me comove tanto? Sua nudez não é esplêndida, mas esses seios pequenos, de adolescente, me dão vertigem. E todas essas manchinhas, abundantes mas não tão nutridas como sardas, que tem na cintura, e o sexo quase louro, e os joelhos infantis e ombros tão puros. Ainda não posso acreditá-lo. *Porque te tenho e não*. No entanto, continua sendo correto. Não a tenho, claro. Pertença-lhe, mas ela não. Depois da tarde da Goleta, não falei mais sobre ela e sobre mim. Foi ela que

falou. Encontrei-a ontem, só ontem, feliz ontem. San José com Yaguarón. Trouxe-a até sua casa, como sempre pela Rambla. Eu estive pensando naquilo, disse ela, noites e noites. Eu não disse nada, não queria me iludir. Sei que você está sofrendo, acrescentou. Também não respondi. Ramón, disse. De repente pensei que ia acontecer algo inesperado, uma dessas estupendas notícias que infrutiferamente me anunciam há anos todos os horóscopos, e não pude evitar de ter ilusões. Ramón, repetiu, vou para a cama com você. Antes ainda de admitir que o céu estava se abrindo, agradei mentalmente que não tivesse dito: Vamos fazer amor, e sim: Vou para a cama com você. Tive que diminuir a marcha do carro e, antes de Larrañaga, encostei o carro no meio-fio. Minhas mãos tremiam. Notei que havia esquecido como engolir a saliva. Decidi esta manhã, continuou ela; é muito estranho o que sinto por você; não sei se é desejo; é tão diferente do que sinto por Hugo; é algo muito mais sereno, mais tranquilo, também mais agradável; talvez seja a segurança de que você me compreende, de que você é bom; não estou propondo que sejamos amantes de forma mais ou menos permanente; não posso enganar Hugo assim; proponho simplesmente ir para a cama só uma vez; eu sei que é importante para você e garanto que está sendo importante para mim; você está apaixonado e sofre; eu não estou apaixonada, pelo menos ainda não, mas também sofro; não quero ver você infeliz, Ramón; quero que tenha uma lembrança criada por mim, algo a que possa se agarrar; é insuportável para mim que você tenha perdido sua mãe, que odeie seu pai, que se sinta longe de Gustavo, que não possa comunicar-se com Susana e que de vez em quando sonhe comigo; creio que você tem direito a sentir-se, pelo menos uma vez, em dia com suas emoções, com sua vida; creio que você tem o direito de sentir-se pleno; confesso que para mim foi uma grande crise; mas de repente vi claro, vi que a morte está se vingando sempre de nossas vacilações; nossa vida se compõe de três etapas: vacilar, vacilar e morrer; a morte, ao contrário, não vacila diante de nós; nos mata e se acabou; o grande espião, a formidável quinta coluna que a morte instalou em nós, se chama escrúpulo; já sei, eu tenho escrúpulos; você também, entenda que não estou contra o escrúpulo; mas é a quinta coluna da morte; porque graças ao escrúpulo, vacilamos, e nos passa o tempo de gozar, de gozar esse minuto feliz que, como graça especial, foi incluído em nosso programa; passamos toda a vida sonhando com desejos não satisfeitos, recordando cicatrizes, construindo artificial e mentirosamente o que poderíamos ter sido; constantemente nos estamos freando, contendo-nos, constantemente estamos enganando e enganando-nos; cada vez somos menos verdadeiros, mais hipócritas; cada vez temos mais vergonha de nossa verdade; por que então não posso fazer possível o seu minuto feliz?; além disso, tenho curiosidade, reconheço, em saber se não poderá ser também meu próprio minuto feliz; talvez seja o de ambos; quero dizer que não temos que dar vantagens à morte, porque ela não nos faz a mínima concessão; depois que você estiver morto e eu morta, já não haverá retrocesso possível, não será possível voltar a este instante em que você me deseja desesperadamente e eu sou ainda dona de minha decisão; esta manhã, quando cheguei a essa ideia, tive que rir; como podemos ser tão desajeitados que até agora tenhamos estado oferecendo à morte esta vantagem gratuita do escrúpulo? Você não acha que é mais ou menos como se o condenado à cadeira elétrica se encarregasse pessoalmente de comprovar a perfeição dos contatos, a boa qualidade dos fios?

– Tenho que matá-lo, Dolores.

Então ela perguntou: Você está disposto? – e eu sorri tristemente. Primeiro porque pensei na ordem pacífica em que ela enumerava suas verdades e depois porque eu também não estava demasiado certo de que o Minuto Feliz, assim sozinho, sem estar seguido de muitas horas felizes, de toda uma vida feliz, fosse melhorar em algo meu destino. Tal como ela o colocava, ia ser um minuto feliz e condenado. E essa lembrança, esse algo a que aferrar-se, talvez amargurasse para sempre todas as minhas noites, todas as minhas insônias. A história da morte era rigorosamente certa, mas. Por algo vacilamos. Talvez seja porque não nos resignamos ao minuto único e feliz. Preferimos perdê-lo, deixá-lo transcorrer sem fazer

sequer o razoável gesto de agarrá-lo. Preferimos perder tudo, antes de admitir que se trata da única possibilidade e de que essa possibilidade é um só minuto e não uma longa, impecável existência. Claro que sim, Dolores, falei. E ela adivinhou o que eu estava pensando. Naturalmente, disse, pode acontecer também que depois você fique mais desgraçado e eu fique então com o remorso de tê-lo ferido; mas isso não poderemos saber antes; e creio que vale a pena correr o risco. E eu perguntei quando, e ela disse amanhã.

– Tenho que matá-lo, Dolores.

Amanhã é hoje. Hoje, nesta cama deste apartamento, Dolores ocupa o mesmo lugar que tantas mulheres de Jorge, Juan e Jacinto, a sociedade sexual dos Três Jotas, como chamam a si mesmos, a sociedade que hoje me cedeu a chave. Onde se deitaram e abriram as pernas tantas secretárias, atrizes, modelos, caixas, grã-finas, viuvinhas, manicures, locutoras, bacharéis, aeromoças, ninfetas, turistas, professoras de primeiro grau, paroquianas, nadadoras, poetisas, escritoras, taquígrafas, bailarinas, professoras de corte e costura, morfinômanas, ex-suicidas, ascensoristas, donas de butikues, presidentes de comitês, esposas de deputados, vendedoras de calcinhas, leitoras de Henry Miller, postulantes a Miss Uruguai, *teenagers* do Crandon, *jeunes filles* da Aliança, aqui onde tantas, com estas ou outras palavras, disseram *tenho medo de que depois disso você me despreze* e a seguir gozaram como Deus manda, aqui onde estiveram as boas, as más e as regulares, está agora Dolores, única, introcável, sorridente até em sonhos; Dolores recolhida por mim, trazida em silêncio por mim, sempre pela Rambla e, depois de ter deixado o carro numa ruazinha discreta, sob árvores ainda mais discretas, acompanhada por mim num elevador que compartilhamos com um velho de boina e um cachorro salsicha, conduzida por mim até esta *penthouse* do nono andar, levada por mim até o espetáculo do mar com cinco velas desafiadoras e eretas e uma só nuvem fina, apoiada no topo do horizonte; acariciada por mim, beijada por mim quase sem palavras, contemplada por mim enquanto em seus olhos brilhava, cada vez com menos frequência, é certo, a lembrança inoportuna de Hugo; despojada por mim de seu colar, de seus brincos, de seu relógio, de seus sapatos, de seu vestido que se prendeu na metade do caminho e quase quebrou o fecho, despojada disto e deste outro que ficou no pé da cama, isto é, despojada por mim de tudo menos da intermitente lembrança de Hugo; abarcada por mim enquanto eu me arrancava a lentíssima roupa, abraçada por mim com suavidade, com plena consciência de que o Minuto Feliz devia ser esticado ao máximo, de que o Minuto Feliz tinha começado a transcorrer inexorável, irreversível, sem pré-história nem similares em minha própria existência, porque este abraço era um abraço total, que incluía e melhorava todos meus abraços anteriores, de Rosario a Susana, um abraço em que eu sabia que minha vida ia embora, e minha atitude perante o mundo e o mais profundo de meu ser; respirada por mim, absorvida por mim através de minhas mãos, meu nariz, meus ouvidos, através de cada milímetro da minha pele que tocava sua pele; possuída finalmente por mim enquanto sentia meus olhos obstinadamente abertos e enquanto ouvia a mim mesmo pronunciar pletóricas, repletas, angustiadas palavras que vinham de um fundo escuro mas exclusivamente meu, um fundo que pela primeira vez se revelava à minha consciência e me enriquecia e aniquilava; gemida por mim no instante final, com uma queixa indefesamente animal que vinha de muito longe, talvez da minha infância, quando me sentia desvalido perante os monstros da noite, embora nesta nova escuridão estivesse me sentindo mais desvalido ainda perante o terrível monstro chamado morte, rondante testemunha da pequena derrota que aqui lhe infligíamos e disposta a vingar-se amanhã, depois de amanhã, qualquer dia destes, com uma só ceifada displicente; admirada, querida, renovada por mim, enquanto a abandonava para ficar a seu lado e consolá-la, infinitamente agradecido, com meu braço direito debaixo de seu pescoço fino e o lóbulo de sua orelha entre meu indicador e meu polegar, como retardada e última comunicação de nossos pobres corpos, relaxados, satisfeitos, condenados, destruídos. Só então tive consciência de qual tinha sido

minha atitude e *sua* atitude durante o último quarto de hora. E vi a mim mesmo como um reflexo do mais antigo de meus desesperos, como um detector do assombro egoísta que chegava em borbotões desde minhas próprias raízes, como uma inesperada irrupção de toda a minha vida neste único instante. E a vi, pelo contrário, muito menos ensimesmada. Via Dolores voltada para mim numa silenciosa piedade, numa entrega sem reprovação e sem barreiras, com todos os seus sentidos generosamente dispostos à fusão mais completa, preocupada com meus olhos, minhas mãos, meu gemido, como se em mim ela estivesse concentrando não um ímpeto, não uma paixão que evidentemente não era tal, mas um estilo pessoal de amor ao próximo, conseguindo assim o milagre de que seus murmúrios, seus abandonos, suas carícias, sem chegar a ser, se considerados separadamente, sinais verdadeiramente amorosos, formassem no entanto um só e sincero ato de amor, ao integrarem-se e complementarem-se. Então, ao me ver tão concentradamente egoísta, e ela tão generosa, tão aberta, tão disposta a lançar-se em meu vazio, tive um pouco de vergonha e creio que até me ruborizei. Mas ela não podia perceber, porque meu braço sentiu como sua cabeça se abandonava para um lado e sua orelha caía sobre minha palma, e sua respiração de sono tranquilo, de plácida consciência, se transformava no único, quase imperceptível som deste limpo, asséptico ambiente com pinturas abstratas, porquinhos de Quinchamáli, cartazes off-Broadway, janelões com céu.

– Tenho que matá-lo, Dolores.

Agora mais do que nunca. Sei que vou ter forças; sei que não correrei o risco da comiseração. Sinto-me livre de uma hostilidade frívola, armada de birras, rancores, pobres estouros. Tenho que matá-lo para recuperar a mim mesmo, para fazer de uma vez por todas algo generoso, algo desprovido de falso orgulho, de cálculo mesquinho. Tenho que matá-lo para o bem de todos, inclusive para o *seu bem*. Serena, desapiedada, conscientemente, devo preparar essa invasão de minha tranquila justiça sobre seu crime imperfeito. Para que o país tenha um descanso; para que eu tenha um descanso. Fechar, batendo a porta, a última ignomínia. E que tudo vá pelos ares: os papéis e os papelões, as condecorações e os prestígios, as maiúsculas e a oratória. Com tantas folhas caídas não sabemos de que cor é o solo, onde estão os poços, onde o formigueiro, onde o trevo de quatro folhas, onde a areia movediça. Terra firme, por favor. Tenho que matá-lo. Ele é o assassino; não eu. Ele é o assassino que arma minha mão, que não me deixa escapatória, que me obriga a salvar-me, a não ser corrompido. Mais exatamente, ele é o suicida. E eu tenho que salvar Gustavo, este filho que vem atrás de mim, tragando terra com os olhos nublados, inseguro em sua ira, mansamente obstinado, pobrezinho. Se pudesse falar com ele, convencê-lo. Mas isto não posso falar com ninguém, nem mesmo com ela, Dolores. Se falo, todos se sentirão no dever de convencer-me de que não o faça. E provavelmente me convençam. Estou certo de que pelo menos Dolores me convenceria. Então, não digo nada a ela. Porque devo fazê-lo. Neste transe que acabo de passar, ela me deu o poder, ela permitiu que eu me visse. E assim eu me compreendi, senti, interpretei. E tenho que matá-lo. Cada vez está mais claro. Vejo-o vivamente, sem escandalizar-me, com minha palma já úmida pelo suor de sua face adormecida, assim, só, sem aliados, só com inimigos, sem perturbar-me, disposto esta vez a obedecer-me, embora ainda não tenha me acostumado ao meu próprio estupor.

– Tenho que matá-lo, Dolores.

– Quê?

– Eu não disse nada.

– É que eu estava dormindo. Que horas são?

– Seis e dez.

– Ramón.

– Quê?

– Sabe de uma coisa? Creio que gosto de você bastante mais do que achava.

- E isso modifica seus planos?
- Não. Simplesmente os faz mais difíceis.
- Primeira e última vez, então?
- Sim, senhor. Primeira e última.

Quando entra no elevador e aperta o botão do quinto andar, tem tempo para exilar-se de seus próprios problemas e pensar: Pobre Ríos. Num gesto maquinal, que há anos está inscrito em sua rotina de elevadores, enfrenta o espelho e ajeita a gravata. Está despenteado, também, mas não há tempo para usar o pente. Quando o elevador para, vê a mesinha da funerária, com o livro de assinaturas. Tira do bolso a caneta, mas antes de apoiá-la se lembra de que acabou a tinta. Resigna-se então a assinar com a caneta que está junto ao livro. Assina, e pela primeira vez se dá conta no que veio dar, através dos anos, sua rubrica que tinha sido tão organizada. Um simples e mal-desenhado RamBudño é o que sobrou daquele Ramón A. Budiño que constava na primeira página de suas agendas. Não vão saber para quem enviar o cartão de agradecimento, pensa. E então acrescenta, com maiúsculas que imitam os tipos de imprensa, o nome completo.

Ao lado da porta do apartamento 503, que está aberta, estão duas mulheres de negro. As cariátides, pensa Ramón. Uma delas passa o lenço pelos olhos secos. Logo suspira, intercalando um soluço e um leve tremor de lábios. Ramón se sente observado quando desfila entre ambas, mas não as cumprimenta. Passa olhando para a frente, até uma boa reprodução do *Candombe* de Figari.

– A viagem o matou – ouve dizer à sua esquerda.

– Claro que foi câncer – ouve dizer à sua direita.

Os homens se vestem quase todos de escuro, estão bem barbeados, usam camisas brancas e gravatas de seda. Não há nada mais parecido com um vestuário de festas que um vestuário de velórios, pensa Ramón. E calcula que deve haver umas cento e vinte pessoas no apartamento. Só se pondo de lado é possível infiltrar-se e caminhar até o segundo ambiente, onde está Rômulo Soria. Como envelheceu, pensa Ramón. Soria está falando em voz baixa com dois sujeitos gordos, com gomalina. Na realidade, todos falam em voz baixa, mas é curioso que tantas vozes baixas formem um ruidoso murmúrio coletivo. Alguém faz psiu, discretamente escandalizado, e o murmúrio se aplaca tão repentinamente que no *living* fica soando uma só voz desguarnecida: “Quer outro cafezinho?” Na realidade, a vergonha funciona depois da segunda palavra, e *cafezinho* já é dito num sussurro.

De repente as pessoas se afastam num movimento ondulante. Um homem jovem, de terno cinza, com a gravata frouxa, passa pelo corredor improvisado, e todos lhe dirigem mãos, condolências, palmadinhas, consolos. O homem tem os olhos irritados e engole saliva duas vezes. De seu lugar, Ramón vê o sobe e desce do pomo de adão.

– É o filho – avisam os que sabem e os que ficam sabendo nesse momento.

O filho recebe dois abraços mais e depois tenta alcançar uma porta fechada. Já tem a mão na maçaneta, mas uma mulher setentona e magra, com óculos e chapéu, se lança chorando.

– Asdrúbal, pobrezinho, ai que horrível, como você estará se sentindo, um pai tão bom, penso nesta desgraça e não posso acreditar, Asdrúbal, pobrezinho, Nicolás sofreu muito?

– Fique tranquila, dona Sara – diz o filho, mas ela não se solta.

– Nicolás sofreu muito? Quero saber, Asdrúbal, sofreu muito?

O filho faz tal esforço para manter a calma, que a seriedade se transforma numa careta.

– Não, dona Sara, não sofreu muito.

Finalmente se solta e consegue abrir a porta.

Nem um só conhecido com exceção de Rômulo, pensa Ramón. Não consegue chegar até Soria, que continua falando com os engomalinados.

– Aí o senador estragou tudo – diz alguém, nas suas costas.

– Pense o que lhe havia custado organizar o golpe. Não o digo por Aguerrondo, ele sempre teve boa vontade. Mas sabe o que é a polícia. Desgraçadamente, ainda há ali muita gente colorada, então teve que fazê-lo com pessoal de absoluta confiança. Neste país de biógrafos, a universidade é sempre a universidade. Eles acham que é uma coisa intocável. E enquanto isso, tudo fermenta. Qualquer dia, estamos falando em russo. Convença-se, Vásquez, para a América Latina não há alternativa: ou Stroessner ou Fidel. Não valem meias-tintas. E eu, que quer que lhe diga? Me aborrece um pouco a coisa do paraguaio, isso de que lance opositores dos aviões ou jogue cadáveres no rio, mas que se há de fazer? Somos povos muito atrasados, Vásquez, e a tortura é, como direi, uma forma de aprender mais rápido. A coisa é assim: Stroessner ou Fidel. E confesso que, entre esses dois extremos, eu fico com Stroessner. Pelo menos está com a nossa civilização, que é ocidental e cristã, e em seu país impôs a ordem, e além disso dizem que fez um aeroporto estupendo, com pista para *jets* e tudo. Aqui, ao contrário: em Carrasco, os Boeings têm que dar umas freadas medonhas, porque a pista é como se fosse para calhambeques. Ah, e como lhe vinha dizendo, tinha custado muito organizar o golpe. São coisas que levam tempo. O problema não é o dinheiro. Dólares nunca faltam para estes empreendimentos realmente positivos. O que falta é material humano. E uma vez tudo pronto, quando a polícia consente em localizar-se a prudente distância e em proteger a retirada desses meninos tão simpáticos do Medl, quando só falta dizer como nos filmes: Cinco, quatro, três, dois, um, zero, zás!, o Senador foge e vai para a própria porta da universidade perguntar por Torterolo. Naturalmente, destapou-se a lata. Acabou-se o mistério. Olhe que bonito: por uma tolice, por um capricho, para satisfazer um gosto, nada mais que por causa disso não deu para tomar a universidade, e agora quem sabe quanto se terá que esperar para outro ataque. Não se pode trabalhar com estas múmias, que nestes tempos de Ku Klux Klan ainda querem dar de Maquiavéis. Hoje tem-se que sacrificar o prazer fácil, a brincadeira, para ir diretamente ao garrote. Eu disse isso outro dia, na subcomissão: veremos se aprendem e na próxima deixam o Aguerrondo sozinho.

Outro movimento ondulante. “É a nora”, dizem os murmúrios. A nora diz trêmulos “obrigada” à direita e à esquerda. Pergunta se não viram sua filha. Não, ninguém viu. Outra mulher a detém. Não se dizem nada, mas se abraçam chorando.

Ramón avançou mais um pouco. O ar está rarefeito e não se atreve a fumar. Queria cumprimentar a neta. Veio para isso.

– Como irá o Peñarol a estas horas? – diz um sussurro envergonhado.

– Diga melhor: como irá Spencer? – comenta outro sussurro.

– Esse veneno é xenófobo – murmura o primeiro.

Ramón vê como os ombros se sacodem ao rir-se da maneira mais contida possível.

Rômulo Soria o viu e vem até ele.

– Que vontade tinha de ver você. Pena que seja em circunstâncias tão penosas.

– Sim, claro. Os anos não passam para você. Está igualzinho.

Não, está terrivelmente envelhecido, mas a convenção aceita é acharem-se jovens, sempre jovens, como uma conspiração contra o tempo.

– Pobre Ríos – diz Rômulo.

– Bem, não tão pobre. Conseguiu o que se tinha proposto.

– Isso sim. Mas nunca quis com tanto fervor ter me equivocado num diagnóstico. Era um sujeito

excelente.

– Assim me pareceu.

– Quando fui esperá-lo no porto, a primeira coisa que me disse foi: Não via a hora de chegar porque isto está ficando feio.

Agora teria que perguntar se sofreu muito, pensa Ramón, mas sente como se fosse profanar, pior ainda, vulgarizar um feito valente, singular.

– Sofreu muito?

– Olhe, bastante menos do que eu temia. Teve a sorte de que o coração não correspondesse. E então morreu antes do previsto. Sabe o que me disse na noite antes de morrer? Estávamos sozinhos, abriu os olhos e acentuou, bem consciente: Diga a Budiño que se portou muito bem, diga-lhe que gosto muito mais dele do que de seu pai. Conto isso porque ele me falou, sei lá, francamente. Tinha alguma coisa contra seu pai?

– Não, imagino que não.

– Sabe de que me estava lembrando outro dia? Daquela vez em Buenos Aires. Juro que ria sozinho. Afinal tive que contá-lo a Nelly. Lembra quando eu disse a frase ao japonês? E quando tive que fugir dos percevejos? Puxa, aquela pensão era imunda...

– Sim, era nojenta, mas tinha uma grande vantagem: eu era jovem.

Alguém põe uma mão sobre o ombro de Soria e este se volta.

– Doutor Estévez, que prazer vê-lo. Quando chegou de Los Angeles?

Mas o doutor Estévez é surdo, então responde:

– Duzentos.

Soria abre tremendamente os olhos, diz a Ramón: “Com licença”, e leva o colega até à varanda, onde o grito não soe desrespeitoso. Ramón senta numa poltrona forrada de plástico listrado e fecha os olhos. Faz um momento que queria estar assim, para poder garantir a si mesmo tranquila e firmemente, como todos os dias, como em todas as horas: “Tenho que matá-lo”. Se o Velho tivesse sido como Ríos. Mas gostou de quem, de quem gosta, de quem gostará? Nem mesmo uma amante estável; se tivesse tido, ele saberia. Ou talvez não? Impossível, o Velho nunca gostou de ninguém. Se tivesse tido uma amante, uma querida estável, isso significaria que ele o conhece mal. Mas infelizmente conhece bem. Ninguém. Só mulheres de presumidos amigos, mulheres de políticos, mulheres de alguém, mulheres para um par de vezes e basta. Não por amor, não por aventura, só pelo prazer de tirar algo de alguém. Ou por outra razão: negócios. Se se pudesse fazer a conta dos contratos que conseguiu na cama. O cornudo é o assinante ideal dos contratos mais vantajosos, dos contratos realmente leoninos; o cornudo nunca tem inconveniente em acrescentar no último momento, pelo sábio conselho de sua querida mulherzinha, uma cláusula que *aparentemente* beneficia a outra parte, mas que *com o tempo* vai beneficiar a ele. Às vezes o tempo se prolonga, mas quem podia prevêê-lo. O cornudo sempre pensa que é esperto.

– Senhor Budiño.

Abre os olhos e ali está a neta. Levanta-se apressadamente, mas as articulações não respondem como há dez anos.

– Oh, perdão, senhorita. Não sabe como me impressionou o caso de seu avô. Eu só queria dizer isso.

– Obrigada, senhor Budiño, o senhor foi muito amável conosco.

Incrivelmente, a moça parece agora mais madura e ao mesmo tempo mais jovem que antes da viagem. Talvez porque hoje não tem pintura nos lábios.

– Todos os seus conselhos e indicações me foram muito úteis, agradeço de verdade. O vovô aproveitou realmente essa viagem. Hoje fiquei lembrando as coisas que me dizia. Parece-me que é uma maneira de conservá-lo comigo. Uma tarde, em Toledo, na casa de El Greco, estava tão nublado que nada

fazia sombra. De repente o Avô me olhou e disse: esta é a casa de um homem que pensava na morte. Outra vez, caminhávamos pelo Bairro Gótico de Barcelona, vínhamos por uma ruazinha estreita, creio que se chamava San Honorato, e de repente desembocamos num grande espaço aberto, creio que a praça San Jaime. O Avô disse: às vezes acontece com a gente algo assim, a gente vem por uma ruazinha estreita e um pouco tortuosa e de repente desemboca-se na morte, esse amplo espaço. Quando fomos a Capri, um argentino lhe aconselhou que visitasse a ilha em outra época, porque em plena temporada ficava inóspita, por causa dos turistas. O Avô disse: O que acontece, senhor, é que essa é minha única temporada. Na Basílica de San Marco, o guia avisou que o piso da igreja descia um centímetro cada dois anos. O Avô sorriu e disse: Meus medos alcançam menos de três milímetros. Em Genebra nos sentamos num banco da ilhazinha Rousseau, a olhar o lago e também a contemplar as pessoas tão asseadas, tão corretas. O Avô disse: É verdade que Genebra é como o paraíso, ainda bem que penso ir para o inferno. Em Paris jantamos num *bateau mouche* e os refletores iam iluminando os edifícios de valor histórico. O Avô disse: É uma sorte que não haja refletores para iluminar os mortos. Digo-lhe agora todas estas frases juntas, mas não vá acreditar que de sua parte houve uma insistência no tema da morte. De modo algum. O Avô ria, se divertia, gozava realmente com o que estava vendo, desfrutava com uma sinceridade que excluía qualquer dissimulação. Quando regressávamos no navio, poucos dias antes de chegarmos, estávamos sentados uma tarde nas espreguiçadeiras da coberta, e então, com enormes precauções, dosando a notícia, foi me revelando seu segredo. Mas chegou um momento em que não pude aguentar mais e disse a ele que sabia, que sabia desde antes de deixar Montevideú. E isto sim, que nunca poderei esquecer. Me olhou, pegou na minha mão, beijou-a não sei quantas vezes, enquanto me dizia: Menina, menina, menina. Eu não sei se fiz bem, senhor Budiño. O doutor Soria diz que sim. Eu disse, porque me dei conta de que tinha começado a sofrer, e eu não queria que, além da dor, tivesse que preocupar-se em fingir para mim. Mas juro que nunca senti tanto carinho e tanta piedade por alguém, como quando o vi beijando-me a mão e dizendo: Menina, menina, menina. Perdoe-me, nessa viagem aprendi a ser forte, e sempre me contengo, mas quando me lembro desse único episódio, tenho que chorar porque senão sinto que vou explodir. O senhor pensa que fiz mal em dizer a ele?

Nada se move aqui. Não há ruído, nem mesmo buzinas. As persianas deixam passar uma luz fraca. Estará nublado? Melhor. Hoje preciso de um dia nublado, como todo dia preciso de pão. Essa avalanche de silêncio é insuportável. Por que escolhi este dia? Francamente, não sei. Algum dia tinha que ser. A perna de Susana, fora do lençol, ainda me comove. Melhor dizendo, há uma semana que tudo me comove. No escritório, a secretária carnuda me comove, mas não graças à sua carne pudorosamente oferecida; comove-me mais pela sua própria categoria de ser vivente. Na rua, comove-me qualquer um desses asquerosos mendigos que exibem sua perna com a chaga, convenientemente rodeada de moscas, essa chaga que constitui seu capitalzinho. Em meu dia comercial me comove qualquer cliente que me fale do maravilhoso que deve ser Punta del Este, ou o turista um pouco menos impessoal que pergunta timidamente que significado simbólico tem a feiura abusiva do Palácio Salvo. À tarde, quando volto pela Rambla, comove-me essa muralha de grandes edifícios que dão sombra à praia e a cobrem com uma falsa melancolia. À noite, quando me instalo comodamente na insônia, comove-me minha paciente e pormenorizada reconstrução de Dolores e seu ato de amor, e penso que desde então só a vi duas vezes, ambas na presença de Hugo e de Susana, e só pude suportar esse suplício que representa tê-la perto e senti-la respirar e não me atrever sequer a olhá-la, porque não estava seguro de que ela não começaria a chorar, ou de que eu não mordesse o lábio inferior, ou de que ambos não sentiríamos o repentino e simultâneo impulso de abraçar-nos. Em qualquer momento, quando Susana acorda e me toca, ou vice-versa, comove-me seu pobrezinho corpo que conheço tão bem, a pinta pequena que vem depois da pinta grande, a zona áspera em volta do mamilo, a cicatriz na altura do apêndice, a vértebra que forma uma saliência levemente maior que a das outras, o sexo morno, os joelhos lustrosos. E sempre, sobretudo quando penso que tenho que matá-lo, comove-me a transformação de Papai no Velho, essa transformação que para mim foi como uma morte, porque eu o admirava, gostava dele, sentia que ele era meu apoio, minha proteção, meu abrigo; comove-me pensar em mim órfão, não porque agora tenha que matá-lo, mas órfão pela morte de Mamãe e também por essa morte de Papai quando se transformou no Velho, o estranhíssimo estranho a quem temo e odeio até limites realmente insuportáveis. Onde estarei amanhã? Hoje é o dia. E este gesto tantas vezes repetido de estender a mão até o despertador para que não toque na hora marcada, já que estou acordado e não é necessário que assuste Susana, este gesto que faço com plena consciência de que é o final de uma rotina transforma-se por isso mesmo num ato importante, e também o despertador me comove, com sua carapaça negra e portátil, e penso nas vezes em que estendi a mão para desligá-lo, ou para que não tocasse, em hotéis de Buenos Aires e do Rio, de Nova York e Lima, de São Francisco e Valparaíso. Porque isto é a solidão, mas não minha primeira solidão dolorosa. Naquela tarde, em Tacuarembó, quando comecei a caminhar e caminhar pelo campo, e estive como três horas afastando-me dos caminhos e terminei por deitar-me no pasto, e o sol se apagou da última copa do último pinheiro e tudo foi silenciando, apagando-se, dando-se por vencido. Senti então pela primeira vez essa recôndita e quase imotivada tristeza que traz o entardecer, e fiquei ali, no pasto, boca e barriga para cima, olhando as nuvens salpicadas, cada vez mais consciente do alheamento de todo esse contorno, e escutando um só mugido longínquo que se repetia com a regularidade de uma obsessão e que

transformava o ar em algo espectral e a meu próprio corpo num objeto a mais, caído, esparramado ali para quando passasse algum ancinho, ou algum ginete, ou alguma sombra. Ou naquela madrugada, no aeroporto de Maiquetía, onde tivemos que ficar quatro horas porque o avião tinha um defeito, e onde todos os passageiros foram adormecendo em poltronas e espreguiçadeiras e a tripulação desapareceu e só eu fiquei acordado e de pé junto àqueles longos mostruários com vitrines e caixas de bombons, cerâmicas e perfumes, garrafas e garrafinhas, só eu entre as grandes escadas e espelhos, com todas as varandas à minha disposição; senti-me como o único sobrevivente de um mundo que tinha terminado naquele dia e cujos últimos habitantes eram cadáveres que simulavam dormir numa espera absurda; me parecia que não era o avião mas o universo que tinha sofrido uma pane e que não valia a pena esperar porque ninguém viria, já que nesse momento todos tínhamos começado a ser minuciosamente esquecidos. Ou aquele domingo, em São Francisco, quando comprei um jornal e fui lê-lo em Union Square, e não havia nenhum lugar nos bancos porque inúmeros velhinhos e velhinhas tinham marcado encontro para tomar sol, e muitos e muitas mais caminhavam lentamente, com os olhos vigilantes e vorazes, à espera de que algum lugar ficasse livre para que eles pudessem por sua vez sentar-se e tomar sol e dar migalhas às pombas, exatamente como na modesta praça Cagancha ou na celeberrima Piazza San Marco; então eu também comecei a caminhar lentamente, no ritmo das velhas e velhos, eu também à espera de um lugar, e assim fiquei uns três quartos de hora até que finalmente uma velha, armada com um escuro New Testament, colocou, no preciso momento em que eu parava a dois passos de seus sapatos de pregadora, um marcador desfiado entre duas páginas da segunda epístola de São Paulo aos Tessalonicenses, levantando-se depois em três etapas de acordo com o reumatismo de suas juntas, permitindo então que eu me sentasse para ler, no *San Francisco Chronicle*, uma nota que confundia objetividade com aborrecimento sobre o nono ou décimo adiamento da morte de Chessman; entre aqueles velhos e eu, entre aqueles velhos entre si, senti que não havia comunicação possível, senti que todos estávamos sozinhos como ostras, que nos ignorávamos conscienciosamente, e que não nos importava ignorar-nos, que estávamos ao sol mas que não o recebíamos com gratidão ou simplesmente com alegria da pele, mas com uma espécie de ressentimento, sem reconhecer frente a nós próprios o prazer de que nos aquecesse e nos facilitasse uma melhor circulação sanguínea; senti também que, se de repente cometesse a loucura, ou pelo menos o ex-abrupto, de estender uma mão a todos e cada um daqueles velhotes, só conseguiria que se lançassem contra mim, momentaneamente aliados na fanática defesa de seus próprios rancores, para ferir-me de todos os modos possíveis com seus evangelhos, suas agulhas de tricô, suas bengalas e seus cachorros; e não tive outro remédio senão levantar e fugir, sem conseguir acumular coragem para voltar a cabeça, pois não queria me certificar de como o velho de quepe e cachimbo ganhava por meio metro de uma velha de chapéu com fruteira, na renhida ocupação de minha vaga repentina. E, por último, naquela noite em Nova York, quando cheguei a Washington Square, e vi os casais que dançavam silenciosamente, com os rádios de transístores pendurados no pescoço, seguindo um ritmo diferente cada um, como se não quisessem exhibir publicamente a provisória clausura escolhida, o falível, passageiro convencionalismo em que seus respectivos pares de solidões pareciam coincidir; nós dois nos entendemos, pareciam dizer, nós dois escutamos a mesma melodia, ouvimos o mesmo mundo, deciframos as mesmas palavras, nós dois, e o resto que apodreça. E eu me senti fazendo parte desse resto, e portanto em processo de putrefação; senti-me como destinatário universal dessa rejeição; senti-me asquerosamente só.

Melhor, se ela não acordar. Tenho que evitar toda tentação que me faça vacilar. Tenho que ser duro e inflexível, e o mais provável é que, se tomar o café da manhã com Susana, me seja particularmente difícil permanecer sereno frente às torradas com gosto de hóstia, e a manteiga derretida que de noite esqueceram de pôr na geladeira.

A água está mais fria do que de costume, mas hoje é um dia especial. Hoje não quero usar água

quente, hoje não quero usar o conforto, porque aqui ele termina. Hoje tenho que salvar e me salvar! Por que este espelho me devolverá esse rosto carregado de ironia? Onde está a graça? Apresento-lhes Ramón Budiño, ao começar a jornada em que resolveu matar Edmundo Budiño, um crápula que provisória e casualmente é seu pai. Roga-se não inquirir por circunstâncias atenuantes, porque não as há. Trata-se de um crime longamente ruminado. A única sorte é não acreditar em Deus. Assim há menos complicações. Apresento-lhes Ramón Budiño, vivisseccionista das relações com seu pai, insone fora de foco, covarde que joga sua última carta de valentia, nu com incipiente pança, iminente órfão por própria decisão e meditado rompante, apaixonado sem beijos e sem língua, pobre diabo inteligente e carrancudo, criminoso inesperado no entanto, estúpido com excesso de memória, criador da própria absolvição, pálido esquerdista sentado à direita, abastado possuidor de escrúpulos elétricos, curioso da própria morte e também da alheia, cansado de ser displicente, pai desolado e sem norte, valoroso sexual, perplexo incurável, eu. Digamos que amanhã desperte em um calabouço. Se quiserem abafar o crime, juro que o abrirei. Nada de contemplações. Para não me declarar culpado, teriam previamente que me declarar insano. Mas não conheço um ataque de loucura tão longamente preparado.

– Bom dia, papai.

– Bom dia.

Que me fale o menos possível. Amanhã Gustavo pensará: Nunca o julgaria capaz. Amanhã, a morte do Velho terá passado a ser algo inusitado mas irrevogável. Gustavo verá sua mãe chorar, mas ele terá os olhos secos e orgulhosos. Estará ainda entorpecido pela surpresa, mas pensará em mim. Compassiva, ternamente, pensará em mim.

– Soube que demitiram Larralde do *La Razón*?

– Quem disse?

– Mariano. Parece que o Avô exigiu que o despedissem. Você sabe o motivo?

– Não.

Então o Velho se enganou. Então não pôde comprá-lo. Onde fica agora aquela teoria de que Larralde era um jornalista inteligente etcétera, mas também um sujeito que queria viver tranquilo? E aquilo de que não era um idiota e por isso logo compreenderia? Não pôde comprá-lo. Quer dizer que Larralde fez o que eu não fiz. O Velho me comprou quando me emprestou a grana para a agência. Mas eu permiti que me comprasse. Agora Larralde se acabou, nenhum outro jornal o contratará. Terá que vender televisores a prazo, ou livros de escritório em escritório, ou bobagens a cinco reais a dúzia. Mas que bom saber que alguém teve colhões suficientes para não se vender. Claro que sua pobre felicidade é inútil, porque, como dizia Walter, sempre há um modo de tapar as porcarias e enterrar a denúncia e o denunciante. No jantar do Tequila, Larralde estava no outro extremo da mesa. Quase não falei com ele e até achei que me observava com desconfiança. Mas quando aquela imbecil, creio que se chamava Sofía não sei que, desafiou-o a dizer onde havia mais liberdade que nos Estados Unidos, ele disse: Nas selvas do Amazonas, e conste que lá não há democracia representativa. Gostei de Larralde. Esteve a noite inteira pouco à vontade, tanto quando todos consideravam esplêndidos os Estados Unidos e asqueroso o Uruguai como quando chegou a falsa notícia do desastre e deram início à lamúria e ao comovedor obituário sobre o paisinho querido e cadáver.

– Quer carona até o centro?

– Não, eu fico. Tenho que estudar.

– Onde vai estar esta noite?

– Creio que com Mariano. Por quê?

– Não poderia ficar uma vez para jantar com sua mãe?

– Mas...

- Promete-me que esta noite jantará com Susana.
- Mas, papai...
- Nunca peço. Só hoje. Tenho minhas razões.
- Está bem.

Não me atrevo a beijá-lo. Ninguém deve suspeitar de nada. Qualquer pessoa poderia convencer-me e não quero correr esse risco. Este é meu filho. Escapou-me das mãos. Não sei o que pensa. Não sei quem é verdadeiramente. Às vezes me olha com carinho, às vezes com surpresa, às vezes com desalento, às vezes com raiva. Começou a ser outro, isto é, a olhar-me com certa perplexidade, depois da primeira vez que bati nele. Eu dormia a sesta e Susana mandou que me acordasse. Ele, que tinha seis anos, me acordou dando um soco no meu nariz. Abri os olhos e o vi sorridente, creio que sua expressão era incrivelmente de inocência, de divertimento, mas de qualquer maneira não pude dominar-me e, contra meus costumes, contra meus princípios, propiciei-lhe uma boa surra. Ele não chorou, mas a partir daquele momento seu olhar foi outro. Dias depois chamei-o, expliquei como havia percebido que ele tinha querido fazer uma brincadeira, e que eu, ao acordar tão bruscamente, não tinha me dado conta dessa intenção. Está bem, disse ele, mas creio que nunca me perdoou. A menos que.

Faltam cinco quarteirões para chegar à casa de Hugo. Tenho que decidir se desço ali, por um instante, apenas para ver Dolores. Mas também pode acontecer que, se vir Dolores, minha decisão perca consistência. E não pode ser. Tenho que matá-lo. Creio que Gustavo nunca me perdoou. A não ser que o segredo esteja em outra parte. No entanto, sente-se mais perto de meu temperamento do que do da mãe. Disso, estou certo. Talvez esperasse algo mais. Talvez esperasse que eu nunca tivesse aceito grana do Velho. Bem, não só Gustavo, eu mesmo esperava isso de mim. Mas era tão fácil, tão prodigiosamente fácil. E além disso, encontrei tantos argumentos para aceitá-la. Cheguei ao cúmulo quando disse a mim próprio: De qualquer maneira, isso representará uma distribuição da riqueza mais justa.

- Meu irmão está?
- Não, senhor Ramón. O senhor Hugo saiu há pouco.
- E a senhora?
- A senhora Dolly sim está. Quer que a chame?
- Bem, se não estiver ocupada.

Melhor que Hugo não esteja. Certamente, não seria agradável para mim ver a despreocupada cara de meu irmão, esse outro órfão iminente. Sim, Gustavo me escapa, me escapou. Mas, quem não? Aos seis anos, eu gostava de desenhar, e tio Esteban sempre me trazia lápis e papel. Eu fazia, muito sucintamente, casas, carros, cavalos, árvores, vacas. Mamãe se divertia. Uma tarde, vieram duas freiras, a pedir uma ajudazinha para o colégio. Lembro-me confusamente do episódio, mas Mamãe contou-o tantas vezes e tia Olga ri cada vez com tanto espalhafato que minha memória se tonificou. Estavam no *living*, as freiras e Mamãe. Eu apareci e uma das freiras perguntou a mamãe: É seu o pequeno? Mamãe fez então meu elogio e acentuou especialmente como eu desenhava bem. Uma freira era magra e jovem e usava óculos muito redondinhos, com aro de metal. A outra era baixa, cinquentona, com bolsões violáceos sob as pálpebras e uns olhos terríveis. Na realidade, não me agradavam, nenhuma das duas. A magra disse: Faz um desenhinho para nós, filho. Era a primeira vez que alguém me dizia *faz* em vez de *faça*. A dos olhos terríveis acrescentou: O que vai desenhar para nós, filho? Disse-lhe: uma vaca. Mas quando voltei a ver aqueles olhos terríveis, decidi vingar-me e desenhei uma vaca, mas com sua respectiva bosta. As duas freiras se levantaram e nos envolveram, a Mamãe e a mim, em um olhar acusatório. Mamãe tratou de sorrir, mas as freiras foram embora, ofendidas e olímpicas. Eu esperava uma grande repreensão, mas Mamãe me olhou desconcertada e só disse: Ramón, como você cresceu! Provavelmente era uma maneira de dizer: Como você me escapa.

– Ramón.

Desconcertei-me um pouco quando a moça me disse que a senhora Dolly estava. Eu só conheço Dolores.

– Como vai?

– Horrível, e você?

– Cheia de dúvidas.

– Arrependida?

– Não. Só cheia de dúvidas.

– Referem-se ao passado ou ao futuro?

– Referem-se simplesmente a mim.

– E a mim não?

– É quase a mesma coisa.

– Interpreto mal ou está me dando alguma esperança?

– Interpreta mal.

– Não entendo.

– Acontece é que não posso desdobrar-me, Ramón. Primeiro pensei que gostava de Hugo, só de Hugo. Agora sei que também gosto de você. Mas o mais terrível é que não deixei de gostar de Hugo. É medonho, mas é assim.

– Continuo sem entender.

– Não acontece algo parecido com você e Susana?

– Não.

– Cada vez que me lembro daquela tarde.

– Dolores.

– Mas não pode ser. Disso, tenho certeza.

– Vou fazer uma pergunta importante. Portanto, pense bem antes de me responder. Vim para isso.

– Não me olhe assim.

– Pensa que algum dia resolverá suas dúvidas e poderá vir comigo?

– Tenho que responder hoje? Neste momento?

– Sim.

É minha última oportunidade. E também a última oportunidade para o Velho. Tenho que matá-lo, claro. Só sacrificaria esse sacrifício se Dolores me dissesse: Vamos. Que encanto. Que olhos. Se me aceitar, sobraré uma frustração: a de ter deixado que o Velho continue contaminando tudo, a de ser consciente de meu ódio e de meu temor. Mas, por outro lado, terei uma plenitude. Pelo menos num aspecto terei vencido. E a gente precisa ser minimamente vencedor em alguma coisa. Ela gosta de mim agora. E Hugo é cada vez menos importante. Se ela aceitar, sei que vou vencê-lo. Pobre Hugo. Se ela não aceitar, se ela não aceitar. Sei que vai aceitar.

– Não, Ramón, não posso.

Só agora tomo consciência de que o revólver está na minha pasta. Só agora o Velho está condenado. Pobrezinha. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas não sabe que neste momento está decidindo meu resgate, minha salvação, meu reencontro comigo mesmo. Não posso contar, porque seria chantageá-la, seria pressioná-la para que dissesse *sim*. Ela não sabe que, graças a esse *não*, resgatarei a imagem de Mamãe, aplicarei finalmente esse castigo que ele começou a merecer na tarde em que bateu em Mamãe atrás do biombo. O Velho é um crápula e no entanto a justiça o respeita, porque ele faz todas as trapaceiras dentro da lei. Perverte, compra e vende condutas, corrompe. Mas a justiça quer documentos. Enquanto os trapaceiros forem tão obstinados como agora em não colaborar com a justiça, quer dizer, enquanto não

apresentarem um comprovante administrativo junto com o testemunho do calote, essa justiça, como não pode condená-los, admira-os, elogia-os, defende-os, põe a seu serviço um complicado mecanismo. Há uma segunda justiça, a que é administrada por Deus. Mas eu não creio nela e presumo que o Velho tampouco crê. Descartada, portanto. Mas há uma terceira: a que administro eu. Sei positivamente que o Velho é um mau sujeito, um delinquente de alto e baixo voo, um personagem funesto. Tenho que matá-lo. Além disso, seu maior delito foi ter deixado de ser Papai para transformar-se no Velho. E isso é imperdoável. Eu o condeno.

- Está bem, Dolores.
- Não me olhe assim.
- Olho como sempre.
- Não, não é como sempre. Me olha como...
- Como o quê?
- Como um derrotado.
- É que sou um derrotado, não sabia?
- Me promete uma coisa?
- Não, Dolores, não prometo nada.

Por que fica aí, junto da grade, enquanto eu caminho lentamente para trás? Que se vá, que entre de uma vez na casa. A duras penas posso suportar o vestido branco, mas não essas sandálias, não esse colar, não esses brincos, os mesmos que uma vez fui tirando, que continuo tirando, acordado ou dormindo, sempre. Porque te tenho e não. Já não tenho. Definitivamente não. Que se vá. Que desapareça. Que se feche. Que se esconda para chorar. Eu não me escondo.

Secretária esplêndida, carnuda. Hoje não tenho vontade de olhar para ela. Estou demasiado decidido, demasiado frenético. Só nestes momentos de tensão excepcional me torno um ser desprovido de curiosidade, de admiração, creio que até desprovido de sexo. Só em momentos assim me desprendo totalmente do ritual das aparências, penetro através delas e, exatamente como um radar, com a indiferença e fidelidade de um radar, denuncio a verdade. Bem, tampouco é assim. A verdade é que me desprendo de todas as aparências em benefício de uma só: a de que hoje é um dia normal, como qualquer outro, e não o dia em que matarei meu pai, quer dizer, o Velho, que antes, faz muito tempo, foi Papai. Pobre secretária. Ainda não sabe: amanhã saberá que hoje esteve se inclinando na frente de um assassino, enquanto conseguia que a blusa rosa se abrisse discretamente e, com freama concupiscência, mostrasse essa fenda que é começo e bifurcação, essa famosa fenda tão fresca como dois lábios e que certamente cederá vorazmente, quase como uma planta carnívora, dessas que devoram insetos, sob a pressão de outros dois lábios propriamente ditos, digamos os do noivo. Pobre secretária, para ela é uma sorte ser tão boba e ter um noivo que a massageie, não pensar em nada a não ser nas cartas que lhe dito e os obrigatórios afogamentos das segundas, quartas e sextas na madrugada do saguão, porque nem ela nem o noivo têm cara de liberação e sim de viver sua cotidiana e católica tortura de cuidadosa lascívia e contenção horrível. Estas almas primitivas, saudavelmente egoístas, sublimes de tão hipócritas, eficazes só para excitar-se, estas almas que só são corpos mas não admitem para si mesmas esse feliz monopólio, talvez o tabu sirva para salvá-las, não devido a uma suposta rejeição ao diabólico, mas por causa da obsessão que o tabu instala nelas. Ele pensará em como se excita percorrendo-a, ela pensará em como se excita sendo percorrida, e então, claro, não têm por que existir, nem a rigor existem, a bomba de hidrogênio, as crises do Caribe, os povos de ratos, as ameaças de câncer, os pais crápulas. Apesar de tudo, também o sexo podia salvar-me se Dolores tivesse respondido: Sim. O sexo é o único sucedâneo da impossível felicidade, essa que só os moluscos alcançam; o sexo é o único que dá, por instantânea que

seja, a sensação de plenitude. Mas Dolores não é só sexo. Mais ainda, creio que para mim Rosario foi sexo com mais direito, mais potência, mais naturalidade. Refiro-me só a isso: sexo. Dolores é sexo e algo mais. E só esse algo mais transforma o sexo no deleite torturado, condenado e urgente, que vem a ser o amor, já que ele deve ser denominado de algum modo. Precisamente porque seu corpo não é exuberante, ao contrário, desfavorecido, precisamente porque não tem seios imbatíveis, avassaladores e contundentes como os da secretária, mas dois peitinhos pálidos e mínimos, quase pré-púberes, cada um dos quais cabe comodamente numa mão, precisamente por isso me comove e me transforma num ser incrivelmente terno, até agora ignorado por mim. Daí que a tremenda satisfação sexual que me proporcionou a única união com Dolores, seja, sobretudo, um derivado daquela comoção prévia. Olha-me, e seu olhar não é sexo, mas vida; sorri, e seu sorriso não é sexo, mas profundidade, tristeza, socorro palpável. Mas seu olhar e seu sorriso, ao percorrer-me, oprimem meu coração, aceleram-no, lançam-no, e uma vez que meu coração é lançado a querer, a urgir, a necessitar, submete o sexo, e este passa a proceder como mera filial orgânica e seus modos de amor deixam de ser os próprios para transformar-se em subsidiários dos modos de amor do coração. Quer dizer que *meu tipo* sexual pode ser, por exemplo, uma mulher de pernas bem torneadas, cabelo escuro, olhos verdes, mãos afiladas, cadeiras tangíveis, mas quando o olhar e o sorriso decisivos me atingem e fulminam, o resto já não importa, e a partir desse instante meu sexo só estará satisfeito assumindo esse corpo que me olhou e sorriu, embora os demais detalhes (mãos, pernas, cabelo, olhos, quadris) não correspondam aos do *meu tipo*. Por isso, se Dolores houvesse dito sim, estou certo de que sua aceitação teria apagado todos os meus ditames, minhas irritações, minha justiça. Ou também pode ser que meus ditames, minhas irritações, minha justiça, quer dizer, minha sentença contra o Velho, tenham sobrevivido a partir do convencimento, a partir do vislumbre de que ela não ia aceitar, porque a esta altura para mim talvez seja insuportável estar livre e sem ela, tranquilo e sem ela, inocente e sem ela. Talvez eu esteja fabricando urgentemente uma grande culpa, um remorso absorvente só para cobrir uma ausência, para justificar minha solidão.

– Senhor Budiño, aqui estão os cheques.

Mas não, não é só isso. Tenho que apagar o Velho. Que estranho tê-lo à minha mercê. Que estranho possuir a decisão. De certo modo é uma espécie de felicidade, obscura sim, e talvez malsã, saber que até o último momento poderei apertar o gatilho ou perdoá-lo, e saber, além disso, que não o perdoarei. Não o perdoarei. A única coisa certa é esse não perdão. Se tivesse tanta certeza sobre Deus como desse não perdão, me estaria condenando. Mas não há condenação. Não há nada. E o nada pode não ser condenação, mas libertação. Não há condenação mas há um antigo interesse em provocar minha consciência, em comprovar qual é o seu fundo último, em verificar como se chama sua inquietude frente a uma culpa das grandes. E se depois não me sentir culpado? Não descarto essa possibilidade. A culpa pode vir grudada ao ódio. Porque sinto ódio, e não é incômodo. Só queria desprender-me do ódio, no instante em que apertar o gatilho, não antes. Gostaria que meu crime se transformasse num ato de amor. Matar o Velho para que ressuscite Papai, o que me comprou na loja de Oddone dez caixas de soldados, o que entendeu que eu tinha visto a morte de Víctor, o que acudia todas as noites para libertar-me da escuridão. Agora o Velho é tão abjeto que não me deixa pensar em Papai, tapa com sua presença odiosa a presença querida de Papai, desaloja com sua espessa prepotência a sensação de segurança que Papai me dava. Se eu conseguir que meu parricídio (que ridículo chamar assim a um ato de libertação), se conseguir que meu parricídio seja um ato de amor filial, sei que não terei culpa, sei que aguentarei os olhos de Gustavo sem desviar o olhar, porque o sacrifício será também por ele. Tomara que ele compreenda. E se posso suportar os olhos de Gustavo, já não me importarão os olhos de Hugo ou os de Susana, que estarão estupefatos, mas não me perdoarão jamais esta explosão no próprio centro de seus hábitos mais sagrados, de seu conforto mais intocável. Gustavo é o julgamento que me importa, o perdão

que me salva. Importa-me também Dolores, mas ela sim compreenderá, embora no primeiro instante fique aterrada e imóvel, e no segundo convença a todos de que está chorando pelo trágico destino de seu pobre sogro, e no terceiro chegue quase enlouquecida a sua fugidia solidão, e no quarto se submerja no bem-vindo arrependimento, porque meu ato, que será de amor a Papai, à memória de Mamãe, ao país inclusive, será também e sobretudo um ato de amor a ela, já que, apesar de toda sua magnitude, toda a sua importância, seria no entanto o ato que eu teria sacrificado apenas por ela, nada mais que pelo direito de tê-la comigo, de vê-la dormir, de penetrar nela, de vê-la sorrir, de chamá-la, de ser chamado, de estender minha mão na metade do sonho e sabê-la ali, de ver seus olhos, por Deus, como poderei viver sem ver seus olhos, mas também, como poderia viver vendo seus olhos e não tê-los, não poder anotá-los ao fazer o inventário do que é meu? Seu arrependimento começará a crescer quando souber que poderia ter dito sim, quando souber que ela havia podido mover em outro sentido a alavanca disso que alguns chamam de destino. E então me amará, definitiva e poderosamente, sobretudo tendo em conta que não haverá retrocesso, porque uma morte não se apaga com uma aflição pormenorizada, e também levando em conta que eu, ao levar a cabo meu ato de salvação, estarei definitivamente perdido para o âmbito familiar, político, social, comercial, nacional, ou seja, para todos os âmbitos; seu arrependimento crescerá noite a noite e nesse processo sei que reconstruirá minuciosamente nosso único encontro, e se desesperará, como eu me desesperarei nestas semanas, recordando palavras, gestos, contatos, carícias, gemidos, silêncios. Eu não quero que se destrua como eu me destruí, mas depois de tudo talvez seja justo que também ela sinta seu coração preso num cepo. Eu não quero que se destrua, pobrezinha, só quero que me queira, mas desgraçadamente o amor é sentir o coração preso num cepo.

– Senhorita, o mais provável é que hoje eu não volte. Se alguém perguntar por mim, diga que volte amanhã.

Tenho a sensação de estar fazendo aquele velho teste de baralho baseado nas palavras: Mutus, Nomen, Dedit, Cocis. Terei de passar o dia mantendo conversações, praticando atos, fazendo gestos, que parecerão iguais aos cotidianos, aos opacos atos, palavras e gestos de todos os dias, mas que em troca serão um só naipe de cada grupo. Só eu tenho o segredo do jogo, só eu conheço onde devo colocar o outro, quer dizer, só eu conheço o significado que essas conversações, esses atos, esses gestos terão amanhã, quando eu tiver uma morte nas costas, e, apesar (ou, melhor, por causa de) dessa morte, possa lançar meus ombros para trás, num gesto de boa respiração e liberdade recuperada, e olhar sem rancores o prodigioso céu vazio. Sim, será melhor que todos esperem até amanhã: os devedores, os credores, os turistas, os intérpretes, os guias, as velhas que querem ver a Semana Santa de Sevilha e depois morrer, os libertinos que querem conselhos sobre como passear em Estocolmo sem falar sueco, os exigentes que se inscrevem na excursão de 92 dias desde que a agência lhes forneça garantias de que a Alfândega não dificultará esse esplêndido e minucioso contrabando que é o motivo cultural da sua viagem. Sim, melhor que venham todos amanhã, com o jornal aberto na sua grande manchete de página inteira: TRÁGICA MORTE DE EDMUNDO BUDIÑO. Minha grande curiosidade atual é como se ajeitarão, blancos e colorados, para revelar que o filho, nada menos que o filho, de um de seus próceres matou nada menos que o Prócer. A imunidade dos próceres é, para blancos e colorados, tão inamovível como o contrabando, como o casamento, como a venerada Lei de Lemas. Nisso estão de acordo. Nesse país em que os escassos revolucionários por vocação suspenderiam sua revolução por causa do mau tempo, ou a adiariam até abril para não perder a temporada de praia, neste amorfo país de andrajosos que votam em milionários, de peões rurais que são contra a reforma agrária, de uma classe média que cada vez encontra mais dificuldades para imitar os tiques e os coquetéis da alta burguesia e no entanto pensa na palavra solidariedade como se se tratasse do sétimo círculo infernal, neste país de tipos como eu próprio, desacomodado em meu sobrenome porque renego toda a imundície que hoje está implícita no nome

Budiño; desacomodado em minha classe porque meu bem-estar econômico me dói como uma culpa, como uma má consciência, enquanto meus iguais desfrutam do conforto como poderia fazê-lo uma fêmea folgazã; desacomodado em minhas crenças, sobretudo políticas, porque extraio meus recursos de um sistema de vida totalmente oposto ao que prefiro; desacomodado em minhas relações, porque os que participam de meu nível social me consideram pouco menos que um velhaco, e os que participam de minhas crenças políticas me consideram pouco menos que um trãnsfuga; desacomodado em meus sentimentos, em minha vida sexual, porque conheci a plenitude e desde então sou consciente de que o demais é um pobre sucedâneo; desacomodado em minha profissão, porque a invasão de turistas e candidatos a tais me esmaga com sua grosseria, com seus contrabandos, com seu descaramento essencial, com sua gloriosa trapaçazinha, com sua obsessão de pechinchar, com sua alma de piquenique; desacomodado frente a minha memória, porque as boas coisas que minha infância anunciou, as proteções, as esperanças, as ousadias, ficaram todas no caminho, e o recordar se torna então um mero registro de frustrações.

Está linda a rua. Nem frio nem calor. Um sol bem amarelo, mas fraco. Uma brisa que apenas move as bandeirinhas dos caramelleiros e as folhas dos plátanos. É bom tomar uma decisão grave num dia assim, que não repele, mas convida a que o desfrutemos. Gosto de minha cidade; sinto que de algum modo faço parte dela. Olho para estes homens e mulheres opacos, mesquinamente calculistas, fanáticos do detalhe, euforicamente míopes, de coração explosivo mas imprevidente, que desfilam, dois em cada cinco, deixando sua barata caridade na mão suja e estendida da gorda e prepotente aleijada, a mendiga única, a mendiga-exceção que, mais tarde, com sua impecável perna artificial, se transformará na florescente dona de imóveis vários; olho para esses cultivadores da esmola, esses filantropos de centavo, e embora eu não contribua com minha moeda sinto que de algum modo eles me representam e representam o país, porque todos queremos o céu como pechincha, o trabalho como pechincha, o poder como pechincha, a aposentadoria como pechincha, todos queremos que a vida nos saia mais barata que para o comum dos mortais e para isso não importa se o meio é a vigarice, a esmola, a acomodação, a inválida promessa ou a falsa invalidez. Todos queremos levar vantagem, enganar alguém para salvar a honra; a única forma de adquirir consciência de suas próprias forças é cometer a mínima indecência que nos ponha ao amparo da mais agressiva de todas as suspeitas, a módica incorreção que impeça os demais de falar de nossa burrice, a insuportável burrice do honrado. Uma coisa é ser bom, e outra muito distinta é ser tomado por um idiota. Essa frase deveria estar inscrita no escudo nacional. O resultado é que no passado, em algum remoto passado desajeitado, todos fomos bons, mas agora que sabemos o segredo deixamos de ser para que os outros não nos tomem por idiotas. Com respeito a cada um, todos somos os outros; todos pretendemos considerar idiota cada um dos outros. Mas como ninguém quer passar por idiota, a consequência é que todos somos luminares, e estamos portanto gloriosamente situados acima desse ser hipotético, caduco, superado, inexistente, esse uruguaio em quem todos pensamos quando dizemos: *uma coisa é ser bom*.

– Budiño, lembra-se de mim?

– Mas é Marcela, Marcela Torres de Solís.

– Que memória. Como vai?

– Parece-me que numa certa sexta-feira de abril do ano de 1959 não nos tratávamos com formalismo.

– Pode ser. Mas foram só duas horas.

– Sim, mas repletas de catástrofes.

– Lembra-se que susto?

– Bom, nós encaramos a coisa com bastante serenidade, não?

– Você, sim. Eu não. Me assustei medonhamente. Quando me lembro, ainda me arrepio.

– E como encontrou o... como se chamava?

– César. Vivinho e saracoteando.

– E?

– Estamos vivendo juntos. De novo.

Esta mulher tem alguma coisa. No Tequila me disse que para ela tinha sido horrível dar-se conta de que só inspirava ao marido uma atração sexual. E o que isso tem de mal? Também a mim inspira o mesmo. Claro que não sou seu marido. Mas evidentemente tem alguma coisa. Na boca, talvez. Ou nas orelhas. Sei lá. Algo que atrai. E como. Não seria capaz de apaixonar-me por Marcela, mas sim, certamente, de deitar-me com ela. Deve funcionar estupendamente na cama. Ave César Solís. As boas fêmeas em geral são só isso: boas fêmeas. Esta tem, como atração, que é boa fêmea e além disso uma pessoa simpática. E até tem um brilho inocente no olhar. Os clássicos já ensinaram: a inocência é o melhor condimento da luxúria.

– Tomamos um café?

– Tomamos um café.

E eu tenho no chaveiro a Yale da sociedade dos três Jotas.

– Então, depois da inundação, tudo se ajeitou como nos contos. Foram muito felizes, comeram perdizes e, ponto final, este conto está acabado.

– Não.

– Não se acabou?

– Isso também não. Mas meu *não* se referia ao “foram felizes”.

– O que aconteceu? Vai mal outra vez?

– Outra vez.

– No entanto, me parece recordar que no Tequila você disse que gostava dele, que necessitava dele.

– E era verdade.

– Já não é?

– É provável que ainda continue sendo assim.

– Então?

Além disso é jovem. Agressivamente jovem. Em 59 tinha vinte e três, portanto agora deve ter vinte e cinco. Mas não só não parece que se passaram dois anos como a acho mais jovem que antes. Talvez o penteado. A cor das faces pode ser emprestada, mas a pele dos braços é sua. Lindos braços. Deve ser uma boa experiência ser apertado por esses braços. E tenho a chave dos três Jotas.

– Praticamente, só nos entendemos na cama.

– Vou dizer: não é uma má maneira de se entender.

– Não brinque.

– E o resto?

– O resto são os grandes espaços em branco. Ou melhor, em negro. Como se não soubéssemos de que falar.

– E por que, nesse momento em que não se entendem, não falam dos momentos em que se entendem?

Se dou a cantada, pode me dizer que não, naturalmente. Mas, que importância tem isso num dia como hoje? Além disso, eu a desejo. Se me diz que sim, será uma boa lembrança para amanhã e depois. Dois dias em que certamente precisarei de boas recordações.

– Isso vai criando rancores, desconfortos.

– Não pode ser exclusivamente algo tão abstrato. Deve haver também um motivo concreto.

– Não, isso é o pior. Quem dera que houvesse um motivo concreto... César é um tipo áspero, teimoso, impenetrável.

– E você é alegre, extrovertida.

– Cada vez menos. É terrível. Ele é de luas. Às vezes não me dirige a palavra o dia inteiro. E mesmo de noite, aproxima-se de mim com as mãos, não com a voz. E o pior é que não sei se são ciúmes, ou raiva, ou antipatia, ou simples aborrecimento.

Não pode ser. Não pode ser que me olhe desse modo e eu permaneça impávido. Tenho que falar, porque do contrário arrebento.

– Marcela.

– Sim?

– Se lembra que no Tequila me perguntou algo?

– Não sei. Creio que perguntei várias coisas.

– Pode ser, mas eu me refiro a uma só. Perguntou se eu estava cantando você.

– Eu perguntei isso? Seria o efeito do Chianti.

– Talvez. E eu respondi: Sabe que não tinha pensado nisso? Mas é uma ideia excelente.

– Seria efeito do Chianti também.

– No meu caso, não.

– Bom, bom, está me cantando?

– Sabe que não tinha pensado nisso? Mas é uma ideia excelente.

Saiu bem. Como ri. Gosta que a desejem. Que coisa! É linda de verdade. E agora há meio caminho andado.

– Vê essa chave?

– Sim, senhor.

– É do apartamento de uns amigos.

– Ah.

– Eles agora não estão em Montevideú.

– Ainda bem.

Disse ainda bem. Então ela também estava à espera.

– Meu carro está na esquina.

– Não pode ser um táxi?

– Claro.

– Eu sabia.

– O quê?

– Que íamos terminar indo para a cama juntos.

Anos atrás já havia intuído, mas só agora confirmo: quando se deseja uma mulher, só se conhece a metade do próprio desejo. O desejo completo vem no instante em que se tem consciência de que a mulher também deseja. Então, a pressão se torna insuportável.

– Vamos?

Estive aqui com Dolores. Por que faço isso? Será que no fundo quero comparar? Ou será que quero apagá-la, acabar com sua imagem? Não. É algo muito mais simples. É quase um traço nacional. Quero deitar-me com uma mulher que seja boa, que tenha lindos olhos, lindas pernas, lindo tudo. E uma coisa mais recente: que seja esplêndida quando beija. Gosto mais deste corpo que do da secretária carnuda, mas além disso Marcela tem a vantagem de que não é imbecil. Para mim sempre foi uma tortura deitar-me com mulheres que no penúltimo transe, e sobretudo no último, olham para a gente com olhos de hipopótama ou de nutriz. Quando o ato é de união total, como com Dolores, não exijo nada; não exijo nada, simplesmente, porque está tudo ali. Mas quando a atração é principalmente sexual, como com

Marcela, exijo uma mínima cumplicidade, que implica, entre outras coisas, descartar a comédia da paixão e saber que esse descarte nos outorga uma camaradagem essencial. A outros poderá parecer um refinamento inútil, mas para mim é importante que uma mulher, nos três minutos prévios à entrega, tenha a suficiente coragem para não dizer, baixando o olhar, e como última cota de seus escrúpulos de *Sacré-Coeur*: “O que você vai pensar de mim?”

– Você gosta?

– Uma barbaridade. Teria sido um crime não haver visto você assim.

– E a imaginação, para que serve?

– acredite, minha imaginação funciona bem. Sobretudo, funciona prolixamente. Mas como realidade, você é algo tremendo.

– Quer que diga uma coisa? Esta é minha primeira infidelidade. Mas é também a mais antiga.

– Como?

– Sim, porque começou naquele jantar. Só uma catástrofe pode adiar outra catástrofe.

– Eu me sinto muito à vontade com a hecatombe atual.

Mutus Nomen Dedit Cocis. Agora estou colocando um novo naipe, mas só eu sei onde devo colocar o complemento. Amanhã. Que cara fará Marcela? Sofrerá a tortura de ter a mais emocionante aventura de sua vida e não poder contá-la a ninguém. Nada menos que ter se deitado com o assassino do dia. Se pelo menos hoje pudesse olhá-la de algum modo tão peculiar que amanhã lhe economizasse a necessidade de sentir o calafrio tradicional: *Meu Deus, podia ter me matado!* Neste dia-chave em que o Velho está condenado, neste dia transcendental em que eu executarei sua pena, é curioso como me sinto tranquilo, quase diria feliz numa cama alheia, com uma mulher alheia, a quem provoço uma felicidade momentânea, que no fundo também é alheia. Porque enquanto acaricio, com a melhor disposição, com tanto desejo em liberdade, estes seios cheios e comovedores, enquanto manuseio com tanta ternura sexual esta pele gloriosamente jovem, sou consciente de que algo em meu coração se retorce de pena, de solidão, de vazio. Algo em meu coração detecta ininterruptamente a ausência de Dolores; algo em meu coração quer morrer. E não há contradição entre esta pena segura e aquela quase felicidade, porque Marcela é estupenda, é prodigiosamente linda, é um luxo tátil que poucas vezes minhas mãos conheceram. Mas a ausência de Dolores é uma tristeza que circula em mim; a ausência de Dolores é mais ou menos o mesmo que meu sangue, e como ela me percorre, me colore, paradoxalmente me faz viver. E se a mínima realidade me fere como uma alfinetada, aí surge um fio desse sangue-tristeza, que algumas vezes coagula em rancor, outras vezes em agressividade, e outras, por último, em desalento. O misterioso, inclusive para mim, é como apesar de tudo posso desfrutar. E bem que desfruto.

– Está pensando em quê?

– Em como você é estupenda.

– Não. Está absorto, distraído. Com o corpo aqui e a cabeça quem sabe onde.

– Minha pobre cabeça não sai de seu assombro. Na realidade, ela ignorava que o corpo podia gozar tanto. Agora sabe, mas precisa acostumar-se com a ideia.

– acredite. Também a minha cabeça teve sua surpresa.

– Pobres cabeças.

– Quando aprenderão?

– Provavelmente nunca.

– No momento, vamos deixar que se reponham. E não falemos delas. Têm suas inibições como qualquer um.

– São pouco francas.

– E contabilizam as vergonhas.

Aqui haveria que acrescentar que, como desforra, repreendem o corpo. Mas não digo mais nada. Quero que se sinta satisfeita com sua última frase, e para isso o melhor é deixar que o resto fique no ar. É uma pequena contribuição, por outro lado tão fácil de conceder. Sim, a cabeça repreende o corpo. E o pobre corpo é feliz, mas frágil. Agora mesmo tenho uma dor que começou repentinamente na altura do rim direito. E não cede. É uma dor não demasiado intensa, mas incômoda, e também alarmante. Como se algo houvesse começado a triturar suavemente meu rim e desde já eu soubesse que o ritmo de trituração irá aumentando até se tornar insuportável. Tenho a superstição (apesar de minhas bazófilas frente a Susana) de não dizer em voz alta palavras terríveis. Mas em troca posso pensar: câncer, nefrite? Na realidade, seria uma brincadeira macabra se, logo no instante em que me creio braço executor de uma condenação, algo, alguém, Deus, fado, Karma, azar, qualquer coisa, estivesse executando sobre mim outra condenação, esta sim inapelável e definitiva.

– Você também tem seus problemas, não é verdade?

– Quem não tem?

– Mas não fala deles.

– Para quê?

– A gente se liberta um pouco.

Aí estão os cartazes, os quadros abstratos, os porquinhos de Quinchamalí. Tudo isso já percorri, com Dolores adormecida a meu lado. Se só se tratasse de afinidade sexual seria tão fácil. Porque nesse aspecto Marcela é incomparável. Mas a ausência de Dolores dura o dia inteiro, quando há desejo e quando não. Como será ter nascido na miséria? Não sei por que penso nisso agora. Como será ter nascido na miséria, passado fome, odiado as vitrinas de padaria com frango assado, ter corrido descalço, estendido a mão aberta? Como será ter trabalhado dia após dia como uma besta? Como será cair arrebitado no sono, sem ânimo nem energia para sentir desejo, para sentir o luxo do desejo? Como será gastar-se assim, sem uma trégua de ócio, e descobrir um dia que o prazo acabou, que a morte está aqui, digamos, num rim que aflige? Algo funciona mal. Onde ganhei eu, por exemplo, o direito à minha corrente de ócios, à minha linda casa em Punta Gorda, às minhas quatro longas viagens, a este espetáculo tonificante e lustral que é o corpo nu de Marcela?

– E seu pai?

– Não muito bem.

– A saúde?

– O Velho tem pouco tempo de vida.

Mutus Nomen Dedit Cocis. O rim não me dói mais. E, com o fim da dor, percebo que sou infantilmente fácil de me conformar. Porque agora, neste momento, as más palavras câncer e nefrite voltam a parecer longínquas, só apropriadas para que Outros as sofram e as temam. É certo que o Velho tem pouco tempo de vida. Vinte e cinco para as três. Digamos que tem duas horas e meia. Ou talvez um pouco mais, porque Marcela começa outra vez a acariciar-me, a formular estimulantes perguntas à veteranice da minha pele, e suas lindas mãos, cuidadas e cuidadosas, são guiadas por uma intuição tão certa, tão infalível, que todas as minhas células vão se sentindo progressivamente comprometidas na segunda de minhas respostas.

Lá embaixo os plátanos. Hoje as folhas não estão imóveis. Algo nos agita, a elas e a mim. Aqui mesmo, há alguns meses, pensei. Eu nunca fui Ramón Budiño, mas o filho de Edmundo Budiño. Poderei ser hoje Ramón Budiño? Pelo menos, farei a tentativa desesperada. Aqui mesmo, há alguns meses, pensei: Como todo mundo, nós, os Budiño, temos uma história. Agora o revólver está na minha pasta. Ou seja, depende exclusivamente de mim escrever a página mais viva dessa história. Eu a escreverei?

– Veio muito cedo, senhor Ramonzinho. O doutor vai demorar pelo menos meia hora.
– Não se preocupe, Javier. Sentar um pouco vai me fazer bem.
– Esse ar de tempestade é cansativo, não?
– Deprime um pouco. A família, bem?
– Não tão bem, senhor Ramonzinho. Minha mulher anda cada vez pior dos pés.
– É a tempestade, Javier.
– Não. Eles também doem com bom tempo. O médico insiste em que é albumina, mas nos exames não dá albumina.

– Então não deve ser albumina.
– Mas o problema é que não só doem, como também incham. Ficam assim.
– Não lhe convirá emagrecer?
– Quem, eu?
– Não, sua esposa.

– Claro que lhe conviria. Mas ela gosta tanto de doces... Toda vida foi muito gulosa. Eu também sou guloso, mas não engordo. E veja que curioso: nós nos conhecemos numa confeitaria, comprando bombons.

Vou escrever isso tudo. Vou escrever? Não pode ser que justamente agora eu me pergunte isso. Desde cedo estive decidido a fazê-lo. Prazerosamente decidido. Então, por que esta vacilação? Por que este começo de dúvida? Ele mereceu. Mil vezes pensei e repensei todo o assunto e sempre cheguei à mesma conclusão. Tenho que matá-lo. Mas não basta chegar à sentença. Além de sentenciar, é preciso matá-lo. Poderei? Eu estava seguro, tão alegremente seguro. Por que esta agitação?

– Perdoe-me, senhor Ramonzinho. Vou deixá-lo sozinho.
– Não se preocupe, Javier.
– Tenho que aprontar para o Doutor vários dados do registro.
– Não se preocupe, Javier.

Talvez Marcela tenha a culpa. Fez com que me sentisse tão vital. Mas não. Marcela não tem nada a ver com isso. Além do mais, eliminar um crápula deve ser outra forma de sentir-se vital. Se pudesse aferrar-me ao ódio, nada mais que ao ódio. Mas o ódio também se esgota. Suponhamos que ele abra essa porta. Não, antes que abra a porta, vou ouvir o barulho do elevador. Suponhamos que sinta o barulho do elevador. E que, enquanto isso, eu abra a pasta e tire o revólver e aponte para a porta. Aqui está o revólver. E esta é minha mão. Minha mão. Que ridículo. Pensado assim, é ridículo. Suponhamos que ele abra essa porta e eu. Não. Para que estas atitudes tenham sentido, talvez não haja que pensá-las tanto, que ensaiá-las tanto. Suponhamos que ele abra essa porta e eu consiga ver seus olhos. Esse é o perigo. Porque nem sempre me olha com os olhos do Velho; de vez em quando me olha com os olhos de Papai. Ainda não estão definitivamente mortos, os olhos de Papai. Ou, se estão mortos, a capacidade histriônica, a magistral hipocrisia do Velho, permite que ele os imite. Mas, como posso saber se é só falsificação? Sei que se me olhar com os olhos de Papai não poderei apertar o gatilho. E então tudo estará perdido para sempre. Terá me derrotado definitivamente e, a partir desse instante, serei um lixo. Suponhamos que abra essa porta e me olhe como de costume, com seus olhos de crápula. E eu dispare. Com esta mão. Não. Antes de disparar tenho que falar com ele, tenho que explicar a ele por que um filho pode chegar a estar tão transbordante de ódio, tenho que dizer a ele que não perdoou ter-me destruído e, sobretudo, que não perdoou ter destruído sua imagem que admirei, que quis, que necessitei. O único que me faltava: chorar. Mas acontece que se eu explicar não o matarei. Ele me olhará nos olhos, seguro de seu poder, me derrotará através de meu monólogo inútil, e não o matarei. Suponhamos que abra essa porta e eu atire sem dar-lhe tempo a que me olhe, sem dar-lhe tempo a que me derrote com o olhar. Então, embora caia

diante de mim, igualmente terá me vencido. Porque só eu saberei que meu violento laconismo terá sido uma variação de minha covardia. A única forma de vencê-lo é dizer-lhe por que o mato, e depois matá-lo. Ah, se não fizer isso hoje, sei que nunca mais farei, porque cada vez que programe meu ato este terá sido de antemão corroído por este adiamento. Suponhamos que. Não. Acabou-se. Acabou-se. Chegou o medonho momento de dizê-lo. Não posso matá-lo. NÃO POSSO. Andei o dia inteiro afirmando o projeto, juntando-lhe sustentações. O dia inteiro, andei esparramando indícios. Eu mesmo acreditei que fazia isso para que amanhã os ávidos pudessem reconhecê-los e completar seu quadro e confirmar as mais mórbidas de suas explicações. Mas na realidade construía indícios para obrigar a mim mesmo, para que a decisão fosse irrevogável. Fiz como João e Maria num dos contos que nos ditava Herr Hauptmann. Por onde passei fui deixando migalhas, para que depois todos soubessem por onde havia passado. Mas de repente me volto, quer dizer, agora me volto, e os pássaros, ou os escrúpulos, ou a covardia, comeram as migalhas, ou as pegadas ou os indícios. Perdi, talvez, meu próprio rastro. Os indícios já não conduzem a mim. Não posso matá-lo. Tudo é mais forte do que eu. O Velho, os lugares comuns, os tabus de minha classe, os preconceitos. *Afinal de contas, Ramón é meu filho.* Vomitou-o aqui mesmo, diante de Javier, quando recebeu os rapazinhos e lhes distribuiu armas. E ficou soando. *Afinal de contas, o Velho é meu pai.* É horrível, mas ficou soando. É meu pai. Os homens da minha classe, da minha geração, do meu país, não matam seus pais. Os homens da minha classe, da minha geração, do meu país, não destroem seu passado. Não o destroem, porque são uma merda. Honra seu pai e sua mãe, ordenou, há tantos anos, o padre velho da igreja de Ellauri. Não acrescentou: Honra seu pai e sua mãe, sempre e quando eles mereçam essa honra. Mas talvez isso estivesse implícito no mandamento. Não acrescentou, de modo que honro meu pai embora ele não mereça que o honre. Honro meu pai por preguiça, a preguiça de não ter me negado a aceitar que me desse a grana para a agência. Por preguiça, por não cuspir nele, para não revelar a ele que naquela tarde eu estava atrás do biombo, para não desaparecer deste lugar e enterrar-me em algum longínquo purgatório terrestre, porque o dinheiro me contagiou, porque sou um leproso do conforto, porque as oitenta mil pessoas que diariamente morrem de fome neste mundo me importam menos que a falsa mácula de minha pudibunda consciência, porque, porque. Honro meu pai porque me desonro.

As folhas não estão imóveis. Nem mesmo as caídas e secas, lá embaixo, misturadas no mesmo redemoinho com pedaços de jornal e farrapos de cartazes. Lá embaixo. E se me aproximasse lentamente, cautelosamente, distraidamente. Lá embaixo.

E se eu me estatelasse?

Hein?

E se eu me estatelasse?

cair por exemplo entre o plátano robusto e o outro raquítico a meio metro dos policiais que vigiam a entrada do jornal para que os inexistentes conspiradores não se apoiem no meio de tudo seria uma solução, o estranho é que não me tenha ocorrido antes ou talvez esteve sempre no fundo de meus falsos projetos

hein, hein?, e se eu me estatelasse, hein? a ideia começa a tentar-me e isto talvez seja perigoso porque evidentemente seria uma solução não ver nunca mais a cara do Velho, apagar a imagem de minha retina mediante o procedimento de transformar em nada minha retina não ver mais minha própria cara no espelho não recordar minha cadeia de derrotas mediante o procedimento de transformar em nada minha memória não reprovar-me a aceitação da grana do Velho não ser consciente de que Larralde teve a coragem que me falta não sentir nunca mais saudades de Dolores mediante o procedimento de transformar

em nada minha saudade não tremer de pânico se algo começa a triturar suavemente meu rim não reter o vômito cada vez que vejo os andrajosos votarem nos milionários não imobilizar-me na insônia fulminado pela repentina consciência de que minhas decisões estão para sempre alienadas não estar obrigado a sorrir aos candidatos a turistas e a sua alma de piquenique não deitar-me junto a Susana e senti-la incrivelmente remota alheia indiferente não pensar na morte de Mamãe com suas unhas cravadas na minha bochecha não escutar que o Velho me chame de desajeitado mais que desajeitado não voltar a projetar nunca mais nem para mim nem para ninguém aquele filme de terror e de asco com a voz de Mamãe dizendo não posso não chorar de noite nem sentir-me um imbecil não não não cada vez mais não talvez fosse uma solução ou pelo menos um modo de negar esta pobre sujeira que sou este sufocante fracasso em que vim parar

e se me estatelasse heein?, que bonito desafio que tentação e que aconteceria depois lá embaixo a meio metro dos policiais e se me estatelasse e se me estatelasse hein, hein?, nunca pensei que isto podia crescer em alguém como um êxtase como um espasmo como um gozo desesperante hein Dolores nunca mais porque te tenho e não nada de nada hein e depois o que acontecerá depois e Gustavo pobre filho filhinho se compreendesse se ele pudesse romper com o passado se ele pudesse não ser derrotado se ele pudesse apertar o gatilho todos os gatilhos e se me estatelasse

lá embaixo heein Dolores minha Dolores de outro se eu também pudesse cravar minhas unhas em sua face mas não há face não há ninguém só como nunca Dolores já chega de uma vez por todas basta de lágrimas

como era ah sim aproximar-se lentamente, cautelosamente, distraidamente lá para baixo

lá

entre o plátano robusto e o plátano raquítico nem mesmo posso vê-los disse basta de lágrimas

heein

sorte que não existe Deus que azar heein Dolores heein porque te tenho e não heein disse basta de lágrimas disse basta de lágrimas

basta

basta

basta

baaaaaaaaaa

I suicidi sono omicidi timidi.

Cesare Pavese

Bobo, bobíssimo. Você me teria convencido, claro. Só uma vez disse Ramón dentro de sua boca, debaixo de sua língua. Afogada, feliz. Bobo. Pobrezinho. Ali, em você, estava o menino, a criança. E seus olhos escuros, que susto, que estupor. Com esta mão passei por eles, fechei-os quando estava certa de que era um jogo, de que em seguida você ia abri-los. Depois não. Alguém os terá fechado. Eu não vi você. Quer dizer, não vi Isso que diziam ser você. Os olhos, Seus Olhos. É toda a lembrança, ou quase tudo. Você me olhava ansioso. Foi assim que começou a me convencer. Ramón bobo. Velhinho. Certamente sou culpada. Quem não é? Se houvesse dito Sim. Mas não podia dizê-lo. Agora sim, posso e de que serve? Agora já vi a odiosa cara de Hugo quando me trouxe a notícia. Mas quando você me perguntou, eu não a havia visto, não sabia que existia. Hugo não é bom, nunca foi. Mas eu não sabia. Agora será impossível amá-lo e além disso será difícil ter piedade dele. Como vê, tudo é uma armadilha, uma sacanagem. O Velho venceu. Mas quem sabe. Bobo, bobíssimo, que nos importa o Velho? Nem sequer tive tempo de contar nada para você. Todas essas coisas que Hugo ignora; que não saberá jamais. Minha verdadeira, insignificante vida que nunca disse a ninguém. Quando no quarteirão havia uma só casa, e era a nossa, a de meus pais. Quando eu ia correndo até os rochedos e deixava penduradas minhas pernas magras, e a água começava a subir e me molhava até os tornozelos, e um frio agradável, cúmplice, me subia pelas costas e se instalava na nuca, e eu começava a tremer, mas sem tremor, numa levíssima comoção que era como um gozo, o primeiro talvez. Não houve maneira de contar nada a você. Quando nos tempos da primeira menstruação, eu fechava violentamente os olhos e cruzava mais violentamente ainda os braços sobre o peito e inventava assim uma noite inexpugnável mas percorrida por crepitações, e então começava a voar sem asas, como um bólido rígido, e sentindo uma forte pressão nas têmporas. E quando a avó galega me passava a mão, débil mas segura, pela frente, e eu ia movendo lentamente a cabeça para que a palma imóvel percorresse obrigatoriamente meus olhos, meu nariz, minha boca, minhas orelhas, meu pescoço. E quando pela primeira vez vi um homem nu, um pobre sujeito que vestia as calças entre os arbustos, e vomitei ao descobrir essa insolente e assombrosa versão do sexo. E quando me recomendaram que não olhasse o sol durante o eclipse e eu mesmo assim olhei, embora com um olho só, e nunca mais voltei a ver como antes. E quando e quando e quando. Nada disso pude contar a você. Querido. Claro que posso imaginá-lo, mas não serve. Você já não pode me tocar, e no entanto minha pele está à espera. Não pode me tocar porque não posso convencer a minha pele, e é horrível. Posso imaginá-lo, claro, naquela única vez. Você parecia tão desesperadamente feliz. Houve um instante de silêncio, com uma confusa cristação de vozes lá embaixo na praia, mas de qualquer maneira era silêncio. Houve um momento em que estivemos imóveis, sem nos tocarmos. E esse é o momento que melhor posso agora instalar aqui, no vazio, porque o silêncio concreto, a imagem concreta, são sucedâneos de algo seu, mas em troca não há nada que substitua suas mãos. E se passo minhas próprias mãos pelas coxas, por minhas cadeiras, por meu ventre, por meus peitos, se me percorro com minhas mãos, fechando os olhos e

tratando de convencer-me de que são as suas, sei que terminarei numa grande vergonha, numas pobres sacudidelas de angústia, numa solidão miserável e grotesca. Tenho que matá-lo, você disse quando eu dormia. E sua voz se introduziu no meu sono, nesse sonho onde estava desmoronando-se uma divisória e detrás dele havia um céu deslumbrante e atroz, e eu não podia olhar-me sem comiseração. Tenho que matá-lo, você disse uma e outra vez, e a frase começou a sair pelos alto-falantes, e eu tapava os ouvidos mas não adiantava, via como os alto-falantes moviam os lábios e estava certa de que sempre repetiam a mesma coisa. Tenho que matá-lo, você disse pela última vez, mas então eu estava acordada e no entanto fiz como se estivesse dormindo e simplesmente perguntei: o quê? e você me respondeu: Mas eu não falei nada... Claro que a minha não foi uma boa pergunta. Tampouco a sua foi uma boa resposta. Eu estava aparvalhada e você não tinha nem me tinha confiança. Éramos dois seres débeis e feridos. Se pudesse recolher as poucas lembranças espalhadas. Mas, além disso, para que servem? Não sou uma mórbida, sou um ser normal. Até os doze anos dormi abraçada à minha boneca, minha pobre boneca vesga e coxa. Foi o cachorro que rompeu uma perna e comeu o olho, mas eu não quis que mamãe a mandasse para o concerto. Dormi abraçada a ela até os doze anos e muito depois veio Hugo, que de algum modo era, é, um boneco e também um inválido. Mas só uma noite dormi abraçando-o, e ele apenas disse: Faz calor demais, demais. Sou um ser normal que quer agarrar-se em algo. Não me importa que depois venham o desencanto e a morte, só pretendo um consolo temporário, um consolo da pele. Por que será a pele tão importante? Por que minha palma se curva, só e impotente, quando penso em seus ombros caídos, em suas pernas fortes e peludas, em sua nuca indefesa, de menininho? Havia duas pintas, volumosas como cicatrizes. E lá embaixo o pelo era suave e enredado. Podia-se passar os dedos como um pente, pressionando levemente para desfazer os poucos nós, e continuar. Oh, continuar. Ramón, Ramón, Ramón. E agora? Que fazer com esse desespero, com essa sensação de vazio? O Velho, no enterro, como um irrisório monumento, como um prócer tóxico, dosando seus estremecimentos para que o público, trepado sobre os canteiros ou apoiado nas lápides, tomasse bem nota de sua dor de pai comovidamente famoso. E Hugo sem pranto, com o ódio imóvel sobre os pômulos. E o Velho pondo-lhe uma mão depreciativa sobre o ombro covarde. O Velho. Por que você não o matou? Claro que se o tivesse feito eu agora estaria perguntando com a mesma ansiedade: Por que o matou? Pelo menos não seria uma pergunta no vazio. Isso costuma acontecer quando alguém se põe a comparar a desgraça maior com a desgraça menor, e esta parece então ser uma sorte feroz, só porque não foi, só porque o acontecido foi a desgraça maior. Ramón bobo, bobíssimo, claro que preferia sabê-lo assassino, parricida, antes que sabê-lo isto. Ia pensar Cadáver. Mas quem sabe o que você é. Espírito, alma penada. Ou nada, estritamente nada. Seria tão cômodo crer em Deus e saber que de algum modo você reside em seu seio, em sua imensa vontade, em sua velha teia. Seria tão cômodo imaginar que agora você respira com outro alento, desprendido desta sujeira, sem angústia nem felicidade, como um simples poro ou como uma grande ocasião flutuante, provido de séculos antes e de séculos depois, com um passado que é amarga experiência necessária e um futuro que é eternidade sem sobressaltos. Seria tão cômodo, mas não posso. E é uma lástima, porque é horrivelmente desconfortável pensar que, em vez disso, você é nada, nada, nada. Acabou-se o sangue-frio. Quem sabe, talvez eu possa enlouquecer. Talvez, se me olhar no espelho fixamente, abrindo bem os olhos e apertando os lábios até conseguir uma perplexidade desproporcional às minhas orelhas, a minha boca, a meu nariz, a minhas sobrelhas, talvez possa assim inundar-me de um zumbido interior que me impeça de escutar a ladainha dos pêsames, as maldições de Hugo, aquele rádio que aturde, essa sirene dos patrulheiros; talvez possa assim evadir-me para uma região que não tenha memória, que não tenha Ramón, que não tenha minha pele acariciada por Ramón. Mas nem isso. Nunca poderei enlouquecer. Nem mesmo me matar. Tenho a espessa, desgraçada sorte de ser normal. E mesmo dentro deste desespero, mesmo assim, com a cabeça afogada pelo travesseiro, sou capaz de pensar que dentro de uma semana, ou

de um mês, ou ainda mais tarde, abrirei o guarda-roupa e olharei todos os meus vestidos, e escolherei um, claro que não poderá ser aquele que Ramón foi tirando, e escolherei depois o colar e os brincos que combinem bem com o vestido, e passarei o batom pelos lábios que ele, oh que ele, e verei se estão na bolsa o chaveiro, a identidade e os cigarros, e inspecionarei outra vez o cabelo antes de dar-me o visto final, e descerei ao estúdio de Hugo e roçarei apenas sua face e ele me dirá: Me alegro que esteja mais animada. E lhe perguntarei se posso levar o carro, e ele dirá que sim, e a empregada sorrirá de longe e correrá a abrir a garagem e eu darei volta à chave e escutarei o ronco familiar do motor, e engatarei a primeira, e apertarei suavemente o acelerador, e sairei à luz, que será uma luz estranha e metálica, com as grades estriadas como numa água-forte, e as árvores quietas, com suas copas em triângulo, secas. E irei pela Rambla e descerei o vidro, e o ar me golpeará o rosto, e por debaixo da maquilagem sentirei que tenho rugas e terríveis olheiras, e até vários projetos de caretas, mas estarei tranquila e apesar de tudo sorrirei, embora se trate de um sorriso opaco, sem convicção, porque naturalmente há que viver e há que guardar debaixo de sete chaves o furor, por legítimo que seja, e junto com o furor há que guardar o espanto. E no entanto não poderei evitar a lembrança de outra viagem pela Rambla. Guardar o espanto. Porque sou uma fêmea destruída. Sou aqui na cama, com a cara chorosa escondida no travesseiro, e serei esse dia, com a pele maquilada e sem poros. Guardar o espanto, mas com urgência. Porque sou uma fêmea destruída e solitária. E a nostalgia chegará à minha cabeça como chega agora, de baixo. O ar golpeará minha cara e minhas rugas existirão, não há dúvida. Não só as que já tenho, mas as que só estão desenhando suas dobras. E talvez tudo vá mais ou menos bem até que me aproxime de La Goleta. Porque você me levou ali. Você me levou. Bobíssimo. Ali você disse: É uma barbaridade, claro, mas gosto de você. Guardar o espanto. Ou talvez seja impossível. Porque ao chegar a La Goleta é quase certo que não poderei suportar e explodirei ou me porei a chorar tão convulsivamente como agora, ou perderei os sentidos e minha cabeça cairá sobre o volante, e a buzina começará a soar, e talvez soe um longo tempo, como um pobre alarme no deserto.

– Não valia a pena.

Recostada na parede, Gloria Caselli acende um cigarro e vê com olhos bem abertos o homem deitado na cama larga. A calça meio abotoada, a camisa solta num lado, sobre a colcha um pé com seu chinelo, e o outro, dentro de sua meia preta, pendurado fora da cama. Só que o assombro de Gloria não nasce dessa desordem, mas de outro espetáculo: o rosto do homem, pela primeira vez inseguro, abatido, descomposto.

– Eu sei por que ele fez isso.

Edmundo Budiño faz um gesto com a mão, um gesto que pode ser de fadiga e também de resignação. E no entanto, o tom não é choroso. Assim, despenteado, sem gravata, com o colarinho aberto que deixa ver a pele enrugada e envelhecida, com os olhos mais pequenos que de costume e os pômulos cinzentos, Budiño parece pela primeira vez aos olhos de Gloria o velho que efetivamente é.

– Fez para não me matar. Matou-se, para não me matar.

É o único que fala. Há algum tempo, Gloria sente que deve dizer alguma coisa, mas cada vez que lhe ocorre um comentário acaba por desistir. Tudo parece falso, artificial, rebuscado. Ela gostaria de dizer algo franco, algo cruelmente verdadeiro.

– Ele não veio ao meu escritório para se jogar de um nono andar. Veio me ver.

– Isso é provável.

– Além disso, contou a Javier.

– Ou Javier inventou.

– Não. Veio matar-me. Como seria bom que tivesse feito.

– Isso, você imagina. Gosta de imaginar.

– Deixou um revólver sobre a mesa. Um revólver que apontava para a porta. Quer dizer, para mim.

– Isso não prova nada.

– Nunca andava armado.

– Isso não prova nada.

– É como se eu estivesse vendo. Primeiro, vacilou. Depois não aguentou sua própria vacilação.

– Não creio que matar seja mais difícil que matar-se.

– Para Ramón, sim. Era bom.

– Não sei. Se tivesse sido realmente bom, teria mudado você.

– Oh, eu não sou modificável. Um monolito. Você também não pôde me mudar.

– Eu não sou boa.

Gloria sabe que teria que aproximar-se dele, talvez passar a mão pelo seu cabelo, buscar alguma forma de contato solidário. Mas não consegue. Também dentro dela algo se quebrou. E pela quebra resgatou a si mesma, está se extraindo com uma desconhecida sensação de urgência. Até aqui, tinha aprendido a se dominar. Mas agora acabou. Esqueceu-se de toda a sua aprendizagem. Claro que acabou. Muitos anos atrás, quando ele lhe havia proposto ser sua amante, tinha começado por sobrepor-se à sua vergonha-susto-júbilo. Depois, sobrepôs-se à sua translúcida decepção, à falta de reciprocidade, à

convicção lentamente adquirida de que a aventura quase cinematográfica se transformava em rotina e clandestinidade, em esconderijos e sordidez. Mais tarde ainda, sobrepôs-se ao eclipse sexual desse único homem que lhe havia ensinado tudo, o sofrimento e o gozo, esse homem que tinha posto uma capa de silêncio sobre sua melancolia, esse homem firme, egoísta, distante, que depois de havê-la usado anos e anos como instrumento, agora era capaz de dizer sem se envergonhar: “Você também não me mudou”. Desta vez, ela não pode se dominar. É uma sensação feita de fragmentos de sensações. Uma confusão, enfim, porque alguns fragmentos se contradizem com outros. Afinal de contas, é a primeira vez que vê um Edmundo Budiño inerte, débil, perplexo; a primeira vez que o mede em sua exata dimensão, sem a ostentação de sua inteligência, sem a simetria de sua crueldade. O lógico seria que este novo espetáculo a atraísse, a comovesse, comprometesse para sempre sua adesão. E, no entanto, acontece o contrário. Tem uma louca urgência por deixá-lo, por obrigá-lo a que se arranje sozinho, por salvar-se ela própria, se é que todavia está em tempo. Acontece que esta debilidade, esta perplexidade inédita que agora vê, este homem que se interroga vergonhosamente tratando de imaginar por que o filho se jogou de um nono andar e salpicou com seu último sangue os policiais que vigiavam a entrada do jornal, este velho que repete “Não valia a pena”, não fez um só gesto para apagar sequer o menos recordável de seus obscuros atos do passado. Além disso perdeu a força, a determinação, o prodigioso temperamento que mantinha sua abjeção. Até agora, Gloria nunca tinha se arrependido de ter atrelado sua vida a um Abjeto Maior; pelo menos era único, original, inteiro. Mas se esse Abjeto Maior se transforma de repente num velho dobrado, vencido, caviloso, é razoável que nela suba uma baforada de desprezo. Compreende que deveria pensar: “Ainda bem que o suicídio do filho o comove; isso quer dizer que é sensível; isso quer dizer que não é um monstro”. Mas só pensa: “Desgraçado”. Só pensa: “Que nojo”. Sente que sua obrigação, a que ela decreta para si própria, é deixá-lo só, ainda que seja atirado ali em sua cama, enquanto repete como um amolecido: “Não valia a pena”.

– Não valia a pena.

– Bom, chega. Agora levante-se.

– Não valia a pena.

– Por favor, larga esse estribilho.

– Por que não me matou?

– Talvez também tenha pensado que não valia a pena.

– Eu gostava dele, sabe. Como não percebeu?

– Era difícil perceber.

– Quando era pequeno, tinha medo da escuridão e gritava de noite. Então eu vinha ao seu quarto, acendia a luz, cobria-o e ele ficava tranquilo.

– Todos temos medo do escuro. Mas não nos matamos.

– E ele gostava de mim, entende? Ele gostava de mim. Eu sei que me olhava e se sentia protegido. Um dia, quando Ramón era um rapaz, percebi que me odiava, e além disso percebi que o ódio não era novo.

– O ódio nunca é novo. Sempre nasce velho, gasto, repetido.

A meia preta se afrouxou e pende do pé. Na cama o homem fala comprimindo os lábios, fechando os olhos. Gloria olha o relógio. Seis e vinte. Nunca sentiu tanta urgência. É como se acreditasse que, de um momento para o outro, a última possibilidade de vida vá passar junto dela, como um trem de ferro ou um ônibus; é como se acreditasse que, se perdida essa possibilidade, estará condenada a ficar junto a este velho que continua tão egoísta e ressecado como sempre, mas sem a justificadora inteireza de sua crueldade. Ninguém tem direito a arrepender-se depois dos cinquenta anos. Seria demasiado cômodo, pensa Gloria. Aos sessenta e poucos, a única saída é afirmar-se no que se foi. O contrário é algo assim como o repentino misticismo dos frequentadores de putas.

– Terá sido pela mãe?

– Não me fale de sua mãe.

Era só o que faltava: que falasse de sua mulher, que falasse do que ele preferiu, de todas as coisas que a relegaram. Mas, como não percebe? O filho se jogou de um nono andar, mas ela, Gloria, vive. Isto é, quer viver. Além disso, a urgência não é para depois de um intervalo. É definitiva, concreta: está em vigor desde agora. Deitar-se com um homem de sua idade, esquecer-se desse velho estendido e de suas carnes flácidas, seus pômulos cinzentos, sua meia pendurada, sua calça desabotoada, seu umbigo indecente, sua boca apertada, seu estribilho, seu estribilho.

– Não valia a pena.

– Cale-se.

– Não. Tenho que falar. Senão, fico louco.

– Não importa. Cale-se.

– Vale a pena matar, mas não matar-se.

– Cale-se.

– Eu vi sua cabeça contra os tijolos. Havia um charco de sangue. Quando eu cheguei ao jornal, fazia três minutos que tinha se estatelado.

– Já me contou.

– Mas não havia falado do charco de sangue. Havia uma ranhura, entre dois tijolos, e quando eu cheguei ainda corria um fio vermelho, devagarinho. Havia tão pouco tempo que ele se tinha estatelado que o sangue ainda não tinha tido tempo de parar. Ainda corria, percebe?

– E daí?

– Quer dizer que se eu tivesse chegado dez minutos antes, talvez não acontecesse.

– Mas você não chegou. E aconteceu.

– Só ali, quando o vi, só ali percebi que tinha o cabelo exatamente da mesma cor que quando era pequeno, quando eu o cobria de noite toda vez que ele tinha medo da escuridão. Nunca tinha prestado atenção. Quando tinha dez anos, ele gostava de se pentear com o cabelo bem espichado. E então a mãe...

– Não me fale da mãe.

– Então a mãe fazia pressão com a mão e formava uma onda. E ele ficava furioso. Mas a onda ficou. E quando vi sua cabeça contra os tijolos, o cabelo era exatamente da mesma cor. Não usava gomalina, nem brilhantina, nada. Água, nada mais. E quando se secava, tinha um tom quase avermelhado.

– Levante-se.

– Não faz muito tempo, veio e me disse. O senhor está em negócios sujos com Molina.

– E estava certo.

– Claro. O senhor está em negócios com Molina e há um jornalista que vai denunciá-lo. Era Larralde. Denunciou-me e fiz com que fosse despedido. E não aconteceu nada. O senhor está em negócios sujos com Molina, me disse. E foi talvez nesse momento que perdi a oportunidade, a única oportunidade que havia. Se eu tivesse cedido...

– Mas você não cedeu.

– Disse-lhe de tudo. Lembrei a grana que havia dado para a agência. Claro, com isto o arrebentei.

– Cale-se.

– De qualquer maneira, não valia a pena.

– Cale-se.

– Ele queria outro mundo, outro tipo de vida. Eu sei. Sentia-se asfíxiado. Detestava-me, mas seu nojo ia mais além. Abrangia minha classe, minha geração, meu dinheiro. Só faltava valor a ele para romper com tudo. Mas eu não o detestava. Você acha que eu o detestava?

– Agora é fácil dizer que não.

– Você acreditará se eu disser que, no fundo, todas as minhas arremetidas contra ele eram provocações para ver se decidia ser ele mesmo, se conseguia forças para fazer o que verdadeiramente queria? Você acredita?

– Não. Não acredito em você. Aviso que vai ser um pouco difícil me convencer de que você foi um pai exemplar.

– Mas eu não pretendo isso. Confesso que o outro, Hugo, não me importa muito.

– Não importa porque ainda não se matou.

– Gloria, o que há com você?

Quando ele levanta a cabeça para indagar em seu olhar, ela pensa que Budiño envelheceu dez anos. Mas não por causa do suicídio de Ramón. Simplesmente, envelheceu dez anos nos últimos dez anos. Mas ela não havia percebido. Agora, sim. Está unida a um velho, a um repelente velho que, aos quatro dias da morte do filho, já tem suficiente cinismo para se justificar, para oferecer o comovedor espetáculo de seu incompreendido amor paterno. À merda.

– Gloria, o que há com você?

– Estou farta.

Ele não pergunta de quê. Simplesmente apoia outra vez a cabeça no travesseiro. Introduz uma mão dentro da camisa solta e coça pausadamente um mamilo. Ela se aproxima da cômoda para apagar o toco do cigarro no cinzeiro de Murano.

– Quer dizer que você está indo embora?

– Exatamente.

– Acha direito me fazer isso, neste momento?

– Não vou entrar neste lodaçal de raciocínios. Não me importa nada se está direito ou não. Vou-me embora, só isso.

– No momento em que mais preciso de você?

– Você não necessita de ninguém. Em todo caso, necessita de Edmundo Budiño, e esse você tem. Bom proveito.

Agora ele coça o mamilo com as duas mãos, mas sempre pausadamente. Aperta outra vez os lábios e nas comissuras formam-se duas rugas profundas. Gloria o olha um instante, mas em seguida afasta os olhos.

– Os ratos abandonam o barco, hein?

Gloria não pode evitar a longínqua recordação de Giraldi, aquele companheiro da faculdade que sempre invertia os lugares-comuns. Giraldi dizia, entre duas gargalhadas: “Os barcos abandonam o rato.” Ele tenta investigá-la através de seu silêncio. Ela sorri, mas ele não se ilude. Sabe que ela está sorrindo para si mesma.

– A morte de Ramón me golpeou forte. Não acredita?

– Acredito.

– E isso não importa para você?

– Não.

Budiño respira fundo. A coceira se acalmou. Uma das mãos volta a cair, solta, junto à coxa; a outra continua apoiada na barriga. Até ontem, Gloria acreditava que, verdadeiramente, o suicídio de Ramón o havia golpeado forte. Mas esta manhã abriu o jornal, leu o editorial, e este destilava a mesma hipocrisia, o mesmo veneno, o mesmo menosprezo. Talvez aquela morte o tenha golpeado forte, nunca se pode saber, mas em todo caso ele continua cumprindo seu ritual, mantendo sua aparência e esta basta para amedrontar, para corromper, para destruir. Há dez minutos parecia franco, talvez fosse sincero; até onde

pode ser sincero Edmundo Budiño? Mas neste instante, Gloria percebe que ele está tentando tirar partido da situação. Até seu gesto aparentemente preocupado é uma careta convencional. No entanto, o conjunto é uma coisa estranha. É falso, é desonesto, perdeu a força. Já não inspira temor. Finalmente, Gloria descobre. Este velho já não inspira temor.

– Não valia a pena.

– Mas o que é que não vale a pena? Que seu filho tenha se matado? Que eu deixe você? O que, por Deus?

– Nada vale a pena. Este país é uma porcaria. A prova é que ninguém tenha tido suficientes colhões para me matar. Anota isto. Se algum dia alguém me matar, então pode ser que este país tenha saída, tenha salvação. Tampouco é seguro, mas pelo menos haverá uma possibilidade. Se, ao contrário, eu morrer tranquilamente na minha cama, assistido pelo imbecil do meu médico, o panaca do meu filho, as minhas lindas noras, o esperto do meu neto, o corvo do meu testamenteiro, e também pelos olhos brilhantes de meus presumidos herdeiros, se eu morro tranquilamente de meu coágulo cerebral ou de meu infarto privado, então isso quer dizer que este país está frito, que perdeu para sempre os seus reflexos.

Agora Gloria tem certeza. Já não inspira temor. Tem mais é medo, embora não diga, embora jamais admita dizê-lo. As palavras são mais ou menos as mesmas de sempre. Tanto as do editorial quanto as que está dizendo agora. Mas antes estavam repletas de um poder, de uma invencibilidade que agora não têm. Agora, estão vazias. Talvez o pobre Ramón, pensa Gloria, tenha se matado por covardia, talvez tenha se jogado do nono andar para não matar o pai, mas de todos os modos consumou sua vingança. Porque essa morte tornou Edmundo Budiño vulnerável. Essa ameaça que não se cumpriu colocou muitas ameaças no ar. Obrigada pelo fogo.

– Lembra aquela tarde no Salão Nacional? E depois no Tupi? Lembra quando me disse: Sou tão feliz, professor?

Não pode nem quer responder. Não pode nem quer aguentar o despudor dessas perguntas. Qualquer coisa, menos a chantagem da vulgaridade. Como o velho hipócrita não percebe que essa evocação, tão antiga, hoje a faz morrer de vergonha? Como não percebe que só o amor, presente ou passado, poderia extrair o ridículo de tais êxtases distantes? Como não percebe que em vez de amor houve novidade e sexo, depois sexo e rotina, depois só rotina?

– Você lembra quando eu disse: Que lindos ombros, bons para apoiar as mãos quando se está cansado?

Lindos. Já não são. Agora, a pele tem mais de quarenta. Agora, os ombros têm sardas. E estão caídos. E ela está cansada. E tem urgência. E embora os ombros tenham sardas e sua pele tenha mais de quarenta anos, ela necessita que um homem, não um velho, use esses ombros, não para apoiar as mãos quando esteja cansado, não para fazer frases famosas, mas para atraí-la, para usá-la toda, não só seus ombros, para usá-la de alma e corpo, não como instrumento, não como um móvel; um homem, não um velho que diz aspirar a que o matem e no entanto está louco de medo; não um velho, mas um homem verdadeiro e comum, um homem que não se ache infalível, poderoso; um homem, e não um velho cheio de dinheiro e de rancores.

– Não valia a pena. Eu gostava de Ramón. Você não sabe que eu gostava dele? Tinha medo da escuridão e me olhava com uma carinha agradecida quando eu vinha auxiliá-lo, confortá-lo. E uma vez comprei para ele dez caixas de soldados de chumbo. Ele tinha uma expressão de assombro. Não, eu não me esqueço. Sabe por que não me matou, apesar de ter posto o revólver sobre a mesa? Não me matou porque no fundo continuava gostando de mim, continuava precisando de mim. Era meu filho, era meu filho. E eu o vi lá embaixo, com a cabeça num charco de sangue.

Edmundo Budiño se vira na cama, para a direita, e apoia os olhos contra o travesseiro. Gloria, a

princípio, não quer acreditar. Depois percebe que aquele corpo se sacode, numa espécie de tremor convulsivo, como se soluçasse, talvez realmente soluçando. Mas ela não quer chegar a comprovar. Se é verdade que soluça, esse arrependimento lhe parecerá tardio, senil e repugnante. Se só aparenta soluçar, essa hipocrisia lhe parecerá grosseira, ofensiva e também repugnante. Por um momento Gloria sente uma vertigem, um começo de náusea. Depois se recompõe. Abre uma porta do closet, mas encolhe os ombros e a fecha, sem tirar nada. Depois sai lentamente do quarto.

Na sala, pega sua bolsa, tira o casaco do cabide, veste. Não volta a olhar para o quarto, e seus movimentos vão sendo cada vez mais rápidos. Quando abre a porta do apartamento, parece a ponto de gritar, mas se contém. Por um instante, os soluços do homem deitado preenchem todo o silêncio disponível.

Depois, soa a batida da porta.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este livro foi publicado em primeira edição em formato 14x21cm, pela L&PM Editores, em 1997.

Tradução: Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto de Gueorgui Pinkhassov, Magnum Photos (União Soviética. Rússia. Moscou, 1979. Arseni Tarkovsky, poeta russo).

Revisão: Flávio Dotti Cesa, Renato Deitos, Ruiz Renato Faillace, Deise Mietlicki e Hannah Celtan

B457

Benedetti, Mario, 1920-2009

Gracias por el fuego / Mario Benedetti; tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. – Porto Alegre: L&PM, 2011. (Coleção L&PM POCKET ; v. 437).

ISBN 978.85.254.2460-0

1. Literatura uruguaia-Novelas. I. Título. II. Série.

CDD U863.833

CDU 821.134.2(899)-32

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Mario Benedetti, 2005

c/o Guillermo Schavelzon & Asoc. Agencia Literaria

info@schavelzon.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br